



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
INSTITUTO DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA**

**BÁRBARA CRISTINA DOS SANTOS CARNEIRO**

**REPENSANDO O ROTEIRO DE AUDIODESCRIÇÃO PARA O  
PÚBLICO COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL**

Salvador  
2015

**BÁRBARA CRISTINA DOS SANTOS CARNEIRO**

**REPENSANDO O ROTEIRO DE AUDIODESCRIÇÃO PARA O  
PÚBLICO COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Letras, do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia – UFBA, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Jael Glauce da Fonseca

Salvador  
2015

Sistema de Bibliotecas da UFBA

C289 Carneiro, Bárbara Cristina dos Santos.  
Repensando o roteiro de audiodescrição para o público com deficiência intelectual / Bárbara  
Cristina dos Santos Carneiro. - 2015.  
283f.: il. + anexos

Orientadora: Profª. Drª. Jael Glauce da Fonseca.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2015.

1. Audiodescrição. 2. Deficientes visuais – Serviço audiovisual. 3. Incapacidade intelectual.  
. I. Fonseca, Jael Glauce da. II. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Letras. III. Título.

CDD – 371.922  
CDU – 791-056.4

**BÁRBARA CRISTINA DOS SANTOS CARNEIRO**

**REPENSANDO O ROTEIRO DE AUDIODESCRIÇÃO PARA O  
PÚBLICO COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Língua e Cultura.

Aprovada em 19 de junho de 2015.

Jael Glauce da Fonseca \_\_\_\_\_

Doutora em Língua e Literatura Alemã pela Universidade de São Paulo

Universidade Federal da Bahia

Silvia Maria Guerra Anastácio \_\_\_\_\_

Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Universidade Federal da Bahia

Sandra Regina Rosa Farias \_\_\_\_\_

Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia

Universidade Estadual da Bahia

*A meus pais, Sueli e Valmar. Eu nada seria sem vocês!  
A meu querido, eterno e amado avô Vieira, sentirei saudades para  
sempre.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a CAPES pelo apoio financeiro, o qual tornou este trabalho viável, além das participações em eventos, contribuindo para o amadurecimento das ideias que compõem este trabalho.

Agradeço a Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Eliana P. C. Franco por me acompanhar, desde 2009, nessa árdua jornada e, mesmo após seus caminhos nos terem distanciado, continuou a me orientar até o final.

Agradeço a Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Jael Glauce da Fonseca por ter me acolhido e pelas contribuições para a elaboração deste trabalho.

Agradeço a Prof<sup>a</sup> Me. Manoela Cristina Correia Carvalho da Silva pela sua dedicação árdua e contribuições valiosíssimas para a conclusão deste trabalho. Serei eternamente grata.

Agradeço a Sr<sup>a</sup> Maria Margarida Paes Cardoso Franco por ter ajudado e intermediado o acesso à APAE de São Paulo.

Agradeço a toda equipe da APAE de São Paulo, em especial, a Valquíria Barbosa, gerente de Serviço Sócio Assistencial, Milena Oshiro, Terapeuta Ocupacional do mesmo setor, e todos os funcionários do Serviço de Apoio Socioeducativo (SASE), que me acolheram e auxiliaram em todo o tempo que estive na Instituição.

Agradeço a toda equipe da APAE de Salvador, em especial, a Tânia Brandão, gerente do Centro de Formação e Acompanhamento Profissional (CEFAP), por ter me recebido e se interessado pela pesquisa. Agradeço ainda a Antonio Marques, coordenador do Centro de Artes do CEFAP, pelo auxílio e pela presteza dedicados durante minha presença no Centro. Agradeço também a todos os funcionários do Centro de Artes e à estagiária Deise pelo apoio e auxílio.

Agradeço aos alunos das APAE de Salvador e São Paulo pela participação, colaboração, entusiasmo e carinho durante todo o processo da pesquisa de recepção nestas instituições.

Agradeço ao Prof. Dr. Jorge Hernán Yerro pelo apoio, dedicação e contribuições durante todo o trajeto desta pesquisa.

Agradeço aos meus pais por terem acreditado em mim e me dado todo o auxílio, apoio e amor em todos os momentos dessa jornada.

Agradeço a minha irmã Bianca Carneiro pelo apoio, amor, dedicação, momentos de descontração, discussões sobre a pesquisa, ainda que seja uma menina.

Agradeço ao grupo de pesquisa TRAMAD, que sempre esteve comigo e me apoiou em todas as etapas desse processo.

Agradeço a minha querida amiga Fernanda Cerqueira pelas contribuições, apoio, amor e cuidado que sempre teve comigo. Obrigada, irmã.

Agradeço a minha família em São Paulo, pelo acolhimento durante minha estadia.

Agradeço aos meus familiares pela compreensão das minhas ausências.

A todos àqueles que contribuíram direta e indiretamente para a conclusão desta pesquisa.

## RESUMO

A audiodescrição (AD) é uma ferramenta de acessibilidade que torna acessíveis produtos culturais a pessoas com deficiência visual (DV). A construção dos roteiros de audiodescrição está pautada nas necessidades desse público primário, cabendo aos audiodescritor/tradutor fazer escolhas que favoreçam o entendimento dessa audiência às diversas manifestações culturais as quais a AD é aplicada. Entretanto, no campo dos Estudos da Tradução Audiovisual, o consumo deste recurso de acessibilidade não está restrito às pessoas com DV. Segundo teóricos da área, a AD também pode ser usufruída por pessoas com dislexia, deficientes intelectuais (DI), idosos entre outros. A partir do estudo piloto de Franco *et al.* (2013) junto a alunos da APAE de Santo Amaro da Purificação – Ba é que fica claro que a AD realmente auxilia na melhor compreensão fílmica por parte do público DI, apesar de revelar a necessidade de mais pesquisas para se chegar a uma conclusão efetiva. O presente trabalho tem como objetivo identificar os elementos que devem conter num roteiro de audiodescrição para esse público através de uma pesquisa de recepção. Alunos da APAE de Salvador e São Paulo fizeram parte deste estudo, no qual três filmes previamente audiodescritos para DVs foram exibidos a esses alunos em duas etapas, com e sem o recurso, seguidos da aplicação de um questionário de compreensão da narrativa. De natureza qualitativa, o trabalho leva a conclusão de que uma AD mais explicativa deve ser considerada, no momento da construção do roteiro de AD para DI, palavras que apresentem conceitos complexos devem ser evitadas, a repetição de nomes, como dos personagens, é importante para uma maior fixação dessas informações pelos sujeitos. Ainda que um modelo de AD voltado para esse público não seja incorporado pela mídia brasileira como uma ferramenta exclusiva para esse público, é importante delimitar tais parâmetros, pois dessa forma será possível uma noção das necessidades dessa plateia no momento da construção de um roteiro, mesmo que seja em contextos pontuais.

**Palavras-chave:** Audiodescrição, Deficiência Visual, Deficiência Intelectual, Roteiro de AD.



## ABSTRACT

Audio description (AD) is an accessibility tool that makes cultural products accessible to people with visual impairment (VI). The construction of the audio description scripts is guided by the needs of this primary audience, leaving the audiodescriitor / translator make choices that favor the understanding of this audience to diverse cultural manifestations to which AD is applied. However, in the field of Audiovisual Translation Studies, the use of accessibility features is not restricted to people with VI. According to the theoretical area, AD can also be enjoyed by people with dyslexia, intellectual disabilities (ID), the elderly and others. From the pilot study of Franco et al. (2013) with students of APAE of Santo Amaro da Purificação – Ba it is clear that the AD really helps in better understanding the film by the ID public, despite highlighting the need for more research to reach an effective conclusion. This study aims to identify the elements that should contain an audio description script for this audience through a reception research. APAE students from Salvador and São Paulo took part in this study, where three previously audio described films for VI audience were shown to these students in two stages, with and without the feature, followed by the application of a narrative comprehension quiz. Qualitative nature, the work led to the conclusion that a more explanatory AD must be considered when building the AD script for ID, words that present complex concepts should be avoided, the repetition of names, like the characters, is important for better fixation of such information by the subjects. Though an AD model aimed at this audience is not incorporated by the Brazilian media as a unique tool for this audience, it is important to define these parameters, so this way the ones who construct a script specifically for this public will have the notion of their needs, even if the context is punctual.

**Key words:** Audio Description, Visual Impaired, Intellectual Disabilities, AD Script.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Questionário de perfil dos participantes de São Paulo e Salvador.	47
Quadro 2	Pergunta 1 do questionário de compreensão do filme <i>Vida Maria</i> .	67
Quadro 3	Pergunta 2 do questionário de compreensão do filme <i>Vida Maria</i>	68
Quadro 4	Pergunta 3 do questionário de compreensão do filme <i>Vida Maria</i>	70
Quadro 5	Pergunta 4 do questionário de compreensão do filme <i>Vida Maria</i>	72
Quadro 6	Pergunta 5 do questionário de compreensão do filme <i>Vida Maria</i>	75
Quadro 7	Pergunta 6 do questionário de compreensão do filme <i>Vida Maria</i>	77
Quadro 8	Pergunta 7 do questionário de compreensão do filme <i>Vida Maria</i>	79
Quadro 9	Pergunta 8 do questionário de compreensão do filme <i>Vida Maria</i>	81
Quadro 10	Pergunta 9 do questionário de compreensão do filme <i>Vida Maria</i>	84
Quadro 11	Pergunta 10 do questionário de compreensão do filme <i>Vida Maria</i>	85
Quadro 12	Pergunta 11 do questionário de compreensão do filme <i>Vida Maria</i>	87
Quadro 13	Pergunta 12 do questionário de compreensão do filme <i>Vida Maria</i>	90
Quadro 14	Pergunta 13 do questionário de compreensão do filme <i>Vida Maria</i>	91
Quadro 15	Pergunta 14 do questionário de compreensão do filme <i>Vida Maria</i>	93
Quadro 16	Pergunta 15 do questionário de compreensão do filme <i>Vida Maria</i>	95
Quadro 17	Fragmento do roteiro de AD para o curta <i>Vida Maria</i> .	98
Quadro 18	Pergunta 16 do questionário de compreensão do filme <i>Vida Maria</i>	98
Quadro 19	Pergunta 17 do questionário de compreensão do filme <i>Vida Maria</i>	101
Quadro 20	Pergunta 18 do questionário de compreensão do filme <i>Vida Maria</i>	102
Quadro 21	Pergunta 19 do questionário de compreensão do filme <i>Vida Maria</i>	103
Quadro 22	Pergunta 20 do questionário de compreensão do filme <i>Vida Maria</i>	104
Quadro 23	Pergunta 21 do questionário de compreensão do filme <i>Vida Maria</i>	105
Quadro 24	Pergunta 1 do questionário de compreensão do filme <i>Reisado Miudim</i>	107
Quadro 25	Pergunta 2 do questionário de compreensão do filme <i>Reisado Miudim</i>	108
Quadro 26	Pergunta 3 do questionário de compreensão do filme <i>Reisado Miudim</i>	110
Quadro 27	Pergunta 4 do questionário de compreensão do filme <i>Reisado Miudim</i>	111
Quadro 28	Fragmento do roteiro de AD para o curta <i>Reisado Miudim</i> .	113
Quadro 29	Pergunta 5 do questionário de compreensão do filme <i>Reisado Miudim</i>	113
Quadro 30	Pergunta 6 do questionário de compreensão do filme <i>Reisado Miudim</i>	115
Quadro 31	Pergunta 7 do questionário de compreensão do filme <i>Reisado Miudim</i>	116
Quadro 32	Pergunta 8 do questionário de compreensão do filme <i>Reisado Miudim</i>	117
Quadro 33	Pergunta 9 do questionário de compreensão do filme <i>Reisado Miudim</i>	119
Quadro 34	Pergunta 10 do questionário de compreensão do filme <i>Reisado Miudim</i>	120
Quadro 35	Pergunta 11 do questionário de compreensão do filme <i>Reisado Miudim</i>	122
Quadro 36	Pergunta 12 do questionário de compreensão do filme <i>Reisado Miudim</i>	124
Quadro 37	Pergunta 13 do questionário de compreensão do filme <i>Reisado Miudim</i>	126
Quadro 38	Pergunta 14 do questionário de compreensão do filme <i>Reisado Miudim</i>	128
Quadro 39	Pergunta 15 do questionário de compreensão do filme <i>Reisado Miudim</i>	129
Quadro 40	Pergunta 16 do questionário de compreensão do filme <i>Reisado Miudim</i>	131

Quadro 41	Pergunta 17 do questionário de compreensão do filme Reisado Miudim	132
Quadro 42	Pergunta 18 do questionário de compreensão do filme Reisado Miudim	133
Quadro 43	Pergunta 19 do questionário de compreensão do filme Reisado Miudim	134
Quadro 44	Pergunta 20 do questionário de compreensão do filme Reisado Miudim	136
Quadro 45	Pergunta 21 do questionário de compreensão do filme Reisado Miudim	136
Quadro 46	Pergunta 22 do questionário de compreensão do filme Reisado Miudim	138
Quadro 47	Pergunta 23 do questionário de compreensão do filme Reisado Miudim	140
Quadro 48	Pergunta 24 do questionário de compreensão do filme Reisado Miudim	141
Quadro 49	Pergunta 1 do questionário de compreensão do filme Águas de Romanza	143
Quadro 50	Pergunta 2 do questionário de compreensão do filme Águas de Romanza	145
Quadro 51	Pergunta 3 do questionário de compreensão do filme Águas de Romanza	147
Quadro 52	Pergunta 4 do questionário de compreensão do filme Águas de Romanza	148
Quadro 53	Pergunta 5 do questionário de compreensão do filme Águas de Romanza	150
Quadro 54	Pergunta 6 do questionário de compreensão do filme Águas de Romanza	152
Quadro 55	Pergunta 7 do questionário de compreensão do filme Águas de Romanza	154
Quadro 56	Pergunta 8 do questionário de compreensão do filme Águas de Romanza	156
Quadro 57	Pergunta 9 do questionário de compreensão do filme Águas de Romanza	157
Quadro 58	Pergunta 10 do questionário de compreensão do filme Águas de Romanza	159
Quadro 59	Pergunta 11 do questionário de compreensão do filme Águas de Romanza	161
Quadro 60	Pergunta 12 do questionário de compreensão do filme Águas de Romanza	164
Quadro 61	Pergunta 13 do questionário de compreensão do filme Águas de Romanza	168
Quadro 62	Pergunta 14 do questionário de compreensão do filme Águas de Romanza	171
Quadro 63	Pergunta 15 do questionário de compreensão do filme Águas de Romanza	174
Quadro 64	Pergunta 16 do questionário de compreensão do filme Águas de Romanza	175
Quadro 65	Fragmento do roteiro de AD para o curta Águas de Romanza	176
Quadro 66	Pergunta 17 do questionário de compreensão do filme Águas de Romanza	177
Quadro 67	Pergunta 18 do questionário de compreensão do filme Águas de Romanza	179
Quadro 68	Pergunta 19 do questionário de compreensão do filme Águas de Romanza	181

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Classificação da OMS (Organização Mundial da Saúde)	59
Tabela 2	Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 1 do questionário de compreensão de <i>Vida Maria</i>	68
Tabela 3	Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 2 do questionário de compreensão de <i>Vida Maria</i>	70
Tabela 4	Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 3 do questionário de compreensão de <i>Vida Maria</i>	72
Tabela 5	Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 4 do questionário de compreensão de <i>Vida Maria</i>	75
Tabela 6	Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 5 do questionário de compreensão de <i>Vida Maria</i>	77
Tabela 7	Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 6 do questionário de compreensão de <i>Vida Maria</i>	79
Tabela 8	Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 7 do questionário de compreensão de <i>Vida Maria</i>	81
Tabela 9	Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 8 do questionário de compreensão de <i>Vida Maria</i>	83
Tabela 10	Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 9 do questionário de compreensão de <i>Vida Maria</i>	85
Tabela 11	Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 10 do questionário de compreensão de <i>Vida Maria</i>	87
Tabela 12	Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 11 do questionário de compreensão de <i>Vida Maria</i>	90
Tabela 13	Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 12 do questionário de compreensão de <i>Vida Maria</i>	91
Tabela 14	Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 13 do questionário de compreensão de <i>Vida Maria</i>	93
Tabela 15	Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 14 do questionário de compreensão de <i>Vida Maria</i>	95
Tabela 16	Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 16 do questionário de compreensão de <i>Vida Maria</i>	101
Tabela 17	Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 1 do questionário de compreensão de <i>Reisado Miudim</i>	108
Tabela 18	Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 2 do questionário de compreensão de <i>Reisado Miudim</i>	110
Tabela 19	Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 3 do questionário de compreensão de <i>Reisado Miudim</i>	111
Tabela 20	Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 4 do questionário de compreensão de <i>Reisado Miudim</i>	113

	onário de compreensão de <i>Reisado Miudim</i>	
Tabela 21	Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 5 do questionário de compreensão de <i>Reisado Miudim</i>	114
Tabela 22	Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 6 do questionário de compreensão de <i>Reisado Miudim</i>	115
Tabela 23	Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 7 do questionário de compreensão de <i>Reisado Miudim</i>	117
Tabela 24	Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 8 do questionário de compreensão de <i>Reisado Miudim</i>	118
Tabela 25	Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 9 do questionário de compreensão de <i>Reisado Miudim</i>	120
Tabela 26	Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 11 do questionário de compreensão de <i>Reisado Miudim</i>	124
Tabela 27	Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 12 do questionário de compreensão de <i>Reisado Miudim</i>	126
Tabela 28	Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 13 do questionário de compreensão de <i>Reisado Miudim</i>	128
Tabela 29	Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 14 do questionário de compreensão de <i>Reisado Miudim</i>	129
Tabela 30	Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 15 do questionário de compreensão de <i>Reisado Miudim</i>	131
Tabela 31	Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 16 do questionário de compreensão de <i>Reisado Miudim</i>	132
Tabela 32	Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 17 do questionário de compreensão de <i>Reisado Miudim</i>	133
Tabela 33	Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 18 do questionário de compreensão de <i>Reisado Miudim</i>	134
Tabela 34	Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 19 do questionário de compreensão de <i>Reisado Miudim</i>	135
Tabela 35	Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 20 do questionário de compreensão de <i>Reisado Miudim</i>	136
Tabela 36	Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 21 do questionário de compreensão de <i>Reisado Miudim</i>	138
Tabela 37	Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 22 do questionário de compreensão de <i>Reisado Miudim</i>	139
Tabela 38	Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 1 do questionário de compreensão de <i>Águas de Romanza</i>	145
Tabela 39	Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 2 do questionário de compreensão de <i>Águas de Romanza</i>	147
Tabela 40	Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 3 do questionário de compreensão de <i>Águas de Romanza</i>	148
Tabela 41	Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 4 do questionário de compreensão de <i>Águas de Romanza</i>	150

	onário de compreensão de <i>Águas de Romanza</i>	
Tabela 42	Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 5 do questionário de compreensão de <i>Águas de Romanza</i>	151
Tabela 43	Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 6 do questionário de compreensão de <i>Águas de Romanza</i>	154
Tabela 44	Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 7 do questionário de compreensão de <i>Águas de Romanza</i>	156
Tabela 45	Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 8 do questionário de compreensão de <i>Águas de Romanza</i>	157
Tabela 46	Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 9 do questionário de compreensão de <i>Águas de Romanza</i>	159
Tabela 47	Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 10 do questionário de compreensão de <i>Águas de Romanza</i>	161
Tabela 48	Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 11 do questionário de compreensão de <i>Águas de Romanza</i>	164
Tabela 49	Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 12 do questionário de compreensão de <i>Águas de Romanza</i>	168
Tabela 50	Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 13 do questionário de compreensão de <i>Águas de Romanza</i>	171
Tabela 51	Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 14 do questionário de compreensão de <i>Águas de Romanza</i>	174
Tabela 52	Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 15 do questionário de compreensão de <i>Águas de Romanza</i>	174
Tabela 53	Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 16 do questionário de compreensão de <i>Águas de Romanza</i>	177
Tabela 54	Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 17 do questionário de compreensão de <i>Águas de Romanza</i>	179

## LISTA DE ABREVIATURAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas e Técnicas
AD	Audiodescrição
ANCINE	Agência Nacional de Cinema
APAE	Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais
ARSAD	Seminário de Pesquisa Avançada em Audiodescrição ( <i>Advanced Research Seminar on Audio Description</i> )
CEDIT	Centro de Estudos e Difusão de Tecnologia da APAE de Salvador
CEDUC	Centro Educacional Especializado da APAE de Salvador
CEFAP	Centro de Formação e Acompanhamento Profissional da APAE de Salvador
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CIEJA	Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos de Campo Limpo - SP
CID	Classificação Internacional de Doenças
CONEP	Conselho Nacional de Ética em Pesquisa
CNS	Conselho Nacional de Saúde
DI	Deficiente Intelectual
DV	Deficiente Visual
FENAPAE	Federação Nacional das APAEs
GIME	Grupo de Pesquisa em Inclusão, Movimento e Ensino a Distância
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LEAD	Grupo de pesquisa da Universidade do Ceará - Legendagem e Audiodescrição
LFSE	Legenda Fechada para Surdos e Ensurdidos
LIBRAS	Língua Brasileira de Sinais
MIDIACE	Associação Mídia Acessível
NUPEC	Núcleo de Pesquisa Científica da APAE de Salvador
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
QI	Quociente de Inteligência
SASE	Serviço Sócio Educativo da APAE de São Paulo
TAV	Tradução Audiovisual
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TRAMAD	Grupo de pesquisa de Salvador – Tradução, Mídia e Audiodescrição

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	15
<b>2</b>	<b>TRADUÇÃO AUDIOVISUAL E ACESSIBILIDADE</b>	18
2.1	AUDIODESCRIÇÃO E ACESSIBILIDADE	21
2.1.1	A AD no Brasil e no mundo	22
2.1.2	Pesquisas desenvolvidas no âmbito da Audiodescrição	26
2.2	A AUDIODESCRIÇÃO PARA OUTROS PÚBLICOS	28
2.2.1	O público com Deficiência Intelectual	30
2.2.1.1	Definição de Deficiência	30
2.2.2	AD para pessoas com Deficiência Intelectual	34
<b>3</b>	<b>ORIENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA</b>	37
3.1	CENÁRIO E PARTICIPANTES DA PESQUISA	43
<b>4</b>	<b>ANÁLISE DOS DADOS</b>	64
4.1	VIDA MARIA	65
4.2	REISADO MIUDIM	106
4.3	ÁGUAS DE ROMANZA	142
4.4	CONCLUSÕES	182
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	188
	<b>REFERÊNCIAS</b>	191
	<b>APÊNDICES</b>	195
	<b>ANEXOS</b>	260



## 1 INTRODUÇÃO

A audiodescrição (AD) é uma modalidade de tradução que torna produtos visuais ou audiovisuais acessíveis, a partir da transformação de signos visuais em signos verbais, ou seja, através da tradução de imagens em palavras. Ela foi inicialmente compreendida como uma modalidade de Tradução Audiovisual (TAV), mas, como também pode ser aplicada à descrição de imagens estáticas, é melhor definida como uma modalidade de tradução intersemiótica<sup>1</sup>.

O público-alvo primário da AD é formado por pessoas com deficiência visual (DVs). Os debates e estudos acerca da teoria e prática dessa área, portanto, são voltados a essa audiência. Entretanto, na bibliografia da área dos estudos da AD, há menções quanto à efetividade dessa ferramenta aplicada a outros públicos, como idosos, disléxicos, deficientes intelectuais (DIs), ou ainda pessoas que enxergam, como donas de casa que deixam a TV ligada, enquanto cumprem seus afazeres domésticos, mas seria o roteiro de AD elaborado para DVs eficiente quando aplicado para esses outros públicos?

O presente trabalho se propõe, justamente, a investigar essa questão, ou seja, quais lacunas de compreensão são encontradas quando o roteiro de audiodescrição (AD) direcionado ao público (DV) é aplicado a um público distinto, mais especificamente o público DI.

Nenhum estudo sistemático havia sido feito no Brasil para saber se os DIs realmente seriam beneficiados com a audiodescrição até bem pouco tempo atrás. Levados por uma experiência na APAE de Santo Amaro da Purificação – Ba (cf. FRANCO *et al.*, 2013), o grupo TRAMAD iniciou um estudo piloto acerca da efetividade real da audiodescrição para DIs em 2011. Nessa ocasião, quatro alunos dessa instituição foram selecionados para assistirem a um curta-metragem e serem submetidos a um questionário para poder identificar se a AD auxiliaria ou não a melhor compreensão do filme por parte desse público.

Mediante esse contato com os DIs, além do fato de almejar um maior aprofundamento nesta temática, que surgiu a motivação para levar adiante esse projeto e identificar quais elementos um roteiro deve conter para melhor atender aos deficientes intelectuais, uma vez que o referido estudo piloto já havia revelado que a AD voltada para o

---

<sup>1</sup> Essa definição é uma proposta da professora e pesquisadora Manoela Cristina da Silva, que enxerga a AD para além dos Estudos da TAV, pois esta ferramenta também é aplicada a imagens estáticas.

público DV ajudava na compreensão da narrativa fílmica, mas o roteiro também apresentava limitações que não contribuíam com a compreensão plena deste novo grupo.

Sabendo que a audiodescrição é prevista em um projeto de lei, conforme a legislação brasileira, lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000, e que este recurso, caracterizado como ferramenta de acessibilidade, é considerado fundamental pelo público DV, fomos movidos pela vontade de contribuir com mais estudos sobre a AD a fim de que a ferramenta pudesse se tornar útil ao maior número possível de indivíduos, fazendo valer a lei de que toda pessoa tem direito ao lazer, ao ócio, à educação e à arte.

É importante salientar que, apesar de a AD ser prevista em lei e de emissoras de TV serem obrigadas a ter em sua grade de programação quatro horas semanais com o recurso, estamos cientes de que o mercado televisivo brasileiro não absorveria dois tipos distintos de roteiro, um para o público DV e outro para o público DI; o que acarretaria em maiores custos de produção e na necessidade de mais uma faixa de áudio. A justificativa desse estudo reside em nossa vontade de entender melhor esse novo público e possibilitar àqueles que desejem criar um roteiro mais alinhado com os princípios do *design* universal, atendendo ao maior número possível de pessoas, que possam conhecer quais elementos poderiam ser incluídos num roteiro tradicional para facilitar o entendimento do público DI. Além disso, acreditamos que a proposta aqui apresentada possa ser utilizada em contextos específicos, como, por exemplo, instituições especializadas em deficiência intelectual, nas quais os profissionais poderiam audiodescrever produtos audiovisuais para os alunos.

A pesquisa aqui apresentada é de caráter qualitativo. Ampliamos o número de participantes do estudo piloto de 4 estudantes para 12 e, a partir das respostas desses informantes, foi possível detectar várias lacunas deixadas pelo roteiro de AD voltado para DVs no momento em que se aplicado ao público DI. Esses 12 participantes, na faixa etária de 20 a 40 anos, foram convidados a participar de uma pesquisa de recepção. Três curtas-metragens foram selecionados e exibidos com e sem o recurso da audiodescrição. Após cada exibição, um questionário de compreensão foi aplicado e, assim, os dados coletados. Utilizamos como instrumentos de coleta: questionários, entrevistas estruturadas e a gravação em vídeo durante as sessões de exibição dos filmes, bem como durante a aplicação dos questionários. A análise dos dados foi feita à luz das ideias de pesquisa sistemática proposta por Franco (2010) e na proposta de uma audiodescrição mais explícita ou descritiva delineada por Costa (2014).

Logo, o presente trabalho divide-se da seguinte forma: **o primeiro capítulo** constitui a introdução do trabalho, no qual o tema da pesquisa é abordado, assim como a estrutura do próprio texto; **o segundo capítulo** versa sobre os Estudos da Tradução e, mais especificamente, a audiodescrição, modalidade foco desta pesquisa. Esta sessão também se debruça sobre a definição de acessibilidade e noções sobre deficiência intelectual; **o terceiro capítulo** trata das orientações teórico-metodológicas, como também, dos instrumentos utilizados na pesquisa e a apresentação das instituições e participantes do estudo de recepção; **o quarto capítulo** é reservado à análise dos dados e aos resultados obtidos, a partir da pesquisa de recepção junto aos alunos das APAE de Salvador e São Paulo; **o quinto capítulo** é dedicado às considerações finais do trabalho.

## 2 TRADUÇÃO AUDIOVISUAL E ACESSIBILIDADE

Durante muito tempo, a tradução esteve diretamente relacionada à tentativa de transposição de significados. A equivalência, defendida por muitos teóricos formalistas, era o objetivo daqueles que praticavam o ato da tradução. Suas vozes eram silenciadas pela implacável necessidade de traduzir seu texto de uma forma tal que sua produção estivesse no mesmo patamar que o texto “original”. Yerro (2012) aponta que

com base nos conceitos de signo e linguagem, a reflexão teórica sobre tradução girava em torno da possibilidade que tinha um texto traduzido de ‘recuperar’ o significado ‘transmitido’ por um texto ‘original’. Ou seja, a tradução devia ‘transportar’, por meio de seus significantes, os significados contidos nos significantes do texto a traduzir. Isto implicava uma concepção de significantes com significados ‘estáveis’, que não dependiam do receptor, dado que era este quem tinha a capacidade de captá-los em sua plenitude. (YERRO, op. cit., p. 14)

Assim, a tradução se restringia à tirania de “espelhagem”, na qual o texto traduzido, para ser aceito, deveria transmitir o mesmo conteúdo semântico, tornando-se um espelho do “original”. Segundo essa ótica, a tradução de textos literários era, para muitos ainda é, a forma mais desafiadora e sublime, pois haveria apenas uma forma de traduzir um texto.

A partir da década de 1960, século XX, esse olhar tradicional sofre um fluxo de mudanças, pois é nesse período que teóricos passam a perceber o ato tradutório para além de uma mera transposição linguística. Assim, a tradução passa a ganhar novos sentidos, incluindo a modificação conceitual de termos como “original”, “essência”, “fidelidade”, “equivalência”, etc. O teórico russo Roman Jakobson, por exemplo, desconstrói a ideia de equivalência, como nos apresenta Pardo (2013), no seu passeio histórico sobre os Estudos da Tradução,

Jakobson (1959) aborda o problema da equivalência em diferentes idiomas, salientando o fato de que o equivalente perfeito entre palavras em línguas não existe: «Da mesma forma, no nível da tradução interlinguística, normalmente não há equivalência completa entre as unidades de código» (1959: 233)<sup>2</sup>. (PARDO, op. cit., p. 9).

---

<sup>2</sup> Jakobson (1959) approaches the problem of equivalence in different languages stressing the fact that the perfect equivalent between words in languages does not exist: «Likewise, on the level of interlingual translation, there is ordinarily no full equivalence between code-units» (1959: 233).

A partir dessas mudanças, o papel do tradutor ganha novo sentido. Sua voz não é mais silenciada. Seu papel não é mais o de reproduzir o original na língua de chegada sem levar em consideração a cultura para o qual o texto é traduzido. O tradutor passa a ser um leitor/autor, cujas interpretações são levadas em conta no momento da escrita do novo texto e ele/a adquire autonomia sobre o texto de chegada. Assim, o texto fonte deixa de ser o “centro das atenções”, dando lugar à cultura e ao texto de chegada.

Apesar de não ser o único estudioso a realizar seus estudos acerca da tradução de um ponto de vista menos estruturalista, Jakobson fez grandes contribuições para a área. Em seu livro *Linguística e comunicação*, o teórico apresenta três categorias, através das quais seria possível conceituar a tradução, a saber:

- 1) A tradução intralingual [...] consiste na interpretação dos signos verbais por meio de outros signos da mesma língua.
- 2) A tradução interlingual [...] consiste na interpretação dos signos verbais por meio de alguma outra língua.
- 3) A tradução inter-semiótica ou *transmutação* consiste na interpretação dos signos verbais por meio de signos de sistemas não-verbais (JAKOBSON, 2007, 64-65).

A tradução interlingual, ou mais atualmente interlinguística, seria o que o senso comum entende por tradução propriamente dita, ou seja, a passagem de um texto de uma língua para outra língua. A tradução intralingual, chamada também de intralinguística, seria aquela em que um texto de uma determinada língua é traduzido para aquela mesma língua ou suas variedades, como, por exemplo, a tradução de um texto em Português Europeu para um em Português Brasileiro. Finalmente, chegamos à tradução inter-semiótica, na qual um texto literário, por exemplo, é traduzido em um filme, ou uma música. Porém, ainda há outras formas de se pensar a tradução, como Silva (2011) apresenta em sua dissertação,

A tradução também pode ser pensada em termos da natureza do material a ser traduzido, se um texto literário, técnico (ex. manual) ou, ainda, audiovisual (ex. filme). Isso nos leva a outras três modalidades, quais sejam: a tradução literária, a tradução técnica e a tradução audiovisual, respectivamente. Essa nova tipologia, no entanto, não exclui a anterior, ou seja, um texto literário pode ser traduzido em uma mesma língua, para uma outra língua, ou para um outro sistema de signos. Do mesmo modo, no caso da tradução audiovisual, a legenda, a dublagem e o *voice-over* seriam exemplos de tradução interlinguística; a legenda fechada para surdos, de tradução intralinguística; e a audiodescrição, de tradução inter-semiótica (SILVA, op. cit., p. 11).

Uma vez consolidada como ciência já no final do século XX, os Estudos da Tradução adotaram abordagens de outros campos de conhecimento, como demonstra Hurtado (2001),

A abordagem linguística, cujos principais representantes são Vinay e Darbelnet, Catford, etc; a abordagem textual, cujos principais representantes são Reiß, Neubert, Hatim e Mason, etc.; a abordagem cognitiva, cujos principais representantes são Bell, Gutt, Sleskovitch, etc; a abordagem comunicativa e sociocultural, cujos representantes principais são Snell-Horby, Hermans, etc; e a abordagem filosófica e hermenêutica, cujos principais representantes são Schökel, Ladmiral, Paz, Venuti, Robinson, etc<sup>3</sup> (HURTADO *apud* PARDO, 2013, p. 15).

Dentro da perspectiva comunicativa e sociocultural, nasce a teoria do *skopos*, segundo a qual a tradução passa a ser estudada dentro de uma ótica funcional, ou seja, a finalidade do texto-alvo ganha primazia. Neste campo teórico, as estratégias utilizadas e a forma do texto traduzido sofrem impacto do público-alvo e da cultura de chegada.

Os Estudos da Tradução sempre tiveram uma relação próxima com os avanços tecnológicos e novas modalidades surgiram para suprir as carências de comunicação entre povos de diferentes línguas. Com o advento do cinema, no final do século XIX, por exemplo, os filmes que eram produzidos em diferentes culturas começaram a chegar a países de línguas diferentes, necessitando de recursos que tornassem tais produtos culturais acessíveis. Para tanto, foi necessário se valer de alguma ferramenta (legenda, dublagem, etc.) que pudesse auxiliar na compreensão da nova língua e que só poderia ser gerada mediante a tecnologia. É de acordo com essa união entre tecnologia e arte que nasce o campo de conhecimento dos Estudos da Tradução Audiovisual (TAV).

Segundo Chaume (2004, p. 30), "[a Tradução Audiovisual é] [...] una variedad de traducción que se caracteriza por la particularidad de los textos objeto de la transferencia interlingüística". A tradução audiovisual gera textos multimodais que são incorporados ao texto de partida e com isso estabelece a acessibilidade daquele conteúdo desconhecido. Para o autor, o texto audiovisual é

un texto que se transmite a través de dos canales de comunicación, el canal acústico y el canal visual, y cuyo significado se teje y construye a partir de la

---

<sup>3</sup> The linguistic approach, whose main representatives are Vinay and Darbelnet, Catford, etc; the textual approach, whose main representatives are Reiß, Neubert, Hatim and Mason, etc.; the cognitive approach, whose main representatives are Bell, Gutt, Sleskovitch, etc; the communicative and sociocultural approach, whose main representatives are Snell-Horby, Hermans, etc; and the philosophical and hermeneutic approach, whose main representatives are Schökel, Ladmiral, Paz, Venuti, Robinson, etc.

confluencia e interacción de diversos códigos de significación, no sólo el código lingüístico. (Ibid., p. 15)

Estos textos, como su nombre indica, aportan información (traducible) a través de dos canales de comunicación que transmiten significados codificados de manera simultánea: el canal acústico (las vibraciones acústicas a través de las cuales recibimos las palabras, la información paralingüística, la banda sonora y los efectos especiales) y el canal visual (las ondas luminosas a través de las que recibimos imágenes, pero también carteles o rótulos con textos escritos, etc.) Em términos semióticos, como ya se ha apuntado, su complejidad reside em um entramado sígnico que conjuga información verbal (escrita y oral) e información non verbal, codificada según diferentes sistemas de significación de manera simultánea. (Ibid., p. 30)

Segundo o autor, as modalidades Legendagem e Dublagem são as mais populares e as mais consumidas em todo o mundo (Id., 2004, p.31). Para além de tais modalidades, Chaume nos apresenta a outros tipos de traduções provenientes desse campo, a saber, *voice over*, interpretação simultânea de textos audiovisuais, narração, dublagem parcial, e comentário livre. Tais modalidades nascem da necessidade de tornar filmes entre línguas distintas acessíveis àqueles que não são familiarizados com o idioma de partida.

Apesar de abordar apenas as modalidades referidas acima, o estudioso deixa claro que a TAV não se restringe somente a essas formas de tradução. Novas modalidades surgem conforme a necessidade do público e dos progressos tecnológicos. De fato, essa assertiva corrobora com o nascimento de novos “braços” dentro desse campo de estudo.

O teórico Gambier (2003), em seu trabalho *Screen transadaptation: perception and reception*, também elenca e define as modalidades da TAV e ainda acrescenta outras formas de tradução, as quais denomina como tipos desafiadores, sendo elas, a legenda fechada para surdos e ensurdecidos (LFSE) e a audiodescrição (AD) para deficientes visuais<sup>4</sup>. Elas estão intimamente relacionadas com a ideia de acessibilidade e inclusão cultural. O presente trabalho tem como objeto de pesquisa a modalidade da AD.

## 2.1 AUDIODESCRIÇÃO E ACESSIBILIDADE

AD consiste na transformação de signos imagéticos em signos verbais, ou seja, é a tradução de imagens em palavras. Desse modo, trata-se de uma modalidade de tradução de natureza intersemiótica. Essa ferramenta pode ser aplicada em produtos culturais

---

<sup>4</sup> O autor trata também os tipos de tradução de cenário/roteiro, legenda ao vivo ou em tempo real e *surtitling* como desafiadores.

como exposições em museus, performances de dança, filmes (cinema e DVD), descrição de slides em palestras e congressos, livros didáticos e performances em peças de teatro, podendo se adequar a qualquer outro produto que a AD possa fornecer informações às pessoas com deficiência visual.

A AD pode ser pré-gravada, ao vivo ou simultânea, sendo cada um desses tipos diferenciado pela existência ou não de um roteiro. A AD pré-gravada se dá quando um roteiro é preparado e gravado em estúdio para tornar acessíveis filmes para cinema, DVD ou programas de TV. Na modalidade ao vivo existe um roteiro prévio, mas como os produtos culturais geralmente são performances de dança e peça de teatro, ele não é gravado já que podem haver mudanças durante as apresentações, por conseguinte, a atenção do audiodescritor deve estar no palco e não apenas no roteiro. Numa AD simultânea, a presença de um roteiro é inexistente, pois ocorre em palestras e em congressos. O ambiente e os recursos a serem audiodescritos não podem, em geral, ser disponibilizados previamente.

O presente trabalho está voltado para a AD de filmes, cujo roteiro prévio é construído para ser inserido nos intervalos dos diálogos e informações importantes para a narrativa são perdidas no caso de espectadores que não tenham acesso às imagens. A faixa de áudio inserida com as descrições não interfere no áudio original, podendo haver diminuição de sons menos relevantes para a construção da narrativa, deste modo, a AD sempre estará em diálogo com o texto fílmico.

Como uma prática já consolidada no Brasil e no mundo, a AD vem sendo estudada a nível acadêmico e não acadêmico, sendo objeto de estudo não apenas no campo da TAV, mas nas áreas da Tecnologia Assistiva e também na Educação Inclusiva. Isso porque a AD já é considerada uma ferramenta de acessibilidade às pessoas com deficiência visual, assim, muitas pesquisas têm sido realizadas a fim de garantir um serviço de qualidade e que leve em consideração as necessidades do seu público-alvo.

A seguir traçarei brevemente um histórico no Brasil e no mundo sinalizando pesquisas na área e como a audiodescrição tem sido encarada como um recurso de acessibilidade para o fomento da inclusão social.

### **2.1.1 A AD no Brasil e no mundo**

O surgimento da Audiodescrição data do ano de 1981, em Washington DC, onde o casal Pfanstiehl audiodescreveu a primeira peça de teatro. No mesmo ano, o casal



fundou o Serviço de Audiodescrição<sup>5</sup>, promovendo AD em teatros nos Estados Unidos. Em meados dos anos 80, a AD já estava sendo aplicada em teatros da Europa. Dois anos após esse evento, a TV Japonesa NTV transmitiu pela primeira vez o recurso de acessibilidade em rede nacional (cf. AUDIO DESCRIPTION COALITION, 2007). A audiodescrição, desde então, passou por muitas transformações e, desde então, iniciaram-se as investigações acerca deste campo de produção.

No Brasil, a AD foi aplicada pela primeira vez em 2003 “durante o festival temático *Assim vivemos: Festival Internacional de Filmes sobre Deficiência*” (cf. SILVA, 2009). Como objeto de pesquisa acadêmico, a AD começou a ser investigada a partir de 2004, quando destacamos o trabalho do grupo TRAMAD, pioneiro em pesquisas nesse âmbito, fundado e coordenado pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Eliana Paes Cardoso Franco. Consequentemente, grupos de pesquisa no Ceará, Pernambuco e mais tarde na região sudeste começaram a pesquisar numa perspectiva acadêmica a AD como objeto de estudo (cf. FRANCO; SILVA, 2010).

No início das pesquisas, a grande maioria dos trabalhos tratava de encontrar um modelo de audiodescrição para o meio audiovisual que fosse satisfatório ao público com deficiência visual, com intuito de criar parâmetros e orientar futuros trabalhos dentro desse campo de estudo. Com o passar do tempo, normas de AD foram criadas para guiar aqueles que se iniciavam no trabalho de audiodescrever. Por conta disto, as principais normas elaboradas foram a “britânica (*ITC Guidance on Standards for Audiodescription*, 2000), a espanhola (*UNE153020*, 2005) e a americana (*AudioDescriptionCoalition*, 2008)” (FRANCO, 2010, p.4).

Tais normas norteiam o audiodescritor na construção de um roteiro de audiodescrição de qualidade, por conseguinte, ele deve ser levado em consideração no momento da elaboração. Uma das leis mais importantes presente nas normas é a de que se deve descrever apenas aquilo que se vê, sem a interpretação do audiodescritor, “[d]escritores não devem fornecer opinião pessoal ou interpretar eventos” (*ITC guidance*, 2000, p.15, Tradução Nossa). Esse direcionamento hoje é entendido como uma falácia, uma vez que, uma vez que o tradutor é o primeiro leitor da obra e é a partir do seu olhar sobre o trabalho que a tradução será apoiada, é ingenuidade dizer que não há interpretação no processo de tradução.

---

<sup>5</sup>Audio Description Service.

Percebe-se, entretanto, que a ideia de que a interpretação deve ser limitada, ainda reside nos discursos acerca da produção do roteiro da AD. Costa (2014) elucida o posicionamento de alguns estudiosos da área quanto ao papel da interpretação nas descrições e como isso afeta o produto final. Essa discussão será mais aprofundada mais adiante.

No Brasil, ainda não solidificamos nossa norma de AD, contudo, os grupos que trabalham com essa ferramenta tem noções das normas internacionais nas quais se baseiam para construir o roteiro.

A ABNT (Associação Brasileira de Normas e Técnicas) criou uma comissão para a organização das normas de AD em 2010, sendo todas as discussões voltadas para a priorização das necessidades das pessoas com deficiência visual. As discussões estariam voltadas para “aspectos relativos a produções de roteiros de audiodescrição, sua inserção em produtos audiovisuais e nas formas de como pode ser disponibilizada para o público” (ROMEY, 2010). De acordo com Paulo Romey (2010), em seu blog da audiodescrição,

[...] a expectativa é de que o texto base da norma esteja pronto para ser publicado como Norma Brasileira pela ABNT dentro de um ano, coincidindo com o prazo estipulado pelo Ministério das comunicações para o início das transmissões de programação com audiodescrição pelas emissoras brasileiras de televisão (ROMEY, op. cit)

Após 5 anos de debate, a ABNT finalmente convida o público para uma consulta, em fevereiro de 2015, com a intenção de convocar uma reunião plenária para a aprovação do projeto de norma da AD (cf. MIDIACE, 2015)<sup>6</sup>.

A mesma lentidão também tem afetado o cumprimento da lei de acessibilidade n. 10.098, (cf. BRASIL, 2000), que visa implantar a audiodescrição como obrigatória na programação das redes televisivas do país. Em 2000, foi iniciada a discussão sobre acessibilidades resultando na criação da lei n. 10.098, (cf. BRASIL, 2000), a “lei da acessibilidade”. Essa lei sofreu alterações pelo Decreto n. 5.296 (cf. BRASIL, 2004), Decreto n. 5.645 (cf. BRASIL, 2005), e Decreto n. 5.762 (cf. BRASIL, 2006), garantido por lei o direito do recurso da audiodescrição na grade de programação das emissoras brasileiras. Em 2008, as emissoras deveriam cobrir 2 horas de sua programação e até 2016 o

---

<sup>6</sup> “A MIDIACE – referência nacional em audiodescrição e legendagem para surdos – é uma associação sem fins lucrativos, criada em 2008 em Belo Horizonte, cujo objetivo é promover acessibilidade para as mais variadas mídias”. Texto disponível em: [www.midiace.com.br/sobre/midiace](http://www.midiace.com.br/sobre/midiace).

recurso já deveria fazer parte de toda a grade. Porém, penso que essa resolução ainda está longe de alcançar seu objetivo final, pois estamos em 2015 e só agora o número de horas para 4h semanais foi alcançado, sendo que a programação total está prevista para daqui a um ano. Apenas em 1º de julho de 2011, as emissoras foram notificadas a fornecer a AD por 2 horas semanais. Em 2014, a quantidade de horas foi elevada para 4 ao dia. O recurso está disponível para os televisores que recebem sinal digital e pode ser ativado através da tecla SAP, assim como a legenda fechada. Apesar de ter sido e ainda ser reflexo de um trabalho árduo a implementação da AD nas redes televisivas, essas conquistas são avanços para a sociedade e em especial para as pessoas com deficiência visual. Em 2015, foi conquistado o cumprimento da lei que obriga as televisões por assinatura de transmitirem na programação todo o conteúdo dos canais de TV aberta com o recurso da audiodescrição, mas caso tal determinação legal não seja cumprida, o telespectador com DV pode fazer sua denuncia telefônica à ANATEL (cf. MAYER, 2012, p. 28-29)

Apesar da morosidade no cumprimento da lei de acessibilidade, outras iniciativas começam a se desenvolver e a beneficiar às pessoas com deficiência visual e auditiva. A ANCINE – Agência Nacional do Cinema publicou a Instrução Normativa nº 116, de 18 de dezembro de 2014, que obriga todas as produções financiadas com verba pública devem apresentar orçamentos referentes aos serviços de legendagem descritiva, audiodescrição e LIBRAS (cf. RANGEL, 2014).

Essa iniciativa é mais uma conquista pela luta da acessibilidade nos meios de comunicação do país, mas ainda assim enfrentamos uma luta constante para que mais ações como a lei 10.098 e a Instrução Normativa nº 116 possam tomar proporções maiores, uma vez que estas iniciativas tornam o serviço público responsáveis pelo acesso de cidadãos com deficiência à cultura e ao lazer. A medida se justifica em sua demanda, pois grande é o contingente de pessoas beneficiadas pela AD. Segundo o IBGE (Censo 2010), o Brasil possui 190.755.799 cidadãos que apresentam algum tipo de deficiência, 23,9% da população. Dentre as deficiências identificadas pelo IBGE, a saber, visual, auditiva, motora e mental, 18,8% das pessoas assumiram possuir algum grau de deficiência visual. Logo, são 35.774.392 pessoas que possuem sua visão totalmente comprometida ou que possuem alguma dificuldade em enxergar. A AD, no entanto, não é benéfica apenas para deficientes visuais. Sabendo que 1,4% da população apresenta algum

tipo de deficiência intelectual, ou seja, 2.611.536 pessoas, a importância da AD torna-se ainda mais clara. Contudo, poucos são os estudos voltados para esse público.

### **2.1.2 Pesquisas desenvolvidas no âmbito da Audiodescrição**

Em universidades públicas do país podemos mencionar grupos de estudos que tem como objeto de pesquisa a audiodescrição, como o grupo de pesquisa TRAMAD, pioneiro nas pesquisas acadêmicas, no qual a autora deste trabalho faz parte desde 2009. O grupo foi criado pela Professora Doutora Eliana Franco, em 2004, na Universidade Federal da Bahia, se dedicando aos estudos e à prática de várias modalidades de tradução audiovisual, contudo, atualmente, a modalidade de audiodescrição tem sido o principal foco do grupo. No Ceará, há o grupo de pesquisa LEAD (Legendagem e Audiodescrição), coordenado pela Professora Doutora Vera Lúcia Santiago, cujo foco de pesquisa refere-se a estudos acerca da legendagem para surdos e ensurdecidos e a AD para as pessoas com deficiência visual (FRANCO; SILVA, p. 34-35, 2010).

Na Universidade Federal de Juiz de Fora temos o grupo GIME (Grupo de Pesquisa em Inclusão, Movimento e Ensino à Distância), coordenado por Paulo Romeu Filho, e cuja Universidade oferece curso de Pós-Graduação de Audiodescrição, formando audiodescritores para suprir a demanda de trabalhos que surgiram após o recurso da AD ter sido requerido de forma legal nas redes televisivas abertas do Brasil. Além dessas Universidades, temos também as Universidades Federais de Minas Gerais e Pernambuco que promovem estudos acerca da AD.

No Brasil, várias pesquisas de cunho acadêmico são desenvolvidas buscando a melhoria da AD para as pessoas com deficiência visual. Cito aqui aquelas que influenciaram, de alguma forma, o presente trabalho bem como aquelas que executaram teste de recepção. Silva (2009), em sua dissertação: *Com os olhos do coração: estudo da audiodescrição acerca de desenhos animados para o público infantil*, desenvolveu o primeiro trabalho acadêmico sobre audiodescrição no país, no qual objetivou delinear os primeiros parâmetros para a construção de um roteiro voltado às crianças DVs.

Mascarenhas (2012), em sua tese: *A audiodescrição da minissérie policial Luna Caliente: uma proposta de tradução à luz da narratologia*, na qual o objetivo foi analisar o papel da narratologia na construção de roteiros para minisséries, comparando duas versões de AD, uma feita pela pesquisadora e outra por uma colaboradora. A autora concluiu que para aspectos como descrição de espaços e personagens, focalização, e

montagem, os dois roteiros se assemelharam. Entretanto, Mascarenhas notou que a versão da autora foi mais sensível à regularidade e sistematização na narrativa, como as descrições de efeitos, transições, distribuição de elementos no enquadramento, entre outros aspectos.

Mayer (2012), em sua dissertação: *Imagem como símbolo acústico: a semiótica aplicada à prática da audiodescrição*, no qual foram desenvolvidas reflexões sobre as características e os contextos históricos dos deficientes visuais, com base em temas concernentes ao lugar de fala, leitor-modelo, dispositivo, cognição, fenomenologia, tradução, tradução intersemiótica e estudos do som no qual a autora realizou um teste de recepção para experimentar diretrizes de roteiro e locução.

Nóbrega (2012), em sua dissertação: *Caminhos para inclusão: uma reflexão sobre audiodescrição no teatro infanto-juvenil* objetivou examinar as contribuições de uma professora de teatro na audiodescrição e o ponto de vista de jovens com deficiência visual, através de um teste de recepção (cf. NÓBREGA, 2013, p. 27).

Farias (2013), em sua tese, a segunda do país, *Audiodescrição e a poética da linguagem cinematográfica: um estado de caso do filme Atrás das nuvens*. A autora analisou duas versões de roteiro de AD para o filme português *Atrás das nuvens* quanto a poética produzida pela Linguagem Cinematográfica. Farias também analisou aspectos como objetividade, expressividade e poética passadas nas versões pesquisadas. Com intuito de fundamentar o estudo, foi feito um estudo de caso com pessoas com deficiência visual, para que estes pudessem dar suas impressões sobre as duas versões. Concluiu que é possível produzir uma audiodescrição expressiva, criativa e poética, a partir da poética da Linguagem Cinematográfica.

Costa (2014) com sua tese: *Audiodescrição em filmes: história, discussão conceitual e pesquisa de recepção*, traz uma discussão muito interessante sobre a preferência do público DV entre uma AD mais interpretativa ou não. Para tanto, a pesquisadora faz um panorama histórico da audiodescrição no Brasil e no mundo, além de discutir o que é interpretar e descrever na audiodescrição ou o que seria limitar a um mínimo a interpretação. Costa fez um teste de recepção com alunos de duas instituições para averiguar qual tipo de roteiro eles mais preferiam.

No âmbito mundial, a AD também tem sido pesquisada e muitos dos trabalhos feitos têm sido apresentados em congressos da área e demonstram resultados no que

concerne a AD para as pessoas com deficiência visual. Destaco aqui alguns trabalhos em áreas distintas, mas nenhum que atente para outro público que não o DV.

Apresentação do trabalho *Speed, explicitation and intonation in AD: Best values, Best practice*, de autoria de Cristóbal Cabeza-Cáceres (2013) no 4th ARSAD, na Universitat Autònoma de Barcelona. O teórico demonstrou os resultados de sua pesquisa de doutorado referente a como os diferentes tipos de velocidade, entonação e explicitação de informação afetam a compreensão dos usuários da AD, pesquisa esta baseada na teoria da narrativa e estudos da recepção (cf. CABEZA-CÁCERES, 2013, p. 25). Neste mesmo evento, a pesquisadora Elena SV Flys demonstra com seu trabalho *Evaluation of the performing tools for an inclusive and accessible theater*, um estudo de recepção referente à maneira como diferentes ferramentas de performance e tecnologias permitiriam um teatro acessível e de inclusão (cf. FLYS, 2013, p. 28).

No ano de 2015, o ARSAD contou com a participação de pesquisadores e acadêmicos para apresentação de suas pesquisas referentes à audiodescrição. Assim, destaco os trabalhos de Susanne Jekat, *On the reception of audio description: developing a model to compare films and their audio described versions*, que buscou fazer um estudo de recepção para identificar se, através dos adjetivos utilizados pelos audiodescritos acerca das características da personagem principal, o público vidente e não vidente teria as mesmas impressões (cf. JEKAT, 2015, p.17). E o trabalho de doutorado de Floriane Bardine, *Audiodescription and film experience. Design of a reception study*, no qual a autora pretende explorar a experiência fílmica das pessoas com deficiência visual e como isso é afetado pela linguagem fílmica na AD (cf. BARDINE, 2015, p.20).

Logo, percebe-se que apesar do escasso material dos estudos da AD voltados para as pessoas com deficiência intelectual, há, dentre os trabalhos supracitados, três trabalhos produzidos que contemplam esse público.

## 2.2 A AUDIODESCRIÇÃO PARA OUTROS PÚBLICOS

Apesar da audiodescrição estar sempre vinculada às pessoas com deficiência visual, a literatura da área menciona outras pessoas que podem se beneficiar com esse recurso, pois o público alvo da audiodescrição não se restringe apenas às pessoas com deficiência visual. Teóricos da área já indicavam a AD para outros públicos, como pessoas com deficiência intelectual (DI) (cf. DÍAZ CINTAS, 2007; MACHADO, 2011; RIOS, AZEVEDO, 2013; MASCARENHAS, 2012; MOTTA; ROMEU, 2010).

As pesquisas acerca da audiodescrição, como pontuo, desde o início deste trabalho, sempre buscaram normas e parâmetros para um texto que suprisse as necessidades das pessoas com DV. Todos aqueles que se debruçam sobre audiodescrição buscam sempre retratar seu público alvo, os DV. Em todas as definições e ao longo da história dessa modalidade, o texto traduzido sempre levou em consideração as necessidades do não vidente.

Dentre os trabalhos realizados referentes às pessoas com deficiência intelectual, destaco aqui três, no qual o pesquisador, mesmo que indiretamente, utilizou a audiodescrição como ferramenta de inclusão cultural para esse público.

O primeiro estudo<sup>7</sup>, realizado em 2011, quando o grupo de pesquisa TRAMAD – UFBA realizou um estudo piloto no qual pessoas com deficiência intelectual foram expostas a um curta-metragem com e sem o recurso da audiodescrição. O objetivo foi confirmar se de fato a AD beneficiaria este público em específico, uma vez que a teoria expõe essa afirmação, mas até então, não havia pesquisas sistemáticas que corroborassem com esta premissa. O estudo contou com a participação de quatro alunos da APAE (Associação de Paes e Alunos dos Excepcionais) da cidade de Santo Amaro da Purificação – BA.<sup>8</sup> Para atingir o objetivo do trabalho, as autoras selecionaram um curta-metragem e o exibiram para os quatro estudantes individualmente em duas etapas. Na primeira, os participantes assistiram ao filme sem o recurso da audiodescrição. Logo após, foi realizada a aplicação de um questionário de compreensão da narrativa fílmica e, posteriormente, foi iniciada a segunda etapa, na qual assistiram ao filme novamente, só que com o recurso da AD. Novamente, um questionário de compreensão da narrativa foi aplicado, para saber se os alunos entenderam mais ou não com o recurso. A partir desta investigação foi possível confirmar que a audiodescrição feita, a priori, para as pessoas com deficiência visual auxilia na melhor compreensão do curta, por parte desse novo grupo. Porém, este diagnóstico também nos alertou para a necessidade de mais pesquisas na área, para se chegar a um roteiro voltado para suprir as necessidades dos DI, uma vez que o texto da AD voltada para os DV deixa lacunas, sendo ineficiente diante do público com DI.

O segundo trabalho é um artigo das autoras Rios e Azevedo (2013), intitulado *Audiodescrição e o brincar na educação: inclusão de crianças com necessidades edu-*

---

<sup>7</sup> O presente trabalho está baseado no estudo piloto explicitado, estudo este que a autora também fez parte.

<sup>8</sup> Para mais detalhes conferir FRANCO; MEDINA; CARNEIRO; URPIA, 2013.

*cacionais especiais*. As autoras especularam como a audiodescrição auxilia as crianças com necessidades especiais, a partir do uso do recurso da audiodescrição no seu aprendizado. As autoras fizeram um estudo de caso com uma criança síndrome de *down*, com 2 anos de idade, cujas atividades lúdicas foram adaptadas com a ferramenta da AD, tais como a descrição de cartões de desenhos referentes a histórias, música e um questionário aplicado a criança com perguntas de sim e não, mediadas pela intervenção das autoras. Elas concluíram que a audiodescrição ajudou a criança a se desenvolver melhor nas atividades, interagiu mais com a professora e colegas de sala e aprendeu palavras novas. O artigo não deixa claro se existiu um roteiro de AD anterior as atividades ou se foram feitos no momento da interação, mas ficou claro que o recurso de acessibilidade influenciou de forma positiva nas atividades desse aluno (cf. RIOS; AZEVEDO, 2013).

O terceiro e último trabalho não estuda a AD como objeto de investigação, mas a ferramenta foi utilizada como recurso de apoio na pesquisa que culminou na dissertação da autora Camila Silva (2014): *A capacidade narrativa da mente humana: uma análise de interlocuções com crianças com diagnóstico de deficiência intelectual*, cujo objetivo foi

[...] descrever e explicar como fatores inerentes ao gênero de atividade influenciam nos padrões narrativos emergentes, bem como identificar e descrever operadores linguístico-cognitivos que se materializam no cenário enunciativo e manifestam a operação de integração de redes de espaços semióticos subjacente à construção de narrativas (SILVA, 2014, p. 5).

Para tanto, a autora utilizou filmes audiodescritos no seu estudo, a fim de saber se a AD ajudaria os participantes a prestarem mais atenção e se este fato influenciaria no reconto da narrativa pelos sujeitos da pesquisa.

Em contexto nacional e internacional, estes três trabalhos são os únicos que contemplam a pessoa com deficiência intelectual como público potencial para o consumo da audiodescrição. Há urgência em mais estudos na área, visto que no campo de conhecimento no qual a AD está inserida, os Estudos da Tradução, há referência desse público como beneficiário da AD. Como o presente trabalho se debruça sobre a inclusão das pessoas e serviços culturais, através da audiodescrição, faz-se necessário entender o público alvo, assim como se tem feito com os DVs ao longo dos anos.

## **2.2.1 O público com Deficiência Intelectual**

### **2.2.1.1 DEFINIÇÃO DE DEFICIÊNCIA**



Segundo o Decreto nº 5.296, de 2 dezembro de 2004, entende-se que a pessoa portadora de deficiência é aquela que “possui limitação ou incapacidade para o desempenho de atividade e se enquadra nas seguintes categorias: deficiência física, deficiência auditiva, deficiência visual e deficiência mental (BRASIL, 2004).

No que concerne à deficiência mental<sup>9</sup>, o Decreto afirma que a deficiência mental é um

funcionamento intelectual significativamente inferior à média, com manifestação antes dos dezoito anos e limitações associadas a duas ou mais áreas de habilidades adaptativas, tais como:

1. comunicação;
2. cuidado pessoal;
3. habilidades sociais;
4. utilização dos recursos da comunidade;
5. saúde e segurança;
6. habilidades acadêmicas;
7. lazer; e
8. trabalho;

e deficiência múltipla - associação de duas ou mais deficiências; (BRASIL, 2004)

Para a maioria das pessoas, ver a deficiência é muito óbvio. Um paraplégico, uma pessoa surda, uma pessoa com Síndrome de Down, etc, tudo que para as pessoas “normais” é diferente, não está dentro dos padrões, é deficiente. Entretanto, infelizmente, as pessoas com qualquer tipo de deficiência, seja ela física, sensorial ou intelectual, são vistas como imperfeitas, marginalizadas, diferenciadas.

Durante a história da humanidade, as pessoas com deficiência sempre sofreram algum tipo de retaliação, como perseguição ou morte. Silva (1987) traz em seu livro *A epopeia ignorada: a pessoa deficiente na história do mundo de ontem e de hoje* a trajetória de grandes nações no que se refere ao seu comportamento diante das pessoas deficientes. O autor inicia sua trajetória na era primitiva, sabendo que seria muito difícil saber o que de fato aconteceu naqueles primeiros momentos da vida humana por falta de informações concretas sobre o assunto. O autor supõe, por analisar, a atmosfera e as

---

<sup>9</sup> A ONU, em 2006, surge com nova proposta sobre aceção de deficiência, modificando também a denominação para pessoas com deficiência intelectual, a fim de que não haja confusão entre deficiência intelectual e doença mental. A deficiência intelectual “apresenta um atraso no seu desenvolvimento, dificuldades para aprender e realizar tarefas do dia a dia e interagir com o meio em que vive, ou seja, existe um comprometimento cognitivo, que acontece antes dos 18 anos, e que prejudica suas habilidades adaptativas” (APAE SP, 2015). A doença mental é um transtorno da mente que compromete o convívio dessa pessoa em sociedade. A doença mental é uma patologia e deve ser tratada com um psiquiatra (APAE SP, 2015).

prováveis formas de sobrevivência daquela época, como uma pessoa deficiente poderia sobreviver naquele ambiente. Conclui que devido à forma de vida das pessoas nas primeiras eras da humanidade, as pessoas com alguma deficiência eram, em sua maioria, descartadas, abandonadas ou mortas, pois não representavam utilidade para as tribos, já que viviam da caça e da pesca, e, ainda, fugindo ou defendendo seus territórios constantemente. Trata da questão da solidariedade e da aceitação que nasce à medida que o homem evolui, tendo contato com outras tribos e modificando suas concepções quanto ao outro.

É a partir do advento da escrita que começamos a ter indícios concretos de que as pessoas daquela época já conviviam com a presença de pessoas com algum tipo de deficiência. A visão com relação à deficiência não era apenas de demonização, como acontecia em Roma, onde qualquer pessoa tinha permissão para sacrificar seus filhos que apresentassem qualquer tipo de deficiência, mas havia também povos que viam a deficiência como algo a ser respeitado e cuidado, como era o caso de Atenas, por exemplo, até hoje segue a premissa jurídica definida por Aristóteles de que toda pessoa merece ser tratada igualmente, independente de sua posição social ou de qualquer limitação que possa ter.

Após séculos de história, nos quais a origem das deficiências congênitas estava atrelada à magia, o conceito de deficiência se modificou profundamente, assim como a denominação para as pessoas deficientes. Quem nunca ouviu uma pessoa que se considera “normal” chamar uma pessoa com deficiência mental de “mongol”, ou “lento”, ou ainda “louco”? Percebe-se, infelizmente, que práticas preconceituosas ainda acontecem nos dias atuais, assim, é notório que o respeito às pessoas com deficiência ainda não foi absorvido por todos.

A designação de pessoas com deficiência passou por grandes reformulações conceituais. Inicialmente, eram chamadas de ‘inválidas’, vistas como ‘indivíduos sem valor’, ou ainda chamadas de ‘incapacitadas’ ou ‘indivíduos com capacidade residual’. Entre 1960 a 1980, a terminologia foi ganhando novo significado, passando de “defeituosos” até “deficientes” (SIMÕES, PINTO, 2011, p. 117). Segundo as autoras,

diante da diversidade de deficiências que pode ser encontrada no que concerne à saúde humana, a Organização Mundial da Saúde (OMS) apresenta um conjunto classificatório de doenças, padronizando uma linguagem que facilita a comunicação entre pesquisadores, gestores, profissionais de saúde, organizações da sociedade civil e usuários em geral, em todo o mundo, sobre saúde e atenção sanitária – a Classificação Internacional de Doenças (CID) (SIMÕES; PINTO, 2011, p. 117).

As deficiências mentais ainda são definidas pelo Quociente de Inteligência (QI) de cada indivíduo, sendo classificados por letras e números que correspondem ao CID de cada enfermidade, como por exemplo Q90 – que caracteriza a síndrome de *Down*.

Porém, essa classificação apenas organiza sistematicamente os registros dos pacientes, generalizando e indicando apenas o tipo de doença que o indivíduo possui, mas se olharmos as diferentes pessoas que possuem uma deficiência intelectual, por exemplo, notaremos que duas pessoas caracterizadas com o CID F70<sup>10</sup> não possuirão o mesmo tipo de comportamento ou de interação interpessoal, pois não é a doença que limita a pessoa com deficiência, e sim o ambiente no qual está inserida.

No estudo feito na APAE de Santo Amaro da Purificação (FRANCO *et. al.*, 2012), percebemos essa diferença claramente. Segundo as autoras,

[...] embora os sujeitos tivessem registros semelhantes na classificação oficial de deficiência, suas origens eram muito diferentes em termos de história de vida. Por exemplo, um deles, de família pobre, foi extremamente protegido pela mãe, a qual impedia seu filho de participar das atividades mais simples do dia a dia. O outro foi adotado por uma advogada, que estimulou o filho a participar de muitas atividades interessantes, tais como um curso de teatro. Esses diferentes contextos, sem dúvida, tiveram um impacto na personalidade dos sujeitos, o que pôde ser observado desde o primeiro encontro. (Ibid, p. 206)

Apesar de ainda categorizarem e caracterizarem as pessoas com deficiência intelectual com base no seu QI, a concepção de deficiência deu um grande salto em 2008 com a publicação pela ONU da Convenção dos Direitos da Pessoa com Deficiência. Essa convenção redefiniu o conceito de deficiência não apenas tratando as pessoas como ‘objetos’, mas direcionou o olhar para essas pessoas como ‘sujeitos’ que possuem direitos, que são capazes de reivindicar tais direitos e tomar suas próprias decisões baseadas no seu consentimento livre e esclarecido assim como entendendo estes sujeitos como indivíduos capazes de atuar como membros ativos da sociedade<sup>11</sup>.

Segundo Ballone (2007), apesar de esse sujeito apresentar tais limitações, atualmente é assumido que as barreiras que o impedem de manter uma vida livre de restri-

<sup>10</sup>A OMS classifica o CID com uma letra do alfabeto acompanhada de um número. A F70 diz respeito a pessoas com Retardo mental leve.

<sup>11</sup>Texto fonte: “The Convention follows decades of work by the United Nations to change attitudes and approaches to persons with disabilities. It takes to a new height the movement from viewing persons with disabilities as "objects" of charity, medical treatment and social protection towards viewing persons with disabilities as "subjects" with rights, who are capable of claiming those rights and making decisions for their lives based on their free and informed consent as well as being active members of society.” Disponível em: <[http://www.un.org/disabilities/default.asp?navid=15&pid=150#accessible\\_pdf](http://www.un.org/disabilities/default.asp?navid=15&pid=150#accessible_pdf)>

ções se dão pelo ambiente em que se insere e não diretamente pela deficiência em si. Ballone (2007) afirma que,

Acostumamos a pensar na **Deficiência Mental** como uma condição em si mesma, um estado patológico bem definido. Entretanto, na grande maioria das vezes a **Deficiência Mental** é uma condição mental relativa. A deficiência será sempre relativa em relação aos demais indivíduos de uma mesma cultura, pois, a existência de alguma limitação funcional, principalmente nos graus mais leves, não seria suficiente para caracterizar um diagnóstico de **Deficiência Mental**, se não existir um mecanismo social que atribua a essa limitação um valor de morbidade. E esse mecanismo social que atribui valores é sempre comparativo, portanto, relativo. (BALLONE, op. Cit.)

Ainda que se tenha tentado definir a deficiência mental ou justificá-la de alguma forma através de diversas áreas do conhecimento como a psicanálise e as teorias psicológicas desenvolvimentistas, não é possível definir com certeza a deficiência mental (cf. BATISTA; MANTOAN, 2007, p. 13)

Assim, a busca atual da ONU e daqueles que trabalham para ampliar e garantir os direitos das pessoas com deficiência é contextualizar cada cidadão independente de sua deficiência, buscando conscientizar as sociedades inculcando a ideia de que cada pessoa possui uma história, uma forma de viver e sua maneira de se comportar são respostas ao tratamento que a sociedade e o meio em que vivem dão a essas pessoas.

### 2.2.2 AD para pessoas com Deficiência Intelectual

Retomando o estudo feito na APAE, da cidade de Santo Amaro da Purificação - BA, os resultados mostraram que a AD ajuda na compreensão da narrativa, mas o roteiro feito atualmente não é suficiente para que esse público faça as conexões necessárias entre os significados implícitos durante a narrativa (FRANCO *et al.*, 2013, p. 209).

Preocupada em fornecer informação suficiente para os deficientes visuais, a audiodescrição precisa ser desenhada de forma que atinja todos os seus públicos, por estes apresentarem diferentes tipos de deficiência, é de vital importância conhecer melhor o consumidor da AD para que esta possa ser efetiva.

O estudo piloto indica quatro conclusões que guiam um estudo de maior escala para esse público. Em primeiro lugar, é necessário considerar antes da classificação médica geral, a deficiência de cada sujeito, pois desta forma levantar falsas suposições, como predefinir que o aluno considerado "mais desenvolvido e inteligente" nos indique dados que outros o poderiam fazer, como aconteceu no caso desta pesquisa piloto. Se-

gundo, a metodologia é muito importante para a concretização do estudo. Terceiro, dispor de equipamentos que demonstrem de forma clara os dados a serem coletados. Atentar para o processo de desenvolvimento da pesquisa, pois cada movimento, cada expressão do participante é importante para identificar possíveis compreensões com a AD. Por fim, é importante estabelecer contato prévio com os participantes antes da pesquisa. Formar um ambiente seguro e confiante é necessário para que os participantes interajam com o pesquisador de forma descontraída e participem confortavelmente do estudo. (Id., 2013, p. 210) Essas conclusões guiaram a presente pesquisa.

A pesquisadora Silva (2014) explicita sua experiência com alunos que “demandavam atendimento educacional especializado, acompanhamento terapêutico e clínico, inseridos na APAE – Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais – Lagoa Santa – MG”. A autora fez um estudo com foco na linguagem desses indivíduos no que tange a enunciação e construção narrativa, com o objetivo de descrever e explicar como os diferentes tipos de atividades influenciam no contexto de interação de crianças e potencializam os déficits que essas apresentam, uma vez que a linguagem não é trabalhada no seu nível pragmático. Para essa pesquisa, a autora se propôs a conhecer melhor seus participantes, sem antes se interar do diagnóstico padrão rotulado pela medicina. Segundo a autora,

é importante deixar claro que, em um primeiro momento, eu não me ative em conhecer a anamnese de cada indivíduo realizada pela equipe multidisciplinar da instituição – a qual conta com neurologista, psicólogo, assistente social, terapeuta ocupacional, fisioterapeuta, pedagogo e fonoaudiólogo – e testes e escalas aplicadas por clínica especializada. A minha primeira preocupação foi conviver com os indivíduos sem levar em consideração os diagnósticos. (SILVA, op. cit., p. 88)

Dessa forma, a autora conheceu seus participantes e mediante uma convivência com eles pode selecionar aqueles que de fato dariam dados reais a seu estudo, confiando na interação com os alunos, não apenas em um diagnóstico quantitativo, sem se importar com o histórico de vida de cada sujeito e seu comportamento no dia a dia.

É por esse público ser tão específico e apresentar necessidades diferentes que a busca por um roteiro de audiodescrição que supra as limitações do roteiro atual apresenta para essa audiência se valida. Se é de fato é pertinente que a AD auxilia na melhor compreensão por parte das pessoas com deficiência intelectual, é fato também que estudos acerca desse novo público devem ser produzidos, a fim de assegurar o direito dessas pessoas de gozar de forma plena o lazer e o ócio prescritos na constituição.

Nos estudos da tradução podemos identificar a preocupação do texto fonte para que este tenha impacto positivo no seu receptor alvo. Silva (2009) traçou em seu estudo, sobre a audiodescrição para crianças com deficiência visual, um panorama da teoria do escopo aplicada à prática da audiodescrição. A teoria do escopo defende a pragmaticidade do texto, orientado à sua finalidade. Para o autor, o texto final depende de quem seja seu receptor. Nesse caso, o roteiro de AD deverá ser produzido com intuito de entreter e atingir aquele que usufruirá de seu resultado final. Portanto, é necessário conhecer o usuário desse texto.

As crianças com deficiência mental<sup>12</sup> apresentam dificuldades na aprendizagem de conceitos abstratos; em concentrar a atenção; ao nível da memória, tendem a esquecer mais depressa que os seus colegas não deficientes; demonstram dificuldades na resolução de problemas e em generalizar a informação apreendida para situações novas. Conseguem, no entanto, generalizar situações específicas utilizando um conjunto de regras. Podem atingir os mesmos objetivos escolares que os seus colegas até certo ponto, mas de uma forma mais lenta (REDE SACI, 2015).

Entendendo melhor como nosso público alvo se caracteriza, é importante pensarmos em estratégias para que um roteiro de audiodescrição supra algumas das dificuldades que essa audiência apresenta. Concluímos que pesquisas de recepção são importantes para delinear paradigmas para a construção de uma AD satisfatória para essa audiência.

---

<sup>12</sup> O texto ainda utiliza nomenclatura antiga, mas entendemos que o conceito é referente às pessoas com deficiência intelectual.

### 3 ORIENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

O presente estudo foi conduzido à luz das ideias da Teoria da Recepção em Comunicação, considerando a pesquisa sistemática, destacada por Franco (2010), a partir do estudo piloto conduzido pelo grupo TRAMAD, em 2011 (cf. FRANCO *at al.*, 2013), e da proposta de uma AD mais explícita, delineada por Costa (2014).

O trabalho aqui proposto se enquadra na proposta da Teoria da Recepção, pois tem o consumidor da obra como fundamental para a construção do conhecimento e das produções de produtos que são de interesse do leitor/audiência e do próprio escritor/produtor.

Assim como os Estudos da Tradução, a Teoria da Recepção teve seu berço na literatura. O teórico Hans Robert Jauss, em seu artigo *The change in the paradigm of literary scholarship* (1969), propõe uma mudança no modo como os textos literários antigos eram tratados nesta época (cf. BATALHONE JUNIOR, 2011, p.161). Sua preocupação com os textos literários antigos versava como os leitores contemporâneos interpretavam esses textos e de acordo com suas percepções seria possível criar novos paradigmas para a construção de novos textos literários que atendessem às expectativas do leitor.

Atualmente, os estudos da Teoria da Recepção, em Comunicação, tem se dedicado a pesquisas que tem o leitor/público como essencial para a caracterização da massa à qual os textos/produtos culturais são direcionados. Tais estudos também sofrem influência de outras áreas do saber como os Estudos Culturais, Abordagens funcionalistas, Antropologia Cultural Cognitiva, entre outros (cf. WHITE, R., 1993, p. 9-10). Segundo o teórico Robert A. White (*op.cit.*),

a Teoria da recepção tem se desenvolvido nos últimos anos, em grande parte, dentro da tradição dos estudos culturais em pesquisa de mídia e reflete os debates e as diferentes escolas de pensamento dessa tradição. Comum a todas as diferentes abordagens, no entanto, é a premissa de que o uso e efeitos da mídia devem ser interpretados em termos de construções subjetivas de sentido abordadas nos meios de comunicação ou os significados que se debruçam em direção a teorias interpretativas de recepção, é uma forma de "etnografia de audiência", que exige que o pesquisador reconstrua o sentido da mídia a partir da perspectiva do sujeito (WHITE, 1993, p. 9)<sup>13</sup>.

---

<sup>13</sup>13 “ Reception theory has developed in recent years largely within the cultural studies tradition of media research and reflects the debates and differing schools of thought of that tradition. Common to all the

A presente pesquisa visa analisar roteiros voltados para as pessoas com DV e a efetividade junto ao público com DI, coincidindo, dessa forma, com as premissas da teoria da recepção. Se temos como base estudos culturais e sua preocupação no que se refere às minorias e suas vozes silenciadas, acreditamos que o público com deficiência intelectual necessite da iniciativa daqueles sem deficiência para que seus direitos sejam assistidos e isso inclui seu consumo a produtos culturais de mídia. Ainda de acordo com White (1993),

[...] A teoria da recepção é um produto de valores político-sociais de teóricos que acreditam na participação ativa do público na construção da cultura e acreditam que uma prioridade de investigação é o de proporcionar uma compreensão da atividade da plateia, como base de uma política de democratização de mídia<sup>14</sup> (Ibid, p. 9) (Tradução nossa).

Nesse caso a pesquisa de recepção aqui proposta aponta para a obtenção de informações promovidas pelo público que tornamos alvo, para que, partindo de suas percepções e interpretações a respeito dos produtos culturais selecionados, eles possam nos fornecer a base para a democratização de um roteiro que atenda não somente as pessoas com deficiência visual, mas também a essa nova audiência.

Em seu artigo de 1993, *Media reception theory: emerging perspectives*, Robert A. White apresenta quatro perspectivas de abordagem<sup>15</sup> que influenciam nas pesquisas de recepção atuais. Pelo fato da presente investigação não apenas identificar as lacunas de compreensão geradas no roteiro voltado para DVs, mas também reconhecer a audiodescrição como uma ferramenta de acessibilidade, e, conseqüentemente, ajudar a criar argumentos que reforçam a necessidade dessa ferramenta como forma de inclusão, como já tem sido feito desde 2010, encaramos essa pesquisa como uma luta por reconhecimento na esfera pública cultural, na qual os beneficiários desse recurso possam usu-

---

different approaches, however, is the premise that media use and effects are to be interpreted in terms of the subjective constructions of meaning placed on media or the meanings that are working toward interpretative theories of reception, is some form of ‘audience ethnography’ which demands that’s the researcher reconstruct the meaning of media from the subject’s perspective”

<sup>14</sup> [...] reception theory is a product of social-political values of theorists who believe in the active participation of audiences in the construction of culture and think that a research priority is to provide an understanding of audience activity as a basis of a policy of democratization of media.

<sup>15</sup> Para a presente pesquisa serão apenas analisadas uma dessas perspectivas, a *struggle for recognition in the public sphere* (Cf. WHITE, 1993).



fruir, de maneira plena e igualitária, os produtos culturais produzidos na nossa esfera pública cultural<sup>16</sup>.

A abordagem da identidade sociocultural “acredita que a cultura é um espaço para a luta de base de poder social, mas vê isso como uma arena de confrontos de diferentes ‘frentes culturais’, cada qual tentando ganhar o consentimento e reconhecimento de sua identidade cultural, através de outras fontes culturais”<sup>17</sup> (cf. GONZALES *apud* WHITE, 1993, p. 17) (tradução nossa). As frentes culturais são constituídas de grupos ou pessoas que compartilham o mesmo contexto de vida ou sofrem o mesmo tipo de estigma social, fazendo com que lutem por seus direitos para um reconhecimento e aceitação da sociedade da qual fazem parte.

A audiodescrição diminui as barreiras da deficiência mediante a descrição das imagens às pessoas que não veem ou possuem alguma deficiência cognitiva que as impeça de produzir relações entre contextos de produtos culturais. Retomando a concepção de frentes culturais acima descrita, podemos inferir que o público alvo da AD é uma frente cultural que precisa ter seus direitos assegurados pelas leis da sociedade que estão inseridos. Para as pessoas com deficiência visual, os estudos acerca de suas necessidades e a implementação da AD nas redes televisivas mostram um avanço da luta pela acessibilidade para esse público, entretanto, apesar do público com DI ter acesso a essa ferramenta, suas necessidades nunca haviam sido foco de estudos relacionados a AD até então, justificando assim a necessidade de investigações acerca dessa audiência.

Para Franco (2010a), a pesquisa acadêmica é de grande relevância para delinear parâmetros capazes de colaborar com a construção de um roteiro eficiente, sabendo que o texto pode não agradar a todos por ser um público alvo heterogêneo. Segundo a autora,

Apenas o embasamento propiciado pela pesquisa de recepção, com suas variáveis bem analisadas, pode fornecer subsídios concretos para que generalizações mais objetivas sejam feitas, as quais possam substanciar as normas que

---

<sup>16</sup> A abordagem aqui referida, *struggle for recognition in the public sphere*, explicitada por White, “seria admitir que as pessoas estão construindo ativamente significado em termos de suas próprias histórias de vida, mas argumenta que uma dimensão mais importante desta, especialmente no que diz respeito à massa ou meios de comunicação públicos, é a tentativa de audiências para definir e defender a sua identidade sociocultural, lutando para ganhar uma tolerância e reconhecimento dessa identidade subcultural dentro da, esfera pública cultural comum” (WHITE, 1993, p. 17) (Tradução nossa).

<sup>17</sup> “agrees that culture is a space for struggle from a base of social power, but sees this as the arena for the confrontation of many different ‘cultural fronts’, each trying to gain the consent to and recognition of its cultural identity by other cultural fonts”.

comporão um modelo de audiodescrição brasileiro. (FRANCO, op. cit., p. 12)

Refletindo acerca da normatização da audiodescrição brasileira, Franco deixa claro que a pesquisa de recepção é fundamental para que um roteiro seja bem elaborado, levando em conta informações providas de estudos qualitativos e quantitativos, pois dessa forma é viável traçar estratégias para a realização de uma audiodescrição de qualidade.

Para a concretização desta pesquisa de recepção, filmes audiodescritos foram apresentados para sujeitos deficientes intelectuais. Por se tratar de uma população de graus de deficiência distintos, desde o leve ao severo, a seleção dos sujeitos seguiu a orientação dos profissionais responsáveis pelas APAE das cidades de Salvador e de São Paulo. Muitos dos alunos que frequentam a APAE apresentam grande dificuldade na comunicação, o que seria problemático para a pesquisa no momento da transcrição das respostas desses alunos. A pesquisa requereu 12 alunos entre as idades de 20 a 40 anos. Metade dos participantes apresentaram Síndrome de Down e os outros participantes um transtorno cognitivo leve.

Uma vez escolhidos, os sujeitos da pesquisa, foram selecionados três curtametragens já audiodescritos para o público com DV. A escolha desses produtos se deu de acordo com a complexidade de sua narrativa, que exigirá do espectador um alto grau de concentração para identificar mensagens abstratas ou implícitas. O referencial teórico-metodológico adotado seguiu os critérios apresentados por Franco, Silveira, Carneiro e Urpia (2013).

A pesquisa aqui proposta tem um caráter inovador, uma vez que se trata do primeiro estudo sistemático sobre audiodescrição para as pessoas com deficiência intelectual, salvo o estudo piloto, mencionado no capítulo anterior, feito em 2011, que culminou nessa dissertação de mestrado.

Baseado na pesquisa realizada por Franco, Silveira, Carneiro e Urpia (2013) e considerando suas indicações<sup>18</sup>, esse trabalho também objetivou delinear parâmetros para a produção de um roteiro de audiodescrição (AD) específico para o público aqui tratado, pessoas com deficiência intelectual (DI).

---

<sup>18</sup> Tais indicações serão tratadas mais a frente.

A pesquisa se valeu de vários instrumentos para a coleta de dados como questionários, entrevistas estruturadas e gravações de vídeos durante a exibição dos curtas-metragens e observações dessas sessões.

Foram convidados 12 participantes, entre os sexos feminino e masculino, assistidos pelas APAE, das cidades de Salvador e São Paulo, entre a faixa etária de 20 a 40 anos. Além dos participantes, foram entrevistados os responsáveis pelos alunos nas instituições colaboradoras, sendo de vital importância para obter informações sobre o perfil de cada aluno e suas necessidades, entre elas a terapeuta ocupacional do SASE - Serviço de Apoio Socioeducativo da APAE de São Paulo<sup>19</sup> e a diretora desse mesmo setor da instituição, bem como a coordenadora pedagógica do CEFAP - Centro de Formação e Acompanhamento Profissional da APAE de Salvador e o coordenador do Centro de Artes da mesma instituição<sup>20</sup>.

As instituições participantes foram contatadas em 2014, quando foi iniciado o processo de aceitação da participação e troca de documentos exigidos para a execução dos trabalhos, sendo principal o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Concedido o TCLE, em 2014, pelo Comitê de Ética da Faculdade de Enfermagem da UFBA, a execução dos trabalhos na APAE de São Paulo se deu em setembro de 2014. Na APAE de Salvador, a pesquisa foi executada em outubro do mesmo ano. Todo o trabalho foi desenvolvido nas instalações das próprias instituições.

Como toda pesquisa que envolva seres humanos deve passar pela avaliação de um Comitê de Ética, a secretaria de saúde monitora e acompanha as pesquisas que devem ser submetidas ao CONEP - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - órgão dentro da secretaria da saúde que se encarrega de todos os trâmites relacionados com as submissões.

A Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP- é uma comissão do Conselho Nacional de Saúde - CNS, criada através da Resolução 196/96, com a função de implementar as normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, aprovadas pelo Conselho. Tem função consultiva, deliberativa, normativa e educativa, atuando conjuntamente com uma rede de Comitês de Ética em Pesquisa - CEP- organizados nas instituições onde as pesquisas se realizam (MINISTÉRIO DA SAÚDE, SISNEP).

---

<sup>19</sup> Agradecimento especial à Cynthia Helena Merlin, Aline Mucio, Milena Oshiro Yonamine.

<sup>20</sup> Agradecimento especial à Tânia Brandão, Antonio Marques e Gildália Maria Passos.

O projeto de pesquisa para a execução deste trabalho foi submetido ao Comitê de Ética da Faculdade de Enfermagem, da Universidade Federal da Bahia. Atualmente, as submissões são feitas, através do portal da Plataforma Brasil, no qual o pesquisador se inscreve com um e-mail e senha de acesso e preenche vários formulários com perguntas referentes ao projeto. Cabe salientar que todas as perguntas são direcionadas para a área de medicina, o que representou uma dificuldade no cumprimento desta etapa. Pesquisas no campo das Ciências Humanas têm sido prejudicadas diante das exigências feitas pelos CEPs, uma vez que o comitê foi criado para assegurar os direitos dos seres humanos que são pesquisados pela ótica da bioética, ou seja, trabalhos que levantem questões relacionadas aos avanços da medicina como aborto, células tronco, fertilização *in vitro*, clonagem, entre outros, nos quais não há consenso moral e é necessário um monitoramento. Ainda que as pesquisas em Ciências Humanas também estejam sujeitas às exigências dos CEPs, todas as etapas para a submissão pela Plataforma Brasil estão claramente direcionadas às pesquisas da área de medicina e afins, fazendo com que haja uma limitação no que concerne à apreciação dos projetos.

Deste modo, o trabalho em questão foi submetido ao CEP de Enfermagem da UFBA em novembro de 2013, apenas sendo concedida a autorização da pesquisa em agosto de 2014, pois a constante submissão, apreciação, negação e nova submissão foi um dos fatores pelo qual a pesquisa de campo tardou sua iniciação. Após intervenção telefônica para a Secretaria da Saúde, por parte da pesquisadora, é que os trâmites foram encaminhados. A falta de informação, as idas e voltas de documentos pedidos um a um a cada submissão e a demora como um todo fizeram com que este trabalho tivesse seu calendário afetado, retardando, assim, todo o processo final.

O contato com as instituições participantes foi empreendido antes da concessão do Comitê de Ética, uma vez que apenas o CEP disponibilizasse a aprovação, seria possível iniciar a pesquisa de recepção nas APAE selecionadas. A primeira APAE da qual tivemos resposta foi a de Salvador, em janeiro de 2014, por meio do site da instituição, uma mensagem foi enviada e prontamente respondida pelo Núcleo de Pesquisa Científica da instituição. A comunicação com a APAE de São Paulo também se deu em janeiro de 2014, quando a assessoria para pesquisas na instituição foi bastante receptiva e prontamente deu as devidas orientações. Apesar da antecedência com a qual se deram os contatos com as instituições participantes, nada pôde ser feito até o CEP deliberar o parecer favorável à pesquisa.

### 3.1 CENÁRIO E PARTICIPANTES DA PESQUISA

A APAE – Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais – é uma organização que promove assistência médica, educacional e profissionalizante as pessoas com deficiência coordenada pelas Fenapaes – Federação Nacional das Apaes – que objetiva a promoção e defesa dos direitos da pessoa com deficiência e sua inclusão.

A Apae - Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais nasceu em 1954, no Rio de Janeiro. Caracteriza-se por ser uma organização social, cujo objetivo principal é promover a atenção integral à pessoa com deficiência, prioritariamente aquela com deficiência intelectual e múltipla. A Rede Apae destaca-se por seu pioneirismo e capilaridade, estando presente, atualmente, em mais de 2 mil municípios em todo o território nacional<sup>21</sup>.

Esta pesquisa contou com o apoio das APAEs de Salvador e São Paulo para a realização da pesquisa de recepção. Seis alunos de cada instituição, entre 20 a 40 anos, foram selecionados, independentemente do gênero, sendo 3 com uma deficiência intelectual leve e 3 síndrome de Down.

A APAE de São Paulo foi fundada em 1961 e conta com uma estrutura física de grande porte e uma organização interna com ambulatório, apoio ao envelhecimento e terceira idade, apoio socioeducativo para jovens e adultos, capacitação e orientação para o trabalho para pessoas, a partir de 16 anos, cozinha especial para tratamento de doenças metabólicas, serviços educacionais para crianças de 7 a 15 anos, estimulação e habilitação para crianças de 0 a 7 anos, garantia e defesa de direitos, instituto APAE de São Paulo e Laboratório APAE de São Paulo<sup>22</sup>. A instituição é pioneira em introduzir o Tes-te do Pezinho no Brasil o qual diagnostica e previne doenças na fase infantil.

O contato com essa instituição se deu através de um dos pais<sup>23</sup> que são voluntários da APAE de São Paulo. Assim, a pesquisa foi dirigida à APAE do bairro de Vila Clementino, na zona sul de São Paulo. Como a pesquisa requereu alunos entre 20 a 40 anos, o projeto foi encaminhado ao SASE, onde a diretora e a terapeuta ocupacional da instituição orientaram na escolha dos participantes bem como deram total assistência durante o processo da pesquisa de recepção.

<sup>21</sup> Texto retirado do site da APAE Brasil, disponível em <<http://www.apaebrasil.org.br/artigo.phtml?a=2>>, acesso em 8 ago 2014.

<sup>22</sup> Informações retiradas do site da APAE de São Paulo, disponível em <<http://www.apaesp.org.br/Institucional/Paginas/Nossa-estrutura.aspx>>, Acesso em 15 de out 2014.

<sup>23</sup> A mãe da Professora Dra. Eliana Franco, a senhora Maria Margarida Paes Cardoso Franco, faz parte do quadro de voluntários da APAE de São Paulo.

A estrutura física da APAE ajudou bastante no momento das entrevistas, pois uma sala afastada das demais foi reservada, o que foi importante para o não comprometimento do áudio das gravações. Os oficinairos<sup>24</sup> da instituição também auxiliaram durante a pesquisa, conduzindo os alunos à sala e os liberando de suas atividades cotidianas para a realização da pesquisa. Não houve desistência por parte dos alunos e a pesquisa foi realizada sem qualquer problema.

A APAE Salvador foi fundada em 3 de outubro de 1968, a instituição possui sua estrutura física dividida em vários pontos da cidade, sendo as sedes mais importantes a da Avenida Jequitaia e a da Pituba. A sede do bairro da Pituba atende crianças de 2 a 16 anos, já a sede da Avenida Jequitaia aloca o CEFAP, onde pessoas de 16 até a terceira idade têm a oportunidade de qualificação profissional e inserção no mercado de trabalho. Sua estrutura física conta com o Centro de Formação e Acompanhamento Profissional (CEFAP), Centro Educacional Especializado (CEDUC), Núcleo de Pesquisa Científica (NUPEC) e o Centro de Estudos e Difusão de Tecnologia (CEDIT)<sup>25</sup>.

Assim como na APAE de São Paulo, o NUPEC encaminhou a pesquisa para o CEFAP, pois o perfil de alunos requeridos pela pesquisa se concentra nesse setor específico. As instalações do CEFAP são bastante limitadas, não havendo salas disponíveis para atividades extras, como no caso dessa pesquisa. A diretora do setor encaminhou o projeto ao Centro de Artes, sendo 94% dos participantes alunos das oficinas de dança e música. O processo da pesquisa de recepção foi bastante dificultoso, visto que as salas disponíveis não dispunham de mesa, iluminação favorável e nem isolamento acústico. Foi necessário utilizar a sala de som, quando esta não estava sendo utilizada, ou a sala dos professores, onde as janelas são de vidro, provocando a dispersão dos alunos. Uma das entrevistas foi realizada no escritório do Centro de Artes, a qual não possui paredes e havia, na ocasião, ensaio do grupo de dança na sala ao lado.

Devido à urgência da realização da pesquisa por motivos de datas limites para a entrega do trabalho final, o teste de recepção, ainda que em condições desfavoráveis, foi

---

<sup>24</sup> Oficinairos são pessoas que promovem oficinas onde os alunos aprendem um ofício. A pesquisadora, no intuito de conhecer melhor e se aproximar mais dos participantes, participou da oficina de confecção de colares e pulseiras. Essas oficinas são parte do programa de qualificação e inserção dessas pessoas no mercado de trabalho.

<sup>25</sup> Todas as informações sobre a estrutura física da APAE de Salvador foram retiradas do site da própria instituição. Disponível em <http://www.apaesalvador.org.br/area-de-atuacao/area-de-atuacao>, acesso em 17 nov 2014.

realizado e não houve desistência ou problemas maiores além dos descritos anteriormente.

Os participantes da pesquisa foram selecionados pela autora da pesquisa juntamente com os coordenadores do setor responsável do qual os alunos fazem parte. Doze estudantes, entre homens e mulheres, e ,entre as idades de 20 a 40 anos, fizeram parte da pesquisa. Dentre os alunos, seis tem deficiência intelectual leve e seis apresentam síndrome de Down. Todos divididos igualmente entre as duas instituições. A escolha por esse perfil se deu pelo fato de a pesquisa continuar o mesmo padrão, descrito abaixo, realizado pelo estudo piloto em 2011 (FRANCO *et al.*, 2013).

Seis alunos da APAE de São Paulo e seis alunos da APAE de Salvador seguiram os seguintes passos para a concretização da pesquisa de recepção:

1. Responderam o questionário de perfil antes de assistir ao primeiro filme;
2. Assistiram, ao primeiro dia, ao filme Vida Maria sem AD seguido da aplicação do questionário de compreensão, e, logo após, assistiram ao mesmo filme com AD voltada para DV e aplicação do questionário de compreensão, acrescidos de perguntas sobre a própria AD;
3. Assistiram, ao segundo dia, ao filme Reisado Miudim sem AD seguido da aplicação do questionário de compreensão, e, logo após, assistiram ao mesmo filme com AD voltada para DV e aplicação do questionário de compreensão, acrescidos de perguntas sobre a própria AD;
4. Assistiram, ao terceiro dia, ao filme Águas de Romanza sem AD seguido da aplicação do questionário de compreensão, e, logo após, assistiram ao mesmo filme com AD voltada para DV e aplicação do questionário de compreensão, acrescidos de perguntas sobre a própria AD.

Todas as etapas foram gravadas por duas câmeras, uma que captou o rosto dos alunos, para que suas expressões faciais pudessem ser analisadas, pois o estudo piloto mostrou que alguns participantes demonstraram maior compreensão através de suas reações quando assistiram ao filme com audiodescrição. A segunda câmera teve intuito de gravar as imagens que estavam passando no momento da exibição, e, assim, poderíamos saber em que parte do filme o aluno esboçou diferentes reações, se a audiodescrição causaria tais reações no momento de assistir ao filme.

Todos os participantes tiveram suas necessidades priorizadas, em conformidade com o TCLE, o qual prevê que a pesquisa poderia ser interrompida sob a alegação de

qualquer desconforto do participante. Em todas as etapas, foi questionado aos alunos se eles estavam bem, se gostariam de continuar ou se estavam cansados.

À exceção de uma participante<sup>26</sup>, todos os participantes permaneceram em todas as etapas dos três filmes e expressaram ter gostado muito de participar e de voltar a fazer parte da pesquisa caso fosse necessário. Tratando-se de um grupo novo, houve a necessidade de traçar um perfil desses participantes para que a análise dos dados pudesse ser feita levando em consideração também sua história de vida e qual a relação desses alunos com a TV, o cinema ou o teatro. Dessa forma, a tabela 1 traz informações importantes para que conheçamos os alunos que fizeram parte desse trabalho. Na sequência, foram abordados apenas os casos que demonstrem uma diferenciação no padrão das respostas, assim como adição de informações pertinentes que possibilitem a formação de um perfil e com isso entender melhor como cada um deles, a seu modo, reporta a compreensão dos filmes trabalhados na pesquisa.

Na tabela, as respostas dos alunos estão destacadas em **negrito**, minhas interações com os alunos encontram-se (*entre parêntese e itálico*) e observações importantes para além das respostas encontram-se [entre colchetes e letra normal]. Essa será a formatação para todas as tabelas de análise que seguirem, a partir de agora.

---

<sup>26</sup> Uma das participantes não quis continuar a assistir ao filme Vida Maria com AD. Alegou cansaço e no dia seguinte afirmou que o filme era muito triste.



Quadro 1 – Questionário de perfil dos participantes de São Paulo e Salvador.

	SP1	SP2	SP3	SP4	SP5	SP6	SSA1	SSA2	SSA3	SSA4	SSA5	SSA6
IDADE	20	28	24	38	33	24	27	18 [No vídeo a aluna alega ter 18, mas na verdade ela tem 29]	32	33	35	20
DIAGNÓSTICO	CID: F70 - Deficiência Intelectual leve	CID: Q90/F70 - Síndrome de Down/Deficiência Intelectual moderada	CID: Q90/F70 - Síndrome de Down/Deficiência Intelectual leve	CID: F70 - Deficiência Intelectual leve	CID: F70 - Deficiência Intelectual leve	CID: Q90/F70 - Síndrome de Down/Deficiência Intelectual leve	CID: F70 - Deficiência Intelectual leve	CID: Q90/F71 - Síndrome de Down/Deficiência Intelectual moderada	CID: F70 - Deficiência Intelectual leve	CID: Q90.1/F70 - Síndrome de Down/Mosaico/Deficiência Intelectual leve	CID: Q90/F70 - Síndrome de Down/Deficiência Intelectual moderada	CID: F71 - Deficiência Intelectual moderada
COM QUEM VOCÊ MORA?	Mora eu, meu pai, meu irmão, minha irmã é casada. Mora em casa, meu irmão, meu pai e eu.	Com a minha mãe e com meu irmão.	Tem eu, minha mãe e meu pai. (Você é filha única?) Sou	Mora eu e minha mãe. (Mas você tem irmãs?) Irmã, uma irmã só. Casada.	Com a minha avó e com a minha mãe.	Eu moro com a minha mãe e com meu pai.	Minha irmã, minha filha (3) e minha sobrinha.	Moro na Pituba. (Mas você mora com quem? Sua mãe, seu pai?) Minha irmã. Mas tem cachorro. (Então	Com a minha mãe	Eu, minha mãe e minha avó.	Meu pai e meus irmãos. Não tenho mãe, minha mãe é falecida. Mas minha irmã eu	Minha mãe, meu pai e meu irmão.

	SP1	SP2	SP3	SP4	SP5	SP6	SSA1	SSA2	SSA3	SSA4	SSA5	SSA6
								<i>you are with your mother, your sister? Do you also study?</i>			<b>chamo de mãe.</b>	
VOCE ESTUDA? ONDE? EM QUE ANO/SERIE E ESTA?	<b>Estudo. Lá no CIEJA Campo Limpo. Eu to na 1ª</b>	<b>Na APAE sim. Escolla fora não.</b>	<b>Sim, lá no CIEJA Campo Limpo. 8ª série.</b>	<b>Não. Eu estudava lá na outra APAE e eu vim pra cá. (Mas estudar em escola, você nunca estudou?) Só num colégio só, mas não consegui. (Estudou até que série lá?) 1º ano.</b>	<b>Só estou na companhia artística aqui da APAE, eu canto e toco o tempo todo, e to na UNESP fazendo arte terapia. (Mas em escola você não estuda mais?) Não porque eu não consegui acompanhar</b>	<b>Eu estudo aqui, além da APAE eu faço Ana Rosa. É uma escola. (Você está em que série, Tamy?) Eu sou muito de grupo. (Então vocês não tem séries, são grupos?) Isso. (Mas você estuda o que lá?) Lá na Ana Rosa eu faço capoeira</b>	<b>Não. (Já estudou?) Já. Fiz até a 5ª série. (E você sabe ler?) Sei</b>	<b>Sim. (Você estuda em que escola?) A da dança. (Você sabe ler?) Eu sei ler.</b>	<b>Aqui [Na própria APAE] (Você já estudou em outro colégio?) Já. (Qual?) Na escola Parque. (Você fez até que série lá?) Até a 3ª. (Você sabe ler?) Leio um pouquinho só.</b>	<b>Estudo à tarde, na Ribeira, no Vitor Soares. (Que série você está?) 4ª (Você sabe ler?) Mais ou menos.</b>	<b>Não. (Já estudou?) Já, fui até a 4ª série. (Você sabe ler?) Sei.</b>	<b>Não. (Já estudou?) Já. (Estudou até que série?) Até a 2ª série. (Você sabe ler?) Um pouquinho.</b>

	SP1	SP2	SP3	SP4	SP5	SP6	SSA1	SSA2	SSA3	SSA4	SSA5	SSA6
					<p>nhar. Eu estudei até a 6<sup>a</sup>, eu estudei aulas de inglês, ciências, português. Mas eu tive muitas dificuldades.</p>	<p>eira, dança e aula de informática. (Como aqui na APAE, não é?) É. (Mas então nunca foi na escola, pra aprender português, matemática...?) Não. (Mas você sabe ler?) Sei. Eu aprendi a ler no Kumon, que é perto da minha casa. É, o Kumon é um método japonês.</p>						
<p>VOCÊ TRABA</p>	Não.	Não, eu não gosta	Eu trabalho aqui no	Não, só ajudo	Não tenho condições	Não.	Não.	Trabalha. Participa	Não.	Tava trabalhando	Meu trabalho	Não.

	SP1	SP2	SP3	SP4	SP5	SP6	SSA1	SSA2	SSA3	SSA4	SSA5	SSA6	
LHA? ONDE? O QUE VO- CÊ FAZ LÁ?		ria não.	<b>SQIP</b> [Serviço de Qualificação e Inclusão Profissional]. <b>É que eu acho que desligaram eu lá do SQIP. Eu quero voltar pra trabalhar.</b> <i>(Mas então você não tá trabalhando agora?)</i> <b>Não.</b> <i>(Mas você fazia o que lá no SQIP?)</i> <b>Tem as peças de motocicleta.</b> <i>(Ah, mecânica?)</i> <b>É.</b> <i>(Você monta bicicleta?)</i> <b>Não, não é</b>	<b>minha mãe em casa. Assim, eu lavo louça, lavo roupa. Ajudo na minha casa.</b>	<b>de trabalhar ainda. Sou muito ansiosa, tenho depressão também e sou deficiente intelectual. Eu falei ontem pra Mirela que pra trabalhar não pode ser ansiosa, não pode ser depressiva e também eu não tenho condições de trabalhar nu-</b>			<b>de Opaxorô. Eu toco aqui, toco pandeiro.</b>			<b>lá no Imbuí, na Rede Mix, mas tive problema de circulação no pé, aí tive que sair.</b> <i>(Então você não tá mais trabalhando?)</i> <b>Não, só na dança aí.</b>	<b>é dança. Dança e teatro.</b> <i>(Você recebe dinheiro pra dançar?)</i> <b>Recebo cachê.</b>	

	SP1	SP2	SP3	SP4	SP5	SP6	SSA1	SSA2	SSA3	SSA4	SSA5	SSA6
			<p>isso, é que precisa por as peças dentro da... na sacolinha.</p>		<p>ma firma nem numa empresa. Não tenho. <i>(Mas você não tem vontade de fazer nada?)</i> Aqui na APAE eu tenho. A oficina acabou, agora é só lavanderia e cozinha. Eu tenho, mas como eu tenho muitas angustias ainda, e eu não vou sair da companhia e eu to feliz, então... Nesse</p>							

	SP1	SP2	SP3	SP4	SP5	SP6	SSA1	SSA2	SSA3	SSA4	SSA5	SSA6
					momento não.							
O QUE VOCÊ GOSTA DE FAZER NAS HORAS LIVRES / PRA SE DIVERTIR?	Eu gosto brincar videogame	Eu posso dançar, posso assistir um filme de vez em quando.	Assistir TV.	As vezes quando quero tem se lá perto de onde eu moro eu saio com minhas amigas, vou na quermesse perto da minha casa. As vezes fico em casa com minha mãe assistindo televisão, novela.	Eu bordo, eu desentho e estudo caminho suave. ( <i>O que é isso, caminho suave?</i> ) É o livro de Português. E to ensaiando as músicas que o João... [João é o professor de música da APAE] Tem umas músicas que... Tem Marisa Monte, Jongo, Martinho da Vila,	Ah, eu gosto de tudo. Gosto de sair, de cinema, teatro, passeios, museus, eu gosto. ( <i>Você sai sozinha?</i> ) Não, eu saio com a minha mãe.	Gosto de passear com minha filha e gosto de fazer as coisas dentro de casa.	Eu venho, na dança. Eu e minha mãe, ficar em casa descansar. ( <i>Mas quando você está em casa gosta de sair? Ir pra praia, pra o cinema?</i> ) Ah gosto, gosto muito. ( <i>Mas você vai muito?</i> ) [Balança a cabeça positivamente.]	Gosto de conser-tar som de carro.	Eu gosto de passear. ( <i>Gosta de ir pra onde?</i> ) Shopping, Dique, no zoológico.	Assistir televisão e ouvir som.	Ir pra ilha.

	SP1	SP2	SP3	SP4	SP5	SP6	SSA1	SSA2	SSA3	SSA4	SSA5	SSA6
					<p>que eu já canto sem a letra, mas o [?] eu tenho que escutar no <i>pen drive</i>. Tem algumas músicas que eu falei pra o João ontem, porque Deus me deu o dom de cantar, mas tem as músicas que são mais difíceis, eu até preciso ter um curso de canto pra mim, é, pra eu poder,</p>							

	SP1	SP2	SP3	SP4	SP5	SP6	SSA1	SSA2	SSA3	SSA4	SSA5	SSA6
					<p>é..., melhorar né? É, eu não sei interpretar ainda. Eu não tenho essa... (Então quando você não tá aqui na APAE, não tá fazendo nada..). É eu bordo, desenho e estudo. E tem um computadorzinho que é só de jogos.</p>							
VOCÊ GOSTA DE ASSISTIR TELEVISÃO?	Gosto	Gosto	Sim.	[Balança a cabeça positivamente.]	Só desenho. A única novela é a da 6 e a da 7. A	Gosto.	Sim, gosto de assistir um bocado de filme de terror, filme	Gosto.	Assisto, assisto televisão.	Gosto.	Eu gosto mais de ouvir som.	Gosto.



	SP1	SP2	SP3	SP4	SP5	SP6	SSA1	SSA2	SSA3	SSA4	SSA5	SSA6
					novela das 9 minha mãe não deixa. (E você gosta de assistir muito?) <b>Desenho.</b>		de suspense, romance, comédia. E música também.					
QUAL SEU PROGRAMA FAVORITO?	<b>O João Kleber</b>	<b>Faustão, Xuxa não, mas Faustão sim. Serginho Grossman.</b>	<b>Quintal da cultura e castelo Rá-tim-bum.</b>	<b>Eu gosto de O Chaves.</b>	<b>A peppa e o [?]</b>	<b>Malhação.</b>	[A aluna respondeu suas preferências na questão anterior]	<b>Das feras, ou times. Futebol.</b>	<b>Filme.</b>	<b>Minha novela é Chiquititas, e gosto de assistir desenhos, Bob esponja, Chaves e alguns filmes que mainha bota pra mim lá na claro.</b>	<b>Eliana</b>	<b>Record, Band.</b> (Gosta mais de assistir o que) <b>Reportagem</b>
E FILMES, VOCÊ GOSTA DE	<b>Gosto.</b> (Qual o seu filme preferido?) <b>O Tarzan,</b>	<b>É só perceber o que ele fala. Se for da</b>	<b>Sim. (Qual é o seu filme preferido?) Romântico.</b> (Você gosta	<b>Eu gosto do Piratas do Caribe. Eu tenho</b>	<b>Não. Depende do filme.</b> (Filme de comédia?)	<b>Sim. Filme eu gosto de comédia, filme de</b>	[A aluna respondeu suas preferências na questão	<b>Gosto, gosto de tudo. (Você gosta de filme de</b>	<b>De terror.</b> (E de romance?) <b>Gosto.</b>	<b>Gosto.</b> (Qual tipo de filme você gosta de assistir	<b>Gosto. Gosto do Gato de botas. Eu gosto</b>	<b>Gosto.</b> (Que tipo de filme você

	SP1	SP2	SP3	SP4	SP5	SP6	SSA1	SSA2	SSA3	SSA4	SSA5	SSA6
ASSISTIR ?	e o Herules.	<b>violência eu to fora.</b> (Mas e comédia?) <b>Aí sim.</b> (Gosta de dar risada?) <b>Só da vídeo casetada.</b> <b>Mas o filme é só prestar atenção.</b> (E você gosta de filme de romance?) <b>Ai eu adoro.</b> (E de terror?) <b>Sai.</b> (E de ação?) <b>Gosto também.</b>	<i>de filme de comédia?</i> <b>Sim.</b> (De terror?) <b>Não.</b> (E de aventura?) <b>Sim.</b>	<b>o DVD dele ai. Piratas do Caribe, As branque-las.</b> (Você gosta então de filme de aventura e de comédia. <i>Tem outro tipo de filme que você gosta?</i> <i>Romântico?</i> ) <b>Não.</b> (De terror?) <b>Também não.</b> (Drama?) <b>Também não.</b>	<b>Gosto.</b> (Romântico?) <b>Gosto.</b> (De terror?) <b>Não, tenho medo.</b> (E filme de ação?) <b>Não gosto.</b> (Drama?) <b>Não, nem pensar.</b>	<b>amor. Terror não. Eu gosto filme vampiro.</b>	anterior]	<i>amor?)</i> <b>Ah sim, amor, na boca.</b> (Gosta de filme de dar risada?) <b>Ah, gosto gosto.</b> (E filme de terror?) <b>Ah, tenho medo.</b> (Não assiste não?) <b>Assisto também.</b>	(E de comédia?) <b>Não.</b>	<i>tir?)</i> <b>Terror.</b>	<b>mais de comédia.</b>	<i>gosta de assistir?)</i> <b>Comédia, ação, romance, terror</b>
VOÇÊ VAI AO CINEMA, TEATRO	<b>Vou no cinema. Pouco. No teatro</b>	<b>Eu gostaria de ir pra o teatro.</b> (Nun-	<b>Eu vou com a minha mãe. Um pouquinho,</b>	<b>Minha mãe não deixa eu sair sozi-</b>	<b>Essas coisas... Não, fui uma vez</b>	<b>Eu vou muitos. Eu vou as vezes pra</b>	<b>Não.</b> (E no teatro?) <b>Já fui várias vezes com</b>	<b>Gosto.</b> (Você vai muito no cinema?)	<b>Não, só vou quando é daqui,</b>	<b>Nunca fui não.</b> (E no teatro?) <b>Já, teatro</b>	<b>Só vou com minha irmã.</b> (Vo-	<i>(Já foi no cinema?)</i> <b>Já.</b> (E

	SP1	SP2	SP3	SP4	SP5	SP6	SSA1	SSA2	SSA3	SSA4	SSA5	SSA6
COM QUE FREQUÊNCIA?	nunca fui.	<i>ca foi no teatro não?) Não.</i> (E pra o cinema?) Não.	as vezes.	nha. (E nem com sua mãe você vai ao cinema ou teatro?) Ela não saiu por causa do joelho dela. Ela tem problema no joelho.	com a APAE, mas assim, nesse momento minha mãe tá desempregada, então ela começou a procurar trabalho. Então as coisas tá meio difíceis né?! Eu assisto só em casa mesmo. (Mas antes, quando ela estava trabalhando, você ia no cinema ou ao teatro?) Não,	o cinema. No dia dos namorados eu fui pra o cinema. O cinema é muito legal. (E teatro, vai muito ao teatro?) Eu gosto ver teatro, o texto fica legal, as falas. É bom.	o grupo de dança.	[Balança a cabeça positivamente.] (E teatro?) Ah, já fiz. (Já foi?) Já. (Mas você vai muito no teatro?) Fui.	que leva a gente.	já. Eu faço dança e a gente dança direto no teatro.	<i>cê vai muito no cinema?) Eu já, com minha irmã e meu sobrinho. (E teatro?) Mais ou menos.</i> (Você já foi assistir alguma peça de teatro?) Já.	<i>teatro?) Já. (Você vai muito ou pouco no cinema?) Antes eu ia mais, mas agora não.</i>

	SP1	SP2	SP3	SP4	SP5	SP6	SSA1	SSA2	SSA3	SSA4	SSA5	SSA6
					não, não. A gente tem umas (?) meio... Porque eu tomo muito remédio, os medicamentos são complicados.							
VOCÊ JÁ VIU UM FILME COM AUDIO-DESCRIÇÃO?	<b>Não, nunca assisti.</b>	<b>Não.</b>	<b>Não.</b>	<b>Não. Primeira vez eu vou ver agora.</b>	<b>Não.</b>	<b>Não.</b>	<b>Não.</b>	<b>Aqui, lá. (Você já assistiu algum filme que tinha alguém narrando o filme?) Já assisti todos.</b>	<b>Não.</b>	<b>Não.</b>	<b>Não.</b>	<b>Acho que não</b>

Fonte: o próprio autor

A medicina tende a generalizar seus pacientes alcunhando códigos para as doenças, apesar dessa discussão já ter sido iniciada na área em questão. Os Códigos Internacionais de Doenças – CID – ajudam na identificação superficial da doença, mas não como essas doenças são diferenciadas, a partir das pessoas que as possuem. Para entender melhor a nova classificação da OMS, abaixo segue quadro com uma noção da idade mental das pessoas com deficiência intelectual.

Tabela 1 – Classificação da OMS (Organização Mundial da Saúde)

QI	DENOMINAÇÃO	NÍVEL COG. (PIAGET)	IDADE MENTAL
Menor de 20	Profundo	Sensório-Motriz	0-2 anos
Entre 20-35	Agudo grave	Sensório-Motriz	0-2 anos
Entre 36-51	Moderado	Pré-Operativo	2-7 anos
Entre 52-67	Leve	Operações concretas	7-12 anos

Fonte: Ballone (2007), disponível em <<http://www.psiqweb.med.br/site/?area=NO/LerNoticia&idNoticia=29>>.

Os prejuízos no que se refere ao funcionamento adaptativo são levados em conta muito mais do que a generalização quantitativa que a OMS ainda faz do retardo mental. Segundo Ballone (2007), há três classificações que são interessantes para a Deficiência Mental, que teria a definição de pessoas ‘dependentes’, as quais necessitam de um acompanhamento especializado, em instituições direcionadas a esse público; as pessoas ‘treináveis’, seriam aquelas que se colocadas em classes especiais aprenderiam várias funções como disciplina ou hábitos higiênicos; e aquelas ‘educáveis’, as quais podem frequentar classes comuns, pois apresentam nível de inteligência limítrofe ou lenta, entretanto, todos necessitam de acompanhamento psicopedagógico especial.

Para a OMS, a gravidade de cada deficiência se daria pelos seguintes critérios:

**Profundo:** São pessoas com uma incapacidade total de autonomia. Os que têm um coeficiente intelectual inferior a 10, inclusive aquelas que vivem num nível vegetativo.

**Agudo Grave:** Fundamentalmente necessitam que se trabalhe para instaurar alguns hábitos de autonomia, já que há probabilidade de adquiri-los. Sua capacidade de comunicação é muito primária. Podem aprender de uma forma linear, são crianças que necessitam revisões constantes.

**Moderado:** O máximo que podem alcançar é o ponto de assumir um nível pré-operativo. São pessoas que podem ser capazes de adquirir hábitos de autonomia e, inclusive, podem realizar certas atitudes bem elaboradas. Quando adultos podem frequentar lugares ocupacionais, mesmo que sempre estejam necessitando de supervisão.

**Leve:** São casos perfeitamente educáveis. Podem chegar a realizar tarefas

mais complexas com supervisão. São os casos mais favoráveis. (BALLONE, 2007).

Os participantes da pesquisa são bastante heterogêneos, apesar de apresentarem os mesmos CIDs. Todos apresentam uma deficiência intelectual leve ou moderada e, no caso de seis deles, síndrome de Down. O questionário foi feito individualmente, pois assim pudemos evitar que os alunos influenciassem as respostas dos outros.

A **primeira** questão se refere à idade dos participantes. A participante SSA2 apresenta bastante dificuldade em responder as perguntas devido a sua deficiência atrelada a seu entorno e vida pessoal. Como assentido no capítulo 2, a deficiência pode ser um estado, mas as limitações na vida cotidiana de cada pessoa são impostas pelo ambiente no qual ela está inserida. SSA2 alega ter 18 anos, o que na verdade não procede, uma vez que a aluna tem 29 anos. Essa aluna em particular está inserida em um contexto cuja relação familiar é tensa, apresentando dificuldades não apenas nas suas habilidades diárias de sobrevivência, mas também na sua vida social.

A **segunda** questão se refere à convivência em família, com quem os alunos moram. O participante SP1 se referiu apenas ao pai e aos irmãos, repetiu a resposta e mais uma vez não mencionou a presença da mãe, que também mora com ele. Segundo as informações do perfil de seus genitores pela APAE, são incentivadores e amorosos. Durante a pesquisa o pai do aluno participou de uma das etapas, pois havia ido acompanhar o filho à APAE e aceitou acompanhá-lo na exibição do filme. Há ainda a participante SP4 que mantém uma relação tensa com a irmã, sendo esta sua tutora legal, uma vez que a mãe deixou a participante por muitos anos aos cuidados da irmã. Segundo seu perfil avaliado pela instituição, SP4 costumava apresentar agressividade e brigava não apenas com a irmã, mas com a mãe. A irmã não mora com a participante e por isso esta não a cita no questionário, apenas com a intervenção da pesquisadora, propositalmente feita para especular um pouco mais da relação familiar desta participante. SSA2, pelas razões supracitadas, apresenta respostas vagas, alega morar apenas com a irmã e os cachorros, mas também mora com os pais. De acordo com o diagnóstico fornecido pela APAE, a aluna tem apresentado regresso no que refere à convivência social, tem uma comunicação defasada devido à doença, mas também pelo ambiente familiar que a tem retraído.

A **terceira** questão está direcionada à educação básica desses alunos. Em um universo de 12 alunos, apenas quatro frequentam escolar regular, pois todos os outros já

tiveram contato com a sala de aula, mas não continuaram os estudos. Vale destacar que muitos deles mencionam o fato de não terem “conseguido” acompanhar as aulas, o que pode levar a outra discussão quanto à inserção desses alunos nas escolas regulares e a remodelação das mesmas para atenderem de forma justa todas as pessoas que tem o direito à educação. SP1 e SP3 mencionam a escola CIEJA Campo Limpo, uma escola municipal que atende alunos com ou sem deficiência. A participante SSA1 é diagnosticada com déficit de aprendizagem, apesar de saber ler, a APAE a avaliou com dificuldades para a aprendizagem de leitura e escrita. Em Salvador, um dos participantes, SSA4, também menciona o Colégio Estadual Vitor Soares que apresenta na sua proposta de trabalho “o desenvolvimento cognitivo e laboral dos educandos com necessidades educacionais especiais”<sup>27</sup>. Ambas as escolas são geridas por órgãos públicos o que nos leva a crer que não seria impossível tornar todas as escolas públicas um espaço dedicado a ensinar a todos, com ou sem qualquer tipo de deficiência.

A **quarta** questão diz respeito à vida profissional dos alunos. Nenhum dos participantes trabalhava no momento em que a pesquisa foi feita, com exceção de SSA4, que já havia trabalhado em uma empresa, todos os outros alegaram nunca ter trabalhado. A participante SSA2 informa trabalhar na companhia *Opaxorô*, bem como a participante SSA5. Esse grupo artístico permite que os alunos desenvolvam atividades de dança e música, exceto SSA3, todos os outros participantes de Salvador fazem uma atividade de dança ou música, podendo receber ou não cachê em apresentações ao público. A participante SSA5 está a mais tempo na companhia e já viajou para o exterior em apresentações com o grupo. Todos os participantes da pesquisa participam ou já participaram de oficinas oferecidas pela APAE com o intuito de treinar e capacitar os alunos para o mercado de trabalho. Contudo, apesar de haver esse incentivo, por parte da instituição, muitos alunos não ingressam no mercado por impedimento dos pais. Os genitores alegam que seus filhos não têm condições de trabalhar em uma empresa ou em qualquer área, muitas vezes por não entenderem que a deficiência não os limita de fazer qualquer tipo de atividade se houver assistência e incentivo por parte de todos aqueles que convivem com eles. Há ainda pais que recebem auxílio do governo, o benefício da prestação

---

<sup>27</sup> Informação retirada do blog do Colégio Estadual Vitor Soares, disponível em <<http://cvitorsoaresgestao.blogspot.com.br/p/caracterizacao-da-escola-e-do-seu.html>>.

continuada<sup>28</sup>, e, por esse motivo, não permitem que seus filhos ingressem no mercado de trabalho, visto que deixariam de receber o benefício. É interessante pontuar a postura de SP5, com relação à sua “impossibilidade” de trabalhar, pois a aluna descreve seu estado muito conscientemente, o que não ocorre com nenhum dos outros alunos. Segundo diagnóstico da APAE, a aluna é de personalidade difícil e sente necessidade de atenção, apesar de sua mãe acompanhá-la e oferecer toda assistência possível, não deixando margem para uma possível carência de atenção ou afeto. É possível que essa aluna entenda sua deficiência dessa forma por superproteção da família, que pode comentar constantemente em casa sua condição especial. Entretanto, essa é apenas uma hipótese, a aluna está sob a supervisão de uma psicóloga.

O objetivo da **quinta** pergunta foi especular quais as atividades de lazer que os alunos gostam de fazer e descobrir se o hábito de assistir a produtos audiovisuais estaria em uma das suas preferências. Três dos participantes mencionaram assistir TV ou ir ao cinema como forma de lazer. Para reforçar a pergunta anterior, as questões **seis**, **sete** e **oito** tratam especificamente da prática de assistir televisão, assim como programas favoritos e tipos de filmes prediletos. Todos afirmaram gostar de assistir a televisão. SP1 e SSA6 excetam dos demais participantes no que se refere a tipos de programa que gostam de assistir, os dois tem a mesma idade e preferem assistir a programas adultos, enquanto os demais alunos preferem programas infantis ou infanto-juvenis. No que se refere ao gênero fílmico, a maioria prefere filmes românticos, de aventura, comédia ou infantil/infanto-juvenil, apenas SSA1 e SSA4 informaram que gostam de assistir filme de terror.

A pergunta **nove** se refere à prática de ir a espaços culturais como cinema ou teatro. Muitos dos participantes já foram ao cinema e poucos ao teatro. A frequência com que vão é pouca, pois isso depende não apenas da vontade dos alunos, mas das condições financeiras de seus pais, como é o caso de SP5. As pessoas que estão envolvidas com alguma atividade artística como dança ou música relacionam essas práticas ao teatro, pois é nesse espaço que as apresentações acontecem, como no caso de SSA1 e

---

<sup>28</sup> “O BPC é um benefício da Política de Assistência Social, **individual, não vitalício e intransferível**, que garante a transferência mensal de 1 (um) salário mínimo ao idoso, com 65 (sessenta e cinco) anos ou mais, e à pessoa com deficiência, de qualquer idade, com impedimentos de longo prazo, de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, que comprovem não possuir meios para prover a própria manutenção nem de tê-la provida por sua família.” (BRASIL, Ministério do desenvolvimento social e combate à fome, s/d, p.1)



SSA4. SP5 tem uma vida cultural desenvolvida, pois seus genitores a incentivam e promovem sua ida a esses espaços culturais, mas os demais só têm a oportunidade de frequentar cinema ou teatro, quando há promoção de passeios a esses ambientes pelas APAEs.

A **última** pergunta se baseia na experiência dos participantes com a audiodescrição. Todos afirmaram que nunca haviam assistido a filmes com audiodescrição, embora a APAE de São Paulo já tenha promovido um passeio a um cinema no qual houve a exibição de filme com esse recurso. Creio que os participantes dessa pesquisa ou não lembravam ou não participaram do evento, considerando a resposta negativa. A participante SSA2 respondeu com bastante dificuldade, não informando de fato sua experiência com a AD.

#### 4 ANÁLISE DOS DADOS

Foram selecionados três curtas-metragens para serem exibidos aos participantes desta pesquisa. Todos os filmes já havia sido audiodescritos, com o roteiro voltado para as pessoas com deficiência visual, e fazem parte do acervo do grupo de pesquisa TRAMAD.

Os curtas apresentam em suas narrativas elementos chave que, se não compreendidos pelo público, não seria possível entender o desfecho da obra, assim como há elementos que podem ou não prejudicar o entendimento desse novo público. A seguir, uma descrição dos filmes e quais elementos foram percebidos como importantes para a narrativa e cujo público com deficiência intelectual pudesse ter mais dificuldade em assimilar.

A análise dos dados está dividida por filmes, na sequência em que se deu o teste de recepção. Os quadros seguem com a formatação adotada na seção anterior e apresentam as transcrições das entrevistas com cada participante das duas APAEs. A análise do questionário de compreensão da narrativa fílmica está baseada em quatro critérios de investigação que podem ou não ter influenciado as respostas dos participantes: *história de vida dos alunos, interferência regional, complexidade da narrativa dos filmes e influência do diagnóstico dos alunos*.

O **primeiro** critério permitirá perceber se a história de vida dos alunos afeta suas respostas, se faz inferência ou conexões com momentos ou pessoas que convivem com eles. O **segundo** parâmetro permitirá estabelecer padrões, caso possua, entre os alunos conforme sua regionalidade, se o fato de morarem em estados e regiões geográficas diferentes, nordeste e sudeste, interfere em suas percepções. O **terceiro** critério abordará a complexidade da narrativa dos filmes, se os alunos, de modo geral, entenderam mais um filme ou outro pela simplicidade do enredo da história. Por fim, o **último** parâmetro identificará se as respostas dos alunos foram influenciadas por sua deficiência, a patologia pode sim ter uma influência no momento da construção de ideias e sentidos das pessoas com deficiência intelectual, mas seu entorno, como foi visto no capítulo anterior, pode limitar ainda mais a percepção desses indivíduos.

As perguntas dos questionários exploram dos participantes sua capacidade de memorização, associação entre personagens, cenas e temas durante a narrativa, atenção e o efeito de algumas palavras selecionadas no roteiro de AD para DV. Desse modo,

todas as questões aqui apresentadas serão analisadas com base nesses critérios para identificar quais elementos devem estar contidos no roteiro de AD para DI, levando em conta os quatro parâmetros de análise das respostas.

Primeiramente, os quadros serão apresentados logo após cada tabela seu comentário. Qualquer menção às audiodescrições trabalhadas nessa pesquisa poderá ser acessada nos anexos deste trabalho bem como os quadros de expressões faciais e reações dos alunos durante a exibição dos filmes.

#### 4.1 VIDA MARIA

O curta é uma animação dirigida por Márcio Ramos, produzida no ano de 2006. Conta a história de Maria José, uma menina de cinco anos de idade que vive no sertão do Ceará, nordeste do Brasil, e é levada a abandonar os estudos para trabalhar. Enquanto trabalha, ela cresce, casa, tem filhos, envelhece<sup>29</sup>.

No início do filme, a menina Maria surge apoiando seus joelhos numa banquetela, à medida que se debruça na janela sobre um caderno no qual escreve seu nome. Sua mãe, uma senhora com o rosto bastante sofrido, a chama para deixar de “desenhar nome” e ir fazer os trabalhos domésticos. A pequena se vê obrigada a deixar de estudar, para cuidar da casa e ajudar sua mãe. À proporção que o tempo passa, Maria se torna uma mocinha, que carrega baldes na cabeça, amassa o milho no pilão e lava roupa. Sem muitas opções casa-se com Antônio e tem vários filhos. Maria, com o passar dos anos e a vida sofrida do sertão, vai se tornando a cada dia mais amargurada e envelhecida, repetindo o ciclo com sua filhinha Maria de Lurdes, que se encontra no mesmo lugar em que ela aparece no início do filme. Maria José esquece completamente que um dia esteve ali desenhando seu nome como sua filha e novamente retira dos braços desta a oportunidade de estudar e mudar o ciclo. Ao final do filme, Maria José volta-se para o corpo de sua mãe que está sendo velado na sala de sua casa, com todos os seus filhos, esposo e pai ao redor. O caderninho, que ficou na janela sozinho, repassa suas folhas com o vento e é possível perceber várias gerações de Marias, que apenas cravaram seus nomes e jamais voltaram a pegar no lápis novamente.

---

<sup>29</sup> Texto disponível em <[http://portacurtas.org.br/filme/?name=vida\\_maria](http://portacurtas.org.br/filme/?name=vida_maria)>

O filme não apresenta muitos diálogos, as cenas estão sempre acompanhadas de uma música fúnebre ao fundo, dialogando com o clima árido e a vida dura retratada no trabalho. Durante o crescimento da personagem, é possível identificar suas mudanças com as vestimentas. Sempre que Maria modifica seu vestido ela aparece ou mais velha ou grávida, sendo um dos elementos abordados no questionário de compreensão desse filme. O filme é do gênero animação, como mencionado acima, e foi produzido em computação gráfica 3D. As cores e a textura capturadas são bastante vivas sendo de fácil percepção as expressões e mudanças de tempo que a narrativa traz.

Os nomes das personagens também são explorados nos questionários, pois as personagens, participantes da trama, têm o mesmo aspecto físico, tanto a mãe de Maria José e ela, quando adultas, assim como Maria José e sua filha, Maria de Lurdes, quando crianças. Também há presença do mesmo cenário, representando o ciclo que se repete com o passar das gerações. Ao final do filme, a protagonista veste preto, devido a morte de sua mãe, nada disso é dito, apenas mostrado nas cenas, sendo também um elemento focado na pesquisa de recepção, como também a ideia de que todas as Marias que surgem no caderno são gerações passadas daquela mesma família.

O roteiro de AD foi produzido pelo Grupo Beco das Garrafas Studio, por Leticia Schwartz e Cesar Diniz e narrado por Leticia Schwartz. Após a aplicação do questionário de compreensão, o filme Vida Maria foi exibido para os alunos, como pontuado na seção anterior, inicialmente, sem o recurso da AD, e, posteriormente, foi realizada a aplicação do questionário de perfil.

O curta foi novamente exibido, mas, desta vez, contava com o auxílio da audiodescrição, e, como na primeira etapa, foi aplicado o questionário de compreensão. Todos os questionários possuem uma pergunta sobre a relação do aluno com a audiodescrição. Depois deste primeiro contato com a AD, um questionário sobre a audiodescrição foi aplicado, sendo discriminado das questões 18 a 21.

A participante SP5 pediu para interromper a exibição do filme na segunda etapa, com AD, pois alegou cansaço e também não quis responder as perguntas. Por esta razão, todas as perguntas com AD dessa participante, em particular, estão em branco. Cabe salientar que, no dia seguinte, a aluna confessou que achou o filme muito triste assistindo-o pela segunda vez e já que sofre de depressão, não quis continuar. Como é possível perceber no quadro de reações e expressões (anexo), a aluna assiste até o minuto 3 do filme, momento em que Maria soca o milho e seu marido coloca água para os ani-

mais. A aluna ainda informa que sua mãe pediu para que não passasse mais filmes que a fizesse triste, pois SP5 havia ficado na cama todo aquele dia, em função de depressão. É possível que a aluna tenha percebido a tensão do filme por estar assistindo pela segunda vez, e, conseqüentemente, assimilado melhor a narrativa filmica, bem como, a adição do recurso da AD que pode ter direcionado sua atenção para mais detalhes do filme.

Assim, a amostra para a porcentagem de respostas será de 11 alunos para a segunda etapa, uma vez que a aluna SP5 não respondeu ao questionário de compreensão com audiodescrição.

Quadro 2 – Pergunta 1 do questionário de compreensão do filme Vida Maria.

<b>PERGUNTA 1</b>		
<b>PARTICIPANTES</b>	<i>COMO É O NOME DA PRIMEIRA MENINHA?</i>	
	SEM AD	COM AD
SP1	<b>Lurdes</b>	<b>Maria de Lurdes. Não, Maria José, quer dizer.</b>
SP2	<b>Maria José</b>	<b>Maria de Lurdes. (Aí é a segunda. E a primeira?) Maria José.</b>
SP3	<b>Maria José?</b>	<b>Acho que é a Maria José.</b>
SP4	<b>Acho que é Ana.</b>	<b>Maria José.</b>
SP5	<b>Maria. (Só Maria?) Maria José.</b>	
SP6	<b>Maria José.</b>	<b>Maria José.</b>
SSA1	<b>Esqueci</b>	<b>Maria de... Hum, Maria de... É Maria João, neh? (Maria José.) É, Maria José.</b>
SSA2	<b>A mãe. (Como é o nome da menina que tá escrevendo?) A filha, é a Maria.</b>	<b>Maria José.</b>
SSA3	<b>Maria. (Maria de que?) Só falou Maria.</b>	<b>Lurdes. (Essa é a segunda. E o nome da primeira?) Maria. (Maria de que?) Maria de Lurdes. Ah, Maria. Vida Maria.</b>
SSA4	<b>Maria José</b>	<b>Maria José.</b>
SSA5	<b>Maria José.</b>	<b>Maria de Lurdes. (Maria de Lurdes é a primeira ou a</b>

		<i>segunda?) A segunda. (E a primeira, quem é?) Maria José.</i>
SSA6	<b>Maria.</b> ( <i>Maria de que?</i> ) <b>Ai você me pegou.</b>	<b>A primeira é Lurdes.</b> [Retorno à cena.] ( <i>E aí, como é o nome dela?</i> ) <b>Maria José.</b>

Fonte: o próprio autor

A **primeira** questão tem como objetivo explorar a memória dos participantes com relação ao nome da personagem principal, Maria José. Essa pergunta é importante, pois as personagens adotam características idênticas na fase adulta e na fase infantil, como a mãe de Maria José que se parece com a própria Maria José na fase adulta, como Maria de Lurdes que se parece com Maria José na infância.

No quadro acima, é possível perceber que mais alunos lembraram o nome da primeira menininha, com o recurso da audiodescrição, uma vez que este é repetido em demasia, durante todo o filme com AD. Alguns alunos, como SSA3 e SSA6, lembraram apenas o primeiro nome, Maria, na versão sem AD, mas mesmo na versão com AD, não lembraram o nome. SP5, primeiramente, citou apenas Maria e, após intervenção, completou o nome. Ainda, após a exibição do filme com AD, alguns participantes confundiram Maria de Lurdes com Maria José, como SP1, SP2, SSA3, SSA6.

Deste modo, 50% dos participantes conseguiram lembrar o nome da personagem sem o recurso da AD, mas após exibição, com audiodescrição, a porcentagem aumenta para 63%.

Tabela 2 – Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 1 do questionário de compreensão de *Vida Maria*

Sem AD	Com AD
SP – 66%	SP – 80%
SSA – 33%	SSA – 50%
Geral – 50%	Geral – 63%

Fonte: o próprio autor

Quadro 3 – Pergunta 2 do questionário de compreensão do filme *Vida Maria*

PERGUNTA 2		
<b>PARTICIPANTES</b>	<i>POR QUE A MÃE DA MENININHA ESTÁ BRAVA COM ELA?</i>	
	SEM AD	COM AD

SP1	Ela falou, vá buscar água pra nós. Procure o que fazer. Vai menina, vá lá fora dar água pra os bicho.	Ela falou, vá buscar água pra nós. Procure o que fazer. Vai menina, vá lá fora dar água pra os bicho.
SP2	Porque ela não queria fazer nada. Mas tem que fazer.	Mas a filha dela vai dar uma revanche nela. ( <i>Mas lá no filme, porque a mãe dela está brava?</i> ) Não pode ficar brava com as filhas. Porque ela tá com medo que a filha dela cresce.
SP3	Ela chamou ela pra buscar água, pra comida pra os animais. É que ela tava desenhando.	É porque ela tá no parapeito da janela, aí chamou a menina, que ela tá desenhando, e ela chegou e derrubou ela no chão, que é pra fazer as coisas do trabalho.
SP4	Pra ajudar ela a limpar a casa. Dá comida pra os bicho.	Porque ela tava desenhando.
SP5	Tava brava sim. Porque a menina tinha dificuldade de ajudar dentro de casa e a mãe foi muito sem paciência.	
SP6	A mãe falou assim: sai, menina, faz alguma coisa.	A mãe falou assim: sai, menina, faz alguma coisa.
SSA1	Pra ela parar de ser criança e ajudar ela.	Porque ela ficou escrevendo no caderno um bocado de nome de Maria.
SSA2	Tava, tava muito brava, com a cara feia. É estranho, tem medo. Ela puxou a menina.	Tava, tava muito brava, com a cara feia.
SSA3	É porque ela tava escrevendo. Aí ela mandou levar água pras galinhas.	Ela tava escrevendo. Aí ela mandou levar água pras galinhas.
SSA4	Porque ela tava na janela	Porque ela tava na janela

	<b>la escrevendo sem fazer nada. E ela só embuchando.</b>	<b>escrevendo.</b>
SSA5	<b>A mãe dela manda ela fazer as coisas e ela tem que obedecer.</b>	<b>Ela só fica na janela escrevendo, não faz nada. Aí a mãe dela manda ela ir lá pra fora pra encher os baldes.</b>
SSA6	<b>Porque ela não tava fazendo, não tava botando água pros bichos.</b>	<b>Porque ela tava escrevendo.</b>

Fonte: o próprio autor

Com a **segunda** pergunta, procuramos explorar a associação que os alunos fazem com as ações da *Mãe* no momento em que esta reclama com a menina para fazer suas atividades domésticas. Nesse caso, a AD não interfere no diálogo, fazendo com que os alunos depreendam da conversa entre elas o porquê de a mulher estar brava. Constatamos que os participantes responderam sem problemas a esta questão, mesmo sem disporem do recurso da AD, pois a imagem foi bastante clara para eles. A versão com AD se mostra mais detalhada no que se refere ao ambiente e isso pode ser percebido na resposta de SP3, quando utiliza a palavra “parapeito”, em sua resposta, indicando que, com a AD, o entorno também chamou-lhe atenção. SP2 desencontra-se nas respostas, visto que estas não fazem conexão com o filme, a aluna interpreta-o de uma forma que pode estar relacionado à sua vida e suas crenças no que se refere a ser uma boa mãe e filha. SSA2 entende que a mãe está brava com a menina, mas não explica o porquê, a construção das ideias e sua capacidade de explicação podem ter sido comprometidas pela deficiência.

Em um quadro geral, 75% dos participantes conseguiram apreender do diálogo os motivos pelos quais a mãe estava brava. Já na versão com AD 72% continuaram com as respostas, excetuando SP2 que divagou na segunda etapa.

Tabela 3 – Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 2 do questionário de compreensão de *Vida Maria*

Sem AD	Com AD
SP – 83%	SP – 60%
SSA – 66%	SSA – 83%
Geral – 75%	Geral – 72%

Fonte: o próprio autor

Quadro 4 – Pergunta 3 do questionário de compreensão do filme *Vida Maria*

<b>PERGUNTA 3</b>	
<b>PARTICIPANTES</b>	<i>ESSA MENININHA CONTINUA PEQUENININHA DURANTE A HISTORIA TODA?</i>



	SEM AD	COM AD
SP1	<b>Não, ela cresce</b>	<b>Ela cresce.</b>
SP2	<b>Ela cresce só no fim. Desde pequenininha não.</b>	<b>Fica.</b> [A aluna confunde Maria de Lurdes com Maria José, não sabendo fazer a distinção de quem é quem]
SP3	<b>É, é Maria do Carmo. (É Maria José ou Maria do Carmo?) É Maria José. (Ela continua pequenininha o filme todo?) Sim.</b>	<b>Não. Ela cresce.</b>
SP4	<b>Não, cresceu.</b>	<b>Ela cresceu depois ela ficou pequenininha.</b>
SP5	<b>Não, ela cresce.</b>	
SP6	<b>Ela ficou pequena, cresceu e a filhinha dela é Lurdes.</b>	<b>Ela ficou pequena, cresceu e a filhinha dela é Lurdes.</b>
SSA1	<b>Cresce</b>	<b>Cresce</b>
SSA2	<b>Cresce.</b>	<b>Fica pequena. (Ela não cresce não?) Cresce.</b>
SSA3	<b>Cresce.</b>	<b>Não, ela cresce, fica maiorzinha. Depois ela aparece grávida. Ela vai levar água, depois passa grávida. Maria José, deixa que eu levo. (Quem é esse?) O marido dela.</b>
SSA4	<b>Cresce.</b>	<b>Cresce.</b>
SSA5	<b>Fica e ela fica na janela escrevendo no caderninho. (E quem é essa moça que vai crescendo?) É a mãe dela.</b>	<b>Primeiro ela fica pequena, vai crescendo, depois ela vira moça, depois ela fica grávida. Depois ela chega no varal aí vira no outro lado aí fica de novo grávida. Ela fica no milho, bota o milho dentro do coisa e fica batendo aí ela fica grávida de novo. Ela tinha 8 filhos e mais um na barriga.</b>
SSA6	<b>Ela cresce.</b>	<b>Não, ela cresce.</b>

Fonte: o próprio autor

A **terceira** questão explora a associação que os alunos fazem com a personagem Maria José e seu desenvolvimento, durante a trama. Por se tratar de uma animação em 3D, os criadores optaram por adotar as mesmas características físicas para as personagens principais, denotando uma relação de círculo entre as gerações.

Em consequência deste aspecto, em paralelo ao comprometimento dos sujeitos da pesquisa, muitos dos participantes confundiram Maria José criança com Maria de Lurdes, assim como, confundiram Maria José adulta com sua mãe. SP3 confunde o nome da personagem com Maria do Carmo, que é um dos nomes apresentados ao final do filme no caderninho. SP2 não consegue estabelecer a diferença entre Maria José e sua filhinha Maria de Lurdes, podendo ser resultado de sua falta de atenção atrelada à deficiência. SP4 identifica que a personagem cresce após assistir a versão sem audiodescrição, no entanto, muda sua resposta para negativa ao final da versão com AD. É possível que a aluna tenha percebido a personagem de Maria de Lurdes, a partir da descrição da audiodescrição, mas a aluna entende que Maria José ainda é essa segunda menininha que aparece ao final do filme. Esta resposta é semelhante a de SSA2, sem o recurso da AD, ela entende que a personagem cresce, mas na segunda versão, ela confunde-se.

A porcentagem de compreensão sem AD e com AD ficou balanceada, no que tange a terceira questão, pois, excetuando SP3, SP4 e SSA2, todos os outros participantes perceberam que a personagem principal cresce, no decorrer da trama, levando a conclusão de que, nesse caso, o recurso de acessibilidade apenas confirmou o que os alunos já haviam percebido.

Tabela 4 – Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 3 do questionário de compreensão de *Vida Maria*

Sem AD	Com AD
SP – 50%	SP – 60%
SSA – 83%	SSA – 83%
Geral – 75%	Geral – 72%

Fonte: o próprio autor

Quadro 5 – Pergunta 4 do questionário de compreensão do filme *Vida Maria*

<b>PERGUNTA 4</b>		
<b>PARTICIPANTES</b>	<i>O QUE ACONTECE COM ELA? (DEPENDENDO DAS RESPOSTAS ANTERIORES, PODERÁ USAR “MARIA JOSÉ” AO INVÉS DE “ELA”)</i>	
	SEM AD	COM AD
SP1	<b>Ela vira menina. Ela cresce e vira uma moça.</b>	<b>A barriga dela cresce. Ela tem um bebê.</b>
SP2	<b>Ela fica ali sozinha, len-</b>	<b>Ela fica velha. Fica re-</b>

	<p>do os papéis. E a mãe dela brigou com ela. Depois ela foi varrer o chão. (<i>Quando ela varreu o chão ela era pequena ainda ou ela já estava grande?</i>) Era pequeninha. (<i>E ela fez o que depois que varreu o chão?</i>) Ela foi lá pra o papel de novo.</p>	<p>clamando. Não pode reclamar os outros assim. Vai ter morte.</p>
SP3	Ela fica triste.	É que ela tá mocinha, ela tá grávida,
SP4	Ela fica grávida e tem um monte de filho.	Ela fica grávida.
SP5	Aí eu tenho que ver de novo, eu não lembro.	
SP6	A Maria José ficou pequena e cresceu e a Maria José fez a mesma coisa que a mãe dela fez.	A Maria José ficou pequena e cresceu e a Maria José fez a mesma coisa que a mãe dela fez.
SSA1	Vai ficando mais triste. Tendo mais filho.	Aí ela pega o peso de novo. E depois ela vai crescendo, fica numa árvore, descansa e vai andando de novo, aí encontra o rapaz. O nome do rapaz eu não lembro não. Aí engravida, nessa parte eu vi que ela teve quatro barriga, quatro filhos. Aí foi andando, andando aí pas-

		<b>sou os meninos na rua. Agora que eu percebi que foi o enterro da mãe dela que morreu.</b>
SSA2	<b>Ela fica assim olhando da janela. Ela cai, o banco virou. (Aí depois a menininha sai pra pegar água, e o que acontece depois?) Puxou o braço.</b>	<b>Ela cresce. Tem filho. Ela cresceu rápido.</b>
SSA3	<b>Sei não. (Durante o filme, o que vai acontecendo com ela?) Fica cansada. Ela tá gestante. Ela não pode pegar peso, aí cansa.</b>	[Não responde]
SSA4	<b>Ela é quem faz tudo dentro de casa. E a mãe [faz sinal de que a barriga cresce, ficando grávida] (Então, a primeira menina, ela fica pequenininha a história toda ou cresce?) Ela cresce aos poucos. (E depois, o que acontece com ela?) Ela fica adulta.</b>	<b>Ela fica trabalhando. E a mãe não faz nada.</b>
SSA5	[Não responde]	[Respondeu na pergunta anterior.]
SSA6	<b>Tem um bocado de filho.</b>	<b>Fica grávida.</b>

Fonte: o próprio autor

A **quarta** questão pretendeu especular a associação que os alunos fizeram com as mudanças da personagem principal, durante o filme. Maria José cresce, tem filhos e envelhece. Sem o recurso da AD, a maioria dos alunos conseguiu responder a essa pergunta sem grandes dificuldades, alguns dando informações adicionais, como no caso de SP6, cujas associações ultrapassam o desenvolvimento físico da personagem, compreendendo que Maria José acaba tendo as mesmas atitudes que sua mãe. SP2 entende, com o recurso da AD, que a personagem fica mais velha, mas essa personagem não é a Maria José e sim sua mãe, pois a aluna imagina que Maria José permaneça pequena a história toda. Ainda com relação à resposta de SP2, é importante frisar que a aluna faz comentários que fogem ao contexto do filme, levando a acreditar que há uma interferência de suas relações pessoais e seus julgamentos no tange convívio e comportamento com outras pessoas. Esta aluna, conforme o quadro de perfil, com o diagnóstico provido pela APAE, apresenta um perfil comportamental fantasioso, e tal aspecto interfere frequentemente em seus julgamentos e interpretações.

Há dois casos neste quadro em que, além da participante SP5, os alunos não responderam. São os casos de SSA3, na versão com AD, e SSA5, na versão sem AD. Será comum isso acontecer nas entrevistas dessa pesquisa, pois há certos momentos em que os alunos apenas olhavam para a pesquisadora, sem falar nada. Este comportamento deve ocorrer por já estarem cansados, por não saberem a resposta ou por, simplesmente, não querem falar.

Nessa questão fica clara a interferência da AD para o melhor entendimento de alguns dos alunos, uma vez que vários deles compreenderam que a personagem cresce, tem vários filhos e fica velha. 50% dos alunos responderam sem a ajuda da AD conforme resposta esperada, mas o número aumenta para 72%, quando o recurso é ativado.

Tabela 5 – Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 4 do questionário de compreensão de *Vida Maria*

Sem AD	Com AD
SP – 50%	SP – 100%
SSA – 50%	SSA – 50%
Geral – 50%	Geral – 72%

Fonte: o próprio autor

Quadro 6 – Pergunta 5 do questionário de compreensão do filme *Vida Maria*

<b>PERGUNTA 5</b>		
<b>PARTICIPANTES</b>	<i>COM O PASSAR DO TEMPO, MARIA VAI FICANDO MAIS TRISTE OU FELIZ? POR QUE?</i>	
	SEM AD	COM AD
SP1	<b>Triste. Por que a mãe dela brigou com ela.</b>	<b>Triste, porque a mãe dela brigou com ela.</b>
SP2	<b>Ela vai querer bater na mãe. Ela vai bater na</b>	[Não respondeu]

	<p><b>mãe no filme. Vamo ver se ela crescer. (E quem é aquela moça que aparece o filme todo? É a Maria José ou é outra pessoa?) É a Maria José. (É a Maria José grande já, então?) Não, vai crescendo aos longo dos tempo.</b></p>	
SP3	<p><b>Mais triste. É porque ela pega a água, é que é pra... é que tira água. É que tem a bença pra o pai, e tem a bença pra o vizinho.</b></p>	<p><b>Triste. A custa da mãe.</b></p>
SP4	<p><b>Triste. Por causa da mãe.</b></p>	<p><b>Triste. Por causa da mãe.</b></p>
SP5	<p><b>Ficou triste porque a mãe não tinha paciência.</b></p>	<p><b>Ficou triste porque a mãe não tinha paciência.</b></p>
SP6	<p><b>Triste.</b></p>	<p><b>Triste.</b></p>
SSA1	<p><b>Triste.</b></p>	<p><b>Triste.</b></p>
SSA2	<p><b>Feliz. (Porque?) Feliz, assim, muito triste. É muito triste. (Porque será que ela tá triste?) A cara assim.</b></p>	<p><b>Rapaz, ela fica velha viu? (Mas ela fica uma velha triste ou feliz? Você lembra da cara dela?) Cara feia. (Mas cara feia é cara de tristeza ou felicidade?) Rapaz, vergonha. Ela tem medo, vergonha.</b></p>
SSA3	<p><b>Triste. (Por que?) Por causa das coisas que ela fica fazendo.</b></p>	<p><b>Triste. (Por que?) Porque vai ficando velha. Aí passa os filhos dela, dá a bença a ela. Ela tá com 8, com o da barriga 8.</b></p>
SSA4	<p><b>Triste. Porque ela faz tudo dentro de casa.</b></p>	<p><b>Triste. Vai ficando mais velha.</b></p>

SSA5	<b>Feliz. (Por que?) Porque ela tem uma filha especial.</b>	<b>Triste. Ela fica triste porque ela é velha. Aí ela usa um vestido preto e o cabelo dela fica branco branco.</b>
SSA6	<b>Triste.</b>	<b>Triste. Vai ficando velha.</b>

Fonte: o próprio autor

Os alunos SP1, SP2, SP4 e SP5 associaram, sem o recurso da AD, a tristeza da personagem com o fato de a mãe de Maria José ser tão dura com ela. Alguns permaneceram com a mesma resposta, após a exibição do curta com AD, mas é importante pontuar que a maioria dos alunos de São Paulo entendeu que a mãe é a causa da tristeza da filha, enquanto, em Salvador, a maioria dos alunos associou seu estado à sua condição dentro de casa, no qual ela é obrigada a fazer atividades domésticas e o fato de envelhecer. A aluna SP3 estabelece uma relação entre a tristeza de Maria José e sua vida. Os alunos de Salvador posicionaram-se deste modo, após assistirem ao filme com o recurso de acessibilidade e perceberam outra razão para a tristeza, A mãe de Maria José. É interessante pontuar a resposta da participante SSA3, na etapa sem AD, pois a aluna foge completamente do enredo do filme, levando a pergunta para o prisma pessoal, afirmando que a mãe está feliz por ter uma filha especial, e, dessa forma, cria uma contextualização particular consigo. Já na versão com AD, ela já consegue fazer relação da tristeza com a velhice.

É possível que, nesse caso, haja uma interferência cultural, no que concerne as diferentes regiões brasileiras. Consideramos aqui o modo de vida dos habitantes do nordeste e dos habitantes do sudeste, pois é mais recorrente mulheres assumirem os afazeres da casa, assim, o que os alunos de Salvador identificaram de forma muito mais eminente do que os alunos de São Paulo. Isto leva-nos a crer que, aparentemente, essa realidade esteja muito mais presente no cotidiano dos participantes.

Logo, 50% dos alunos responderam favoravelmente, na etapa sem audiodescrição, e esse número aumenta para 63% após exibição com o recurso da AD.

Tabela 6 – Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 5 do questionário de compreensão de *Vida Maria*

Sem AD	Com AD
SP – 33%	SP – 20%
SSA – 66%	SSA – 100%
Geral – 50%	Geral – 63%

Fonte: o próprio autor

Quadro 7 – Pergunta 6 do questionário de compreensão do filme *Vida Maria*

<b>PERGUNTA 6</b>		
<b>PARTICIPANTES</b>	<i>QUEM É O MARIDO DE MARIA JOSÉ?</i>	
	SEM AD	COM AD

SP1	<b>É o que depois o outro entrou, aí entrou mais um e falou, bença, ele falou, Deus te abençoe.</b>	<b>É o Antônio.</b>
SP2	<b>Ah, isso aí é uma longa história.</b>	<b>Do que já morreu. (Já morreu? Mas você não sabe o nome dele não?) Não. É o pai da Maria de Lurdes.</b>
SP3	<b>É o pai.</b>	<b>Antonio.</b>
SP4	<b>Vi, era um homem. (Você lembra o nome dele?) Não.</b>	<b>José. (Não) Esqueci. (Antônio.) Antônio.</b>
SP5	[Foi necessário retornar ao vídeo, pois a aluna alegou não lembrar das cenas, uma vez que foi a primeira vez que teria assistido ao filme.] <b>Não lembro.</b>	
SP6	<b>Essa parte eu esqueci.</b>	<b>A moça só falou “Marido”.</b>
SSA1	<b>Não lembro.</b>	<b>Não lembro não.</b>
SSA2	<b>É homem. Antonio.</b>	<b>José. (Não, é outro. Aí é o nome da Maria.) Ah, o pai. (É, entrou o pai e logo atrás entrou quem?) É, tem nome, o marido. (Lembra do nome dele não? Você me disse antes, esqueceu?) Ah, pai. (Não.) Ah, marido.</b>
SSA3	<b>Vi. (Você lembra o nome dele?) O nome não. (Mas ele tava ali, não foi?) Foi, que ele pegou a água da mão dela e disse, deixa que eu levo.</b>	<b>José. (O nome dela é Maria José. E o nome dele?) Esqueci.</b>
SSA4	<b>É um que apareceu, um senhor grandão, seco. (Não lembra o nome dele?) Não.</b>	<b>O nome eu não me lembro não. (É o Antonio.) É, dali a barriga já sai.</b>
SSA5	<b>Ele usa chapéu. É o se-</b>	<b>Ele tem um chapéu na</b>



	<b>nhor que faz as coisas em casa, depois sai pra o trabalho e a esposa fica em casa, fazendo limpeza da casa.</b>	<b>cabeça. (Mas ali é o pai dela, não é não?) É o pai dela, marido da mãe dela. (E aquele rapaz que ajudou ela a pegar o balde da cabeça não é o marido dela não?) É, ela teve filhos com ele.</b>
SSA6	<b>Esqueci o nome.</b>	<b>Marido é... Antonio.</b>

Fonte: o próprio autor

A relação de marido e mulher entre Maria e Antonio não é explicitada em diálogos, fazendo com que os alunos façam uma associação entre o encontro entre Maria José e o homem e logo após sua primeira gravidez. Por conseguinte, o nome do personagem é dito apenas uma vez, não sendo fixado pelos alunos.

Alguns participantes confundem o marido com o pai de Maria José, quando questionados na primeira etapa, sem AD, como SP1, SP3 e SSA5. Uma vez que o personagem de Antonio aparece apenas duas vezes na trama, os alunos não memorizam seu nome, fazem somente referência à cena em que os dois se encontram.

Logo, 8% dos alunos conseguiram responder, sem o auxílio da AD, mas após a etapa com audiodescrição, 25% dos alunos conseguiram lembrar de Antonio.

Tabela 7 – Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 6 do questionário de compreensão de *Vida Maria*

Sem AD	Com AD
SP – 0%	SP – 40%
SSA – 16%	SSA – 16%
Geral – 8%	Geral – 27%

Fonte: o próprio autor

Quadro 8 – Pergunta 7 do questionário de compreensão do filme *Vida Maria*

<b>PERGUNTA 7</b>		
<b>PARTICIPANTES</b>	<b><i>O QUE MARIA JOSÉ VIVE FAZENDO LÁ NA CASA DELA? OU A MARIA JOSÉ SOCA O MILHO PRA FAZER O QUÊ?</i></b>	
	<b>SEM AD</b>	<b>COM AD</b>
SP1	<b>É pra levar pra as galinhas.</b>	<b>É pras galinha lá.</b>
SP2	<b>Ajudando a mãe dela. Ela pôs pra fora, tem que fazer.</b>	<b>Pra não ajudar a mãe dela.</b>
SP3	<b>Ela fica desenhando o nome dela. É que tem o</b>	<b>Não é isso, ela pegou o galão de água, ela deixou</b>

	<b>nome dela, tem o coração.</b>	<b>no chão, pra pegar o fôlego, que é pra voltar pra o trabalho de novo. Eu acho que é pra as comidas dos passarinhos.</b>
SP4	<b>Fica desenhando e escrevendo.</b> <i>(Depois que ela fica grande também?)</i> <b>Não, depois.</b> <i>(E quando ela fica grande, o que ela fica fazendo na casa?)</i> <b>Fica varrendo o quintal.</b>	<i>(A Maria José soca o milho pra fazer o quê?)</i> <b>Não sei.</b>
SP5	<b>Lava roupa. Põe a roupa na água, torce e põe no varal.</b>	
SP6	<i>(A Maria José soca o milho pra fazer o quê?)</i> <b>Pra fazer comida.</b>	<b>É o pilão.</b>
SSA1	[Não respondeu]	[Não respondeu]
SSA2	<b>Ela tá tirando o milho do chão. Varrendo. Ela tá pegando</b>	<b>Milho, batendo.</b>
SSA3	<b>É pra colocar pras galinhas.</b>	<b>Pra dar aos bichos.</b>
SSA4	<b>Pra dar aos filhos. 12 filhos!</b>	<b>Pra dar pra comer os filhos.</b>
SSA5	<b>Ela machuca o milho pra dar pras galinhas.</b>	<b>Machuca o milho pras galinhas.</b>
SSA6	<b>Ou pra fazer comida ou...</b>	[Não responde]

Fonte: o próprio autor

A pergunta acima procura explorar a atenção dos alunos para a cena em que Maria José bate milho, no pilão, para preparar comida para os animais. Isso não fica explícito em diálogos, cabendo ao expectador inferir tal informação. Desta forma, buscou-se nessa questão saber dos alunos suas percepções acerca desse momento do filme.

A participante SP2 apresenta forte sentimento no que se refere à relação de mãe e filha, sempre pontuando o papel que a filha tem de ajudar a mãe, este evento faz com que a aluna não se atenha ao filme e leve as perguntas para o âmbito pessoal. Esse comportamento pode estar associado ao fato de que a aluna ajuda sua mãe no seu ofício diário que é de diarista.

SSA2 consegue perceber a cena, mas não consegue expressar sinteticamente o que a Maria José faz em casa, apenas descrevendo o momento do filme. SSA4 acredita que o milho socado seja para dar aos filhos, pois a personagem principal possui vários.

Apesar de AD descrever a cena, uma vez que não há diálogo, nesse trecho do filme, a porcentagem de respostas certas foi maior, sem o recurso da AD, do que com o recurso, de 50% para 36%. Acredita-se que para uma AD mais efetiva para esse público seja necessário explicitar na audiodescrição o propósito de a personagem bater no pilão, para que assim a pessoa com deficiência intelectual possa acompanhar de forma plena a trama fílmica.

Tabela 8 – Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 7 do questionário de compreensão de *Vida Maria*

Sem AD	Com AD
SP – 50%	SP – 40%
SSA – 50%	SSA – 33%
Geral – 50%	Geral – 36%

Fonte: o próprio autor

Quadro 9 – Pergunta 8 do questionário de compreensão do filme *Vida Maria*

<b>PERGUNTA 8</b>		
<b>PARTICIPANTES</b>	<i>NA CENA EM QUE MARIA JOSÉ APARECE COM UM VESTIDO AZUL DE FLORZINHA, A IMAGEM RODA EM VOLTA DELA, E AÍ ELA APARECE COM UM VESTIDO BEGE/MARROM. O QUE ACONTECEU AÍ COM MARIA JOSÉ?</i>	
	SEM AD	COM AD
SP1	<b>Quando o vestido muda, fica outra cor. Quando o vestido dela vai mudando... Quando o vestido dela, tava aqui dela, a barriga dela cresceu, não foi? (Porque será que a barriga dela cresceu?) Porque ela vai ter um bebê.</b>	<b>Ai depois o vestido vai mudando, aí fica preto. A Maria José fica grandona, a barriga dela. (Então ela fica...?) Grávida.</b>
SP2	<b>Aí, aí vai ter o fim, né?! Vai ter o fim, vai ter revanche. Mesmo com muita raiva ela vai querer revanche.</b>	<b>Fica velha e fica grávida</b>
SP3	<b>Tá grávida. [Aqui houve a necessidade de voltar à</b>	<b>É que ela tá de frente, a câmara dá a volta nela, ai</b>

	imagem]	<b>depois que continua ela vai ficando grávida.</b>
SP4	<b>Ela ficou velha.</b>	<b>Ela fica velha.</b> ( <i>Na verdade ela fica grávida, não é não?</i> ) <b>É, depois ela fica velha.</b>
SP5	<b>É, e ela ficou grávida. Eu só lembrei que ela mudou de vestido e apareceu grávida.</b>	
SP6	<b>Ela ficou bem velhina.</b>	<b>Ela ficou grávida</b>
SSA1	<b>Não sei, ela continuou triste, não?</b>	<b>Ela fica grávida novamente. Aí quando passa no varal ela tá normal e quando ela passa de novo ela tá grávida.</b>
SSA2	<b>É roupa de branco.</b> [Retorno à cena.] ( <i>Então, como ela está?</i> ) <b>No pau, negócio assim.</b> ( <i>Ela mudou?</i> ) <b>Não.</b>	<b>É verde. A roupa muda. É verde.</b> [Retorno à cena.] <b>Azul.</b> ( <i>Ela tá como?</i> ) <b>Bege. A roupa, sim.</b> [Aponto para a tela e pergunto: o que é isso?] <b>Grávida.</b>
SSA3	<b>Tava gestante mais.</b>	<b>Tá grávida de novo.</b>
SSA4	<b>Ela já não tem mais barriga.</b>	<b>Ela fica mais velha.</b> ( <i>E fica o que de novo?</i> ) <b>Grávida.</b>
SSA5	<b>Lembro que ela tava grávida.</b>	<b>Ela fica grávida.</b>
SSA6	<b>Lembro não.</b>	<b>Aparece...</b> [Retorno à cena.] ( <i>E aí, o que acontece com ela? Ela fica o que?</i> ) [Após um tempo sem falar pergunto novamente.] ( <i>Por que a barriga dela está grande assim?</i> ) <b>Ela tá grávida.</b>

Fonte: o próprio autor

A questão acima é importante para identificar se os participantes associam a roupa que a personagem usa com seu desenvolvimento no decorrer da narrativa. À medida que Maria muda de vestido, nota-se que a personagem também muda de estado, ficando grávida ou mais velha. Na cena em que a personagem fica grávida, em especial, a mudança de vestido indica também o passar do tempo.

Alguns alunos conseguem perceber a relação com o tempo, é o caso de SP4 e SP6, na versão sem audiodescrição. A participante SP2 divaga bastante, na primeira etapa, fugindo completamente ao conteúdo da pergunta e sua interpretação sobre a cena. A participante SSA2 não consegue fazer associação de nenhuma das duas formas, com ou sem AD. Pelo fato de a deficiência limitar o entendimento acerca das perguntas feitas, foi necessário abordar a questão de diversas outras formas, mas o resultado continuou a ser o mesmo, pois a aluna não associou a mudança de vestido à gravidez da personagem.

Há dois momentos em que retorno à cena se faz necessário para que os participantes consigam visualizar melhor a cena, os sujeitos que demandam esta estratégia são SP3, na primeira etapa, e SSA6, na segunda etapa. As respostas dadas pelos participantes não significam que os alunos conseguiram associar, uma vez que só o fato de retornar à cena já indica que não conseguiram. As causas para a volta de cena são porque o próprio aluno pede ou para que ele perceba a cena, independentemente da pesquisa, uma vez colhidos os dados, todas as voltas de cena neste trabalho receberam esses mesmos tratamentos.

Percebe-se que a versão com AD proporcionou melhor entendimento pelos alunos, pois 63% conseguiram perceber o vestido como marca de mudança, enquanto que com a versão sem AD apenas 33% assimilaram o fato.

Tabela 9 – Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 8 do questionário de compreensão de *Vida Maria*

Sem AD	Com AD
SP – 33%	SP – 80%
SSA – 33%	SSA – 50%
Geral – 33%	Geral – 63%

Fonte: o próprio autor

Quadro 10 – Pergunta 9 do questionário de compreensão do filme *Vida Maria*

<b>PERGUNTA 9</b>		
<b>PARTICIPANTES</b>	<i>NA CENA DO VARAL, COMO É QUE MARIA JOSÉ PASSA POR TRÁS DELE E DEPOIS SAI DE LÁ GRÁVIDA?</i>	
	SEM AD	COM AD
SP1	<b>Ela fica... Depois vem os filhos... (E nesse momento, como ela está? Nova, velha?) Velha, ela tá com um negócio branco na cabeça.</b>	<i>(Ela passa jovem e sai jovem, passa velha e fica velha, como ela sai detrás do varal?) Ela fica bem velha né?</i>
SP2	<b>Ela vai mudando mesmo que tá com o bebê.</b>	<b>Ela fica com os cabelos brancos.</b>

SP3	<b>Ela ficou magrinha. Ela vira a mulher velha.</b>	<b>É que ela muda de roupa e continua ficando grávida. É que o peito dela muchou tanto e ficou arrugado o rosto dela. E o cabelo dela que ficou branco, branco. E ela ficou “magrurada”.</b>
SP4	<i>(Ela aparece do mesmo jeito que entrou atrás do varal?)</i> <b>É.</b>	<b>Ela passa grávida de novo. (Mas ela tá nova, velha?) Tá nova depois fica velha.</b>
SP5	[Foi necessário retornar ao vídeo.] <b>Ela tá de saia, de vestido. (Mas ela mudou a aparência, algo do tipo?)</b> <b>Triste. Só acho ela triste.</b>	
SP6	<b>Ela ficou diferente no rosto. (Ela ficou mais jovem ou mais velha?)</b> <b>Mais velha.</b>	<b>Ela ficou do mesmo jeito. Ela ficou com o vestido preto</b>
SSA1	[Não respondeu]	<b>Continua triste, zangada. Ela tá velha. E a moça disse que ela tá com os peito lá embaixo.</b>
SSA2	[Retorno à cena.] <i>(E aí, como ela está?)</i> <b>Tá nova ainda. Tá varrendo.</b>	<b>Muito velha.</b>
SSA3	<b>Jovem.</b>	<b>Tá de cabelo branco. O rosto mais envelhecido.</b>
SSA4	<b>Saiu triste, tá grávida de novo. (Mas como ela está de aspecto?)</b> <b>Mal. Ela tá velha, acabada.</b>	<b>Velha. Peito murcho.</b>
SSA5	<b>Ela tava velha, ela ficou velha. Agora ela fez a mudança dela e virou nova. Ela entra velha e no outro lado ela sai nova.</b>	<b>Ela sai de lá grávida. Ela fica com a vassoura varrendo a terra.</b>
SSA6	<b>Ela sai grávida e... (Co-</b>	<b>Sai velha.</b>

	<i>mo ela está de aspecto?)</i> <b>Tá mais triste.</b>	
--	---	--

Fonte: o próprio autor

A questão **nove** procura explorar dos participantes sua capacidade de memorização e atenção, pois a personagem principal muda completamente de aspecto, quando passa por detrás de lençóis no varal, neste momento, ela fica mais velha e com uma expressão bastante sofrida, explorando também a associação dos participantes, quanto aos aspectos físicos da personagem.

Sem a audiodescrição, os alunos não se atêm ao aspecto físico da personagem, apenas quando são perguntados sobre sua aparência é que alguns conseguem responder sobre este tema. SP1 consegue perceber nas duas etapas, fornecendo ainda informações sobre o cabelo da personagem na primeira etapa.

É interessante notar que na versão com AD, alguns alunos fizeram referência à audiodescrição, dando informações que constam no roteiro (anexo), como os casos de SP3 que sinaliza o peito murcho, os cabelos brancos e ainda repete a expressão “amargurada”, SSA1 que interpreta os peitos murchos como “os peito lá embaixo” e SSA4 que também faz menção aos peitos murchos. Já os participantes SP6 e SSA5 respondem bem a pergunta sem o auxílio da AD, mas perdem o foco na segunda etapa, com AD.

A AD nesse caso chamou a atenção dos alunos para os detalhes físicos da personagem e proporcionou melhor entendimento por parte deles. Sem o recurso da AD, 33% dos alunos conseguiram lembrar e prestaram atenção à cena, contra 72% conseguidos no qual os alunos conseguiram memorizar não apenas a cena, mas as informações que a AD traz.

Tabela 10 – Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 9 do questionário de compreensão de *Vida Maria*

Sem AD	Com AD
SP – 50%	SP – 66%
SSA – 16%	SSA – 83%
Geral – 33%	Geral – 72%

Fonte: o próprio autor

Quadro 11 – Pergunta 10 do questionário de compreensão do filme *Vida Maria*

<b>PERGUNTA 10</b>		
<b>PARTICIPANTES</b>	<i>MARIA JOSÉ TEM MUITOS OU POUCOS FILHOS? COMO VOCÊ SABE?</i>	
	SEM AD	COM AD
SP1	<b>Ela tem muitos. Por que os filhos dela chegou e falou, bença mãe, e ela falou, Deus te abençoe.</b>	<b>Muito. Porque eles chegou e falou bença mãe, ela falou Deus te abençoe.</b>
SP2	<b>Eu acho que ela tem dois</b>	<b>Pouco. Porque ela só tem</b>

	<b>gêmeos filhos. Porque ela só fica passando a mão, então é dois. (Mas no filme você não viu mais filhos não?) Não.</b>	<b>uma menina, a Maria de Lurdes, só tem ela no filme. [A aluna não entende que Maria José cresceu, e pensa que a mulher que cresce e envelhece no filme é Maria de Lurdes]</b>
SP3	<b>Muito. É que tá ajudando a mãe dela.</b>	<b>Muito. É que eu sei, bença mãe, bença mãe.</b>
SP4	<b>Muitos. Porque eu vi. (Que parte do filme você viu?) Na parte que passa um bocado de criança e fala: tchau mãe, tchau mãe.</b>	<i>(Ela tem muitos filhos que você tinha falado, não foi?)</i> <b>É.</b>
SP5	<b>Tem muito. Porque ela falava: bença, bença</b>	
SP6	<b>Muito. (Como você sabe?) Não sei, não dá pra ver no filme. (O filme não mostra se ela tem muito ou pouco filho?) Não. (Mas você acha que ela tem muitos?) Sim.</b>	<b>Pouco. Tem a menininha. E um monte de filhos de benzer. A mãe falou assim, bença. (Mas você acha que ali é pouco?) É muito.</b>
SSA1	<b>Muito. Mais ou menos uns 9.</b>	<b>Muito.</b>
SSA2	<b>Tem uma.</b>	<b>Filhos? Tem, tem vários.</b>
SSA3	<b>Muito. (Como você sabe?) Porque um bocado de gente foi passando: bença mainha. Mais de 10.</b>	<b>Muito.</b>
SSA4	<b>Muitos, acho que ela tem uns 14 filhos. (Como você sabe?) Toda hora a barriga cresceu.</b>	<b>Muito! 10. E fora o outro que morreu. Ah não, ali foi o avô dela que morreu.</b>
SSA5	<b>Tem um bocado. Ela tem 10 filhos e uma menina que estava na janela. E tem o marido dela do chapéu.</b>	<b>Tem muito.</b>
SSA6	<b>Muito. (Como você sa-</b>	<b>Muito. (Como você sabe?)</b>



	<i>be?) Porque eu assisti. (Que parte é que diz que tem um monte de filho?) Acho que vi a metade. [?]</i>	<b>Eu assisti todo.</b>
--	---	-------------------------

Fonte: o próprio autor

Essa pergunta também trata de memória e atenção, além de estabelecer uma relação que não está verbalmente explícita. Na cena, várias crianças passam por Maria José e pedem a benção da mãe. A intenção da questão é saber se os alunos entendem que essas crianças são filhas de Maria José e se percebem a quantidade de filhos que a personagem possui. A maioria dos alunos não necessita do recurso da AD para perceberem a cena. Apenas SP2 e SSA2 não assimilam a quantidade de crianças que passam pela personagem principal. A AD não explicita a quantidade de crianças que passam por Maria José, o que se acredita ser interessante para uma AD voltada para DI, uma vez que alguns deles se ativeram ao número de crianças que ali passaram, como os casos dos participantes de Salvador, SSA1, SSA3, SSA4 e SSA5. A participante SSA2 consegue assimilar a quantidade, após a versão com AD. A aluna pode ter percebido a informação pelo fato de a AD ter sinalizado as crianças ou por terem assistido pela segunda vez, já que a audiodescrição não especifica que são várias crianças que passam pela mãe.

As respostas dadas equivaleram em porcentagem, pois os alunos que haviam associado que Maria José possuía vários filhos mantiveram suas respostas após assistir ao filme com AD. Já SSA2 percebeu, após a segunda etapa, balanceando, assim, os resultados. 83% dos alunos responderam conforme resposta esperada tanto com a versão sem AD, quanto com a ferramenta de acessibilidade.

Tabela 11 – Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 10 do questionário de compreensão de *Vida Maria*

Sem AD	Com AD
SP – 83%	SP – 80%
SSA – 83%	SSA – 100%
Geral – 83%	Geral – 83%

Fonte: o próprio autor

Quadro 12 – Pergunta 11 do questionário de compreensão do filme *Vida Maria*

<b>PERGUNTA 11</b>		
<b>PARTICIPANTES</b>	<i>VOCÊ CONCORDA QUE EM UMA CENA MARIA JOSÉ ESTÁ COM A EXPRESSÃO “AMARGA” E “SEVERA”? SIM? NÃO? POR QUE?</i>	
	SEM AD	COM AD
SP1	[Não responde]	<b>Não concordo.</b> <i>(Ela tá feliz?) Não, ela tá brava,</i>

		<b>brava mesmo.</b>
SP2	<b>Ela nunca foi magra. Amarga ela nuca foi. Ela vai mudar pra melhor.</b>	<b>Ela tá amarga mesmo. Furiosa. Ela tem medo que a filha cresce e dá nela.</b>
SP3	<b>É, é, é. Não sei não.</b> [Retorno a cena] <i>(Ela tá triste, tá feliz, como ela está?)</i> <b>Ela tá brava!</b>	[Balança a cabeça positivamente.] <b>É que ela entrou em casa chamando Maria do Carmo, e ela não escutou, que ela tá na parede, é assim, é que tá com o parapeito da janela. Ai depois ela continua desenhando, ai chegou e derrubou ela no chão.</b>
SP4	[Não responde]	[Balança a cabeça positivamente.] <i>(Porque você acha que ela está assim?)</i> <b>Porque ela é muito mal.</b>
SP5	<b>Ela é muito severa e amarga, concordo. Ela muito severa, ela não tinha paciência com a Maria José.</b> <i>(Mas essa é a Maria José ou a mãe?)</i> <b>Não lembro.</b>	
SP6	<b>Ela ficou mais magra.</b>	<b>A pessoas fica magra e bem severa, que o rosto transformou.</b>
SSA1	<b>Continua.</b>	<b>Tá.</b>
SSA2	<b>É branco. Ela é igual a mim, morena.</b>	<b>Tem uma cara assim. Esquisito.</b>
SSA3	<b>Amarga.</b> <i>(Sabe o que é uma expressão amarga?)</i> <b>Sei, agitada.</b> <i>(Por que?)</i> <b>Porque ficam mandando ela fazer as coisas da casa e ela não quer.</b>	<b>Sim.</b> <i>(Por que você acha isso?)</i> <b>Por causa dos pesos que ela fica carregando.</b>
SSA4	<b>Ela fica mais alegre.</b> <i>(Por que você acha que ela fica alegre?)</i> <b>A mãe ou a menina?</b> <i>(Essa me-</i>	<b>Não.</b> <i>(Você sabe o que é uma expressão amarga?)</i> <b>É que tá maltratando.</b>

	<i>nina que cresce, que tá o filme todo é Maria José ou é a mãe?</i> <b>A mãe.</b> <i>(E a Maria José não aparece no filme?)</i> <b>Aparece.</b> <i>(E quem é ela então?)</i> <b>A menina pequena.</b>	
SSA5	<b>Magra, severa.</b> [Balança a cabeça negativamente.]	<b>Ela tem expressão amarga.</b>
SSA6	<i>[Sabe quando é que uma pessoa está amarga?]</i> <b>Nervoso.</b> <i>(Você acha que ela estava nervosa?)</i> <b>Tava.</b>	[Não responde]

Fonte: o próprio autor

A escolha de vocábulos para a caracterização dos personagens é importante para que o receptor consiga criar a imagem mental do estado físico e ainda psicológico das personagens de um filme. Essa premissa é essencial, no momento da criação do roteiro, pois acredita-se que um roteiro para as pessoas com deficiência intelectual não seja diferente. Entender o público alvo permite que se estabeleçam critérios para a escolha do léxico utilizado na descrição, em se tratando de um público especial, tais escolhas devem obedecer ao grau de complexidade do léxico escolhido. Os adjetivos “amarga” e “severa” foram utilizados, pelo audiodescritor, devido ao fato de que seu público alvo são pessoas com deficiência visual, pessoas apresentam comprometimento ou ausência de visão, mas que tem sua capacidade cognitiva intacta, logo conseguem assimilar a representação que esses adjetivos atribuem ao substantivo.

Fica claro, no quadro 11, que as pessoas, com deficiência intelectual, participantes dessa pesquisa tiveram dificuldade em compreender as expressões utilizadas, sendo observado um grau de dificuldade maior no uso da expressão “amarga”, do que no uso da expressão “severa”. Alguns interpretam o estado da personagem como brava independente das expressões utilizadas, pois sabem que estão caracterizando a personagem, mas não associam aos vocábulos utilizados no roteiro. SP5 demonstra mais entendimento sobre a expressão “severa”, pois ainda agrega à sua resposta a informação de que a personagem não tinha paciência com a filha. O participante SSA3 infere que a expressão “amarga” significa “agitada” e atrela essa característica às condições de vida de Maria José. Já na versão com AD, a aluna consegue inferir que ela está nessas condições por causa da vida dura que leva na casa.

Concluimos que tais expressões são mais subjetivas, fazendo com que a utilização das mesmas não surta o efeito esperado quanto à compreensão da caracterização da personagem. Palavras menos polissêmicas ou menos subjetivas seriam mais indicadas nesse contexto.

Tabela 12 – Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 11 do questionário de compreensão de *Vida Maria*

Sem AD	Com AD
SP – 16%	SP – 0%
SSA – 0%	SSA – 16%
Geral – 8%	Geral – 8%

Fonte: o próprio autor

Quadro 13 – Pergunta 12 do questionário de compreensão do filme *Vida Maria*

<b>PERGUNTA 12</b>		
<b>PARTICIPANTES</b>	<i>COMO SE CHAMA A SEGUNDA MENININHA QUE APARECE NO FINAL DO FILME?</i>	
	SEM AD	COM AD
SP1	<b>O nome dela é Maria de Lurdes, né?</b>	<b>Maria de Lurdes.</b>
SP2	<b>Não sei dizer o nome dela.</b>	<b>Maria de Lurdes.</b>
SP3	<b>É o Carmo.</b> ( <i>Será que é a Maria do Carmo?</i> ) <b>É, é Maria do Carmo.</b> [Retorna a cena] <b>É a Lurdes, não falei?</b> ( <i>É a Maria de...?</i> ) <b>Carmo.</b>	[Continua a chamar a segunda menina de Maria do Carmo.]
SP4	<b>É ela.</b> ( <i>É ela de novo? Ela cresceu depois voltou pequenininha?</i> ) <b>Pequeninha, sim.</b>	<b>É ela.</b> ( <i>Que voltou a ser pequenininha de novo?</i> ) [Balança a cabeça positivamente.]
SP5	<b>Não lembro.</b>	
SP6	<b>Lurdes.</b>	<b>Lurdes.</b>
SSA1	<b>Não lembro.</b>	<b>Pô, esqueci.</b>
SSA2	<b>Acho que era a Maria.</b> ( <i>Ela tinha dois nomes, você lembra?</i> ) <b>Era a Maria Maria. Elas parece.</b>	<b>José.</b> ( <i>Não, aí é a Maria José. Como é o nome da outra menininha?</i> ) <b>A menininha, ela tem nome. Maria.</b> ( <i>Maria de que?</i> ) <b>Maria José.</b> [Retorno à cena.] <b>Tem duas. Como é... Maria... Agora outra mãe é a do caixão. A Lurdes. A Lurdes.</b> ( <i>E aí, como é o nome da menininha?</i> ) <b>É a Maria.</b> ( <i>Maria de...?</i> ) <b>Maria José.</b>

SSA3	<b>Não lembro.</b>	<b>Maria.</b> ( <i>Maria de que?</i> ) <b>Vida Maria.</b> ( <i>Você tinha me dito o nome dela. Como era?</i> ) <b>Maria de Lurdes.</b>
SSA4	<b>Não gravei não.</b>	<b>Maria José.</b> ( <i>Maria José de novo?</i> ) <b>Ah não, é Maria...</b> ( <i>Maria de Lurdes.</i> ) <b>É.</b>
SSA5	<b>Maria José. Ah, tem outro nome também. Tem Maria das Dores.</b>	<b>Maria de Fátima.</b> ( <i>Não, da segunda.</i> ) <b>Maria da Conceição?</b> ( <i>Você falou nesse instante.</i> ) <b>Maria de Fátima.</b> ( <i>Maria de...?</i> ) <b>Maria de Lurdes. Lurdes.</b>
SSA6	<b>Lembro não.</b>	<b>Julia.</b> ( <i>Lurdes. O nome dela é Lurdes.</i> )

Fonte: o próprio autor

A questão doze trabalha a capacidade de memória dos participantes e associação entre personagens. Maria de Lurdes é a filha de Maria José e detém as mesmas características físicas da mãe, quando criança. Esse detalhe suscitou confusão em alguns alunos fazendo com que não identificassem quem era quem na história.

Sem o recurso da AD apenas 16% lembraram o nome da segunda menininha. Já, com AD 45%, os alunos conseguem memorizar o nome da menina, chegando a conclusão de que repetição de nomes é importante para que os alunos identifiquem os personagens, principalmente num enredo como esse.

Tabela 13 – Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 12 do questionário de compreensão de *Vida Maria*

Sem AD	Com AD
SP – 33%	SP – 60%
SSA – 0%	SSA – 33%
Geral – 16%	Geral – 45%

Fonte: o próprio autor

Quadro 14 – Pergunta 13 do questionário de compreensão do filme *Vida Maria*

<b>PERGUNTA 13</b>		
<b>PARTICIPANTES</b>	<b>O QUE MARIA JOSÉ É DESSA MENININHA?</b>	
	<b>SEM AD</b>	<b>COM AD</b>
SP1	<b>Aí a mãe dela chamou, Maria de Lurdes, chamou ela e falou, vá levar água pros bichos, aí tinha uma vassoura que</b>	<b>Mãe.</b>

	<b>ela varria depois.</b>	
SP2	<b>Mãe.</b>	<b>Irmã.</b>
SP3	<b>Mãe.</b>	<b>Mãe.</b>
SP4	[A resposta da pergunta anterior já esclarece o entendimento da aluna sobre quem seria essa personagem.]	[A aluna entende que Maria de Lurdes é a própria Maria José que voltou a ser criança.]
SP5	<b>Mãe.</b>	
SP6	<b>É a mãe e a filha.</b>	<b>Mãe.</b>
SSA1	<b>Mãe.</b>	<b>Mãe.</b>
SSA2	[Não respondeu]	[Não respondeu]
SSA3	<b>Mãe</b>	<b>Mãe.</b>
SSA4	<b>Avó</b>	<b>Acho que é neta. (Neta?) Não, é filha. (Maria José é a menina que cresceu e teve um monte de filhos. Aí no final aparece Maria de Lurdes. Maria de Lurdes é o que de Maria José?) Acho que é filha.</b>
SSA5	<b>Mãe.</b>	<b>Maria José é a mãe dela.</b>
SSA6	<b>Mãe.</b>	<b>Mãe.</b>

Fonte: o próprio autor

Aqui procuramos identificar dos alunos se estes conseguiam fazer associação de parentesco entre as personagens Maria José e Maria de Lurdes. SP4 entende que a segunda menina que aparece é a própria Maria José que voltou a ser criança, não conseguindo fazer a distinção entre as duas personagens. SSA2 não consegue explicitar o parentesco entre as personagens, ainda que a pergunta tenha sido feita de várias formas. SSA6, na primeira etapa, não respondeu, por não conseguir entender a relação entre as personagens. Já na segunda etapa, ele levou muito tempo calado nessa pergunta, fazendo com que pulássemos para a pergunta seguinte, pois o tempo não permitia que nos atívéssemos à questão prolongadamente. O aluno foi entrevistado, no final da tarde e só foi liberado pelaicineira, do grupo de dança da APAE, com o horário de fechamento do prédio da Instituição. Esse fato prejudicou um pouco a conclusão da segunda etapa da pesquisa, pois o aluno levava muito tempo para responder as perguntas, por vezes tomando minutos para responder uma questão, o que demandou tempo que não tínhamos no momento, acarretando na agilidade do processo.

Podemos concluir que, de modo geral, a associação entre as personagens foi de fácil entendimento, excetuando os casos mencionados acima. Deste modo, 66% dos alunos responderam, sem o auxílio da AD, já após a exibição, com a ferramenta, 63%

dos alunos responderam, decorrente da confusão da participante SP2 a qual informa que Maria José é irmã da menininha.

Concluimos que nesse caso a AD deveria apresentar a personagem Maria José como mãe da menina, demonstrando dessa forma o laço familiar entre as duas.

Tabela 14 – Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 13 do questionário de compreensão de *Vida Maria*

Sem AD	Com AD
SP – 83%	SP – 60%
SSA – 50%	SSA – 66%
Geral – 66%	Geral – 63%

Fonte: o próprio autor

Quadro 15 – Pergunta 14 do questionário de compreensão do filme *Vida Maria*

<b>PERGUNTA 14</b>		
<b>PARTICIPANTES</b>	<i>O QUE MARIA DE LURDES ESTÁ FAZENDO NA JANELA? MARIA JOSÉ GOSTA DO QUE ELA ESTÁ FAZENDO?</i>	
	SEM AD	COM AD
SP1	<b>Tava escrevendo. Não, ela fica furiosa.</b>	<b>Não, não gosta do que tá fazendo.</b>
SP2	<b>Vendo os papéis de novo.</b>	<b>Catando roupa. (Quando ela está na janela?) Ela arruma o que está no varal.</b>
SP3	<b>Desenhando. Não.</b>	<b>Desenhando. Não.</b>
SP4	<b>Desenhando</b>	<b>Desenhando</b>
SP5	<b>Só assistindo, eu não lembro. [Foi necessário retornar ao vídeo.] Ela tá muito brava e fica mandando na filha o tempo todo.</b>	
SP6	<b>Olhando da janela. A Maria José falou assim: faça alguma coisa. [...] Você não faz nada, só fica desenhando.</b>	<b>A mãe falou assim... A mãe puxou a menina e “faz alguma coisa. Ajuda a mim. Só fica desenhando.”</b>
SSA1	<b>Escrevendo. (A mãe gosta?) Não, diz que é pra ajudar.</b>	<b>Escrevendo.</b>
SSA2	<b>Acho que é banco. (Ela tava fazendo o que no banco?) Olhando a janela. (A mãe gosta de ver ela aí?) Tá, [?] muito que</b>	<b>A mãe dela não gosta. Fica olhando. (Ela tá fazendo o que na janela?) Olhando.</b>

	<b>sim.</b> <i>(Ela gosta?) Ela fica olhando pra menina e puxou o braço. (Então, ela estava feliz ou não?) Muito brava. Puxou aqui na força.</i>	
SSA3	<b>Escrevendo. Não, ela manda, vai colocar comida pras galinhas.</b>	<b>Escrevendo um bocado de vez o nome dela.</b> <i>(E a Maria José gosta de ver o que ela tá fazendo?) Não, vai procurar o que fazer menina.</i>
SSA4	<b>Escrevendo.</b> <i>(E Maria José gosta do que ela tá fazendo?) Não.</i>	<b>Escrevendo também.</b> <i>(E Maria José gosta?) Gosta. (Gosta?) Não.</i>
SSA5	<b>Tava escrevendo uma história.</b> <i>(A mãe dela gostou do que ela tava fazendo?) Gostou. Mas aí ela tem que sair da janela pra poder ajudar a mãe, encher o balde. E ela tava cansada que ela pegou o balde pesado. Aí ela conheceu o rapaz e o rapaz levou o balde. Essa parte ela se apaixonou por ele. Primeiro eles noivaram, depois casaram aí ela teve filhos com ele.</i>	<b>Porque ela fica escrevendo os nomes.</b> <i>(Maria José gosta de ver o que ela tá fazendo?) Não. Porque ela tem que ajudar a mãe. Encher os baldes.</i>
SSA6	<b>Tava escrevendo.</b> <i>(Maria José gosta do que ela tava fazendo?) Não.</i>	<b>Escrevendo.</b> <i>(Maria José gosta do que ela tá fazendo?) Não.</i>

Fonte: o próprio autor

Essa questão procura explorar a memória dos participantes e identificar a relação que eles fazem entre Maria José e Maria de Lurdes, uma vez que a cena é idêntica à primeira, quando Maria José ainda é uma criança. Ou seja, queremos saber se eles identificam que a vida da filha reproduz a vida da mãe.

Analisamos essa pergunta como de fácil associação, pois a cena é bastante clara no que diz respeito à reação de Maria José. Em termos gerais, os alunos conseguiram lembrar a cena e perceber que Maria José não estava contente com o que a filha estava fazendo à janela. Entretanto, os alunos não fazem relação com o fato de a filha estar reproduzindo os mesmos passos da mãe, não conseguindo mudar sua vida e continuando nesse mesmo ciclo. SP5 não conseguiu lembrar da cena e, por esta razão, não respondeu sem que tivesse que assistir à cena novamente. SSA5 confundiu as personagens e reme-



teu a história de Maria José, não a de Maria de Lurdes, também não lembrou o que a menina fazia no caderno, apenas após a versão com AD é que ela percebe melhor a cena.

É interessante pontuar a relação que SP2 e SSA5 têm com o fato de que a menina tem que ajudar a mãe, independente dela ser uma criança e dela estar estudando. As duas participantes têm histórico de ajudar a família nos afazeres domésticos e isso reflete nas suas respostas, ao longo do questionário. Suas experiências de vida influenciam bastante no momento de interpretar uma cena.

Na versão sem AD, 83% dos alunos conseguiram lembrar e interpretar a cena em questão. Na versão, com AD, esse número aumenta para 90%, mostrando que a AD, nesse caso, chamou a atenção dos alunos, quando descreveu a ação da mãe sobre a filha. No que se refere à interpretação da cena e sua moral, nenhum dos participantes fazem menção a esses dados, mas salientamos que eles se baseiam na cena propriamente dita, isto é, nesta cena, em específico, eles não associam ao ciclo repetitivo de vida das Marias, o que não quer dizer que não o pudessem fazê-lo em outra cena.

Tabela 15 – Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 14 do questionário de compreensão de *Vida Maria*

Sem AD	Com AD
SP – 83%	SP – 80%
SSA – 83%	SSA – 100%
Geral – 83%	Geral – 90%

Fonte: o próprio autor

Quadro 16 – Pergunta 15 do questionário de compreensão do filme *Vida Maria*

PERGUNTA 15		
PARTICIPANTES	<i>POR QUE MARIA JOSÉ USA PRETO NO FINAL DO FILME?</i>	
	SEM AD	COM AD
SP1	<b>Eu acho que a mãe dela se troca e veste outra camisa por cima. (Mas ela tava vestindo preto ali, não foi? Porque será?) Aí depois, eu também que depois ficou preto.</b>	<b>Porque ela trocou o vestido. (Mas ela usa preto sempre?) Não, ela tava, porque antes ela tava com um vestido cheio de florzinhas. (E quando ela tava lá na casa, quando ela tirou Maria de Lurdes da janela, o que aconteceu lá na casa?) Ela tava vendo da janela, a... (E depois, quando ela virou, o que tinha lá no quarto?) Tinha uma pessoa morta. Era a</b>

		<b>mãe da Maria José.</b>
SP2	<b>Porque ela gosta. É o gosto da pessoa.</b>	<b>Porque é roupa de velório mesmo. (Quem morreu?) O pai da Maria de Lurdes. Do começo até o fim.</b>
SP3	<b>Ela tá luto. Da morte do marido dela</b>	<b>É que ela tá luto. (Quem foi que morreu?) O marido dela. [Retorno a cena] É a mãe!!</b>
SP4	<b>Porque morreu o marido dela.</b>	<b>Porque morreu os pais dela. (Quem está ali no caixão são os pais dela?) A mãe dela.</b>
SP5	<b>Porque ela é uma pessoa amarga e não tem paciência. (Por isso que ela está vestindo preto?) Acho que ela tá de luto. (Quem será que morreu?) Acho que o marido. Não lembro assim. [Retorno à cena] Não sei se é o marido ou os filho.</b>	
SP6	<b>Isso eu não sei.</b>	<b>Ela ficou triste. Eu vi a parte do fundo que a mãe morreu, que é o caixão. Eu vi o corpo da mãe.</b>
SSA1	<b>Porque ela tá no velório.</b>	<b>Por causa do enterro da mãe dela.</b>
SSA2	<b>Eu acho que é cinza. (Era preto. Porque ela estava vestindo preto?) Que cara feia. Ela tava vestindo preto. Ah, é o mesmo.</b>	<b>Ah, preto, a roupa. (Porque ela tá de preto?) Roupa mesmo. (O que está acontecendo aí? Quem é que está lá trás?) Os filhos. (Estão fazendo o que ali?) Os netos. (Mas tem alguma coisa ali atrás, alguém morreu, não foi?) Ah, foi, morreu, caixão. (Quem foi que morreu?) A mãe.</b>
SSA3	<b>Porque morreu gente lá dentro. (Você sabe quem</b>	<b>Porque morreu uma pessoa. (Quem foi que mor-</b>

	<i>morreu?) Um senhor. Tinha um bocado de gente sentado no banco. (Você acha que esse senhor era quem?) O marido dela.</i>	<i>reu?) Acho que foi o marido dela. (Você lembra quem foi que a audiodescrição disse que morreu?) Não. [Retorno à cena.] O pai dela. (Ouvii de quem foi o caixão?) Do pai dela.</i>
SSA4	<b>Porque o outro morreu. (Quem morreu?) Acho que é o outro filho dela.</b>	<b>Porque o velho morreu. Foi um velho que morreu. [Retorno à cena.] É a mãe neh?</b>
SSA5	<b>Porque ali não pode usar preto. (E por que ela estava?) Porque ela estava indo pra o enterro. (Enterro de quem? Você viu quem tinha morrido?) Eu acho que foi o pai dela.</b>	<i>(Ela usa vestido preto por quê? Quem morreu?) A mãe dela.</i>
SSA6	<b>O enterro. (De quem?) Acho que da pessoa que morreu. (Você acha que quem morreu?) O pai.</b>	<b>O enterro. (O enterro de quem?) O pai. [Retorno à cena.] (Ela se aproximado caixão de quem?) Da mãe.</b>

Fonte: o próprio autor

A pergunta 15 explora o nível de abstração que os alunos conseguem ter ao associar o vestido preto que a personagem usa à morte. Maria José muda de vestido durante todo o filme, indicando seu desenvolvimento e passagem de tempo, contudo, quando Maria surge com um vestido preto já está com a idade avançada e após o diálogo com sua filha Maria de Lurdes, percebemos que há um corpo sendo velado na sala. A questão não apenas explora a capacidade do participante de fazer a associação entre a roupa da personagem e seu sentimento de luto, mas também saber se a partir da AD, aqueles que não conseguiram sem o recurso, percebem esse dado, além de reconhecerem a pessoa que faleceu.

A maioria dos participantes associou a vestimenta preta ao fato de que alguém da família de Maria José havia morrido sem a ajuda da audiodescrição. Porém, quem havia falecido só foi percebido com o auxílio da AD, em alguns casos. Na verdade, quem está no caixão é a mãe de Maria José. Sem o recurso da audiodescrição, os alunos que perceberam que havia um velório, no cômodo da casa, associaram ao marido, pai ou filho da personagem. Mesmo após a transmissão do filme, com a ferramenta de acessibilidade, metade dos participantes não conseguiu perceber que era a mãe de Maria que estava no caixão. SP1, SP4, SP6, SSA1, SSA2 e SSA5 apreenderam a informação.

Nesse caso, acredito que a imagem não chama atenção dos participantes fazendo com que eles não processem quem faleceu, há várias pessoas na sala e os alunos não

deprendem sua atenção a uma única coisa. Dessa forma, a AD deve ser clara e fornecer o dado mais relevante em primeira ordem.

A ordem da descrição:

Quadro 17 – Fragmento do roteiro de AD para o curta *Vida Maria*.

06:17:09

NA PEÇA ONDE ESTÁ MARIA, HÁ UM CORPO SENDO VELADO. ESTÃO PRESENTES TODOS OS FILHOS, O MARIDO E O PAI DE MARIA JOSÉ. ELA SE APROXIMA DO CAIXÃO DE SUA MÃE.

Fonte: o próprio autor

afetou a interpretação dos participantes, pois a AD primeiro descreve os presentes na sala e depois informa que a mãe está no caixão. Nessa cena, em particular, essa ordem da descrição não foi efetiva para a interpretação dos DIs, pois eles remeteram a última pessoa descrita antes de mencionar o caixão da mãe de Maria José, como os casos de SP2, SSA3 e SSA6. SP3 continua a dizer que foi o marido e SSA4 faz relação com outra pessoa que não nomeia, diz que é um velho, mas não diz pai.

No quadro acima, é possível perceber a ordem em que as informações foram dadas. Seria interessante que a informação sobre a mãe viesse, em primeiro plano, pois é o dado mais importante desta cena, como por exemplo, “O corpo da mãe de Maria José está sendo velado. Lá estão seus filhos, o pai e seu marido. Maria José se aproxima do caixão da mãe”.

No que se refere à associação do vestido preto com a morte de sua mãe, a maioria dos alunos perceberam a informação, sem a ajuda da AD, computando um total de 66%. Já com o recurso da AD, esse montante se eleva, passando a ser 77%, uma vez que se refere ao reconhecimento do velório da mãe, 0% percebe esse dado e com o recurso 45%.

Quadro 18 – Pergunta 16 do questionário de compreensão do filme *Vida Maria*

<b>PERGUNTA 16</b>		
<b>PARTICIPANTES</b>	<i>PRA VOCÊ, QUEM SÃO AS OUTRAS MARIAS QUE APARECEM NO CADERNO?</i>	
	SEM AD	COM AD
SP1	[Não respondeu]	<b>Ah, teve Maria da Conceição também, não foi? Tem os nomes parecidos, né?</b>
SP2	[Não respondeu]	<b>Que tinha a Maria de volta no final pra dar a mesma [?] Maria José nascendo. (Mas a voz falou</b>

		<i>o nome de várias Marias, não foi? Pra você, quem eram aquelas Marias?)</i> <b>Maria da Conceição, que era filha da... Era tudo parente da filha.</b>
SP3	<b>O nome dela, que era pequena.</b> <i>(Tinha só o nome dela?)</i> <b>Não, tinha coração, escrito coração, e tem tudo aí.</b> [Retorno a cena] <b>Acho que tem o nome da Maria de Fátima que é tia dela.</b>	<i>(O vento passa e vai mostrando o que no caderno?)</i> <b>Maria das Dores, Maria da Fátima</b> [Pede para retornar à cena] <b>Tem a Maria Aparecida</b> [Repete os nomes com a AD] <b>Tem a Maria Conceição que é a avó dela, que é a que morreu. Maria da Fátima é a tia dela. É tudo parente dela.</b>
SP4	[Não respondeu]	<b>Maria José, Maria de Fátima.</b> <i>(São várias Marias que passaram por ali, não é?)</i> [Balança a cabeça positivamente.]
SP5	<b>Não consegui ver, é muito embaçado. Só vi Maria de Fátima.</b>	
SP6	<b>Tinha um monte de desenhos.</b>	<b>Eu vi Maria do Carmo, Fátima e Dolores.</b> <i>(Tinha vários nomes de Marias, não foi? Pra você, quem será que são todas essas Marias?)</i> <b>Santas?</b>
SSA1	<b>Acho que são as mulheres guerreiras, tentando se libertar da escravidão</b>	<b>É que passou pelas mesmas coisas que ela.</b>
SSA2	<b>Tinha um papel ali. A Maria, duas Maria.</b> [Retorno à cena.] <b>Boneco, olha o boneco ali.</b>	[Retorno à cena após a aluna balançar a cabeça negativamente diante de várias perguntas acerca da cena.] <b>Ah, tem nome né. Tem vários.</b> <i>(E quem são elas?)</i> [?]

SSA3	<b>Ela mesma.</b> <i>(Mas tinham varias Marias, não foi? Quem você acha que eram as outras?)</i> <b>As filhas dela.</b>	<b>Os pais dela. Os parentes dela.</b>
SSA4	<b>Os que já estavam grandes.</b> <i>(São os filhos dela?)</i> <b>É.</b>	[Apontando pra tela onde estão todos os filhos de Maria José.] <b>É isso tudo aí.</b>
SSA5	<b>Maria José é o nome da menina. Maria das Dores é a mãe dela. E Maria de Fátima é a tia dela.</b> <i>(Você acha que todas são da mesma família?)</i> <b>São da mesma família.</b>	<b>É os nomes da família.</b>
SSA6	<b>Lembro não.</b>	<b>Parentes.</b>

Fonte: o próprio autor

As Marias que surgem no caderninho onde Maria José e Maria de Lurdes escrevem são Marias de diferentes gerações, crianças que apenas chegaram a escrever seus nomes e jamais retornaram estudar. O objetivo desta pergunta foi saber se os alunos conseguem fazer essa associação, que não se caracteriza em uma relação fácil.

SP1, SP2 e SP4 não souberam responder a pergunta. Apesar de SP1 demonstrar bastante entusiasmo e atenção, no momento em que assistia o filme, destacando ainda sua reação nesse momento da narrativa, sem o recurso da AD, não conseguiu responder a pergunta, ficando calado à medida que tentava responder. Os outros dois participantes não demonstraram tantas reações enquanto assistiam, deixando claro que nem sempre quando reagem entusiasticamente resulta na compreensão do filme.

É interessante que a resposta de SSA1, a única que conseguiu fazer uma reflexão mais profunda da cena. Lembrando que SSA1 tem uma deficiência leve e é considerada autônoma, tendo apenas comprometimento de aprendizagem e alguns desvios comportamentais. A participante não demonstra reações ou faz expressões durante a filmagem, levando a crer que nem sempre as reações significam atenção ou interpretação. A aluna mantém a mesma linha de raciocínio com e sem a audiodescrição.

Sem o recurso da AD, SP3, SSA3 e SSA5 relacionam as Marias aos familiares de Maria José, mas não informam nada além de possíveis parentescos. Com audiodescrição, no entanto, a quantidade de participantes que relaciona as Marias a parentes da personagem aumenta, como os casos de SP2 e SSA6.

A AD indica que essas Marias são “gerações” da família de Maria e que também viveram a vida da forma retratada pelo filme. Acredito que o uso do vocábulo “gerações” parece não ter funcionado para esse público, o que aponta para a necessidade de

um vocábulo mais recorrente do cotidiano, como “parentes”, como muitos deles mencionaram ao explicar a cena no final do filme.

Apenas 25% interpretaram a cena e identificaram quem eram as Marias do caderno sem o auxílio da AD. Após a etapa com audiodescrição, 45% dos participantes conseguiram perceber as informações da cena.

Tabela 16 – Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 16 do questionário de compreensão de *Vida Maria*

Sem AD	Com AD
SP – 16%	SP – 16%
SSA – 33%	SSA – 66%
Geral – 25%	Geral – 45%

Fonte: o próprio autor

Quadro 19 – Pergunta 17 do questionário de compreensão do filme *Vida Maria*

<b>PERGUNTA 17</b>		
<b>PARTICIPANTES</b>	<b>POR QUE O NOME DO FILME É VIDA MARIA?</b>	
	<b>SEM AD</b>	<b>COM AD</b>
SP1	<b>Eu acho que ela tem uma vida também, né?</b>	<b>Porque eu acho que ela tem uma vida, né?</b>
SP2	<b>Que fala de todas as família. (Fala de toda a família dela, não é?) Não, da mãe principalmente, só ela mesmo.</b>	<b>Esse nome é muito forte, não é? Vida Maria, é o nome de uma comédia, fosse uma menina e tem que contar a história toda.</b>
SP3	<b>É que conta a história dela. É que ela sofreu muito, na mão da mãe dela.</b>	<b>Conta a história dela.</b>
SP4	<b>É o nome da menina. (Mas o nome da menina é Ana ou Maria?) Não sei.</b>	<b>Não sei.</b>
SP5	<b>É a história da bíblia.</b>	
SP6	<b>É o nome do título do filme. O título faz parte do filme.</b>	<b>É o nome do título do filme.</b>
SSA1	<b>Ele tá retratando a vida de Maria, não é?</b>	<b>Porque está relatando sobre a vida de Maria.</b>
SSA2	<b>Parece.</b>	<b>Tem nome. (É, porque o nome é vida Maria?) Vivo de... Vivo que chama de</b>

		<b>Marias.</b>
SSA3	<b>Porque é bom.</b>	<b>Por causa da mãe de Deus. Aí botou o nome dela Maria também.</b>
SSA4	<b>Porque o nome da menina é Maria José.</b>	<b>Porque é o nome da menina.</b>
SSA5	<b>É bom. É porque o nome de Maria é da mãe de Jesus Cristo e nome de minha avó que é Maria também. Maria da Conceição.</b>	<b>Vida que a gente tem e Maria o nome da nossa mãe. (Nossa mãe a mãe de Jesus?) É.</b>
SSA6	<b>Acho que o autor escolheu.</b>	<b>O autor escolheu.</b>

Fonte: o próprio autor

Essa pergunta lida com a associação que os participantes fazem entre o título do filme e o contexto, produzindo uma abstração no que se refere à subjetividade do título. Como é possível perceber no quadro acima, a maioria dos participantes não conseguiu atingir um nível de abstração tal que pudessem inferir que a Vida Maria retrata a vida de muitas mulheres que vivem no sertão nordestino, como a Maria José. Alguns relacionam com a mãe de Deus, Maria, ainda que o filme não mostre qualquer ligação com o tema religiosidade, como é o caso de SP, SSA3 e SSA5.

Mais uma vez a participante SSA1 demonstra um nível de abstração um pouco mais elevado, mas que também não abrange sua interpretação para além da personagem principal. Essa aluna demonstra uma boa articulação linguística, escolhendo signos que normalmente não fazem parte do uso das pessoas com DI, principalmente, se levamos em conta que a aluna vive no subúrbio da cidade de Salvador e frequenta escola pública do ensino básico. Por outro lado, há sempre aquele/a que relaciona a pergunta com sua vida.

Possa ser que uma elucidação com relação à moral do filme ou um fechamento rápido ao final do produto audiovisual seria interessante, por isso, poderia ser utilizado por professores em uma atividade e explorar a narrativa com os alunos em sala.

Quadro 20 – Pergunta 18 do questionário de compreensão do filme Vida Maria

<b>PERGUNTA 18</b>	
<b>PARTICIPANTES</b>	<i>QUAL VERSÃO DO FILME VOCÊ GOSTOU MAIS? PORQUE?</i>
SP1	<b>Com audiodescrição</b>
SP2	<b>Sem a voz falando. (Não gostou da voz falando pra você não?) Eu gosto do que ela falou da menina, Maria de Lurdes.</b>



	<i>(Então você gostou do que ela falou.)</i> <b>Só o da filha, da mãe não.</b> <i>(Você gostou que ela narrou pra você, contou toda a história?)</i> <b>Todinha.</b>
SP3	<b>A da moça que tá falando. Que tá falando um pouco da história dela.</b> <i>(Tá falando da história dela ou do que tá acontecendo?)</i> <b>Do que tá acontecendo.</b>
SP4	<b>Da moça falando.</b>
SP5	<i>(Você gostou da AD?)</i> <b>Gostei.</b>
SP6	<b>Eu gostei da moça falando.</b>
SSA1	<b>A segunda, porque ficou melhor de entender.</b>
SSA2	[A aluna não foi capaz de explicar de qual versão gostou. Conduzi as perguntas para que ela me explicasse se havia gostado de assistir com ou sem a moça falando, mas ela apenas remetia ao filme Vida Maria, e falava o nome da personagem principal.]
SSA3	<b>Com áudio.</b>
SSA4	<b>Esse.</b> [segunda versão, com AD] <b>Porque dá pra entender. Mas o outro também dá pra entender.</b>
SSA5	<b>A que tinha a moça falando.</b> <i>(Por que?)</i> <b>Porque ela tá contando a história de Maria de Lurdes.</b>
SSA6	<b>Falando.</b> <i>(Por que?)</i> <b>Porque eu entendi mais.</b>

Fonte: o próprio autor

A partir da questão 18 analisaremos questões sobre a AD do filme e como os alunos reagiram a essa nova ferramenta de inclusão. Alguns alunos não conseguiram explicar o porquê de terem gostado da AD, como SP1, SP4, SP6, SSA2 e SSA3. SP3 não percebe que a AD é um recurso extra e sim parte do filme, pois infere que a AD conta a história de Maria José e apenas dela. Os demais constataram que entenderam melhor com o auxílio da AD, ainda que algumas lacunas de compreensão permaneceram mesmo com o auxílio da audiodescrição.

Quadro 21 – Pergunta 19 do questionário de compreensão do filme Vida Maria

<b>PERGUNTA 19</b>	
<b>PARTICIPANTES</b>	<i>A AUDIODESCRIÇÃO TE AJUDOU A COMPREENDER MAIS COISAS SOBRE</i>

	<i>O FILME? PORQUE?</i>
SP1	<b>Isso.</b>
SP2	<b>Bastante. Só prestei atenção na mãe dela só.</b>
SP3	<b>Sim</b>
SP4	<b>Ajudou.</b>
SP5	[A aluna não assistiu o filme com AD tempo suficiente para responder as perguntas referente a AD]
SP6	<b>Ajudou.</b>
SSA1	<b>Sim</b>
SSA2	<b>Entendi, eu ouvi.</b>
SSA3	<b>Foi.</b>
SSA4	[Balança a cabeça positivamente.]
SSA5	<b>Entendi o que ela falou.</b>
SSA6	<b>Normal</b>

Fonte: o próprio autor

Essa pergunta é uma confirmação do que os alunos já anunciaram na pergunta anterior, pois já justificam que gostam da AD pelo fato de entenderem melhor a trama do filme.

Quadro 22 – Pergunta 20 do questionário de compreensão do filme Vida Maria

<b>PERGUNTA 20</b>	
<b>PARTICIPANTES</b>	<i>VOCÊ GOSTOU DA VOZ DA AD? E DO JEITO DE FALAR DA VOZ? VOCÊ ACHA QUE TERIA QUE SER MAIS RÁPIDO/LENTO OU ESTÁ BOM ASSIM?</i>
SP1	<b>Sim, gostei. Foi normal.</b>
SP2	<b>Uhum. Achei uma voz boa. ela falou muito rápido porque eu não entendi a Maria de Lurdes. (Então você acha que ela deveria falar mais devagar?) Um pouquinho mais.</b>
SP3	<b>Sim. Mais devagarzinho.</b>
SP4	<b>Gostei. Tava bom.</b>
SP5	<b>Achei boa. Muito rápido. Deu pra entender tudo mas é muito rápido.</b>
SP6	<b>Eu gostei da voz. Eu gosto da voz dela mas eu não escutei a parte que ela fala rápido. Ela fala muito rápido.</b>
SSA1	<b>Tava boa. Tava normal.</b>

SSA2	<b>Ah tem voz, tem. Ela tá falando a música.</b>
SSA3	<b>Gostei. Falou bem.</b>
SSA4	<b>Gostei. Deu pra entender.</b>
SSA5	<b>Gostei. Ela falou bem.</b>
SSA6	[Não respondeu]

**Fonte:** o próprio autor

É importante saber se a velocidade e tom da locução foram aceitos pelos participantes, pois a atenção deles pode ser medida pela clareza e fluidez com que a audiodescrição passa as informações para seus receptores.

Um terço dos participantes, contudo, chamaram atenção para o fato da AD ser mais rápida, o que aponta para a necessidade de menos informações na AD para que sua leitura possa ser mais confortável.

Quadro 23 – Pergunta 21 do questionário de compreensão do filme Vida Maria

<b>PERGUNTA 21</b>	
<b>PARTICIPANTES</b>	<i>VOCÊ GOSTARIA DE VER MAIS FILMES COM AD NA TELEVISÃO OU NO CINEMA?</i>
SP1	<b>Sim.</b>
SP2	<i>(Você acha que se tivesse audiodescrição no seu programa preferido, que é Faustão, você acha que entenderia mais?)</i> <b>Aí é voz de homem. Mas tem o amigo dele que tira sarro dele, aí eu percebo.</b>
SP3	<b>Sim.</b>
SP4	[Balança a cabeça positivamente.]
SP5	<b>Sim, ia ser muito triste. Sim, ia ser muito triste.</b> [A aluna se refere ao fato de que com a AD ela percebeu o filme mais triste e por isso acredita que se outros programas tiverem AD também serão tristes]
SP6	<b>Sim.</b>
SSA1	<b>Sim, ia entender mais.</b>
SSA2	<b>Ah audiodescrição, a roupa. Tem botando... O encanador.</b>
SSA3	<b>Sim.</b>
SSA4	[Balança a cabeça positivamente.]
SSA5	<b>Eu ia gostar.</b>
SSA6	[Balança a cabeça positivamente.]

**Fonte:** o próprio autor

É claro que os participantes gostariam de ter o recurso da AD em mais programas.

#### 4.2 REISADO MIUDIM

O filme de curta-metragem dirigido por Petrus Cariry, no ano de 2008, retrata a história de Matheus, um garotinho que sonha em dançar no Reisado. O sonho de Mateus é brincar no Reisado. No dia da apresentação, seu avô pede para que ele vá com Bruno até a feira para comprar fitas. Lá, Bruno insiste para que Mateus compre brinquedos. Mateus resiste. Voltando para casa, Mateus recebe do seu avô um lindo presente<sup>30</sup>.

Matheus inicia a história olhando o ensaio de várias crianças, guiadas pelo seu avô, à porta de sua casa. Sabemos que o menino quer brincar no Reisado, pois num momento o avô o observa escondido no quarto praticando os passos da dança. No dia seguinte, seu avô manda Matheus ir à feira comprar fitas e lantejoulas para a confecção das fantasias para a apresentação. Ao sair de casa Matheus encontra Bruno, outro garoto o qual dançava no ensaio a quem Matheus observava. Oferece-se para ir com o pequeno, a fim de protegê-lo. Matheus reluta por um momento, mas acaba sendo acompanhado pelo garoto, quando passam por uma quitanda, Bruno mostra a Matheus um boneco do homem aranha e sugere que Matheus compre usando o dinheiro do avô. Matheus se recusa a comprar o brinquedo, pois diz que seu avô foi claro ao mandá-lo comprar fitas e lantejoulas e não um boneco. Os dois discutem e se separam. Ao voltar para casa Matheus recebe de seu avô um capacete de guerreiro, o qual faz parte da fantasia do Reisado. Os dois se abraçam e ao entardecer surgem ensaiando no campo, onde seu avô bate palmas e Matheus canta e dança vestido com sua roupa do Reisado. Ao final, Matheus surge com as outras crianças dançando no Reisado na apresentação na qual o avô os guia.

É um filme de narrativa simples e personagens representados por atores, diferentemente de *Vida Maria*. É um filme de poucos diálogos e com músicas de fundo típicas. O roteiro de AD foi produzido por alunos, das oficinas do projeto DVD Acessível, coordenado pela professora Dra. Vera Lúcia Santiago e revisado pela pesquisadora Renata Mascarenhas. Narração por Pedro Henrique Praxedes.

---

<sup>30</sup> Texto disponível em <[http://portacurtas.org.br/filme/?name=reisado\\_miudim](http://portacurtas.org.br/filme/?name=reisado_miudim)>

Quadro 24 – Pergunta 1 do questionário de compreensão do filme Reisado Miudim

<b>PERGUNTA 1<sup>31</sup></b>		
<b>PARTICIPANTES</b>	<i>POR QUE O SENHOR, NO COMEÇO DO FILME, JOGA ÁGUA NO CHÃO DE TERRA?</i>	
	<b>SEM AD</b>	<b>COM AD</b>
SP1	<b>Porque as pessoas dançam.</b>	<b>Pra o pessoal dançar.</b>
SP2	<b>Porque as plantas não podem morrer.</b>	<b>Porque as plantas não podem morrer.</b>
SP3		[Não respondeu]
SP4	<b>Porque a terra tava muito seca.</b>	<b>Porque a terra tava muito seca.</b>
SP5	<b>Ele tava cavando.</b>	<b>Ele tava molhando a natureza.</b>
SP6	<b>Pra o chão ficar bem molhadinho.</b>	<b>Pra ficar molhado o chão.</b>
SSA1	<b>Deve ser pra plantar alguma coisa.</b>	<b>Pra não fazer poeira.</b>
SSA2	<b>Água no chão, o chinelo. Foi de chinelo e fica pisando.</b>	<b>Água branca. Água na terra vermelha. Uma branca.</b>
SSA3	<b>Pra molhar a terra. (Pra que?) Pra plantar.</b>	<b>Pra amolecer a terra. (Pra que?) Pra plantar as plantas dele.</b>
SSA4	<b>Pra molhar a terra. (Mas pra que?) Pra dançar.</b>	<b>Pra molhar a terra pra poder dançar.</b>
SSA5	<b>Porque a terra tava muito seco, aí ele molhou</b>	<b>Ele tava molhando a água, depois ele andou pra frente e pra trás. (E por que ele tava molhando a terra?) Porque a terra tava toda seca.</b>
SSA6	<b>Pra poeira não subir.</b>	<b>A poeira.</b>

Fonte: o próprio autor

A primeira pergunta do questionário intencionou buscar dos participantes sua percepção quanto à associação entre o senhor que molha a terra com fato de que ele o

<sup>31</sup> A gravação das respostas da participante SP3 foi corrompida, apenas consegui o som das respostas pela câmera que estava gravando a tela do computador e que só gravou a etapa com audiodescrição, fazendo com que as colunas sem AD ficassem sem informações.

faz para umedecer a terra e não levantar poeira no momento em que as crianças ensaiam a dança.

Muitos dos participantes relacionaram a ação à plantação de algo. Sem o recurso da AD, os participantes SP1, SP4, SSA4, SSA5 e SSA6 conseguiram fazer associação com a poeira. Já com AD, os mesmos participantes mantêm suas respostas e SSA1 percebe que o senhor molha a terra para não levantar poeira.

A AD dessa cena não explicita o que o senhor intenciona com esta ação, apenas descreve os movimentos do personagem. Uma AD mais explícita asseguraria a informação de que o senhor molha a terra para que a poeira assente e que o movimento não faça levantá-la.

Nesse contexto, 54% dos participantes não necessitaram da AD para chegar a essa conclusão. Com o recurso da AD, não que esta tenha dado algum indício da interpretação discutida, 58% dos participantes perceberam a intenção do personagem. Um fato importante a ser considerado é que o fato de os participantes terem assistido ao filme duas vezes tenha influenciado nas respostas.

Tabela 17 – Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 1 do questionário de compreensão de *Reisado Miudim*

Sem AD	Com AD
SP – 60%	SP – 50%
SSA – 50%	SSA – 66%
Geral – 54%	Geral – 58%

Fonte: o próprio autor

Quadro 25 – Pergunta 2 do questionário de compreensão do filme *Reisado Miudim*

<b>PERGUNTA 2</b>		
<b>PARTICIPANTES</b>	<b>VOCÊ SABE PORQUE O MENINO NO INÍCIO DO FILME FICA OLHANDO DA PORTA E NÃO SE JUNTA ÀS OUTRAS CRIANÇAS QUE ESTÃO LÁ FORA?</b>	
	<b>SEM AD</b>	<b>COM AD</b>
SP1	<b>Ele tá dando língua pra o outro. (E porque ele não vai lá dançar com as outras crianças?) Porque ele não chamou [o garoto da dança]</b>	<b>Porque ninguém não chamou ele pra dançar.</b>
SP2	<b>Porque eles tem ciúme. (Eles tem ciúme do menino?) É.</b>	<b>Porque eles tem medo das meninas</b>
SP3		<b>Ele tá no parapeito da porta. É que eles não gostaram dele no meio do grupo. (Porque?) É porque, por exemplo, eles não aceitaram ele dançar.</b>
SP4	<b>Porque ele tem vergo-</b>	<b>Porque ele tem vergonha.</b>

	<b>nha.</b>	
SP5	<b>É que ele é meio inseguro.</b>	<b>É porque ele era uma pessoa muito inseguro.</b>
SP6	<b>É porque o menininho não participou. É que ele quer dançar com eles.</b>	<b>Porque ele não quer participar da dança deles.</b>
SSA1	<b>Acho que ele tem que aprender a coreografia.</b>	<b>Não sabe a coreografia.</b>
SSA2	<b>Ah, ele dança né?! É, só ficou olhando. (Por que ele não foi dançar com as crianças?) Tinha que chamar ele.</b>	<b>Tinha que chamar ele.</b>
SSA3	<b>É, aí depois fica dando língua. (Por que ele não vai dançar com os outros?) Ele não gosta.</b>	<b>Porque ele não gostou. Não gosta.</b>
SSA4	<b>Porque ele não tem condições. Porque tem que ter a roupa, tem que ter o figurino completo e ele não teve [?] de ganhar. Aí depois ele ficou dançando no quarto sozinho. (Você acha que ele tá dançando no quarto sozinho por quê?) Porque ninguém convidou ele.</b>	<b>Porque não tem a roupa.</b>
SSA5	<b>Porque ele não gostou daquele outro menino.</b>	<b>Ele só fica lá olhando, os pessoal dançando. Porque ele queria entrar no grupo também.</b>
SSA6	<b>Ele tem medo.</b>	<b>[Após um bom tempo sem falar.] (Você tinha me dito que ele tinha medo. Medo de que?) Ele tem medo e também ele tá aprendendo ainda.</b>

Fonte: o próprio autor

Essa pergunta é interessante, porque essa informação depende de uma maior atenção ao filme, e associação para o fato de o menino querer dançar e não poder. O menino pequeno que está à porta não dança com as outras crianças, por ainda não ter idade para tal. Ele ainda é pequeno para participar do Reisado, por isso apenas olha da janela.

Nenhum dos participantes conseguiu fazer essa inferência, visto que estavam muito focados na cena em si e não no todo. Não relacionaram a idade de Matheus, o menino pequeno, às das outras crianças nem mesmo seu tamanho comparado aos meninos que dançavam.

Alguns percebem que Matheus quer dançar também, mas não foram capazes de dizer o porquê ele não pode. Dessa forma, sem ou com auxílio da AD, esta questão não foi apreendida pelos participantes.

É interessante notar a resposta de SP3, na segunda etapa, quando cita uma palavra utilizada, durante a narração da AD, “parapeito”, e do quanto ela gostou da palavra, pois repetia a cada tanto. O que nos leva a pensar que a AD também é uma ferramenta de aprendizagem, como pontuaram Rios e Azevedo (2013), permitindo que seus usuários também absorvam palavras novas e novos conceitos, a partir das narrações.

Tabela 18 – Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 2 do questionário de compreensão de *Reisado Miudim*

Sem AD	Com AD
SP – 0%	SP – 0%
SSA – 33%	SSA – 16%
Geral – 16%	Geral – 9%

Fonte: o próprio autor

Quadro 26 – Pergunta 3 do questionário de compreensão do filme *Reisado Miudim*

<b>PERGUNTA 3</b>		
<b>PARTICIPANTES</b>	<i>AS CRIANÇAS ESTÃO ENSAIANDO UMA DANÇA NO COMEÇO DO FILME. VOCÊ SABE QUE DANÇA É ESSA? SE SIM, COMO VOCÊ SABE?</i>	
	SEM AD	COM AD
SP1	<b>Me esqueci.</b>	[Olha pra mim com ar confuso, de dúvida.] ( <i>Reisado.</i> ) <b>Ah, reisado, né?!</b>
SP2	<b>Era de quadrilha.</b>	<b>Quadrilha</b>
SP3		<b>É dos indígenas.</b> [Explicação sobre o que é reisado.]
SP4	<b>Não.</b>	<b>Não.</b> [Explicação sobre o que é reisado.]
SP5	<b>Não.</b>	<b>É a dança do reisado menino.</b>
SP6	<b>É danças africanas?!</b>	<b>Essa dança parece africanas.</b> [Explicação sobre o que é reisado.]
SSA1	<b>Não.</b>	[Balança a cabeça negativamente] [Explicação sobre o que é reisado].
SSA2	<b>Do pé. (Você sabe o nome da dança?) Da dança. O pé vai pra lá e pra cá. O nome é difícil.</b>	<b>Do pé.</b> [Explicação sobre o que é reisado.]



SSA3	<b>É pra chover</b>	<b>É o xaxado.</b> [Explicação sobre o que é reisado.]
SSA4	<b>Parecia um forrozinho</b>	<b>Não.</b> [Explicação sobre o que é reisado.]
SSA5	<b>Não. Não conheço não.</b>	<b>Eu acho que é dos maracatu.</b> [Explicação sobre o que é reisado.]
SSA6	[Balança a cabeça negativamente.]	<b>Uma dança folclórica?</b> [Explicação sobre o que é reisado.]

Fonte: o próprio autor

A questão três procurou saber até que ponto os alunos lembravam o nome da dança a qual o filme estava baseado. A audiodescrição não precisa explicar o que é o Reisado, mas neste quesito entendo que seria informativo repetir mais vezes o nome da dança, uma vez que a palavra apenas é mencionada pouquíssimas vezes durante o filme. As pessoas com deficiência intelectual tendem a esquecer mais facilmente informações novas. A repetição é importante para que esse público retenha informações como nomes de personagens, de lugares, nesse caso danças, etc, pois dessa forma eles poderão relacionar a forma ou significado (a imagem que eles veem) com o significante, nesse caso não sua forma gráfica, mas seu significante verbal. Contudo, há uma tentativa de aproximação por parte dos participantes.

Tabela 19 – Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 3 do questionário de compreensão de *Reisado Miudim*

Sem AD	Com AD
SP – 0%	SP – 16%
SSA – 0%	SSA – 0%
Geral – 0%	Geral – 8%

Fonte: o próprio autor

Quadro 27 – Pergunta 4 do questionário de compreensão do filme *Reisado Miudim*

<b>PERGUNTA 4</b>		
<b>PARTICIPANTES</b>	<i>POR QUE O MENINO QUE ESTÁ DANÇANDO E AQUELE QUE ESTÁ OLHANDO DA PORTA DA CASA FICAM MOSTRANDO A LÍNGUA UM PARA O OUTRO?</i>	
	SEM AD	COM AD
SP1	<b>Porque um tá com inveja porque o outro tá dançando.</b>	<b>Porque o menino que tava dançando não chamou o amigo pra dançar.</b>
SP2	<b>Porque ele não gosta um do outro.</b>	<i>(Você ainda acha que eles não se gostam? São ami-</i>

		<i>gos?) Não, são inimigos.</i>
SP3		<i>(Você ainda acha que os meninos que se dão língua não se gostam?) [Balança a cabeça negativamente] [ainda acha que os meninos não se gostam]</i>
SP4	<b>Tá provocando ele.</b>	<b>Tá provocando.</b>
SP5	<b>Fazendo micagem, fazendo graça.</b>	<b>Além da falta de respeito eles estão fazendo gracinha.</b>
SP6	<b>É que eles ficam brigando.</b>	<b>Não sei, porque ele sente vergonha e não quer participar.</b>
SSA1	<b>Porque o grande se acha melhor do que o menor. Aí fica inticando o outro.</b>	<b>Porque o grande se acha melhor.</b>
SSA2	<b>As duas, olhando, a língua.</b> <i>(Por que será que eles estão se dando língua?) [Começa a dar língua, mostrando o que os meninos estavam fazendo.] (Mas eles estão fazendo isso por que? Eles estão brincando, brigando?) Não não, estão se olhando.</i>	<b>Numa porta, olhando. Tava dando língua.</b>
SSA3	<b>Tá pirraçando o outro.</b>	<b>Pirraçando.</b>
SSA4	<b>Porque fica provocando o outro.</b>	<b>Pra atrapalhar a dança.</b>
SSA5	<b>Não sei. Não pode ficar dando língua pro outro. Eles são amigos, não pode dar língua.</b> <i>(Mas por que eles estavam se dando língua?) Porque ele não gosta do menino.</i>	<b>Porque eles dois não se gosta.</b>
SSA6	<b>Um tem inveja do outro.</b>	<b>Um tem inveja do outro.</b>

Essa questão parece ser de fácil interpretação, pois a cena é clara, o menino pequeno, Matheus, e o outro, que está dançando, se dão língua, porque estão brincando. Tiramos essa conclusão pelo fato de eles estarem sorrindo enquanto se dão língua. En-

tretanto, para os participantes da pesquisa essa impressão não lhes ocorreu, a maioria afirmou que os meninos estavam brigando, que não se gostavam ou que tinham inveja um do outro. Para os alunos envolvidos no estudo, dar língua é sinal de briga, de coisa feia, que não se faz, e, por isso, não associam a uma brincadeira. A participante SP5 ainda conseguiu interpretar como se estivessem fazendo graça, mas não num bom sentido, pois sua resposta na segunda etapa deixa claro que a ação dos garotos é uma falta de respeito.

Na audiodescrição desta cena a AD indica que as crianças estão brincando.

Quadro 28 – Fragmento do roteiro de AD para o curta *Reisado Miudim*.

00:02:41,149 --> 00:02:43,651 Um dos garotos mostra a língua para o menino na porta...
00:02:43,651 --> 00:02:45,883 que também mostra a sua.
00:02:46,208 --> 00:02:51,208 Em tom de brincadeira, os dois continuam dando língua um para o outro.

Fonte: o próprio autor

Aqui os alunos ou não prestaram atenção na audiodescrição ou a AD não lhes foi efetiva. Esse exemplo indica que a explicitação de que é uma brincadeira já poderia estar na descrição da primeira cena, quando um dos meninos mostra sua língua. A repetição de que continua sendo uma brincadeira, também reforçaria para que a atenção para essa informação seja mais efetiva.

Tabela 20 – Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 4 do questionário de compreensão de *Reisado Miudim*

Sem AD	Com AD
SP – 20%	SP – 16%
SSA – 0%	SSA – 0%
Geral – 9%	Geral – 8%

Fonte: o próprio autor

Quadro 29 – Pergunta 5 do questionário de compreensão do filme *Reisado Miudim*

<b>PERGUNTA 5</b>		
<b>PARTICIPANTES</b>	<b>COMO É O NOME DO MENINO?</b>	
	<b>SEM AD</b>	<b>COM AD</b>
SP1	<b>Era Matheus.</b>	<b>Esqueci o nome. Matheus. Matheus, é Matheus.</b>
SP2	<i>(Você lembra o nome do</i>	<i>(Você lembra agora o nome</i>

	<i>menininho?) Não.</i>	<i>do menino?) Não. Só o mais novo. (Como é o nome do mais novo?) Ele é mais novo do que eu, eu sou mais nova também. Mas o outro ficou longe um do outro. (Mas como é o nome do pequeno?) Eu não sei.</i>
SP3		<b>Matheus.</b>
SP4	<b>Não lembro.</b>	<i>(Você agora lembra o nome do menino?) Matheus?</i>
SP5	<b>Não lembro.</b>	<i>(Agora você lembra o nome do menininho?) Não.</i>
SP6	<b>Não sei.</b>	<i>(Você lembra o nome do menino agora?) Matheus.</i>
SSA1	<b>Matheus.</b>	<b>Matheus.</b>
SSA2	<b>Ah, menino. Menino... É muito difícil.</b>	<b>Matheus.</b>
SSA3	<b>Não lembro.</b>	<b>Joãozinho.</b> [Retorno à cena onde o nome de Matheus é mencionado.] <b>Matheus.</b>
SSA4	<b>Não lembro.</b>	<b>Matheus.</b>
SSA5	<b>Não lembro não.</b>	<b>Matheus.</b>
SSA6	<b>Esqueci.</b>	<b>Matheus.</b>

Fonte: o próprio autor

A questão quinta explora a memória dos participantes com relação ao nome do personagem principal, Matheus. Aqui é importante perceber como a repetição no roteiro da AD influenciou positivamente na recordação dos participantes do nome do menino. Sem o recurso da AD, apenas SP1 e SSA1 conseguiram lembrar, o equivalente a 18% do total. Os demais tiveram dificuldade em memorizar o nome do garoto. Isso se dá pelo fato de no filme a menção a Matheus ser rara, acontecendo poucas vezes durante toda a narrativa. Com o recurso da AD, 75% dos alunos lembraram o nome de Matheus, corroborando mais uma vez com a ideia de que a repetição no roteiro é um elemento indispensável para esse público.

Tabela 21 – Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 5 do questionário de compreensão de *Reisado Miudim*

Sem AD	Com AD
SP – 20%	SP – 66%

SSA – 16% Geral – 18%	SSA – 83% Geral – 75%
--------------------------	--------------------------

Fonte: o próprio autor

Quadro 30 – Pergunta 6 do questionário de compreensão do filme *Reisado Miudim*

<b>PERGUNTA 6</b>		
<b>PARTICIPANTES</b>	<i>O QUE O SENHOR É DO MENINO?</i>	
	SEM AD	COM AD
SP1	<b>Pai dele.</b>	<b>Avô.</b>
SP2	<b>Pai.</b>	<b>Pai.</b>
SP3		<b>Avô. E a mulher que tá com o cabelo grisalho é a avó.</b>
SP4	<b>Vô dele.</b>	<b>Vô dele.</b>
SP5	<b>Avô.</b>	<b>Avô.</b>
SP6	<b>É os pais dele.</b>	<b>Avô.</b>
SSA1	<b>Avô.</b>	<b>Avô.</b>
SSA2	<b>Pai.</b>	<b>É neto. (Matheus é o neto, mas e o senhor, é o que de Matheus?) Não sei responder. (Avô.) Avô, avô.</b>
SSA3	<b>Avô</b>	<b>O avô</b>
SSA4	<b>O avô.</b>	<b>Avô</b>
SSA5	<b>Avô dele.</b>	<b>Avô.</b>
SSA6	<b>Avô.</b>	<b>Avô.</b>

Fonte: o próprio autor

A questão seis pretendeu saber dos alunos se eles entendiam a relação do senhor com o menino. No curta somente um único momento é que essa relação seja comentada, e isso ocorre no final do filme, e ,por isso, concluímos que os participantes tenham essa informação fresca na memória. Deste modo, sem o recurso da AD, 63% dos alunos relacionaram o senhor como sendo avô de Matheus. Já com AD, 91% dos alunos fizeram essa associação. Ainda que ao final do filme, a repetição da AD foi importante para que os alunos entendessem essa relação.

Tabela 22 – Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 6 do questionário de compreensão de *Reisado Miudim*

Sem AD	Com AD
SP – 40%	SP – 83%
SSA – 83%	SSA – 100%
Geral – 63%	Geral – 91%

Fonte: o próprio autor

Quadro 31 – Pergunta 7 do questionário de compreensão do filme Reisado Miudim

<b>PERGUNTA 7</b>		
<b>PARTICIPANTES</b>	<i>O QUE MATHEUS ESTÁ FAZENDO NO QUARTO QUANDO O AVÔ O OBSERVA?</i>	
	SEM AD	COM AD
SP1	<b>Tava cantando a música e dançando. Tava dançando.</b>	<b>Ele tava cantando a música. (Só cantando?) E dançando também.</b>
SP2	<b>Pra ver as coisas do que ele faz. (Você lembra o que o menino estava fazendo no quarto na hora que o “pai” vai lá vê-lo?) Sim, tava arrumando a cama, aí o pai dele ficou com medo.</b>	<b>De vez em quando só dá pra vigiar. (Mas lembra no filme o que acontece?) [Foi necessário retornar à cena] (E aí, o que é que o menino está fazendo aí no quarto?) Parece que está arrumando a cama.</b>
SP3	[Não respondeu]	<b>Ele tá dançando. De costas.</b>
SP4	<b>Dançando.</b>	<b>Dançando.</b>
SP5	<b>Estudando.</b>	<b>Tava estudando. Depois ele voltou pra ensaiar a dança.</b>
SP6	<b>O avô fica olhando o menino que fica ensaiando.</b>	<b>O avô fica olhando pra ele porque ele tá ensaiando.</b>
SSA1	<b>Tá ensaiando.</b>	<b>Tá ensaiando.</b>
SSA2	<b>Dançando.</b>	<b>Dançando</b>
SSA3	<b>Dançando.</b>	<b>Dançando.</b>
SSA4	<b>Ensaioando.</b>	<b>Ensaioando.</b>
SSA5	<b>Tá dançando.</b>	[Mesma resposta]
SSA6	<b>Dançando.</b>	<b>Tá dançando.</b>

Fonte: o próprio autor

Essa pergunta explora a atenção que os participantes tiveram ao assistir ao filme. É uma questão de fácil entendimento, pois os alunos não precisam de muitas ferramentas para identificar movimentos de dança, principalmente, o grupo participante desta pesquisa, pois muitos atuam em oficinas de dança e de teatro nas APAEs.

Sem o recurso da AD, apenas SP2 e SP5 não responderam de forma satisfatória, levando a um total de 81% dos que não necessitaram do auxílio da AD para interpretar esta cena. A única participante que continuou a responder, fora do contexto, foi SP2, que nem com o auxílio da AD foi capaz de se ater à cena em questão. SP5, porém, conseguiu responder, aumentando a porcentagem para 91%.

Tabela 23 – Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 7 do questionário de compreensão de *Reisado Miudim*

Sem AD	Com AD
SP – 60%	SP – 66%
SSA – 100%	SSA – 100%
Geral – 81%	Geral – 91%

Fonte: o próprio autor

Quadro 32 – Pergunta 8 do questionário de compreensão do filme *Reisado Miudim*

<b>PERGUNTA 8</b>		
<b>PARTICIPANTES</b>	<i>POR QUE VOCÊ ACHA QUE MATEUS ESTÁ DANÇANDO IGUAL ÀS CRIANÇAS QUE ENSAIARAM PELA MANHÃ? O QUE ELE QUER?</i>	
	SEM AD	COM AD
SP1	<b>Dançar também.</b>	<b>Porque ele escutou a música lá, aí foi lá no quarto. (O que ele quer?) Ele queria dançar também.</b>
SP2	[Devido a resposta anterior, não faria sentido fazer esta pergunta.]	[Devido a resposta anterior, não faria sentido fazer esta pergunta.]
SP3		<b>Eles sabem esses passos. É o jeito dele. (O que você acha que ele quer?) Ele pensa que quer cantar a música. (E você acha que ele quer entrar para o grupo, ou não?) É.</b>
SP4	<b>Porque ele quer aprender a dançar.</b>	<b>Ele quer aprender a dançar.</b>
SP5	[Não respondeu]	<b>Não, ele não tava dançando igual as outras crianças. (Mas ele estava ensaiando, não foi?) É, mas não tava muito igual não. (E porque você acha que ele tava dançando? O que ele queria?) Porque eu acho que ele queria dançar. Junto com eles.</b>
SP6	<b>Ele sentiu vergonha. (Mas será que ele quer</b>	[Não respondeu]

	<i>dançar junto com os outros, já que ele estava ensaiando?) Não sei.</i>	
SSA1	<b>Porque ele quer entrar na... É quadrilha, não é? Aí ele tá ensaiando pra poder entrar na quadrilha.</b>	<b>Tá ensaiando pra poder entrar na quadrilha.</b>
SSA2	<b>Pra cá, pra lá. Tava cantando.</b>	<b>É um bocado de crianças. Dançando do pé.</b>
SSA3	<i>Ser dançarino. (Aquele dança não é a mesma dança que as outras crianças estavam dançando não?) Não, é diferente.</i>	<b>Pra dançar junto com os meninos.</b>
SSA4	<b>Quer dançar junto.</b>	<b>Quer dançar junto.</b>
SSA5	<b>Ele tava fazendo os movimentos que os outros estavam fazendo. É porque ele quer entrar no grupo deles.</b>	<b>É porque ele tá fazendo coreografia pra juntar o grupo.</b>
SSA6	<b>Eu acho que ele viu, ele viu e aí aprendeu.</b>	<b>Éta que eu esqueci.</b>

Fonte: o próprio autor

A oitava questão requer que os alunos exponham sua interpretação com relação à ação de Matheus ao dançar como as outras crianças. Esse fato é importante para a narrativa, pois é nesta cena em diante que Matheus terá a chance de dançar no Reisado, pois seu avô o observa escondido. Matheus, que ainda é muito pequeno, não tem idade para dançar com o grupo, mas sua vontade é tão grande que escondido em seu quarto ensaia assim mesmo. Essa é uma conclusão que pode ser caracterizada como complexa de se chegar sem auxílio para o público alvo deste estudo. Logo, 36% dos alunos chegaram a essa conclusão, sem o auxílio da AD, e, com AD, a margem sobe para 58%.

Vale esclarecer que esta questão não foi feita à aluna SP2 devido sua resposta à pergunta anterior. Caso fosse questionado sobre qual a intenção do garoto enquanto dançava no quarto, faria com que a aluna perdesse seu raciocínio e estaria induzindo sua resposta. Esta não é a intenção da pesquisa, e, por isso não a indaguei até que o questionário fosse completado.

Tabela 24 – Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 8 do questionário de compreensão de *Reisado Miudim*

Sem AD	Com AD
SP – 20%	SP – 33%



SSA – 40%	SSA – 83%
Geral – 27%	Geral – 58%

Fonte: o próprio autor

Quadro 33 – Pergunta 9 do questionário de compreensão do filme Reisado Miudim

<b>PERGUNTA 9</b>		
<b>PARTICIPANTES</b>	<i>O AVÔ GOSTA OU NÃO DE VER MATEUS DANÇANDO NO QUARTO? POR QUE?</i>	
	SEM AD	COM AD
SP1	[Balança a cabeça positivamente.] <i>(Como é que você sabe que ele gosta?)</i> <b>Porque o pai dele chegou no quarto dele, aí abriu a porta e aí ele tava dançando música lá. (E o pai dele fez o que quando tava olhando?) Deu risada um pouco.</b>	<b>Tava dançando música e o avô deu risada.</b>
SP2	<i>(O “pai” gosta de ver o que o menino tá fazendo?)</i> <b>Sim. (Como você sabe?)</b> <b>Ah, ele sabe, porque ele já é um adulto.</b>	<b>Tá, ele tá adorando. (Como é que você sabe?)</b> <b>Porque ele sorri.</b>
SP3		[Balança a cabeça positivamente.] <i>(Como é que você sabe?)</i> <b>É que tem a moça que sai de casa e vai em direção ao grupo. (E na hora que o avô está observando Matheus, ele gosta de ver Matheus dançar?)</b> <b>Sim. (Porque? Como você sabe que ele gosta? Ele faz o que?)</b> <b>Tá dançando e cantando. (E o avô? O que o avô faz quando olha pra Matheus?)</b> <b>Dá risada.</b>
SP4	<b>Gostou. Porque ele deu risada.</b>	<b>Gostou. Porque ele deu risada.</b>
SP5	<b>Não lembro.</b>	<b>Eu acho que ele gosta.</b>
SP6	<b>Ele gostou. (Porque você</b>	<b>Gosta.</b>

	<i>acha que ele gostou?) Pela cara. (O que foi que ele fez com a cara, quando viu o menino dançar?) Ele sentiu vontade de olhar.</i>	
SSA1	<b>Gosta. (Como você sabe?) Ele dá risada.</b>	<b>Gosta porque ele ri.</b>
SSA2	<b>Gosta. Dá presente, o chapéu. Manda comprar uma fitas. E o menininho compra? Compra.</b>	<b>Ah, é porque ele tá dançando pé. Na porta fica olhando. (Quando a audiodescrição diz que o avô olha e sorri, significa que ele tá contente ou triste?) Contente.</b>
SSA3	<b>Não.</b>	<b>Não.</b>
SSA4	<b>Não. Ele balança o rosto e aí fica dando risada.</b>	<b>Gosta.</b>
SSA5	<b>Gosta. Porque ele chegou na janela e ficou vendo ele dançando.</b>	<b>Gosta. Porque ele gosta que o neto dele dança.</b>
SSA6	<b>Gosta. Ele deu uma risada.</b>	<b>Gosta. Ele deu uma risada.</b>

Fonte: o próprio autor

O fato do avô sorrir ao observar Matheus indica que gosta de ver o que o garoto está fazendo e, conseqüentemente, dá a Matheus a chance de dançar no Reisado, caso o garoto cumpra a missão que o avô dará.

O percentual foi 63% dos participantes conseguiram associar o sorriso do senhor como positivo, de aprovação, sem a AD, exceto SSA4 interpreta o sorriso como uma reprovação, como um deboche. Com o recurso da audiodescrição, 83% dos participantes conseguem associar o sorriso a uma resposta positiva por parte do avô.

Tabela 25 – Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 9 do questionário de compreensão de *Reisado Miudim*

Sem AD	Com AD
SP – 27%	SP – 83%
SSA – 66%	SSA – 83%
Geral – 63%	Geral – 83%

Fonte: o próprio autor

Quadro 34 – Pergunta 10 do questionário de compreensão do filme Reisado Miudim

### PERGUNTA 10

PARTICIPANTES	<i>QUANDO O NARRADOR DIZ “O CÉU ESTÁ BRANCO”, O QUE VOCÊ ENTENDE? COMO ESTÁ O CÉU?</i>	
	SEM AD	COM AD
SP1		<b>Eu penso que o céu tá bem branco mesmo.</b> ( <i>Branco como? Cheio de nuvens, com nuvens?</i> ) <b>Sem nuvem.</b>
SP2		<b>Porque as vezes tá nublado também.</b> ( <i>O que é que você entende quando ele diz “o céu está branco”?</i> <i>Como o céu está?</i> ) <b>Tá mais ou menos, não tá que nem o por do sol que nem aqui. Porque o céu tá branco que tá ficando nublado.</b>
SP3		<b>É o dia. O branco é as nuvens. É que no dia o céu tava preto.</b> [Retorno à cena.] ( <i>Aí, como está o céu?</i> ) <b>É de dia.</b>
SP4		[Não responde]
SP5		<b>Não lembro não.</b>
SP6		<b>Que tá bonito.</b> ( <i>Quando ele fala “o céu está branco”, você imagina que o céu está como? De dia, de noite, como você imagina?</i> ) <b>De noite.</b> ( <i>Se eu te digo, o céu tá branco, como você acha que tá o céu?</i> ) <b>De dia.</b>
SSA1		<b>Que tá com um bocado de nuvens brancas. Tá nublado.</b>
SSA2		<b>O céu o branco, o vermelho, amarelo.</b> ( <i>Como é está o céu quando tá branco?</i> ) <b>Branco... Tá abotoando as</b>

		<b>costas. Uma linha.</b> ( <i>Mas se eu te digo que o céu tá branco, como é que está o céu?</i> ) <b>O céu, céu, tem nome. O céu branco. É o negocio de, da costa.</b> ( <i>Quando eu digo que o céu tá branco você acha que tem nuvem, tá sol, tá chovendo?</i> ) <b>Tem sol.</b>
SSA3		<b>Preto. É porque chove.</b>
SSA4		<b>Nublado. Fica nublado</b>
SSA5		[Não respondeu]
SSA6		<b>Tá azul.</b>

Fonte: o próprio autor

Como essa pergunta está unicamente relacionada à AD, não faria sentido fazê-la na primeira etapa, sem AD. O audiodescritor procurou ser objetivo em sua descrição, não emitindo opinião, tampouco interpretando o céu. Na cena, é possível perceber que o céu está nublado, com nuvens encobrindo o céu. Notamos, contudo, que alguns dos participantes assimilaram o céu como nublado de acordo com a narração da AD, como os casos de SP2, SSA1, SSA3 e SSA4. SSA3 ainda encara o branco como preto, pois está nublado.

Nesse contexto, apenas 33% dos alunos relacionaram branco com nublado. 66% dos participantes ou não souberam responder ou relacionaram a outras coisas, como o caso de SSA2, que não conseguiu nem remeter à cena, mais uma vez associou sua falta de atenção à sua deficiência de grau moderado, uma vez que dentre todos é a participante que mais abstrai e pouco relaciona as informações às cenas.

Quadro 35 – Pergunta 11 do questionário de compreensão do filme *Reisado Miudim*

<b>PERGUNTA 11</b>		
<b>PARTICIPANTES</b>	<i>POR QUE A SENHORA QUE COSTURA ESTÁ AJEITANDO A ROUPA DA MENINA E AS OUTRAS ROUPAS PENDURADAS? PRA QUE SÃO ESSAS ROUPAS?</i>	
	SEM AD	COM AD
SP1	<b>Pra ela [a menina] dançar também.</b> ( <i>Pra que são essas roupas que estão penduradas?</i> ) <b>Pra usar.</b>	<b>Porque ela ia dançar também. A roupa dela é branca.</b> ( <i>E aquelas roupas que estão na parede são pra que?</i> ) <b>Pra vestir.</b>
SP2	<b>Porque ela gosta da menina.</b> ( <i>Pra que são essas roupas?</i> ) <b>São pra lavar.</b>	<b>Porque tava saindo o vestido.</b> ( <i>E a menina estava vestida daquele jeito pra</i>

		<i>que?)</i> <b>Pra sair com os meninos. É, aí eu prestei atenção neles.</b>
SP3		<b>É pra a apresentação.</b> ( <i>E as roupas penduradas na parede?</i> ) <b>Também.</b>
SP4	<b>Pra menina dançar.</b> ( <i>Você acha que as roupas penduradas são pra que?</i> ) <b>Pra ir para o baile.</b>	<b>Pra menina dançar pra ir pra o baile.</b>
SP5	<b>Acho que é pra dança do Reisado.</b>	<b>Porque ela ia se apresentar.</b> ( <i>E as roupas na parede?</i> ) <b>Ela tava lavando roupa porque eu acho que tinha alguém mais que ia dançar.</b>
SP6	<b>Para ela ensaiar.</b>	<b>A moça ta costurando a roupa da menina porque ela precisa ensaiar.</b> ( <i>E você acha que aquelas roupas penduradas são pra que?</i> ) <b>Eu vi o vestido vermelho.</b> ( <i>E o vestido vermelho é pra que?</i> ) <b>É pra dançar.</b>
SSA1	<b>Pra quadrilha.</b> ( <i>E as que estão na parede?</i> ) <b>É uniforme. Os figurinos pra poder dançar.</b>	<b>Pra poder dançar na quadrilha.</b>
SSA2	<b>A roupa? Diferente!</b> ( <i>É roupa pra que?</i> ) <b>Ah, diferente, normal, de vestir.</b> ( <i>E as roupas da parede, pra que são?</i> ) <b>Da parede, roupa. Tá botando uma, [?], abotoando a roupa.</b>	<b>Uma linha. A agulha.</b> ( <i>As roupas são pra que?</i> ) <b>A botão.</b> ( <i>As roupas que estão ali são pra ser usadas onde?</i> ) <b>A roupa um branco né!</b>
SSA3	<b>Pra dançar.</b> ( <i>Pra dançar onde?</i> ) <b>Na roda. Roda igual que aqueles outros estavam dançando.</b> ( <i>E as roupas da parede?</i> ) <b>Pra enfeitar.</b>	<b>É pra ajustar a roupa dela.</b> ( <i>E a menina vai fazer o que com aquela roupa?</i> ) <b>Dançar também.</b> ( <i>E as roupas da parede, pra que são?</i> ) <b>Amostra.</b>
SSA4	<b>Pra dançar na apresentação.</b> ( <i>E as roupas da parede são pra que?</i> ) <b>Do grupo.</b>	<b>Pra dançar.</b>
SSA5	<b>Ela tá fechando a baguilha atrás.</b> ( <i>Você acha que aquela roupa é pra que?</i> )	<b>Pra dança.</b>

	<b>Pra dançar balé. (E as roupas na parede?) Pra fazer o figurino pra dança.</b>	
SSA6	<b>A menina pediu pra abotoar. (E a roupa dela é pra que?) Aquela roupa ali é pra festa.</b>	<b>Pra festa.</b>

Fonte: o próprio autor

A pergunta onze também é de fácil associação, buscando identificar se os alunos prestaram atenção ao início do filme e se associam a menina do vestido à mesma da cena da dança.

A avó de Matheus aparece costurando e ajustando a roupa da menina para que esta possa dançar no Reisado. Como a audiodescrição também se propõe a descrever o ambiente onde se passa a narrativa, foi importante perguntar para que servissem as roupas penduradas na parede, dessa forma seria possível inferir que os alunos com DI saberiam ou não as associar à dança.

A maioria dos alunos compreendeu, sem o auxílio da AD, que a roupa ajustada da menina era para que ela fosse dançar no Reisado ainda que muitos usassem outras denominações para a dança. Com relação às roupas penduradas, apenas três dos participantes não associaram à dança.

Com o auxílio da AD, não houve alteração nas respostas. Aqueles que não associaram as roupas penduradas na parede como parte do figurino para dançar no Reisado continuaram sem interpretar dessa forma. Assim, 81% assimilaram a roupa da menina com os festejos do Reisado sem a ajuda da AD, 54% conseguiram relacionar as roupas penduradas à dança. Com o auxílio da ferramenta de inclusão, 83% continuaram com as respostas anteriores e os mesmos 66% conseguiram relacionar as outras roupas à dança (acrescentando SP3).

Tabela 26 – Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 11 do questionário de compreensão de *Reisado Miudim*

Sem AD	Com AD
SP – 80%	SP – 83%
SSA – 83%	SSA – 83%
Geral – 81%	Geral – 83%

Fonte: o próprio autor

Quadro 36 – Pergunta 12 do questionário de compreensão do filme *Reisado Miudim*

<b>PERGUNTA 12</b>		
<b>PARTICIPANTES</b>	<i>O QUE O SENHOR MANDA MATEUS COMPRAR NA FEIRA?</i>	
	SEM AD	COM AD
SP1	<b>Fio azulante.</b>	<b>Fitas e lante. Fitas e...?</b>

		<i>Lantejoulas. Lantejoulas!</i>
SP2	<b>É pra ajudar. (O pai manda o menino comprar o que na feira?) Comprar as frutas.</b>	<b>Era lantejoula.</b>
SP3		<b>É a fita amarelo e azul e esqueçolas [Lantejoulas]</b>
SP4	<b>Tangelo.. É... As fitas e as soje... É... Esqueci o nome. (Lantejoulas.) É, lantejoula. Aí o menino mandou ele comprar o home aranha e ele falou que não ia gastar o dinheiro do vô dele.</b>	
SP5	<b>As fitas coloridas e o outro nome eu não lembro.</b>	<b>Fitas e tijoulas.</b>
SP6	<b>O avô pediu par o menino comprar na feira a fita e as lantejoulas.</b>	<b>A fita e a lantejoula.</b>
SSA1	<b>Fita e lantejoula</b>	<b>Fita e lantejoula</b>
SSA2	<b>Fita</b>	<b>As fitas.</b>
SSA3	<b>A fita e o lanteja.</b>	<b>A fita e a lajou.</b>
SSA4	<b>Barbante.</b>	<b>A fita do... O negocio do... Pra fazer o chapéu.</b>
SSA5	<b>As fitas. Azul e amarelo.</b>	<b>Comprar duas fitas. (E mais o que?) Esqueci o nome do outro.</b>
SSA6	<b>Uma fita.</b>	<b>A fita. (E mais o que? Fita e?) [Não responde] (Lantejoula.)</b>

Fonte: o próprio autor

A décima segunda questão lida com a memória dos participantes. O avô de Matheus o envia a feira com o propósito de saber se o garoto completaria a missão. Dessa forma, deixaria o menino participar do Reisado. O avô pede a Matheus que ele compre fitas e lantejoulas, sendo essa informação transmitida no diálogo entre neto e avô.

A maioria dos participantes não necessitou da AD para lembrar o que o avô pediu ao neto, salvo alguns alunos que apenas mencionaram as fitas. Acredito que a palavra ‘lantejoula’ não seja de uso diário dos alunos, uma vez que se mostraram com dificuldade para pronunciar-la. A audiodescrição não faz menção às lantejoulas, pois na feira o vendedor apenas pega as fitas para o garoto, apesar de ficar implícito que o menino

também leva as lantejoulas. Entretanto, seria interessante que este aspecto fosse mencionado na AD, para que o público DI pudesse percebê-lo.

Dos participantes, 45% conseguiram dar a resposta completa, sem o auxílio da AD, enquanto 58% já conseguiram prestar mais atenção a essa cena, sem o auxílio do recurso. Alguns alunos, como SSA4 e SSA5, não conseguem assimilar a palavra ‘lantejola’, apesar de saberem que há outro objeto pedido pelo avô.

Tabela 27 – Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 12 do questionário de compreensão de *Reisado Miudim*

Sem AD	Com AD
SP – 60%	SP – 83%
SSA – 33%	SSA – 33%
Geral – 45%	Geral – 58%

Fonte: o próprio autor

Quadro 37 – Pergunta 13 do questionário de compreensão do filme *Reisado Miudim*

<b>PERGUNTA 13</b>		
<b>PARTICIPANTES</b>	<i>POR QUE O OUTRO MENINO (BRUNO) QUIS IR COM MATEUS NA FEIRA?</i>	
	SEM AD	COM AD
SP1	<b>Pra ele não se perder. Ai eles foram pra feira, aí começaram a brigar, aí um foi pra lá e o outro foi pra lá.</b>	<b>Pra ele não se perder.</b>
SP2	<b>É porque eles tem ciúme um do outro. Eles tem que ir junto.</b>	<b>É porque ele não sabia o caminho.</b>
SP3		<b>Não sei não.</b>
SP4	[Não respondeu]	[Não respondeu]
SP5	<b>Porque ele ficou com medo que ele [Matheus] se perdesse e não voltasse pra casa.</b>	<b>Pra ele dar uma (?) e pra comprar brinquedo pra ele. E ele (Matheus) não aceitou. Ele foi pra casa. (Você concordou com o que Matheus fez?) Sim, ele voltou pra casa.</b>
SP6	<b>O menino falou assim: eu posso ir com você, se não você vai se perder.</b>	<b>O menino falou assim, pra ele não se perder.</b>
SSA1	<b>Pra ele não se perder</b>	<b>Pra ele não se perder</b>
SSA2	[Não respondeu]	<b>Ele pediu. (Por que o menino quer acompanhar Ma-</b>



		<i>theus?)</i> <b>Comprar a da fita.</b>
SSA3	<b>É porque ele quer que compre o homem aranha, o avô disse que não era pra ele comprar, que era pra comprar lantejoula e a fita.</b>	<b>Porque quer que Matheus compre o homem aranha. Ele falou, não, meu avô mandou eu comprar isso</b>
SSA4	<b>Pra comprar outra coisa pra gastar, mas só que o menino obedeceu o avô dele.</b>	<b>Porque ele queria gastar o dinheiro do homem pra comprar o brinquedo aranha.</b>
SSA5	<b>O menino queria ir sozinho, mas aí o outro foi com ele. Ele queria que o menino comprasse outra coisa pra ele.</b>	<b>Ele disse que queria ir sozinho pra o mercado, aí o menino se aproveitou e foi e queria ir junto com ele.</b>
SSA6	<b>Pedi pra comprar um boneco.</b>	<b>Acho que ele queria comprar o boneco.</b>

Fonte: o próprio autor

O interesse de Bruno em ir à feira com Matheus é para tentar persuadi-lo a comprar um bonce do homem aranha, ao invés de obedecer ao seu avô. Bruno alega que quer ir à feira com Matheus para protegê-lo. O menino pequeno reluta no início, mas aceita que o garoto maior o acompanhe.

Essa pergunta está baseada no diálogo entre Matheus e Bruno e a intenção é saber se os alunos lembram a “desculpa” que Bruno dá para acompanhar Matheus, ou seja, evitar que este se perca.

Interessante notar que os alunos de São Paulo estiveram mais atentos ao diálogo, pois, mesmo sem o recurso da AD, eles foram capazes de lembrar o que Bruno havia dito a Matheus. Por outro lado, os alunos de Salvador, com exceção de SSA1, interpretaram a cena como um todo, não se atentando ao diálogo, mas ao porquê de Bruno acompanhar Matheus. SP5 modifica sua resposta após a versão com AD, passando a analisar a cena como um todo e tendo a mesma percepção dos alunos de Salvador a priori. O restante dos alunos permaneceu com as mesmas respostas da primeira versão, sem AD.

Levando em consideração que a resposta para essa pergunta estava baseada apenas no diálogo, apenas 36% dos alunos se atentaram para o que Bruno falou a Matheus, sem o auxílio da AD, contra 25% dos alunos responderam com o recurso da AD.

Se basear no diálogo não significa que os alunos que não responderam de acordo com o esperado estejam errados, muito pelo contrário, compreenderam o enredo do filme, sem o auxílio da AD, prestando atenção não ao diálogo, mas a cena completa. Cabe salientar que também faz parte da narrativa o fato de o menino mais velho ter dito que iria com Matheus para acompanhá-lo, ainda que sua intenção não fosse essa. A audio-

descrição sanaria essa lacuna, pois poderia explicitar essa informação em algum dado momento durante a descrição.

Tabela 28 – Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 13 do questionário de compreensão de *Reisado Miudim*

Sem AD	Com AD
SP – 60%	SP – 33%
SSA – 16%	SSA – 16%
Geral – 36%	Geral – 25%

Fonte: o próprio autor

Quadro 38 – Pergunta 14 do questionário de compreensão do filme *Reisado Miudim*

<b>PERGUNTA 14</b>		
<b>PARTICIPANTES</b>	<i>O QUE O OUTRO MENINO QUERIA QUE MATHEUS COMPRASSE?</i>	
	SEM AD	COM AD
SP1	<b>Comprar um brinquedo de homem aranha.</b>	<b>O homem aranha.</b>
SP2	<b>Ele mostrava a língua antes. (Quando chegaram na feira o menino grande falou para o pequeno fazer o que?) Comprar pipa, pra eles dois brincar.</b>	<b>É... [?] mas o outro não fez. O... de lantejola e o outro não quis comprar, porque ele tem ciúme.</b>
SP3		<b>Comprar um brinquedo.</b>
SP4	[Não respondeu]	[Não respondeu]
SP5	<b>Não percebi.</b>	<b>Pra comprar brinquedo.</b>
SP6	<b>O brinquedo.</b>	<b>Que ele queria comprar brinquedo.</b>
SSA1	<b>Um boneco do homem aranha.</b>	<b>Um boneco do homem aranha.</b>
SSA2	<b>Uma fita, meteu no saco. Tinha dinheiro e queria comprar.</b>	<b>O boneco.</b>
SSA3	<b>Homem aranha</b>	<b>Homem aranha</b>
SSA4	[Respondeu na questão anterior]	[Respondeu na questão anterior]
SSA5	[Não soube dizer.]	<b>Gude. [Retorno à cena.] Ah, comprar o boneco.</b>
SSA6	[Respondeu na questão anterior]	[Respondeu na questão anterior]

Fonte: o próprio autor

Essa questão também está baseada no diálogo entre os garotos, pois é na feira que Bruno instiga Matheus a comprar um boneco do homem - aranha para os dois. Esta questão explora, além da memória dos participantes, sua percepção sobre a intenção real de Bruno ao ir à feira com Matheus. Apesar de muitos dos participantes já terem identificado esse aspecto na questão anterior, para aqueles que prestaram mais atenção no diálogo do que na sequência de cenas não foi possível identificar se haviam interpretado a intenção real do garoto mais velho ou não.

SP2 não consegue fazer várias associações durante as entrevistas. Assim como SSA2, a aluna também é diagnosticada como deficiente intelectual de grau moderado, fazendo com que suas limitações cognitivas interfiram nas assimilações da narrativa. SSA5, por sua vez, também apresenta grau de deficiência moderado, o que também pode interferir nas suas percepções, principalmente, relacionadas à atenção e correlação entre cenas. Assim, 54% dos participantes não necessitaram da AD para responder a presente questão. Já, com o auxílio da AD, 66% dos alunos conseguiram perceber qual a proposta de Bruno para Matheus.

Tabela 29 – Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 14 do questionário de compreensão de *Reisado Miudim*

Sem AD	Com AD
SP – 40%	SP – 50%
SSA – 66%	SSA – 83%
Geral – 54%	Geral – 66%

Fonte: o próprio autor

Quadro 39 – Pergunta 15 do questionário de compreensão do filme *Reisado Miudim*

<b>PERGUNTA 15</b>		
<b>PARTICIPANTES</b>	<b><i>O QUE MATHEUS FEZ?</i></b>	
	<b>SEM AD</b>	<b>COM AD</b>
SP1	<b>Não comprou o brinquedo de homem aranha. Não comprou. Ele comprou o que o pai dele mandou. Fio azulante.</b>	<b>Xingou o outro. (Xingou? Mas ele comprou o homem aranha?) Não, comprou não.</b>
SP2	<i>(E o menino pequeno comprou?)</i> <b>Não, porque ele tem medo do de maior.</b>	<i>(E o que o menininho fez Ele não comprou, não foi?)</i> <b>Não.</b>
SP3		<b>Ele falou que não.</b>
SP4	<b>Trouxe direitinho as coisas que o vô dele pediu.</b>	<b>Trouxe as coisas que o vô dele pediu.</b>
SP5	[Não respondeu]	[Não respondeu]
SP6	<b>Ele não quis comprar.</b>	<b>Que ele não tinha dinheiro. (Matheus quis ou não</b>

		<i>quis comprar o brinquedo?)</i> <b>Quis.</b> <i>(O menino falou para Matheus comprar o homem aranha, e Matheus falou o que?)</i> <b>Que ele não quis que não tinha dinheiro.</b>
SSA1	<b>Diz que não e vai comprar os negócios que o avô dele mandou. E o menino diz que é pra deixar pra lá, que perdeu o dinheiro.</b>	<b>Vai comprar os negócios que o avô dele mandou.</b>
SSA2	[Não respondeu]	<i>(Matheus comprou o boneco?)</i> <b>Não.</b> <i>(Ele comprou o que?)</i> <b>As fitas.</b>
SSA3	<i>(O menininho compra o homem aranha?)</i> <b>Não, tá errado.</b>	<b>O outro menino foi embora e Matheus foi sozinho comprar.</b>
SSA4	[Não respondeu]	<i>(Matheus comprou?)</i> <b>Não.</b>
SSA5	<b>Ele disse que não podia comprar porque o avô dele mandou ele comprar fita.</b>	<b>Disse que não, porque o avô mandou comprar fita.</b>
SSA6	<b>Disse não que meu avô não pediu pra comprar boneco.</b>	<b>Disse não.</b>

Fonte: o próprio autor

A reação de Matheus pode ser percebida através do seu diálogo com Bruno após este tentar influenciar o pequeno garoto a comprar algo que o avô não lhe ordenou. É uma pergunta de simples associação e fácil entendimento, pois os garotos discutem na feira e Bruno fica visivelmente chateado com Matheus.

É importante esclarecer o porquê da participante SP5 não ter dado respostas satisfatórias para a entrevista. A aluna estava com muita pressa para que terminasse a entrevista, pois alegava ter psicólogo após as sessões, ainda que o horário estivesse dentro do combinado. A aluna se mostrou muito ansiosa e começou a perder o interesse em colaborar ainda na primeira etapa, se mostrando impaciente por vezes. Por conta disso, houve momentos em que ela ou não sabia a resposta ou não quis responder de fato.

63% dos participantes não necessitaram de AD para responder a esta pergunta, enquanto que com a versão com AD 75% depreenderam a ação do garoto.

Tabela 30 – Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 15 do questionário de compreensão de *Reisado Miudim*

Sem AD	Com AD
SP – 60%	SP – 50%
SSA – 66%	SSA – 100%
Geral – 63%	Geral – 75%

Fonte: o próprio autor

Quadro 40 – Pergunta 16 do questionário de compreensão do filme *Reisado Miudim*

<b>PERGUNTA 16</b>		
<b>PARTICIPANTES</b>	<i>ENTÃO, O OUTRO MENINO (BRUNO) QUERIA MESMO PROTEGER MATEUS INDO NA FEIRA COM ELE OU QUERIA OUTRA COISA?</i>	
	SEM AD	COM AD
SP1	[Não respondeu]	<b>Acho que ele queria outra coisa.</b>
SP2	[Não respondeu]	[Não respondeu]
SP3		[Não respondeu]
SP4	<b>Queria que comprasse outra coisa pra ele.</b>	<b>Queria que comprasse outra coisa pra ele.</b>
SP5	<b>Ele tava querendo fazer algum tipo de coisa errada, tipo drogas ou coisas desse tipo.</b>	<b>Não, ele queria fazer coisas ruins, ele queria levar o menino pra o mau caminho. Ele queria comprar brinquedo, não queria que o menino trouxesse as coisas que o vô pediu.</b>
SP6	[Não respondeu]	[Não respondeu]
SSA1	<b>Não, queria comprar o brinquedo.</b>	<b>Não, queria comprar o brinquedo.</b>
SSA2	[Não respondeu]	[Não respondeu]
SSA3	<b>Ele mesmo. [?] ele pediu.</b>	<b>Queria pra comprar homem aranha.</b>
SSA4	[Não respondeu]	[Não respondeu]
SSA5	[Não respondeu]	<b>Ele queria o dinheiro do avô pra comprar boneco pra ele.</b>
SSA6	<b>Comprar boneco.</b>	<b>Comprar boneco.</b>

Fonte: o próprio autor

A presente pergunta tinha a intenção de saber se os alunos conseguiriam interpretar as ações de Bruno. Se o menino havia sido realmente honesto. Muitos dos parti-

participantes não responderam a esta pergunta específica por não associarem a pergunta à cena, apesar de muitos deles já terem respondido na pergunta 13, quando vários deles informaram que o menino maior queria comprar outra coisa, levando a conclusão de que os alunos, com exceção de SP2 (que foi a única que não conseguiu relacionar nenhuma das perguntas às cenas escolhidas), todos entenderam a intenção do menino, mas não verbalizaram.

A porcentagem abaixo se refere àqueles alunos que verbalizaram a intenção de Bruno diante da pergunta.

Tabela 31 – Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 16 do questionário de compreensão de *Reisado Miudim*

Sem AD	Com AD
SP – 20%	SP – 33%
SSA – 33%	SSA – 66%
Geral – 27%	Geral – 50%

Fonte: o próprio autor

Quadro 41 – Pergunta 17 do questionário de compreensão do filme *Reisado Miudim*

<b>PERGUNTA 17</b>		
<b>PARTICIPANTES</b>	<i>COMO VOCÊ ACHA QUE O MATEUS SE COMPORTOU? BEM OU MAL?</i>	
	SEM AD	COM AD
SP1	<b>Foi, porque o pai dele deu um negocio pra ele.</b>	<i>(Você acha que Matheus se comportou bem?) Sim.</i>
SP2	<i>(Você acha que o menino pequeno se comportou bem?) Sim</i>	<b>Bem. Aí depois ele deu a coroa pra ele e eles se entenderam.</b>
SP3		<i>(Matheus se comportou bem?) Foi.</i>
SP4	<b>Se comportou bem. Aí o vô dele fez um chapéu pra ele e uma roupa pra ele, pra ele dançar com as outras crianças.</b>	<b>Se comportou bem. O avô deu um chapéu pra ele dançar.</b>
SP5	<b>Sim, ele voltou pra casa sim.</b>	<b>Comportou bem. Obedeceu o avô.</b>
SP6	<i>(Ele se comportou bem?)</i> <b>Se comportou.</b>	<i>(Você acha que Matheus se comportou bem?) Não, que ele quis comprar o brinquedo. (Matheus quis comprar o brinquedo?) Não. (Porque Matheus não quis comprar o brinque-</i>

		<i>do?) Porque ele não quis comprar. (O avô tinha mandado ele comprar o que?) Fita e lantejola. (E ele comprou?) Comprou. (Ele se comportou bem?) Comportou.</i>
SSA1	<b>Bem.</b>	<b>Bem.</b>
SSA2	<b>Se comportou né!</b>	<i>(Matheus se comportou bem?) [Balança a cabeça positivamente.]</i>
SSA3	<b>Se comportou bem.</b>	<b>Se comportou bem.</b>
SSA4	<b>Bem.</b>	<b>Se comportou. Ele obedeceu.</b>
SSA5	<b>Se comportou bem. Ele foi e comprou a fita.</b>	<b>Se comportou bem.</b>
SSA6	<b>Bem.</b>	<b>Se comportou.</b>

Fonte: o próprio autor

Os participantes deveriam entender através das ações de Matheus, se ele havia se comportado bem, se os alunos entendiam que o que Matheus fez havia sido uma boa coisa. 100% dos alunos, com e sem AD, responderam a essa pergunta sem dificuldades, levando em conta que a participante SP6 conseguiu responder após a pesquisadora guiá-la com perguntas.

Tabela 32 – Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 17 do questionário de compreensão de *Reisado Miudim*

Sem AD	Com AD
SP – 100%	SP – 100%
SSA – 100%	SSA – 100%
Geral – 100%	Geral – 100%

Fonte: o próprio autor

Quadro 42 – Pergunta 18 do questionário de compreensão do filme *Reisado Miudim*

<b>PERGUNTA 18</b>		
<b>PARTICIPANTES</b>	<i>O QUE MATHEUS GANHOU QUANDO VOLTOU DA FEIRA?</i>	
	SEM AD	COM AD
SP1	<b>Um presente, aí depois ele tava cantando. (Que presente foi esse? Você lembra qual foi?) Não lembro.</b>	<b>Um capacete</b>

SP2	<b>Porque ele faz as coisas pra o pai. Várias coisas que ele gosta.</b>	[Não respondeu]
SP3		<b>Um papelão que tinha fita vermelha. (E o que é aquilo?) É pra apresentação.</b>
SP4	<b>Um chapéu.</b>	<b>Um chapéu.</b>
SP5	<b>Um capacete.</b>	<b>O capacete.</b>
SP6	<b>Um capacete.</b>	<b>Capacete.</b>
SSA1	<b>Um adereço da cabeça e depois ele ganhou... Eu sei lá como é o nome daquilo, acho que é um vestido. A roupa da quadrilha.</b>	<b>Capacete.</b>
SSA2	<b>Chapéu.</b>	<b>Ele deu um chapéu.</b>
SSA3	<b>Um chapéu.</b>	<b>Um chapéu. E uma roupa. Aí ficou dançando.</b>
SSA4	<b>Não lembro.</b>	<b>O figurino. (Mas ele colocou o que em Matheus?) Um chapéu.</b>
SSA5	<b>Um chapéu.</b>	<b>Um chapéu feito à fita.</b>
SSA6	<b>Um capacete.</b>	<b>Um capacete.</b>

Fonte: o próprio autor

Procuramos buscar na memória dos participantes a cena em que o avô de Matheus lhe dá um capacete de fitas e lantejoulas, o que não foi um problema para eles, pois 72% conseguiram lembrar sem o recurso da AD. Excetuando SP1, SP2 e SSA4, que não se atentaram para a cena e não souberam responder o que Matheus havia ganhado do avô. 91% dos alunos conseguiram se recordar que o garoto havia recebido um capacete de presente, excetuando ainda SP2, que nem com a AD foi capaz de reproduzir a cena.

Tabela 33 – Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 18 do questionário de compreensão de *Reisado Miudim*

Sem AD	Com AD
SP – 60%	SP – 83%
SSA – 83%	SSA – 100%
Geral – 72%	Geral – 91%

Fonte: o próprio autor

Quadro 43 – Pergunta 19 do questionário de compreensão do filme *Reisado Miudim*

### PERGUNTA 19



<b>PARTICIPANTES</b>	<i>POR QUE VOCÊ ACHA QUE O AVÔ DEU A MATEUS ESSE CAPACETE?</i>	
	SEM AD	COM AD
SP1	<b>Porque ele foi buscar o que o pai dele mandou ele buscar.</b>	<b>Porque ele foi buscar o que o avô pediu.</b>
SP2	[Não respondeu]	[Não respondeu]
SP3		<b>Ele mereceu ganhar. Ele agachou e deu um abraço em Matheus.</b>
SP4	<b>Mereceu.</b>	<b>Mereceu.</b>
SP5	<b>Por causa do comportamento dele.</b>	<b>Por causa do comportamento dele.</b>
SP6	<b>Porque ele entregou o presente. E no final eles passaram.</b>	[Não respondeu]
SSA1	<b>Porque ele mereceu.</b>	<b>Porque ele mereceu.</b>
SSA2		<b>Pra usar. (Usar onde?) Na cabeça. (Pra fazer o que?) Dançar.</b>
SSA3	<b>Pra ele dançar. E tinha uma roupa também.</b>	<b>Pra dançar junto com os meninos.</b>
SSA4	<b>Porque ele mereceu.</b>	<b>Porque ele mereceu.</b>
SSA5	<b>Porque ele gosta dele com amor e carinho.</b>	<b>Porque ele gosta dele com amor e carinho.</b>
SSA6	<b>É... Esqueci. (Você acha que o menininho mereceu o capacete?) Mereceu.</b>	<b>De presente. (Por que?) Que ia pra festa.</b>

Fonte: o próprio autor

A relação a ser feita aqui é de interpretação das ações de Matheus e do avô. Uma vez que o garoto voltou para casa com os objetos que o avô pediu para comprar ganhou um capacete do Reisado e a aprovação do avô para participar do festejo. Matheus mereceu ganhar o presente por ter obedecido ao avô. Os participantes deveriam refletir acerca desses fatos e chegarem à conclusão de que o menino mereceu receber o capacete do avô e o resultado foi de 45% dos participantes relacionaram esses dados, sem a ajuda da AD. Após a exibição dos curtas com AD, 50% dos participantes associaram o presente ao merecimento de Matheus.

Tabela 34 – Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 19 do questionário de compreensão de *Reisado Miudim*

Sem AD	Com AD
--------	--------

SP – 60%	SP – 66%
SSA – 33%	SSA – 33%
Geral – 45%	Geral – 50%

Fonte: o próprio autor

Quadro 44 – Pergunta 20 do questionário de compreensão do filme *Reisado Miudim*

<b>PERGUNTA 20</b>		
<b>PARTICIPANTES</b>	<i>MATEUS FICOU FELIZ COM O PRESENTE? POR QUE?</i>	
	SEM AD	COM AD
SP1	<b>Ficou. Porque o pai dele deu o presente pra ele.</b>	<b>Ficou</b>
SP2	<b>Ele achou bom</b>	<b>Ficou muito feliz.</b>
SP3		<b>Ficou.</b>
SP4	<b>Ficou.</b>	<b>Ficou.</b>
SP5	<b>Ficou alegre.</b>	<b>Ficou sim.</b>
SP6	<b>Ficou feliz.</b>	<b>Ficou feliz.</b>
SSA1	<b>Gostou.</b>	<b>Gostou.</b>
SSA2	<b>Muito.</b>	<b>Adorou.</b>
SSA3	<b>Ficou. Ficou cantando e dançando.</b>	<b>Ficou. Porque ele gostou, pra dançar também.</b>
SSA4	<b>Gostou.</b>	<b>Gostou.</b>
SSA5	<b>Gostou e ainda abraçou o avô.</b>	<b>Ficou feliz mesmo. Porque ele ganhou o presente que o avô dele deu a ele.</b>
SSA6	<b>Ficou.</b>	<b>Ficou.</b>

Fonte: o próprio autor

Esta pergunta é de fácil associação e procurou saber dos participantes se eles eram capazes de atentar para as emoções no curta. É unânime a resposta dos participantes com e sem audiodescrição, todos perceberam que Matheus ficou feliz com o presente que o avô lhe deu.

Tabela 35 – Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 20 do questionário de compreensão de *Reisado Miudim*

Sem AD	Com AD
SP – 100%	SP – 100%
SSA – 100%	SSA – 100%
Geral – 100%	Geral – 100%

Fonte: o próprio autor

Quadro 45 – Pergunta 21 do questionário de compreensão do filme *Reisado Miudim*

<b>PERGUNTA 21</b>
--------------------

<b>PARTICIPANTES</b>	<i>POR QUE MATEUS APARECE TODO FANTASIADO DANÇANDO NA FRENTE DO AVÔ NO FINAL DE TARDE? O QUE ELES ESTÃO FAZENDO?</i>	
	SEM AD	COM AD
SP1	<b>Estão dançando.</b>	<b>Dançando a música</b>
SP2	<b>Tão dançando, tão se entendendo</b>	<b>Porque ele se acha. (O que ele tá fazendo? O pai tá batendo as mãos, e ele tá fazendo o que?) Dançando.</b>
SP3		<b>Ensaizando.</b>
SP4	<b>Tá dançando.</b>	<b>Tá dançando.</b>
SP5	<b>Não vi não.</b>	[Não respondeu]
SP6	[Não respondeu]	<b>Ele tá ensaiando.</b>
SSA1	<b>Estão dançando.</b>	<b>Estão dançando.</b>
SSA2	<b>Do pé. (Pra dança do pé?) [Balança a cabeça positivamente.]</b>	<b>Dançando, batendo palmas e cantando.</b>
SSA3	[Não respondeu]	<b>Porque ele ficou alegre.</b>
SSA4	<b>Porque ele não pode participar, aí o avô fez a roupa pra ele aí ele ficou dançando sozinho.</b>	<b>Dançando.</b>
SSA5	<b>Ali tá dançando tipo índio.</b>	<b>O avô dele tava batendo palma e ele dançando.</b>
SSA6	<b>Ele tava fazendo uma dança assim folclórica.</b>	<b>Estão na festa.</b>

Fonte: o próprio autor

Esta pergunta é de associação fácil. Matheus aparece ensaiando com avô todo fantasiado ao final da tarde. A ideia é que os participantes associem a fantasia de Matheus e o ensaio para dançar no Reisado, uma vez que o avô é o mestre que acompanha as crianças.

A maioria dos alunos apenas descreve a cena, sem refletir sobre o porquê de Matheus estar ali com o avô. Sem o recurso da AD, nenhum dos participantes foi capaz de responder de acordo com o esperado. Com AD, apenas SP4 e SP6 chegam a falar em “ensaio”, o que mostra certa clareza sobre a cena, pois eles estavam ensaiando para dançar no Reisado. Os demais alunos não associam a cena ao fato de que o garoto dançará no Reisado juntamente com as outras crianças. Seria interessante que a informação de que Matheus e o avô estão ensaiando para o Reisado, como também a participação de Matheus, sejam fornecida pela AD.

Tabela 36 – Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 21 do questionário de compreensão de *Reisado Miudim*

Sem AD	Com AD
SP – 0%	SP – 50%
SSA – 16%	SSA – 83%
Geral – 9%	Geral – 66%

Fonte: o próprio autor

Quadro 46 – Pergunta 22 do questionário de compreensão do filme *Reisado Miudim*

PERGUNTA 22		
PARTICIPANTES	MATHEUS CONSEGUIU DANÇAR NO REISADO? COMO VOCÊ DESCOBRIU ISSO?	
	SEM AD	COM AD
SP1	[Balança a cabeça positivamente.] <b>Conseguiu.</b> (Você viu isso onde no filme? Em que parte?) <b>Tinha um bocado de menina. As meninas tava dançando e ele tava dançando também.</b>	<b>Conseguiu. Aí depois tem no final que ele tava soltando pipa e aí tinha uma... [?]</b>
SP2	[Não respondeu]	<b>Não. Ele tem ciúme do outro.</b> (Quem foi que estava dançando lá no final do filme?) <b>Ele e o pai dele.</b> [Necessário retornar à cena.] (E aí, quem tá dançando aí)? <b>Aí é só os meninos.</b> (O menininho não está ali?) <b>Não.</b>
SP3		<b>Sim. Da roupa.</b>
SP4	<b>Conseguiu. Porque eu vi ele dançando os passos deles.</b>	<b>Conseguiu. Porque eu vi ele dançando os passos deles.</b>
SP5	<b>Não prestei atenção, foi muito rápido.</b>	<b>Deve ter dançado.</b>
SP6	<b>Conseguiu.</b>	<b>Ele conseguiu. Eu vi no final do filme.</b>
SSA1	<b>Uhum</b>	<b>Dançou</b>
SSA2	[?] <b>Tá dançando, todo mundo, menina, menino.</b> (E o pequenininho tá no meio deles? Você viu?)	<b>Dançou.</b>

	<b>Vi, ele tava segurando um pau, não, uma faca.</b>	
SSA3	<b>Conseguiu.</b>	<b>Conseguiu. No final ele amostrou.</b>
SSA4	<b>Eu acho que não.</b> ( <i>Você não chegou a ver ele dançar com os outros meninos não?</i> ) <b>Ahh, dançou.</b>	[Balança a cabeça positivamente.] <b>Ele se comportou direito.</b> ( <i>Como você sabe que ele conseguiu?</i> ) <b>Porque ele tem a roupa.</b>
SSA5	<b>Conseguiu.</b> ( <i>Como você descobriu?</i> ) <b>Ele tava no meio da roda.</b>	<b>Conseguiu.</b> ( <i>Como você descobriu?</i> ) <b>Ele cresceu muito e aí começou a dançar com outros meninos.</b> ( <i>Ele cresceu?</i> ) <b>Cresceu.</b> ( <i>No filme?</i> ) <b>Na dança eu to falando.</b>
SSA6	<b>Rapaz, acho que conseguiu.</b>	<b>Conseguiu.</b> ( <i>Como você descobriu? No filme você o viu dançar no reisado?</i> ) <b>Rapaz...</b> ( <i>No final do filme ele aparece fantasiado dançando com as outras crianças ou não?</i> ) <b>Aparece com as outras crianças.</b>

Fonte: o próprio autor

Esta pergunta explora a memória dos participantes com relação à cena final do filme, na qual Matheus surge dançando juntamente com as outras crianças na festa. É interessante notar as repostas de SSA4 e SSA6, pois os dois “acham” que o garoto dançou no Reisado. Como os participantes não prestaram atenção, se valeram da adivinhação para tentar solucionar a questão.

A participante SP2 associa a não participação de Matheus a Bruno, pois não concebe que eles se entendam e Matheus não consegue dançar, sem perceber que Bruno já não aparece na cena. SP3 entende que o menino dançou na festa pela roupa, uma vez que o garoto já tinha o uniforme implicava que dançou no Reisado, do mesmo modo que SSA4 na versão com AD.

Deste modo, 63% dos alunos não necessitaram da versão com AD para identificar o menino Matheus na dança. Já 75% dos participantes observaram o garoto no meio das outras crianças na segunda etapa.

Tabela 37 – Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 22 do questionário de compreensão de *Reisado Miudim*

Sem AD	Com AD
--------	--------

SP – 60%  
SSA – 66%  
Geral – 63%

SP – 66%  
SSA – 83%  
Geral – 75%

Fonte: o próprio autor

Quadro 47 – Pergunta 23 do questionário de compreensão do filme *Reisado Miudim*

PERGUNTA 23		
PARTICIPANTES	POR QUE O FILME SE CHAMA REISADO MIUDIM?	
	SEM AD	COM AD
SP1	<i>(Você sabe o que é um miudim?) [Balança a cabeça negativamente.] (Miudim de pequeno, miúdo.) Ah, sim.</i>	<b>É porque o nome do filme é Reisado.</b>
SP2	[Não respondeu]	<b>O reisado é típico de dança. (E o miudim?) Miudim é o passo. Ele fica cantando mas ele gosta de acompanhar o avô dele.</b>
SP3		<b>É interessante.</b>
SP4	[Balança a cabeça negativamente.]	<b>Porque ele é bem pequenininho.</b>
SP5	<b>Não faço ideia.</b>	<b>Não, ainda não.</b>
SP6	[Não respondeu]	<b>É que eu gostei do título.</b>
SSA1	<b>Por causa de Matheus.</b>	<b>Por causa de Matheus.</b>
SSA2	<b>É [?]. Diferente.</b>	[Não respondeu]
SSA3	<b>Porque é engraçado.</b>	<b>A dança, por causa da dança.</b>
SSA4	[Não respondeu]	<b>Porque eu acho que é uma dança antiga, não é?</b>
SSA5	[Não respondeu]	<b>Muidim ele é pequeno, aí ele vai diminuindo.</b>
SSA6	<b>Aí me pegou.</b>	[Não respondeu]

Fonte: o próprio autor

Geralmente, os títulos do filme são enigmáticos no sentido de ter uma mensagem subliminar que nos remete a algo importante da narrativa. Nesse caso *Reisado Miudim* faz menção ao nome da dança típica da região Nordeste, Reisado, e o miudim é uma variação diatópica do diminutivo “miudinho”, bem típica do interior do nordeste relacionado a coisa ou pessoa pequena. Aqui os alunos deveriam relacionar o nome da dança ao fato de Matheus, um garotinho ainda sem idade para dançar, ter conseguido partici-

par da roda. No entanto, os alunos se apegam a uma das duas palavras e se concentram nelas, sem juntá-las e fazer uma reflexão como um todo.

Apenas SSA1 indicou, sem o recurso da AD, ser Matheus a razão do nome do filme ser esse ou a razão do Reisado ser “miudim”, acreditamos que miudim também possa se refere aos passos do Reisado, nesse caso, *passos miudim*, dos pequenos dançarinos. Já com AD, eles já se arriscaram mais, entretanto, apenas lembravam o nome da dança, porque a pesquisadora nlhes lembrava, e foi na segunda etapa que eu lhes expliquei o que era um Reisado.

Quadro 48 – Pergunta 24 do questionário de compreensão do filme Reisado Miudim

PERGUNTA 24		
PARTICIPANTES	VOCÊ GOSTOU DA AUDIODESCRIÇÃO? PORQUE?	
	SEM AD	COM AD
SP1		<b>Sim, gostei.</b> ( <i>Você acha que a AD te ajudou a entender melhor o filme?</i> ) <b>Sim.</b>
SP2		<b>Sim, deu pra ouvir.</b>
SP3		<b>É interessante.</b>
SP4		<b>Adorei.</b>
SP5		<b>Gostei, porque o moço sem falar eu não entendo nada.</b>
SP6		<b>Gostei muito.</b>
SSA1		<b>Sim porque eu entendo melhor com a segunda versão.</b> ( <i>Você preferiria assistir um filme com audiodescrição ou sem audiodescrição? Por que?</i> ) <b>Com áudio. Porque fica melhor de ouvir umas coisas que às vezes não dá pra gente ouvir.</b>
SSA2		<b>Sim!</b> ( <i>Prestou mais atenção?</i> ) [Balança a cabeça positivamente.]
SSA3		<b>Gostei.</b>
SSA4		<b>Dos dois.</b> [Das duas exibições, com e sem AD] ( <i>Mas você acha que entendeu melhor com o qual?</i> ) <b>O se-</b>

		<b>gundo</b>
SSA5		<b>Gostei. Porque faz parte de dança.</b> <i>(Mas você lembra que audiodescrição é esse moço falando durante o filme?)</i> <b>Contando sobre miudinho. Eu gostei da primeira parte que ele tava falando da história de Matheus.</b> <i>(Você preferiu com o moço falando ou sem o moço falando?)</i> <b>Com ele falando a história de Matheus.</b>
SSA6		[Balança a cabeça positivamente.]

Fonte: o próprio autor

As questões acerca da audiodescrição são para ter ideia de como esses alunos encararam a experiência de ter essa ferramenta nos filmes que assistiram. *Reisado Miudim* foi o segundo filme e todos gostaram da versão com AD. SSA4, ou por não gostar de receber qualquer tipo de ajuda para entender melhor as coisas, ou pelo simples fato de não ter achado necessário, relutou um pouco antes de afirmar que preferia a versão com AD, pois a participante disse que preferia as duas versões, chegando a dizer que entendia melhor sem o recurso da AD. Após algumas perguntas sobre como ela havia dado mais repostas próximas do filme depois da segunda etapa é que ela concordou que havia entendido mais com a audiodescrição.

#### 4.3 ÁGUAS DE ROMANZA

Filme dirigido por Glaucia Soares e Patrícia Baía, produzido em 2002, gênero ficção/drama, tem como enredo a história de uma menina chamada Romanza, que vive no sertão do Ceará e nunca viu a chuva. Sua avó, velha e doente, deseja realizar o sonho da neta e um caixeiro viajante é a única esperança<sup>32</sup>.

Romanza surge no início do filme deitada no chão de terra olhando para o céu. Sua avó aparece num cômodo da casa, frente a um oratório, rezando para São José. En-

<sup>32</sup> Texto disponível em <[http://portacurtas.org.br/filme/?name=aguas\\_de\\_romanza](http://portacurtas.org.br/filme/?name=aguas_de_romanza)>



quanto, ela reza o vulto de um homem atravessa o cômodo segurando uma enxada nos ombros, é seu falecido marido Antônio. Após essas cenas Romanza entra na casa onde se encontra a avó, se apoia em uma rede de pano e pergunta à avó como é a chuva, dando indícios de que a menina nunca havia visto a chuva antes. Sua avó, com lágrimas nos olhos, conta a história da chuva para a neta. A avó tem expressões sofridas e é visível que está com sua saúde abalada, isso fica nítido quando ela conversa com Percival, seu amigo caixeiro-viajante. Percival chega a casa de Romanza com uma carroça sortida de produtos, com os quais Romanza brinca, enquanto ele entra para tomar café com a avó. No diálogo entre os amigos, o homem pergunta como anda a saúde da avó, pois sabe que esta sofre de dores e tremedeira. A avó não faz caso dos sintomas, pedindo a Percival que as leve a um local onde Romanza poderá finalmente ver a chuva, pois, talvez, esta será a última vez que a avó passará com a menina. O filme trata a morte como um elemento bem marcado e presente na narrativa, como o avô de Romanza e sua mãe, os quais estão mortos. Na cena seguinte, os espíritos da mãe e do avô os acompanham durante a viagem até a plantação de milho e há também a cena em que Romanza está dormindo na rede e o espírito de sua mãe se aproxima dela, a menina abre os olhos para brincar com imagens projetadas nas paredes e em sua roupa, indicando um sonho. Os temas abordados na narrativa como nome, relações entre os personagens, a morte, são todos explorados no questionário de perfil, buscando do aluno sua interpretação e a percepção desses temas durante o filme.

Audiodescrição realizada pelo grupo LEAD – UECE, com roteiro de Alexandra Seoane, narração de Bruna Leão, revisão por Renata Mascarenhas e coordenação da Professora Dra. Vera Lúcia Santiago.

Quadro 49 – Pergunta 1 do questionário de compreensão do filme *Águas de Romanza*

<b>PERGUNTA 1</b>		
<b>PARTICIPANTES</b>	<i>QUEM É A MENINA? QUAL O NOME DELA?</i>	
	SEM AD	COM AD
SP1	<b>Sim, o nome dela é Vanessa.</b>	<b>Romanza</b>
SP2	<b>Como assim? (Como é o nome da menininha?) Não era Maria? (Não, essa daí, você lembra?) Não sei quem é não.</b>	<b>Da mãe ou da filha? (O nome da menininha, você lembra?) Não.</b>
SP3	<b>Ename.</b>	<b>Romanza</b>
SP4	<b>Ixe. [Balança a cabeça negativa-</b>	<b>Antonia. (Quase! É</b>

	mente.]	<i>Romanza.</i> ) <b>É, Romanza.</b>
SP5	<b>É a neta da avó. (Qual o nome dela?) Não prestei atenção.</b>	<b>Romanza.</b>
SP6	<b>Roman.</b>	<b>Romanza.</b>
SSA1	<b>É Ba alguma coisa. Barruan não, é... Pô, esqueci. Era B alguma coisa. A mulher tava falando mas eu não entendi direito não.</b>	<b>Romanza</b>
SSA2	<b>Rapaz, é muito difícil. (Você lembra mais ou menos o nome?) Larissa. Acho que é Larissa.</b>	<b>Pedro. (Não, ai é no final, como é o nome da menina, que falou o filme todo?) Alice, Pedro. (Não é Romanza não?) Ah, Mandas.</b>
SSA3	<b>Não lembro</b>	<i>(Lembra o nome da menina?) Não.</i>
SSA4	<b>É um nome complicado. Começa com R.</b>	<b>Romanz. (Romanza.) Romanza, é isso.</b>
SSA5	<b>O nome dela é Larissa Pedro. (Mas e no filme, como é o nome dela?) Lembro não.</b>	<b>Romelza. (Romanza.) Ah Romanza. (?) ela vê a mãe e o pai na bicicleta e a mãe com um negocio na cabeça. Ela tava com a toca. A mãe dela. (E o rapaz da bicicleta?) O pai dela.</b>
SSA6	<b>Esqueci.</b>	<b>É... É difícil. Nome esquisito. [Balança a cabeça negativamente.] (Romanza.)</b>

Fonte: o próprio autor

A primeira pergunta lida com a memória dos participantes. O nome da menina, personagem principal da narrativa, é incomum, por isso é interessante saber se os participantes conseguiram lembrar o nome dela. Sem o recurso da audiodescrição, nenhum dos participantes conseguiu reproduzir o nome de Romanza. Muitos deles verbalizam

suas dificuldades como “não prestei atenção”, “o nome é muito difícil” ou “complicado”, houve ainda os que simplesmente disseram “que esqueceram”.

A participante SP6 é a única que chega próximo ao nome da garotinha. Essa participante é síndrome de down e tem uma deficiência intelectual leve, mas apresenta alto grau de concentração durante as filmagens, apesar de não esboçar muitas reações, como é possível constatar no quadro de reações no anexo deste trabalho.

Já com a audiodescrição, vários alunos conseguiram lembrar o nome dos participantes. Como já vimos nos outros dois filmes, é importante a repetição dos nomes dos personagens, pois assim é mais fácil desse público memorizá-los.

SP2 não consegue relacionar a menina ao que a pergunta se dirige. Essa participante tem um grau de deficiência moderado, como mencionado anteriormente, e acredito que esse fato influencie nas respostas dessa aluna. SSA2 também não consegue reter a informação de que Romanza é a menina, ainda que na AD tenham repetido durante todo o filme. A aluna acaba respondendo os últimos nomes que a AD menciona, que são as crianças para as quais o filme é dedicado. As duas participantes apresentam grau de deficiência moderado, sem que ambas também demonstrem dificuldades em associar nomes, cenas, personagens e relações entre estes últimos. Ainda assim, conseguimos notar diferenças entre as duas alunas, pois SSA2 consegue prestar mais atenção ao filme que SP2, ainda que suas respostas não sejam satisfatórias.

SSA6 também apresenta grau de deficiência moderada, por isso é foi bastante delicada a entrevista com esse participante, visto que demanda muito tempo para que ele consiga proferir uma sentença, não por ter sua capacidade comunicativa defasada, mas pelo fato de levar muito tempo para dizer um simples “não sei” ou “é muito complicado”. Porém, apesar da deficiência influenciar em algumas de suas habilidades, como memorização de nomes, ele se mostra bem mais articulado e mais atento do que as outras duas participantes com o mesmo grau de deficiência que ele. Nesse contexto, apenas aqueles que apresentaram grau de deficiência moderada é que não conseguiram reter o nome da menina. 58% dos alunos conseguiram através da audiodescrição.

Tabela 38 – Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 1 do questionário de compreensão de *Águas de Romanza*

Sem AD	Com AD
SP – 0%	SP – 66%
SSA – 0%	SSA – 50%
Geral – 0%	Geral – 58%

Fonte: o próprio autor

Quadro 50 – Pergunta 2 do questionário de compreensão do filme *Águas de Romanza*

<b>PERGUNTA 2</b>		
<b>PARTICIPANTES</b>	<i>POR QUE ELA FICA DEITADA NA TERRA OLHANDO O CÉU?</i>	
	SEM AD	COM AD
SP1	<b>Pra ver se vinha chuva.</b>	<b>Pra ver se vinha chuva.</b>

	Aí depois a avó dela foi dar uma volta com ela de carroça, aí parou, aí vá menina ver a chuva. Ela foi lá e viu.	
SP2	Porque ela gosta de ver a chuva.	Porque ela queria ver a chuva.
SP3	Que é pra esperar a chuva cair.	Esperar a chuva cair.
SP4	Pra ver se a chuva vem.	Pra ver se a chuva vem.
SP5	Porque ela fica observando a natureza e como é um filme que fala muito da vida do sertão, e que as pessoas tem um pouquinho da escravidão. Que quando a pessoas idosa ou quem lava roupa eles carregam a roupa na bacia.	Porque ela percebe que não chove há 6 anos no sertão.
SP6	Sobre os desenhos. ( <i>Mas e lá no inicio do filme, quando ela está deitada na terra olhando pra o céu, lembra?</i> ) A chuva descer.	A chuva descer.
SSA1	Acho que ela tá esperando chover.	Tá esperando chover.
SSA2	A chuva	Olhando pra o céu chover.
SSA3	Esperando chover, pra molhar as plantas.	Pra chover.
SSA4	Pra ver se a chuva cai.	Esperando a chuva.
SSA5	Ela gosta de ver as nuvens.	É porque ela gosta de ver as nuvens.
SSA6	Ela fica querendo chuva.	Querendo a chuva cair.

Fonte: o próprio autor

A associação com a chuva foi de fácil entendimento. A grande maioria não necessitou da AD para relacionar a ação da menina com a espera da chuva, apenas confirmando suas respostas na segunda etapa.

SP5, sem o auxílio da AD, não consegue relacionar a chuva, mas divaga sobre vários outros aspectos. Essa participante tem boa articulação e se mostra bastante reflexiva, apesar de não ter associado o fato da menina olhar para o céu e esperar a chuva, com a primeira versão. Acredito ser aspecto da personalidade dela, uma vez que nas respostas anteriores, ela se mostra atenta e responde com clareza na maioria das vezes. Entretanto, ela parecer ser também é um pouco temperamental, pois, ela não quis assistir, na segunda vez, e quanto ao segundo, ela também se mostrou bastante inquieta durante as sessões. É claro que sua deficiência influencia nas suas respostas e atitudes.

Com AD, a única participante que não consegue fazer a associação corretamente é SSA5, pois não consegue associar à chuva. Excetuando os alunos citados acima, todos os outros foram capazes de relacionar a chuva com o encarar da criança para o céu.

Tabela 39 – Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 2 do questionário de compreensão de *Águas de Romanza*

Sem AD	Com AD
SP – 83%	SP – 100%
SSA – 83%	SSA – 83%
Geral – 83%	Geral – 91%

Fonte: o próprio autor

Quadro 51 – Pergunta 3 do questionário de compreensão do filme *Águas de Romanza*

<b>PERGUNTA 3</b>		
<b>PARTICIPANTES</b>	<i>QUEM É A SENHORA REZANDO? O QUE ELA É DA MENINA?</i>	
	SEM AD	COM AD
SP1	<b>É a avó dela. Aí depois ela fumou, depois tava tossindo.</b>	<b>Avó</b>
SP2	<b>A avó dela.</b>	<b>A avó.</b>
SP3	<b>É a avó dela.</b>	<b>É a avó dela.</b>
SP4	<b>Avó dela.</b>	<b>Avó dela.</b>
SP5	<b>É a avó.</b>	<b>A avó.</b>
SP6	<b>Avó da menina.</b>	<b>É a avó da menina.</b>
SSA1	<b>Avó.</b>	<b>Avó.</b>
SSA2	<b>A mãe.</b>	<b>Avó</b>
SSA3	<b>Avó dela.</b>	<b>Avó</b>
SSA4	<b>Avó dela. Mas eu acho que ela dormiu e a mãe dela apareceu no sonho.</b>	<b>Avó.</b>
SSA5	<b>Vó.</b>	<b>Vó.</b>
SSA6	<b>Avó.</b>	<b>Avó.</b>

Fonte: o próprio autor

Essa associação é de fácil percepção, pois além da senhora ser bem mais velha do que a menina, esta última a chama de avó em dado momento do filme. Com exceção de SSA2, todos os outros participantes não necessitaram da AD para perceber a relação de parentesco entre a mulher e a menina. Somente, após versão com a ferramenta de inclusão é que SSA2 capta a informação, todos os outros confirmam suas respostas.

Tabela 40 – Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 3 do questionário de compreensão de *Águas de Romanza*

Sem AD	Com AD
SP – 100%	SP – 100%
SSA – 83%	SSA – 100%
Geral – 91%	Geral – 100%

Fonte: o próprio autor

Quadro 52 – Pergunta 4 do questionário de compreensão do filme *Águas de Romanza*

<b>PERGUNTA 4</b>		
<b>PARTICIPANTES</b>	<i>A SENHORA TEM UMA SAÚDE BOA OU NÃO? POR QUE VOCÊ ACHA ISSO?</i>	
	SEM AD	COM AD
SP1	<b>Não, não tem boa saúde. Aí depois ela perguntou assim: Vó queria ver a chuva. Oh menina, já perguntou duas vezes que dia vem a chuva?</b>	<b>Tinha. (Tinha?) Não, não. (Como você sabe que ela não tinha boa saúde?) Porque ela tossia, chorava, fumava.</b>
SP2	<b>Tá com a saúde ruim. (Como é que você sabe?) Eu vejo do olhar dela.</b>	<b>Ela tava com tosse. O cigarro mata.</b>
SP3	<b>Não. (Como você sabe que ela não tem boa saúde?) Ela sempre tosse, ela engasga, ela fuma. É que ela vê o quadro que os dois ficaram jovem. É que ela tá com saudade do marido dela. Porque o marido dela morreu.</b>	<b>Não. Ela fuma, ela tosse, tem o comprimido que ela toma.</b>
SP4	<b>Não, porque ela tava fumando e começou a tossir e tava tremendo.</b>	<b>Não, porque ela fumava e tossiu e tremeu também.</b>
SP5	<b>Não, ela é doente e ela deve ter tuberculose, que é a doença da tosse.</b>	<b>Não, porque além do mal de Alzheimer ela deve ter a doença da tosse.</b>

SP6	<b>A parte do filme que ela fuma. (Então, você acha que ela tem ou não boa saúde?) Não tem boa saúde.</b>	<b>Não, não tem porque ela fuma.</b>
SSA1	<b>Não. Ela fuma. E fica tossindo.</b>	<b>Não, fuma e fica tossindo.</b>
SSA2	<b>Ela tá tossindo. O cigarro.</b>	[Balança a cabeça positivamente.] (A avó dela tosse muito, toma remédio, ela tem boa saúde?) [Balança a cabeça positivamente.] <b>Tá. Cigarro. (Ela tá bem de saúde?) Tá. Ela remédio toma água. Com tosse braba.</b> [Acredito que a aluna sabe que a avó não tem boa saúde, mas não consegue dizer que não, apenas diz os sintomas da avó]
SSA3	<b>Não. Pulmão, ela fuma cigarro.</b>	<b>Não.</b>
SSA4	<b>Não. Porque ela fuma.</b>	<b>Não.</b> [Faz gesto de fumar.]
SSA5	<b>Não. Porque ela tava com cigarro na boca. Não faz bem pra ela.</b>	<b>Não. Porque ela fumava cigarro.</b>
SSA6	<b>Não. Ela fica fumando.</b>	<b>Não, fica fumando.</b>

Fonte: o próprio autor

A associação que os alunos fazem é de fácil percepção, uma vez que todos entendem que a avó tosse bastante e todos associam o fumo a algo ruim. SP2, na primeira etapa, associa a saúde da avó não a fatores como tosse ou cigarro, mas ao olhar triste que a avó demonstra ter durante a narrativa, mas também não dá mais detalhes sobre o porquê dela achar que a avó tem uma saúde ruim. SP3 parece compreender bem o filme, pois consegue ir além da resposta esperada e comenta também sobre a saudade e que a avó sente do marido falecido.

Já com AD, todos relacionam a saúde ruim da avó com sintomas apresentados nas cenas. SSA2 não consegue articular uma resposta direta, mas deixa entender que a avó sente faz com que sua saúde seja ruim. A participante apenas expressa os sintomas da avó e se refere ao cigarro, mas não verbaliza de forma concreta.

A participante SP5 dá uma informação extra um tanto peculiar, pois alega que a avó tem mal de Alzheimer, o que nos leva a crer que a aluna não entende bem do que a doença trata, pois no filme a avó não demonstra em momento algum esquecimento ou outro sintoma que a doença possa vir a apresentar. Acreditamos que a aluna possa ter contato com essa doença em seu cotidiano ou já ouviu falar sobre essa patologia e viu, de alguma forma, que poderia utilizar em sua resposta. Apesar de todos os alunos terem compreendido o conteúdo, sem o auxílio da AD, esta lhes deu mais ferramentas para ir além da resposta esperada.

Tabela 41 – Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 4 do questionário de compreensão de *Águas de Romanza*

Sem AD	Com AD
SP – 100%	SP – 100%
SSA – 100%	SSA – 100%
Geral – 100%	Geral – 100%

Fonte: o próprio autor

Quadro 53 – Pergunta 5 do questionário de compreensão do filme *Águas de Romanza*

<b>PERGUNTA 5</b>		
<b>PARTICIPANTES</b>	<b>QUEM É O SANTO PRA QUEM A SENHORA REZA?</b>	
	<b>SEM AD</b>	<b>COM AD</b>
SP1	<b>Parece que era José.</b>	<b>Antonio, não é?</b> [Balanço a cabeça negativamente.] <b>Não?</b> ( <i>Não, você falou da primeira vez e esqueceu? É São José.</i> ) <b>Ah é, São José.</b> ( <i>Mas tem um Antonio ali, não tem? Quem era Antonio?</i> ) <b>Era o marido da avó dela.</b> ( <i>E ele tava vivo?</i> ) [Balança a cabeça positivamente. Insisto na pergunta.] <b>Não.</b> ( <i>Como você sabe que ele não tá vivo?</i> ) <b>Porque ele já tinha morrido já.</b>
SP2	<b>O pai nosso, pra ajudar a filha dela a crescer.</b> ( <i>Mas você viu pra quem era o Santo que ela tava orando?</i> ) <b>O santo é de lá.</b> ( <i>Tá bom, mas você não lembra o nome do santo?</i> )	<b>Pra proteger a filha dela.</b> ( <i>Mas que Santo era aquele?</i> ) <b>Santo Expedito.</b>



	<b>Não.</b>	
SP3	[Não respondeu]	<b>O José, nome do meu avozinho.</b>
SP4	<b>Santo Expedito.</b>	<b>Ai, esqueci. Esqueci o nome do santo.</b>
SP5	<b>Vi, o São José, que é o santo da família.</b>	<b>São José que é da família.</b>
SP6	<b>José.</b>	<b>São José.</b>
SSA1	<b>Era algum santo pra mandar pra chover, agora eu não lembrei o nome.</b>	<b>São José</b>
SSA2	<b>Jesus.</b>	<b>É Antonio.</b> [Retorno à cena.] <i>(Que santo é esse?)</i> <b>José.</b>
SSA3	<b>Pra chuva, pra chover.</b> <i>(O santo da chuva? Mas você não lembra o nome dele não?)</i> <b>Não.</b>	<b>Pra comida. Pra o feijão, o arroz.</b> <i>(Mas no inicio do filme ela tá rezando pra um santo. Quem é esse santo?)</i> <b>Pra chuva. São José.</b>
SSA4	<b>São Jorge Tadeu.</b>	<b>São Jorge Tadeu.</b> [Retorno à cena.] <b>Oh, São José.</b>
SSA5	<b>Santo Antonio.</b>	<b>Santo Antonio</b> <i>(Você quase fala).</i> <b>Esqueci o nome.</b> [Retorno à cena.] <b>Ah, São José.</b>
SSA6	<b>Acho que era José.</b>	<b>Santo José.</b>

Fonte: o próprio autor

A presente pergunta lida com a memória e a atenção dos participantes com relação ao santo ao qual a avó reza diante do pequeno altar. Os participantes encontraram dificuldade em assimilar qual era o santo, sem o recurso da AD, apesar de nem com o auxílio desta ferramenta alguns dos alunos conseguirem perceber o santo. SP1 acertou na versão sem AD, mas esqueceu o nome na segunda etapa.

Tabela 42 – Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 5 do questionário de compreensão de *Águas de Romanza*

Sem AD	Com AD
SP – 50%	SP – 50%
SSA – 16%	SSA – 50%
Geral – 33%	Geral – 50%

Fonte: o próprio autor

Quadro 54 – Pergunta 6 do questionário de compreensão do filme *Águas de Romanza*

<b>PERGUNTA 6</b>		
<b>PARTICIPANTES</b>	<i>QUEM É O HOMEM QUE PASSA PELA SALA ENQUANTO A SENHORA REZA? A SENHORA VÊ O HOMEM?</i>	
	SEM AD	COM AD
SP1	<b>Era o que tava com a carroça não é?</b> [Se refere a Percival]	<b>É o Antonio.</b> [O aluno responde na questão anterior que o Antonio está morto].
SP2	<b>É o marido dela.</b> ( <i>Ela vê o homem mesmo?</i> ) <b>Viu.</b>	<b>É o dono da fazenda.</b>
SP3	( <i>Você sabe quem é aquele homem que ela vê passar enquanto reza?</i> ) <b>Não.</b>	<b>Nossa senhora. É o clarão.</b> [Retorno à cena.] <b>Antonio que ela fala.</b> ( <i>Então, quem é esse?</i> ) <b>É o Antonio.</b> ( <i>E quem é Antonio?</i> ) <b>É o marido dela.</b> ( <i>E ele tá vivo?</i> ) <b>Não, tá morto.</b> ( <i>Então aquilo lá era o que?</i> ) <b>É um fantasma.</b>
SP4	<b>O vô da menina.</b> ( <i>E a avó vê ele mesmo?</i> ) <b>Vê.</b> ( <i>Ele tá lá mesmo?</i> ) <b>Não.</b> ( <i>Porque ele não tá lá?</i> ) <b>Porque na hora que ela vai ver ele não está mais lá.</b>	<b>Antonio.</b> ( <i>Ele tá lá mesmo?</i> ) <b>Não, ele morreu. Ela vê só ele.</b>
SP5	<b>É um colega dela.</b>	<b>Ela tá rezando pra alma do marido.</b> ( <i>Será que aquele rapaz que passa e ela olha é ele?</i> ) <b>É.</b>
SP6	<b>É o Deval.</b>	<b>Edeval.</b> ( <i>Continua sendo o Edeval?</i> ) [Reconstruo a cena.] <b>É o marido.</b> ( <i>É o marido dela?</i> ) <b>É o marido dela. O Antonio.</b>
SSA1	<b>É um espírito.</b> ( <i>É o espírito de quem?</i> ) <b>Deve ser do marido dela.</b>	<b>Ele passa pela casa.</b> ( <i>É ele ali mesmo?</i> ) <b>É.</b> ( <i>Você não tinha me dito que ele era um espírito?</i> ) <b>Ele é.</b>
SSA2	[Retorno à cena.] ( <i>Quem é</i>	<b>O homem? Tá com cha-</b>

	<p>esse?) <b>Tá cavando. A pá.</b> (<i>Quem é esse?</i>) <b>Tem um nome. Nome difícil.</b> (<i>Você acha que ele é o que dessa senhora?</i>) [Não responde.] (<i>Ele tá aí de verdade?</i>) <b>Tá.</b></p>	<p><b>péu.</b> (<i>O senhor é o que dela?</i>) <b>Avó.</b> (<i>Ela é a avó da menina. Mas esse senhor é o que dessa senhora?</i>) <b>Pra matar.</b> (<i>Aquele senhor tá vivo?</i>) <b>Tá.</b> (<i>Ele passou aí?</i>) <b>Passou.</b> (<i>O que é um vulto?</i>) <b>Avulto? Eta tem nome.</b> (<i>Se eu digo a você que o fantasma do homem passou, quer dizer que ele tá vivo ou morto?</i>) <b>Assim tá vivo ou tá morto. É uma luz. A luz apagou.</b></p>
SSA3	<p><b>Foi o vulto.</b> (<i>O vulto de quem?</i>) <b>Do marido dela.</b> (<i>Ele tava vivo ou morto?</i>) <b>Morto.</b></p>	<p><b>O pai dela. O pai da menina. O vulto.</b> (<i>Mas você não tinha dito que era o marido da avó?</i>) <b>Não, é o pai.</b> [Retorno à cena.] (<i>Então, o vulto era quem?</i>) <b>O marido dela.</b> (<i>E o marido dela tá vivo?</i>) <b>Não, tá morto. Antonio.</b></p>
SSA4	<p><b>É o velho que morreu.</b> (<i>Você acha que ele é o que dela?</i>) <b>Marido.</b></p>	<p><b>Invisível.</b> (<i>Quem é ele?</i>) <b>É o velho.</b> (<i>Você acha que que é o que dela?</i>) <b>Marido.</b> (<i>Ele tá vivo ou tá morto?</i>) <b>Morto.</b> (<i>Lembra o nome dele não?</i>) <b>Sirval.</b> (<i>Antonio.</i>)</p>
SSA5	<p><b>São 3 senhor com a inchada na mão passando.</b> (<i>Ela vê o homem?</i>) <b>Não, ela não vê não.</b> (<i>E quem é aquele homem, você sabe?</i>) <b>Não.</b> (<i>Ele passa ali mesmo?</i>) <b>Não, ali é só o corpo dele.</b> (<i>Ele tá vivo?</i>) <b>Ele tá vivo.</b></p>	<p><b>É um vulto passando com a inchada.</b> (<i>E esse vulto é quem?</i>) <b>O pai da menina.</b></p>
SSA6	<p><b>Acho que era Antonio.</b> (<i>Você acha que Antonio é o que da senhora?</i>) <b>Ma-</b></p>	<p><b>Antonio.</b> (<i>E Antonio tá ali mesmo? Ela vê Antonio?</i>) <b>Vê.</b> [Retorno à cena.] <b>Vulto</b></p>

	<p><b>rindo.</b> (<i>E ele tá ali mesmo? Ela vê o Antonio passar?</i>)  <b>Acho que é.</b></p>	<p><i>é o que? Vulto é...ele passando.</i> (<i>Ele tá vivo?</i>) <b>Não.</b> (<i>Como você sabe que ele não tá vivo?</i>) <b>Ou ele tá vivo ou ele tá morto.</b> (<i>Da forma como ele passou você acha que ele tá vivo ou tá morto?</i>) <b>Ele ali parece que tá vivo.</b></p>
--	--	--

**Fonte:** o próprio autor

Nessa questão, a relação do homem com a avó e a condição de espírito dele demandou uma reflexão maior dos participantes. Antônio, que já está morto, passa pela sala com uma enxada na mão e aparece e desaparece, três vezes diante da avó, a qual nesse momento pronuncia pelo nome do homem.

SP1 consegue relacionar Antônio como marido da avó de Romanza, na segunda etapa, e, na pergunta anterior, deu a entender ele que sabia que o homem estava morto, mas acredito que minhas perguntas o influenciaram a chegar a essa conclusão, pois não expõe em qual momento do filme encontraria essa informação. SP2 também consegue relacionar o homem como marido da avó, mas sem o auxílio da AD. Porém, modifica sua resposta na segunda etapa. Acreditamos que a AD possa ter confundido a aluna, pois descreve o marido da avó como um homem com uma enxada nos ombros, o que fez com que a aluna o relacionasse a um fazendeiro, mas não a Antonio. SSA2 consegue assimilar os significados principais, como o homem ser marido da avó e estar morto, mas não consegue perceber a informação que exige mais da memória dela, como o nome do avô.

Apesar da AD ter voltado a atenção dos alunos para os aspectos abordados nessa questão, não foi efetiva para que os alunos captassem todas as informações. O fato de não explicitar que Antonio estava morto, apesar de ter usado a palavra vulto, contribuiu para que os participantes não percebessem esse dado importante para a narrativa.

Tabela 43 – Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 6 do questionário de compreensão de *Águas de Romanza*

Sem AD	Com AD
SP – 16%	SP – 33%
SSA – 50%	SSA – 50%
Geral – 33%	Geral – 41%

**Fonte:** o próprio autor

Quadro 55 – Pergunta 7 do questionário de compreensão do filme *Águas de Romanza*

<b>PERGUNTA 7</b>	
<b>PARTICIPANTES</b>	<i>QUEM É O CASAL NA FOTO DA PAREDE DA SALA</i>

	<i>DA SENHORA?</i>	
	SEM AD	COM AD
SP1	<b>Era o marido e a mulher.</b> ( <i>E a mulher era quem? Era a avó ou outra pessoa?</i> ) <b>Era outra pessoa.</b>	<b>Era o Antonio.</b> ( <i>Isso, e quem era a moça que tá na foto com ele?</i> ) <b>Era a esposa dele.</b> ( <i>E que era a...?</i> ) <b>Avó dela.</b>
SP2	<b>Era o pai e mãe dela.</b>	<b>O marido dela.</b>
SP3	<b>Ela e o marido.</b>	<b>É ela e o Antonio.</b>
SP4	<b>É ela e o marido.</b>	<b>É ela e o marido.</b>
SP5	<b>Eu acho que é os pais, ou o marido que deve ter falecido.</b>	<b>Um é o marido e a outra pessoa eu não to lembrada.</b>
SP6	<b>Eu vi uma moça e um moço. Era o marido dela.</b>	<b>É o marido dela.</b>
SSA1	<b>É ela e o marido dela.</b>	<b>É ela e o marido dela.</b>
SSA2	<b>É a mãe. Pai. Casado.</b>	[Retorno à cena.] <b>É Antonio.</b> ( <i>E essa?</i> ) [?]
SSA3	<b>O pai dela e a mãe dela.</b>	<b>Ela e ele.</b>
SSA4	<b>Ele mais novo e ela também mais nova.</b>	<b>Ela e o marido dela.</b>
SSA5	<b>Ela e o marido dela.</b>	<b>É o marido dela com ela.</b> ( <i>Mas aí não é Antonio?</i> ) <b>É.</b> ( <i>Mas Antonio não é o rapaz que passou com a inchada?</i> ) <b>Não, ali é outro cara. Antonio é o que tá na foto.</b> ( <i>Mas quando ela olhou pra o lado ela não disse Antonio e depois o vulto passou?</i> ) <b>Não, foi porque ela pensou que ali era Antonio.</b> ( <i>Ele tá vivo ou tá morto?</i> ) <b>Tá morto.</b>
SSA6	<b>Eles dois são casados.</b> ( <i>Mas você acha que quem são os dois da foto?</i> ) <b>Tem a senhora na foto que é ela e Antonio é o outro.</b>	<b>Ela e Antonio.</b>

Fonte: o próprio autor

Essa pergunta exige médio grau de associação dos alunos, pois devem relacionar a senhora à mulher da foto e Antonio, seu finado marido, ao homem da moldura. A maioria dos participantes consegue relacionar a avó ao retrato e ao marido. SP5, na primeira etapa, demonstra ter um raciocínio mais amplo e tenta “chutar” a resposta dando palpites, mas não confirma nenhum deles. Com a AD, a aluna também não relaciona a foto à senhora. Já SSA2 demonstra bastante dificuldade em responder a questão, dessa forma, retorno à cena para que a aluna possa compreender do que se trata a pergunta, mas fica claro que, com ou sem AD, ela depreende as informações da cena.

De modo geral, a AD conseguiu fazer com que mais alunos percebessem que a foto era do casal, entretanto, o roteiro para esse público deveria conter a informação explícita de quem seriam eles.

Tabela 44 – Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 7 do questionário de compreensão de *Águas de Romanza*

Sem AD	Com AD
SP – 50%	SP – 83%
SSA – 66%	SSA – 83%
Geral – 58%	Geral – 83%

Fonte: o próprio autor

Quadro 56 – Pergunta 8 do questionário de compreensão do filme *Águas de Romanza*

<b>PERGUNTA 8</b>		
<b>PARTICIPANTES</b>	<i>O QUE A MENINA QUER VER E NUNCA VIU?</i>	
	SEM AD	COM AD
SP1	<b>A chuva.</b>	<b>Chuva</b>
SP2	<b>A chuva.</b>	<b>A chuva.</b>
SP3	<b>O avô.</b>	<b>O avô.</b> ( <i>Mas ela nunca viu outra coisa. O que seria?</i> ) <b>Não sei não.</b> ( <i>O que é que ela vai pegar lá no final do filme?</i> ) <b>Água.</b> ( <i>Ela pensa que aquela água é o que?</i> ) <b>Da chuva.</b> ( <i>Então, o que ela nunca viu?</i> ) <b>Ai meu deus.</b>
SP4	<b>A chuva.</b>	<b>A chuva.</b>
SP5	<b>A chuva, porque ela perguntou pra avó dela porque que não chove no sertão.</b>	<b>A chuva lá no sertão que não cai desde 6 anos.</b>
SP6	<b>A menina nunca viu a chuva.</b>	<b>Ela nunca viu a chuva.</b>
SSA1	<b>A chuva.</b>	<b>A chuva.</b>

SSA2	<b>A chuva.</b>	<b>Chover.</b>
SSA3	<b>Chover.</b>	<b>Chuva.</b>
SSA4	<b>A chuva.</b>	<b>A chuva.</b>
SSA5	<b>O céu. (Ela nunca viu o céu?) Nunca viu o céu. Porque ela pergunta a avó como é o céu.</b>	<b>A chuva.</b>
SSA6	<b>Ela quer ver acho que é a chuva.</b>	<b>A chuva cair.</b>

Fonte: o próprio autor

Essa questão é de fácil percepção, pois fica claro em toda a narrativa que a avó quer que Romanza conheça a chuva, assim como a própria menina pergunta a avó como é a chuva, nos fazendo concluir o que ela nunca havia visto.

A única participante que não conseguiu associar a chuva ao que a menina nunca viu foi SP3. Parece que de alguma forma o filme a fez recordar do avô, pois fez outra referência a ele foi a pergunta 5, na qual relaciona o nome do santo ao próprio avô.

Acreditamos que os alunos conseguiram compreender bem a narrativa do filme e apenas confirmaram com AD o que já haviam entendido, apesar de que a AD não explicita que a menina nunca viu a chuva, essa informação é apreendida, através do diálogo entre a avó e a menina. Talvez o fato dos alunos terem visto o filme pela segunda vez, em todas as sessões, tenha influenciado para que muitas das respostas tenham sido reformuladas por memorizarem mais a narrativa.

Tabela 45 – Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 8 do questionário de compreensão de *Águas de Romanza*

Sem AD	Com AD
SP – 83%	SP – 83%
SSA – 73%	SSA – 100%
Geral – 83%	Geral – 91%

Fonte: o próprio autor

Quadro 57 – Pergunta 9 do questionário de compreensão do filme *Águas de Romanza*

<b>PERGUNTA 9</b>		
<b>PARTICIPANTES</b>	<i>QUEM É O HOMEM QUE CHEGA NA CARROÇA? QUAL O NOME DELE?</i>	
	SEM AD	COM AD
SP1	<b>Era Bahia. (Bahia era o nome dele?) É.</b>	<b>Percival</b>
SP2	<b>Era o pai dela. (O pai da menina?) É. (Qual é o nome dele, você lembra?) Não.</b>	<b>O marido dela, pai da menina. (Mas a senhora é o que da menina?) Avó. (E como o rapaz é marido de-</b>

		<i>la e pai da menina?)</i> <b>Porque ela viu o marido e ela lá no filme.</b> ( <i>E o rapaz da carroça é quem?</i> ) <b>É o pai dela, da menina.</b> ( <i>E o nome dele, você lembra?</i> ) <b>Não.</b>
SP3	<b>É o vizinho dela.</b>	<b>Ai meu deus!</b> ( <i>Lembra mais não?</i> ) [Balança a cabeça negativamente.] [Não lembra o nome do rapaz].
SP4	<b>Amigo da avó dela.</b> ( <i>Você lembra o nome dele?</i> ) [Balança a cabeça negativamente.]	<b>José. É José, não é?</b> ( <i>José é o santo.</i> ) <b>Sei lá.</b>
SP5	<b>Eu acho que é o vizinho.</b> ( <i>Você lembra o nome dele?</i> ) <b>Não.</b>	<b>É o Percival amigo dela.</b>
SP6	<b>É o marido. Edeval.</b>	<b>O Edeval.</b> ( <i>Na verdade é o Percival.</i> ) <b>Percival</b> [Sorri]
SSA1	<b>É o amigo deles.</b> ( <i>Você lembra o nome dele?</i> ) <b>Não.</b>	<b>Percival</b>
SSA2	<b>Rapaz, tem nome. É muito difícil.</b>	<b>É Antonio.</b> ( <i>Não, Antonio é o outro. É Percival.</i> )
SSA3	<b>O moço.</b> ( <i>Você lembra o nome dele?</i> ) <b>Não.</b>	<b>Seu Antonio.</b> ( <i>Não.</i> ) <b>Seu José.</b> ( <i>Não, o nome dele é Percival.</i> ) <b>Ah, é o pai da menina.</b> ( <i>Ele é o pai da menina?</i> ) <b>É.</b>
SSA4	<b>Não me lembro não.</b>	<b>Seu Antonio.</b> ( <i>Antonio é o marido que morreu. Lembra o nome dele?</i> ) <b>Seu Antonio.</b> ( <i>Não.</i> ) <b>Seu José?</b> [Retorno à cena.] <b>Decival.</b> ( <i>Percival</i> )
SSA5	<b>O avô da menina.</b> ( <i>Você lembra o nome dele?</i> ) <b>Não me lembro não.</b> ( <i>Então ele é o marido da avó?</i> ) <b>É.</b>	[Não respondeu]
SSA6	<b>O nome dele... não.</b>	<b>Ihh esqueci. É um nome</b>



		<b>esquisito. [Retorno à cena.] Percival.</b>
--	--	---

Fonte: o próprio autor

Essa pergunta requer dos participantes sua associação entre o homem da carroça e o nome dele, que caracterizaria o uso da memória. Percival, o homem da carroça, é amigo da avó de Romanza, mas isso só fica claro no diálogo entre eles, a AD não dá nenhuma informação a respeito disso. Com relação ao nome de Percival, por ser uma alcunha incomum, assim como Romanza, os alunos tiveram dificuldade em memorizar.

Devido ao motivo explicitado acima, os alunos apresentaram bastante dificuldade em memorizar o nome de Percival, bem como fazer a relação entre ele e a avó. Mesmo com a AD, que não explicita o relacionamento da avó com o homem, apenas cita o nome de Percival algumas vezes, não sendo efetiva para a esse público específico.

SP4 e SSA1 conseguem relacionar que o homem é amigo da avó, na primeira sessão, mas não memorizam o nome dele. Já na segunda etapa as alunas conseguem lembrar o nome de Percival. Já SP5 consegue captar ambas as informações apenas na segunda etapa, com AD.

Fica claro que essas informações deveriam estar explícitas no roteiro de AD para DI.

Tabela 46 – Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 9 do questionário de compreensão de *Águas de Romanza*

Sem AD	Com AD
SP – 16%	SP – 16%
SSA – 0%	SSA – 16%
Geral – 8%	Geral – 16%

Fonte: o próprio autor

Quadro 58 – Pergunta 10 do questionário de compreensão do filme *Águas de Romanza*

<b>PERGUNTA 10</b>		
<b>PARTICIPANTES</b>	<i>O QUE A SENHORA QUER QUE O HOMEM DA CARROÇA AJUDE ELA A FAZER PARA A MENINA?</i>	
	SEM AD	COM AD
SP1	<b>Então, aí ele chegou lá dentro, entrou junto com ela, a menina brincava um pouco. (E o que foi que a avó pediu pra ele a ajudar a fazer pra menina? Você lembra?) A avó dela queria dar uma volta, uma volta com a menina. Aí tinha uma</b>	<b>Dá uma volta com a menina.</b>

	<p><b>velha que tava com uma vela na mão.</b> (<i>Então a avó pediu pra o senhor dar uma volta na corroça com a menina, não foi?</i>)  <b>Foi.</b></p>	
SP2	<p><b>Era pra ver a chuva, porque ela precisa viver também, embaixo de chuva.</b></p>	<p><b>Ir atrás do... Aonde que nasce a chuva.</b></p>
SP3	<p><b>Quer planejar, que tem um cano assim, que é pra chover assim.</b></p>	<p><b>É um cano.</b> (<i>Mas ela tá pedindo pra ele fazer o que pra ela?</i>) <b>É que tem a horta de milhos. Ai põe a mangueira assim e que é pra Romanza.</b> (<i>Então, ele faz o que?</i>) <b>É pra construir.</b> (<i>Hum, ela quer que ele construa?</i>) [Balança a cabeça positivamente.]</p>
SP4	<p><b>Levar não sei aonde aí.</b></p>	<p><b>Ele quer que a menina vê a chuva.</b></p>
SP5	<p><b>Pelo que deu pra entender é organizar a festa do são José.</b></p>	<p><b>Ela pede pra o Percival levar ela no Chapadão, no lugar.</b></p>
SP6	<p><b>Avó falou assim pra menina, vá ver a chuva.</b> (<i>Mas antes a senhora conversa com o Edeval, não é?</i>) <b>Isso.</b> (<i>E ela pede o que pra ele? Você lembra?</i>) <b>O Edeval falou assim pra avó, você tem um monte de dores.</b></p>	<p><b>É que ela deseja... Romanza.</b></p>
SSA1	<p><b>Levar a menina pra um lugar pra ver a chuva.</b></p>	<p>[Mesma resposta]</p>
SSA2	<p><b>Tá pegando a pedra no chão. Tá tomando café.</b></p>	<p><b>Ela tá pedindo.</b> (<i>Tá pedindo o que?</i>) <b>Tá dormindo.</b> (<i>Tá pedindo pra levar ela onde?</i>) <b>Desenho.</b> (<i>Ela tá pedindo pra ele dar o desenho à menina?</i>) [Balança a</p>

		cabeça positivamente.]
SSA3	<b>A chover.</b>	<b>Chover. É, ela abre a cerca e a menina passa por debaixo.</b>
SSA4	<b>A chuva cair.</b>	<b>Chover</b>
SSA5	<b>Nem me lembro.</b>	<b>Ele chega com a carroça e começou a abraçar a menina e pediu a ele pra fazer um negocio pra ela. (O que?) Não me lembro o que ela falou. (Era pra levar ela pra algum lugar, não foi?) Era, pra levar ela pra passear.</b>
SSA6	<b>Ela pede pra ele... Tá terrível pra lembrar. Agora deu branco.</b>	<b>Ajudar. (Ajudar a fazer o que?) Ajudar a levar a menina pra horta.</b>

Fonte: o próprio autor

A décima pergunta exige dos alunos um maior grau de associação, pois essa informação não está explícita no diálogo, pois a avó pede a Percival que a leve na roça para que a menina possa ver a falsa chuva. Muitos alunos conseguem depreender do diálogo que a avó pede ao homem da carroça que a leve para algum lugar, mas não associam essa ida ao fato de que a avó intenciona que Romanza veja a chuva. A audiodescrição não explícita o motivo pelo qual a avó faz esse pedido a Percival, o que concluímos ser importante para narrativa e constar no roteiro de AD para esse público.

Tabela 47 – Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 10 do questionário de compreensão de *Águas de Romanza*

Sem AD	Com AD
SP – 33%	SP – 50%
SSA – 50%	SSA – 50%
Geral – 41%	Geral – 50%

Fonte: o próprio autor

Quadro 59 – Pergunta 11 do questionário de compreensão do filme *Águas de Romanza*

<b>PERGUNTA 11</b>		
<b>PARTICIPANTES</b>	<i>QUEM É A MULHER QUE A SENHORA VÊ SE DEBRUÇANDO NA REDE ENQUANTO A MENINA DORME?</i>	
	<b>SEM AD</b>	<b>COM AD</b>
SP1	<b>Era a menina, aí depois ela aparecia e era a me-</b>	<b>É uma menina bem grande. Aí depois sumiu aí de-</b>

	<p>nina que tava lá. (<i>Ah, era outra menina que estava olhando pra ela enquanto ela dormia?</i>) Isso. Aí depois passou um boneco e tava rindo pra ela. Aí ela colocou a mão na parede, não foi?</p>	<p>pois era a Romanza. [Retorno à cena.] Hum, ela tava transparente. (<i>E ela tava ali mesmo?</i>) Não. Era a Romanza que tava dormindo. (<i>E a moça que tava com ela, era quem?</i>) A mãe dela. (<i>E a mãe dela tá viva?</i>) Sim. De repente ela sobe na carroça. (<i>Mas aí nessa cena, quando a moça diz que ela tá transparente significa o que? Quando uma pessoa é transparente ela existe?</i>) Não, não existe. (<i>Então, será que essa moça aí, a mãe da Romanza, tá viva ou morta?</i>) Tá morta. Agora a Romanza vai ter q ficar com a avó a vida toda.</p>
SP2	<p>É a tia. (<i>E ela tá lá mesmo?</i>) Tá lá mesmo.</p>	<p>É a família dela. (<i>Mas aquela moça é o que da menina?</i>) Tia.</p>
SP3	<p>Eu acho que é uma fantasma que passa. O fantasma do marido dela. (<i>Mas é uma moça que está com a menina, não é?</i>) É, é uma moça deitada na rede. (<i>É, ali é a menininha deitada na rede, mas aí tem uma moça sobre ela, que a avó olha pra ela e dá risada. Quem é aquela moça?</i>) Não sei não.</p>	<p>Eu acho que é a mãe dela. (<i>E mãe dela tá lá mesmo?</i>) A mãe dela não, a mãe dela morreu.</p>
SP4	<p>A mãe da menina. (<i>E a mãe dela está lá mesmo?</i>) Não, é só paisagem. Ela aparece pra ela.</p>	<p>É a mãe da menina. (<i>Ela tá lá?</i>) Não, é o espírito.</p>
SP5	<p>É a neta dela, na fase</p>	<p>A Larissa. (<i>Porque você</i></p>

	<p><b>adulta. É a menina já grande, que fica olhando.</b></p>	<p><i>acha que é a Larissa?) A Larissa deve ser uma conhecida dela. (Então aquela moça que está se debruçando sobre Romanza é?) Deve ser alguém da família, se não for a mãe ou é alguma pessoa do...</i></p>
SP6	<p><b>É a mãe da menina. (E ela tá lá mesmo?) Não. (Como você sabe que ela não tá lá?) Porque ela já morreu.</b></p>	<p><b>É a mãe da menina. Ela já morreu. (Como você sabe que ela morreu?) Parece uma fantasma.</b></p>
SSA1	<p><b>É a mãe da menina. (E ela tá lá mesmo?) Não. É um espírito.</b></p>	<p><b>É a mãe da menina que é um espírito.</b></p>
SSA2	<p><b>Tava olhando. A moça. [Retorno à cena.] (Essa moça é o que da menina?) É mãe. Acho que é. (Ela tá aí de verdade?) Parece que tá. (Se essa é mãe da menina, então quem é essa senhora? Ela é o que da menina?) É muito difícil. (Ela é o que, mãe, avó, tia?) Ah é avó.</b></p>	<p>[Retorno à cena.] (<i>Quem é essa moça?) A moça? Rapaz, não tá vivo. Ela tá morta. É a sombra. (Você acha que ela é o que da menina?) Da menina? (Você acha que ela é o que da menina, mãe, tia, avó...?) Ela tá dormindo. A outra é a mãe. (Essa é a mãe?) Não, a outra. (A outra é a avó. Essa deve ser quem?) É a moça.</i></p>
SSA3	<p><b>Mãe dela. (Ela tá ali mesmo?) Não. (É o que ela?) Um fantasma. (Como você sabe que ele é um fantasma?) Porque ela depois some.</b></p>	<p><b>A mãe da menina. (E a mãe da menina tá lá mesmo?) Não, é o vulto.</b></p>
SSA4	<p><b>A mãe dela. (E ela tá ali de verdade?) Não. Ela já morreu.</b></p>	<p><b>A mãe da menina. (Ela tá ali mesmo?) Não. Tá morta.</b></p>
SSA5	<p><b>É a mãe dela. (Ela tá ali mesmo?) Não, ali foi só assombração.</b></p>	<p><b>A mãe dela. (Ela tá ali mesmo?) Não. Ela tá morte.</b></p>
SSA6	<p><b>Ou é a mãe ou é tia. (Vo-</b></p>	<p><b>A mãe. (E ela tá lá mes-</b></p>

	<i>cê acha que é mãe ou tia?)</i> <b>Acho que é mãe.</b> <i>(E você acha que ela tá ali mesmo?)</i> <b>Não. Porque acho que a mãe dela morreu.</b>	<i>mo?)</i> <b>Eu acho que tá.</b> [Retorno à cena.] <i>(Uma pessoa pode ser transparente?)</i> <b>Não.</b> <i>(Então, isso significa que ela está lá?)</i> <b>Pra mim não.</b> <i>(Você acha que ela tá viva ou que ela tá morta?)</i> <b>Tá morta.</b>
--	--	--

Essa pergunta demanda dos participantes alto grau de associação, pois a cena é bastante subjetiva e essa informação não é dada pela AD. A mãe de Romanza aparece debruçada sobre a rede em que a menina está deitada e depois desaparece. Aproveitamos a mesma pergunta para saber se os alunos percebem se a mãe realmente está ali, já que é um espírito. A mesma quantidade de participantes consegue associar as informações com e sem AD.

SP1, na segunda etapa, apenas relaciona que a mãe de Romanza está morta após a série de perguntas que levam o aluno a concluir esse dado. Na primeira etapa, SSA2 responde de acordo com o esperado e consegue fazer a relação entre Romanza e a mulher morta como sendo mãe e filha. Já na segunda etapa a aluna relaciona a avó como mãe de Romanza, sendo assim não concebe a mulher que está sobre a rede sendo a mãe da menina. SSA6, na primeira etapa, mesmo que adivinhando, consegue fazer relação entre a mulher e Romanza, e sabe que a mãe faleceu, mas não demonstra certeza em suas respostas. Já com o recuso da AD, o participante confirma que a mulher é a mãe, mas apresenta dificuldade em informar se está morta ou não. Assim como SP1, após a autora guiar o aluno com respostas é que ele foi capaz de concluir que a mãe está morta, com o auxílio da interpretação da palavra transparente empregada pela AD.

Fica claro que na audiodescrição para esse público, a informação de que a moça é mãe de Romanza e de que ela não é viva deve estar contida no roteiro. Dessa forma, será mais efetiva para a cooperação na interpretação por parte dessa audiência.

Tabela 48 – Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 11 do questionário de compreensão de *Águas de Romanza*

Sem AD	Com AD
SP – 33%	SP – 50%
SSA – 83%	SSA – 66%
Geral – 58%	Geral – 58%

Fonte: o próprio autor

Quadro 60 – Pergunta 12 do questionário de compreensão do filme *Águas de Romanza*

<b>PERGUNTA 12</b>	
<b>PARTICIPANTES</b>	<i>OS DESENHOS QUE SURGEM NA PAREDE DO QUARTO DA MENINA SÃO REAIS? ROMANZA ACORDA MESMO PRA VER OS DESENHOS? POR</i>

	<i>QUE VOCÊ ACHA QUE ELA ESTÁ ACORDADA?</i> [Caso respondam que a menina acorda]	
	SEM AD	COM AD
SP1	<b>Não.</b> ( <i>O que eram aqueles desenhos?</i> ) <b>Era de aparecido.</b> ( <i>A menina tava acordada mesmo?</i> ) <b>Ela tava dormindo.</b> ( <i>Então os desenhos eram o que? Se ela estava dormindo os desenhos eram reais?</i> ) <b>Não.</b>	<b>Não. É de mentirinha.</b> ( <i>Você acha que quando a Romanza acorda pra brincar com eles ela tá acordada de verdade?</i> ) <b>Não, ela tá dormindo.</b> ( <i>Então ali é um sonho dela, não é?</i> ) <b>Isso, e depois aparece o boneco rindo. Ela acordou, brincou com o boneco na parede, passou a mão na parede.</b> ( <i>Mas ela na verdade tava dormindo, não foi?</i> ) <b>Foi, tava dormindo.</b>
SP2	<b>Não.</b> ( <i>E porque eles aparecem pra ela?</i> ) <b>Eles são de madeira.</b> ( <i>Mas a menina acorda pra brincar com eles? Ela tá acordada?</i> ) <b>Não, são [?] do corpo dela todo.</b> ( <i>Mas ela tava acordada?</i> ) <b>Tava acordada.</b> ( <i>Então os desenhos são reais?</i> ) <b>Não, ela viu só pelos tempos.</b>	<b>São.</b> ( <i>Então ela acorda pra brincar com os desenhos?</i> ) <b>Acorda. Ela vê a mão assim ó.</b> ( <i>Ela tá acordada ali?</i> ) <b>Tá.</b>
SP3	<b>Não.</b> ( <i>O que são esses desenhos?</i> ) <b>Esses desenhos vira, é realidade.</b> ( <i>Então ela está acordada?</i> ) [Balança a cabeça positivamente.]	<b>É que ela se movem.</b> ( <i>A Romanza tá brincando com eles de verdade?</i> ) <b>É.</b> ( <i>Ela tá acordada ali?</i> ) [Balança a cabeça positivamente.] <b>Ela toca na parede, é que ela tocou, é que ela dança, foi pra camisola dela.</b>
SP4	<b>São.</b> ( <i>A menina acorda pra ver os desenhos?</i> ) [Balança a cabeça positivamente.]	<b>Não.</b> ( <i>E o que acontece aí? O que a menina está fazendo?</i> ) <b>Tá brincando.</b> ( <i>Mas ela está acordada?</i> ) <b>Não, tá dormindo.</b> ( <i>Então aqueles desenhos todos são o</i>

		<i>que?) São de mentira. (Então ela está o que?) Tá sonhando.</i>
SP5	<b>São imaginários. Ela teve um pensamento imaginário. (E ela acorda pra ver os desenhos?) Acorda. (Mas você acha que ela tava acordada ou outra coisa?) Tava acordada ou sonhando também. Na verdade sonhando.</b>	<b>Não, são imaginários e a menina está sonhando.</b>
SP6	<b>É o sonho da menina. (Mas ela acorda pra ver os desenhos?) Ela dorme e ela acorda que ela queria ver os desenhos. (Mas não são reais?) Não.</b>	<b>É. É o sonho da menina.</b>
SSA1	<b>Não. (Ela acorda pra ver os desenhos?) Aham. [Balança a cabeça positivamente.] (Por que você acha que ela está acordada?) Porque tem um menino dando risada e mostrando os desenhos pra ela na parede. (Mas se os desenhos não são reais eles são o que?) A imaginação dela.</b>	<b>Não. (Ela acorda pra ver os desenhos?) Acorda. (Por que você acha que ela tá acordada?) Porque o riso do menino chamou a atenção dela. Aí ela acordou pra ver um bocado de desenho na parede.</b>
SSA2	<b>Acorda. Tá acordada. (Os desenhos são de verdade?) Os desenhos. Ela gosta. (São de verdade?) [Balança a cabeça positivamente.]</b>	<b>Acorda. (Ela tá acordada ou tá dormindo?) Acorda. (Ela brinca com os desenhos de verdade?) [?] a roupa. (Isso, aparece o desenho na roupa dela. Aquele desenho é de verdade?) Ela gosta.</b>
SSA3	<b>Não. (Ela acorda pra ver os desenhos?) Não. (Então aqueles desenhos são</b>	<b>Não. (Ela acorda pra ver os desenhos?) Acorda. (Ela acorda?) Não, tá dor-</b>



	<i>o que?)</i> <b>Fantasma.</b>	<b>mind.</b> ( <i>Então os desenhos são o que?)</i> <b>Mentira.</b>
SSA4	<b>Não, de mentira.</b> ( <i>A menina está acordada? Ela acorda pra ver os desenhos?)</i> <b>Não, ela tá sonhando.</b>	<b>Não.</b> ( <i>Ela tá acordada? Ela acorda pra ver os desenhos?)</i> <b>Não.</b> ( <i>Você acha que os desenhos são o que?)</i> <b>De mentira.</b> ( <i>Se a menina não está acordada então ela está dormindo. Então os desenhos são o que?)</i> <b>O sonho.</b>
SSA5	<b>Não.</b> ( <i>O que são esses desenhos?)</i> <b>Esses desenhos vem nas nuvens. Aquele desenho que ela gosta de ver na parede.</b> ( <i>A menina tá acordada? Ela acorda pra ver os desenhos?)</i> <b>Ela acorda pra ver os desenhos.</b> ( <i>Como você sabe que ela tá acordada?)</i> <b>Porque quando ela vê a claridade e fica acordada. Aí na roupa dela aparece um desenho na frente.</b>	<b>Não. E ela bota a mão na parede.</b> ( <i>E a menina tá acordada? Ela tá brincando mesmo com os desenhos?)</i> <b>Ela tá acordada brincando com os desenhos. Depois ela viu o desenho na camisola.</b>
SSA6	<b>Acorda.</b> ( <i>Os desenhos são de verdade?)</i> <b>É.</b>	( <i>A menina tá brincando com eles mesmo?)</i> <b>Tá.</b> ( <i>Ela tá acordada? Ela acorda mesmo pra ver os desenhos?)</i> <b>Ela acorda.</b> ( <i>Porque você acha que ela tá acordada?)</i> <b>Porque ela ouviu a risada.</b>

Fonte: o próprio autor

A décima segunda pergunta exige que os participantes demonstrem alto grau de abstração, pois a cena em questão possui alto grau de subjetividade, uma vez que os desenhos, com os quais a menina brinca, são o sonho dela proveniente da história que a avó lhe contou. A AD, nesse caso, não foi muito efetiva com o fornecimento dessas informações, pois não fica claro que os desenhos são sonhos e que a menina na verdade não acorda para brincar com eles. Vários alunos entendem que os desenhos não são re-

ais, pois são projetados na parede e na camisola da menina, mas não conseguem associar a sonhos, por esta razão não associam que a menina esteja dormindo.

É interessante pontuar o caso de SSA3, pois sem o recurso da AD, ela consegue assimilar que os desenhos não são reais, mas não relaciona a sonhos e não informa se a menina está acordada ou não. O mesmo acontece na versão seguinte, a aluna continua com a ideia de que não são reais, mas não associa a sonhos.

A audiodescrição, nesse caso, deveria ser mais explicativa ou explícita, demonstrando as informações aqui perdidas pelos espectadores.

Tabela 49 – Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 12 do questionário de compreensão de *Águas de Romanza*

Sem AD	Com AD
SP – 50%	SP – 66%
SSA – 16%	SSA – 16%
Geral – 33%	Geral – 41%

Fonte: o próprio autor

Quadro 61 – Pergunta 13 do questionário de compreensão do filme *Águas de Romanza*

<b>PERGUNTA 13</b>		
<b>PARTICIPANTES</b>	<i>QUEM SÃO A MULHER E O HOMEM QUE PASSAM PELA CARROÇA?</i>	
	SEM AD	COM AD
SP1	<i>(Tem a parte que eles estão na carroça, não é isso?) Isso. Aí depois, aí depois fica com a mão assim, aí vem o trovão. A avó da menina falou, vá ver a chuva, ela foi lá e tomou o banho de chuva. (Foi, mas antes disso eles estavam na carroça andando, não foi?) Isso.</i> [Parto para a próxima pergunta]	<b>Era a mãe da Romanza.</b> <i>(E o senhor que passou de bicicleta era quem?) Era o Antonio.</i>
SP2	<b>Não vi, só vi a carroça.</b>	<b>A avó só percebe.</b> <i>(E quem é aquela mulher que passa pela carroça?) Fica só de butuca. (Mas você sabe quem é aquela moça?) Não.</i> <i>(E o rapaz que vem andando de bicicleta, quem é ele?) Ele que é o dono</i>

		que lixa a terra.
SP3	<b>Eu não sei não. O problema é que a menina viu a bicicleta. Ela quer também na bicicleta. Aí ela quer aprender.</b>	<b>Ah, o Antonio que tá na bicicleta, que é o marido dela. A moça é a que é a mãe dela.</b> ( <i>A mãe de quem?</i> ) [Aponta para a tela, para a personagem da avó.] ( <i>A mãe dela? Tem certeza?</i> ) <b>Tenho.</b>
SP4	<b>O pai da menina.</b> ( <i>E a moça?</i> ) <b>A mãe.</b>	<b>É o Antonio e a mãe dela. Não sei o nome dela.</b>
SP5	<b>Não lembro.</b>	<b>Eu acho que é a mãe da Romanza.</b> ( <i>Depois você vê um senhor passar, quem é?</i> ) <b>É o Pedro.</b> [Retorno à cena.] <b>Antonio, aí eu já não sei quem é.</b> ( <i>Lembra do início do filme, que ele aparece quando a avó está rezando?</i> ) <b>Ali é o falecido dela.</b> ( <i>Então, ele é Antonio. Ali é mãe de Romanza e Antonio. Eles tão ali?</i> ) <b>Estão!</b> ( <i>Eles estão vivos?</i> ) <b>Não.</b>
SP6	<b>É o filhos da avó.</b>	<b>É os filhos da avó.</b> ( <i>Mas a audiodescrição falou quem eram eles, não foi? Quem eram eles? Quem era a moça?</i> ) <b>A mãe da menina.</b> ( <i>E depois passou um rapaz e falou que era quem?</i> ) <b>É o Antonio.</b> ( <i>E Antonio é filho da senhora?</i> ) <b>É o marido.</b>
SSA1	<b>São vizinhos. Ou pessoas que vão plantar</b>	<b>Eu não sabia quem era eles mas é o marido dela e a mãe da menina.</b>
SSA2	( <i>Quem é a moça que passou ali pela carroça?</i> ) <b>Tem avó, é a mãe. Ela tá viva? Tá.</b> ( <i>E agora, quem é esse rapaz que vai pas-</i>	<b>Carroça? Percival. Ah do carro.</b> [Retorno à cena.] <b>Ah, a mãe. A mãe e a avó. Bicileta.</b>

	<p>sar na bicicleta?) <b>Tem nome, muito difícil</b> (<i>Não, ele não tem nome não. Ele é o que, avô, pai, tio?</i>) <b>É tio eu acho.</b> (<i>É tio de quem?</i>) <b>É tio, é pai. Acho que é Antonio.</b> (<i>E Antonio é o que dela, da menina?</i>) <b>É filha.</b></p>	
SSA3	<p><b>É o vulto. O pai da menina.</b> (<i>E a moça?</i>) <b>A mãe.</b></p>	<p><b>A mãe da menina.</b> (<i>Quem é o moço que passa de bicicleta?</i>) <b>O pai da menina.</b> [Retorno à cena.] <b>É o marido dela.</b> [Se refere à menina]</p>
SSA4	<p><b>Eu acho que é o avô.</b> (<i>E moça?</i>) <b>A avó.</b> (<i>Mas a avó tá na carroça. A avó olha e vê essa moça. Quem você acha que é ela?</i>) <b>A vizinha.</b></p>	<p><b>A mãe da menina.</b> (<i>E o senhor que vem atrás?</i>) <b>O avô.</b></p>
SSA5	<p><b>Não sei. Eles são vizinhos.</b></p>	<p><b>É os vizinhos. Era os vizinhos, se a mãe da menina tá morta.</b> (<i>Então, ela vê um clarão e vê...</i>) <b>A imagem da mãe dela.</b> (<i>E depois ela vê outro clarão...</i>) <b>E vê a imagem do pai dela.</b> [Retorno à cena.] <b>Ah, é a mãe de Romanza. Depois a avó dela vê Antonio passando.</b> (<i>Quem é Antonio?</i>) <b>É o pai da menina. Não, o tio.</b> (<i>Quem é o homem da foto?</i>) <b>É o marido dela.</b> (<i>Que tá vivo ou tá morto?</i>) <b>Tá morto. É o marido dela na bicicleta.</b></p>
SSA6	<p><b>Ou deve ser a amiga dela ou deve ser vizinha.</b> (<i>E o senhor de bicicleta?</i>) <b>Esqueci agora.</b></p>	<p><b>Parece que é Antonio e a outra é, acho que é a mãe da menina.</b></p>

O objetivo dessa pergunta é analisar o que deve ser explicitado na AD, uma vez que as informações requeridas nesse contexto são dadas pela ferramenta. Demandamos do aluno sua memória com relação aos dois personagens falecidos no filme, os quais aparecem em espírito, quando a avó está indo levar Romanza para ver a “chuva”.

Notamos que, sem o auxílio do recurso de tecnologia assistiva, os participantes não conseguiram associar o avô da menina e a mãe. Ainda que a AD dê as informações de quem são as pessoas que passam pela carroça não é suficiente para que esse público em específico assimile os personagens. Acreditamos que seja necessária uma explicitação maior sobre quem são o avô e a mãe e adição a descrição da situação em que se encontram, pois eles são espíritos que acompanham o sonho da menina. A audiodescrição dessa cena deixa claro que a mulher que passa é a mãe de Romanza, mas para aqueles que ainda não assimilaram que Antonio é o avô, não percebem que é ele quem passa pela carroça.

Tabela 50 – Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 13 do questionário de compreensão de *Águas de Romanza*

Sem AD	Com AD
SP – 0%	SP – 50%
SSA – 0%	SSA – 50%
Geral – 0%	Geral – 50%

Fonte: o próprio autor

Quadro 62 – Pergunta 14 do questionário de compreensão do filme *Águas de Romanza*

<b>PERGUNTA 14</b>		
<b>PARTICIPANTES</b>	<i>O QUE ACONTECE QUANDO ELES DESCEM DA CARROÇA? O QUE A MENINA FAZ?</i>	
	SEM AD	COM AD
SP1	<i>(Você já disse, não foi? Quando eles descem da carroça a vó manda a menina fazer o que?)</i> <b>Vá menina, vá ver a chuva.</b>	<b>Ver a chuva. Vá Romanza ver a chuva!</b>
SP2	<b>Porque a menina quer ver a chuva.</b>	<b>A menina brinca com a chuva.</b>
SP3	<b>Eles descem da carroça, é que a avó tem uma grande surpresa pra ela. (Qual é a surpresa?) É que Santo Antonio fez chover</b>	<b>Nossa, me deu branco. (Eles descem da carroça e avó de Romanza faz o que?) Tem uma grande surpresa pra ela. (E aí, Romanza vai fazer o que?) Ela vai embaixo do cercado, ela corre, corre,</b>

		corre. Ela chegou do cano lá, é que ela observou que é chuva de verdade.
SP4	A avó da menina manda ela correr pra pegar a chuva. E ela sai debaixo da chuva, brincando, dançando.	Ela manda passar pela cerca, aí a avó fica, ela vai pela cerca correr atrás da chuva e a avó dela fica. E onde a avó dela tá não chove, e onde a menina tá chove.
SP5	Pega a bacia e fica ajudando a avó a carregar. <i>(Não, no final do filme, quando eles descem da carroça, o que a menina faz?)</i> Ah, não lembro, teria que passar de novo. Esse foi com a tradução ou não? <i>(Não, esse foi sem audiodescrição. Você ainda vai assistir com audiodescrição.)</i> Ah, porque eu prefiro com audiodescrição, que eu entendo mais.	Ela desce e vê as folhas seca. <i>(A avó manda ela fazer o que?)</i> Observar a natureza e começa a chover depois de 6 anos.
SP6	Então, como eu falei, a avó fala assim, menina, vá ver a chuva.	A avó falou assim pra menina, vá lá vê a chuva.
SSA1	Desce e fica olhando aí a avó dela manda ela ir pra um lugar pra tomar chuva.	A avó dela manda ela ir tomar chuva.
SSA2	Descem. Eles descem por aqui. [Aponta para roda da carroça.] <i>(E o que acontece? O que a avó manda a menina fazer?)</i> Descer. Descer subindo, descendo.	Percival. [Retorno à cena.] <i>(E aí, o que acontece?)</i> Descem. <i>(É, o que a avó manda a menina fazer?)</i> Descer na descida e vai seguir. <i>(E vão pra onde?)</i> Vai pra lá.
SSA3	Vai menina! <i>(Manda ela ir pegar o que?)</i> Ir pra horta, aí depois começa	Vai pra horta. Abre a cerca, ela passa por debaixo.

	<b>a chover.</b>	
SSA4	<b>Desce pra tomar banho de chuva.</b>	<b>Eles leva a menina pra ir ver a chuva.</b>
SSA5	<b>Ela desce da carroça com a avó e o avô dela. Quando chega lá ela, a avó dela pediu pra ela ir lá na terra. Aí começa a chover e ela fica lá na chuva. Porque ela gosta de chuva.</b>	<b>Primeiro a avó dela desce, bota o pé no pneu pra descer. Depois a menina pula pra descer. (E aí, depois, a avó dela faz o que? Manda ela fazer o que?) A avó manda ela ir lá no matinho. Não, primeiro ela passa por debaixo da cerca. Ela pisa na terra. (E aí, o que acontece?) Aí começa a chover. Molhar as plantas.</b>
SSA6	<b>Vai pra horta.</b>	<b>A menina vai pra horta. E aí a torneira cai água. Ela pensa que é chuva.</b>

Fonte: o próprio autor

Essa questão é bastante objetiva e requer dos participantes que recorram à sua memória para construir a cena. A pergunta se mostra de fácil compreensão, pois a imagem e o diálogo se complementam. Logo, a décima quinta questão está baseada nesses signos imagéticos e verbais, pois a AD não interfere no diálogo. O ponto é saber se é necessário explicitar tais informações no texto da audiodescrição a posteriori.

Apesar da cena ser objetiva, alguns alunos não conseguem expressar a ideia central, como no caso de SP2, que, na primeira etapa, apenas justifica a ida ao local que seria a vontade da menina ver a chuva, mas não diz o que realmente acontece quando os personagens deixam a carroça. SP3 sabe que a avó quer fazer uma surpresa para a menina, mas não associa a ida à horta com o presente. SP5 divaga sobre a cena não focando na questão, alega que prefere, com AD, pois não assimila as informações, nos levando a crer que não foi a AD que a fez perceber as informações na segunda etapa, mas o fato de o filme ser exibido outra vez.

Os alunos de Salvador, com exceção de SSA2, conseguem associar a ida da avó, da menina e de Percival com o fato de que a menina quer conhecer a chuva e a avó fazer essa surpresa para Romanza. Já na segunda etapa, SSA3 descreve o que acontece, mas não menciona o fato de Romanza ir ver a chuva, talvez por cansaço e por isso não ter prestado tanta atenção.

Ainda que alguns alunos tenham sido capazes de compreender que a menina queria conhecer a chuva e por isso estão indo para a horta mediante às imagens e ao diálogo, é importante reforçar esses dados no roteiro da AD, pois os demais alunos também

terão mais uma ferramenta para auxiliar na compreensão e, além disso, chamar a atenção do público para esses dados que são importantes para a narrativa.

Tabela 51 – Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 14 do questionário de compreensão de *Águas de Romanza*

Sem AD	Com AD
SP – 50%	SP – 66%
SSA – 66%	SSA – 66%
Geral – 58%	Geral – 66%

Fonte: o próprio autor

Quadro 63 – Pergunta 15 do questionário de compreensão do filme *Águas de Romanza*

<b>PERGUNTA 15</b>		
<b>PARTICIPANTES</b>	<i>A MENINA FICA FELIZ NA CHUVA?</i>	
	SEM AD	COM AD
SP1	<b>Fica.</b>	<b>Isso.</b>
SP2	<b>Fica. Fica andando em volta.</b>	<b>Fica.</b>
SP3	<b>Fica.</b>	<b>Sim</b>
SP4	<b>Fica.</b>	<b>Fica.</b>
SP5	<b>Ela fica.</b>	<b>Fica.</b>
SP6	<b>Fica feliz.</b>	<b>Fica feliz.</b>
SSA1	<b>Fica.</b>	<b>Fica.</b>
SSA2	<b>Muito.</b>	<b>Uhum. [Balança a cabeça positivamente.]</b>
SSA3	<b>Fica</b>	<b>Fica.</b>
SSA4	<b>Fica.</b>	<b>Fica. Chuva de mentira.</b>
SSA5	<b>Fica feliz. Com os braços abertos, molhando o cabelo.</b>	<b>Fica. Ela fica no meio da chuva.</b>
SSA6	<b>Fica.</b>	<b>Fica.</b>

Fonte: o próprio autor

Esta pergunta é de fácil entendimento e facilmente deduzida pela imagem. Todos os participantes inferem que a garota está feliz, pois brinca e rodopia várias vezes levando as mãos para o ar, como se pegasse sua chuva. Devido à assimilação objetiva dos participantes, concluímos que esse dado não precisaria estar no roteiro da AD.

Tabela 52 – Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 15 do questionário de compreensão de *Águas de Romanza*

Sem AD	Com AD
SP – 100%	SP – 100%
SSA – 100%	SSA – 100%
Geral – 100%	Geral – 100%



Fonte: o próprio autor

Quadro 64 – Pergunta 16 do questionário de compreensão do filme *Águas de Romanza*

<b>PERGUNTA 16</b>		
<b>PARTICIPANTES</b>	<i>ELA REALMENTE CONHECE A CHUVA? A CHUVA ONDE ESTÁ ROMANZA É CHUVA MESMO?</i>	
	SEM AD	COM AD
SP1	<b>Era!</b>	<b>Era!</b> ( <i>Era chuva que caía do céu?</i> ) [Balança a cabeça positivamente.] ( <i>Tem certeza?</i> ) <b>Tenho.</b> [Retorno à cena.] ( <i>É uma máquina de irrigação, tá vendo? Era chuva de verdade?</i> ) <b>Não.</b> ( <i>Tá caindo de onde aí?</i> ) <b>Do cano.</b>
SP2	<b>É chuva de verdade.</b>	<b>É.</b> ( <i>A chuva nasce da onde ali?</i> ) <b>Do céu.</b>
SP3	<b>Não, ali em cima é a mangueira.</b>	<b>Não, do cano.</b>
SP4	<b>É.</b>	( <i>E de onde a água vem?</i> ) <b>Do céu.</b> [Retorno à cena.] ( <i>E aí, é água do céu?</i> ) <b>Não.</b>
SP5	<b>Ai eu teria que prestar atenção de novo.</b>	<b>Eu acho que sim.</b>
SP6	<b>Ela conhece a chuva.</b> ( <i>A chuva onde ela está é chuva de verdade?</i> ) <b>É chuva de verdade.</b>	<b>Está chovendo.</b> ( <i>Na audiodescrição falou que estava chovendo?</i> ) <b>O Deval tirou o chapéu e olhou pra o céu.</b>
SSA1	<b>Não... Eu to indecisa.</b> ( <i>A chuva que ela está é chuva de verdade?</i> ) <b>É.</b>	<b>Não. É um tubo que tá caindo sobre as plantas. Por isso onde a avó tá não chove e lá chove.</b>
SSA2	<b>É muito forte.</b> ( <i>É chuva mesmo? Tá caindo do céu?</i> ) [Balança a cabeça positivamente.]	<b>É de verdade.</b> [Retorno à cena. Paro na cena onde mostra o cano.] ( <i>É chuva de verdade?</i> ) <b>É sim.</b> ( <i>É chuva mesmo?</i> ) [Balança a cabeça positivamente.] <b>É chuva mesmo.</b> ( <i>E esse cano aqui</i>

		<i>é o que?)</i> <b>É água.</b>
SSA3	<i>(Tá chovendo mesmo?)</i> <b>Tá.</b> <i>(É chuva mesmo?)</i> <b>É.</b>	<b>Não.</b> <i>(É chuva de verdade?)</i> <b>É.</b> <i>(É chuva de verdade?)</i> <b>Não.</b> <i>(Que chuva é aquela?)</i> <b>Da mangueira. A mangueira furadinha.</b>
SSA4	<b>Não, é de mentira.</b> <i>(Como você sabe que a chuva é de mentira?)</i> <b>Sei lá.</b> <i>(Mas então você acha que é de verdade ou de mentira? A chuva cai do céu ou não?)</i> <b>Acho que cai de lá.</b> [Aponta para o céu.] <i>(Então é chuva!?)</i> [Balança a cabeça positivamente.]	<i>(Por que você acha que é de mentira?)</i> <b>Porque saiu do cano.</b>
SSA5	<b>Ela conhece.</b> <i>(É chuva de verdade?)</i> <b>É chuva de verdade. Quando a chuva cai, quando tá chovendo ela fica ali no meio se molhando.</b>	<b>Não.</b> <i>(E o que era aquilo? Aquela água vem da onde?)</i> <b>Do rio. Onde ela tava com a mão na água.</b> [Retorno à cena.] <i>(É chuva?)</i> <b>É. Não.</b> <i>(Tá caindo do céu?)</i> <b>Não, tá caindo do rio.</b>
SSA6	<b>Ali acho que é de torneira.</b> <i>(Como você sabe que é de torneira?)</i> <b>É aquele chuveirinho.</b>	<b>Não.</b>

Fonte: o próprio autor

Essa questão está baseada na cena clímax do filme, na qual a chuva que a avó tanto quis mostrar a Romanza é, na verdade, água que sai de uma mangueira de irrigação. A questão requer dos participantes sua atenção quanto a esse dado. Os participantes que não assimilaram a informação apresentam diferentes graus de deficiência, o que nos leva a acreditar que a falta de atenção não reside apenas naqueles com determinada deficiência. Por conseguinte, ainda que o roteiro em questão tenha assinalado a existência do cano, muitos alunos não o perceberam.

Quadro 65 – Fragmento do roteiro de AD para o curta Águas de Romanza

86 00:12:17,633 --> 00:12:20,758 Romanza corre pelo campo. Em alguns lugares faz sol.
--

87

00:12:20,842 --&gt; 00:12:22,925

Uma máquina irriga o local.

88

00:12:23,258 --&gt; 00:12:30,425

A água cai de um grande cano suspenso na horizontal.

**Fonte:** o próprio autor

De modo geral, os participantes necessitam de uma AD mais explícita, cuja informação central deva vir em primeiro plano, como no caso do filme *Vida Maria*, no qual a informação de que a mãe da personagem principal é quem havia falecido. Para além da ordem em que os dados devam ser apresentados, as escolhas das palavras precisam ser pensadas, levando em conta que o público aqui direcionado precisa de uma explicação maior, ainda que as informações sejam óbvias para o audiodescritor.

Apenas SP3 e SSA6 identificaram, sem o recurso da AD, que a chuva era proveniente de um cano. Os outros alunos, a saber, SSA1, SSA3 e SSA4 apenas inferiram após auxílio da ferramenta de inclusão. Todos os outros apresentaram dificuldades em assimilar as relações propostas da cena, quer porque não prestaram atenção em nenhuma das duas etapas, quer porque a deficiência de muitos os limitam em maior grau, como os casos de SP2 e SSA2, além de AD não ter se mostrado efetiva nesse caso.

Tabela 53 – Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 16 do questionário de compreensão de *Águas de Romanza*

Sem AD	Com AD
SP – 16%	SP – 16%
SSA – 16%	SSA – 83%
Geral – 16%	Geral – 50%

**Fonte:** o próprio autor

Quadro 66 – Pergunta 17 do questionário de compreensão do filme *Águas de Romanza*

<b>PERGUNTA 17</b>		
<b>PARTICIPANTES</b>	<i>POR QUE NÃO HÁ CHUVA ONDE A AVÓ ESTÁ E HÁ CHUVA ONDE ROMANZA ESTÁ?</i>	
	SEM AD	COM AD
SP1	<b>Porque a avó ficou na carroça e a menina foi tomar banho de chuva. (Então só chueu na menina?) Só chueu na menina.</b>	<b>A avó ficou lá, Romanza, vá ver a chuva. Não era chuva, era o cano.</b>

SP2	<b>A chuva vem só a cada 5 anos lá. Lá é diferente daqui.</b> ( <i>Certo, mas porque onde a avó está não chove e onde a menina está chove?</i> ) <b>Porque a avó tava na cozinha. Como que ia chover lá?</b>	<b>Por que lá tem sol.</b> [Retorno à cena do cano.] ( <i>Então, a água tá caindo de onde?</i> ) <b>Do horizontal.</b> ( <i>A chuva tá vindo de onde, tá vindo do céu?</i> ) <b>Tá caindo a chuva.</b> ( <i>Isso aí é chuva mesmo?</i> ) <b>É.</b>
SP3	[Não respondeu]	[Não respondeu]
SP4	<b>Não sei.</b>	[Levanta os ombros em sinal de que não sabe a resposta.]
SP5	[Não respondeu]	<b>Não, então eu não acho que seja chuva de verdade.</b> [Retorno à cena.]
SP6	<b>É que a avó contou uma história pra menina.</b>	<b>É que não choveu em cima deles.</b> ( <i>Mas a chuva de Romanza é de verdade?</i> ) <b>É de verdade.</b> ( <i>Na audiodescrição, quando ela diz de onde vem a chuva, ela diz que a chuva vem de onde? Cai de onde?</i> ) <b>Além do horizonte.</b>
SSA1	<b>Acho que porque tem alguns lugares que não chove muito e tem outros lugares que chove.</b>	[Foi respondido na questão anterior]
SSA2	<b>Não chove.</b>	[Não respondeu]
SSA3	<b>Porque ela tava embaixo do negócio ali. Da carroça.</b>	[Não respondeu]
SSA4	<b>É diferente o lugar.</b> ( <i>Mas então é chuva de verdade ou não é?</i> ) <b>É.</b>	[Não respondeu]
SSA5	<b>Não, onde a avó dela está não tá chovendo. Agora onde ela está aí chove.</b>	<b>Porque onde a avó dela está não tá chovendo. Agora ela tá ali no meio e tá chovendo.</b>
SSA6	[Não respondeu]	<b>Porque lá não teve e na horta teve.</b> [Se refere ao cano.]

Fonte: o próprio autor

Esta questão está relacionada com a anterior, pois se os alunos entendem que há um cano que apenas molha o local onde Romanza está, a lógica seria que por esta razão o ambiente no qual a avó está não chove. Partindo da premissa de que muitos dos alunos não associaram o cano à chuva, fica claro o alto índice de respostas incorretas nessa pergunta.

Apenas SP1, que não havia respondido corretamente no diálogo anterior, SSA1 (que respondeu essa questão na sessão anterior) e SSA6 que conseguem, após a exibição com AD, discorrer sobre o motivo pelo qual a chuva não cai onde a avó está. Algo para ser levado em consideração aqui é que os alunos podem ter ficado cansados com o esforço da associação. Ao contrário do curta *Reisado Muidim*, a narrativa de *Águas de Romanza* é muito mais subjetiva e demanda mais da assimilação dos participantes. Além disso, o presente filme é o mais longo dentre os três apresentados aos alunos, o que também pode justificar o cansaço dos participantes.

Acreditamos que essa informação deva estar contida no roteiro de AD, assim o clímax do filme, mas como estratégia para uma não antecipação, essa informação deva ser dada após o aparecimento do cano, como uma justificativa para não estar chovendo no local onde a avó se encontra.

Tabela 54 – Índice de acerto entre SSA e SP e porcentagem geral da pergunta 17 do questionário de compreensão de *Águas de Romanza*

Sem AD	Com AD
SP – 0%	SP – 16%
SSA – 0%	SSA – 33%
Geral – 0%	Geral – 25%

Fonte: o próprio autor

Quadro 67 – Pergunta 18 do questionário de compreensão do filme *Águas de Romanza*

<b>PERGUNTA 18</b>		
<b>PARTICIPANTES</b>	<i>POR QUE O FILME SE CHAMA ÁGUAS DE ROMANZA?</i>	
	SEM AD	COM AD
SP1	<b>Porque eu achei bonito o filme. Achei bem legal.</b>	[Não respondeu]
SP2	<b>Porque tem as terras dos mosquitos.</b>	<b>Porque quando a terra começa a aparecer mosquito a história já começa por aí.</b>
SP3	<b>Porque é bem legal, é divertido, é engraçado.</b>	<b>É que tem o nome dela.</b>
SP4	[Balança a cabeça negativamente.]	<b>Ixe, e agora? [sorri] Agora não sei.</b>

SP5	<b>Eu não sei o que significa isso.</b>	<b>Porque fala do sertão. (E o que Romanza tem a ver com isso?) Porque a Romanza sente falta que não chove há 6 anos lá.</b>
SP6	<b>É o nome do título do filme.</b>	<b>É o nome do título do filme.</b>
SSA1	[Não respondeu]	<b>É baseado na história dela.</b>
SSA2	[Não respondeu]	<b>Água de Manza. Tá molhando a planta.</b>
SSA3	<b>Sei não.</b>	<b>Por causa da menina.</b>
SSA4	<b>Porque parece ser de triste.</b>	<b>Parecido assim meio de terror, misturado com tristeza. (Mas essas águas significam o que?) A chuva.</b>
SSA5	<b>Água é chuva e Roma eu não sei.</b>	<b>Água que vem do cano. (E quem é Romanza?) Romanza é o nome da menina.</b>
SSA6	[Não respondeu]	<b>(Romanza é quem?) A menina. (Porque você acha que o nome do filme é Águas de Romanza?) O autor que escolheu.</b>

Fonte: o próprio autor

Assim como os outros filmes, essa pergunta não pode ser sanada pela audiodescrição, pois a AD apenas ajuda na compreensão da narrativa filmica para que o espectador possa aproveitar melhor o produto audiovisual. Apesar de concluir que a AD deva ser mais explícita para o público com deficiência intelectual, o título do filme não influencia na sua percepção do filme como um todo. A questão aqui abordada tem o objetivo de fazer um panorama dos participantes que tenham facilidade ou dificuldade em associar a subjetividade do título ao enredo do filme.

Alguns dos alunos conseguem assimilar tal associação, sem muita intervenção, como o caso de SSA1 e SSA3, que não vai a fundo, mas associa a história da menina ao título. Já outros, como SP5 e SSA4, conseguem concluir o que o título tem a ver com o filme após mais indagações. SP3, na segunda etapa, consegue identificar que o título do filme se refere à personagem principal, mas não associou as águas à chuva do cano. Interessante notar que SSA2, mesmo com todas suas limitações cognitivas, como acom-

panhamos nesse processo, conseguiu fazer associação, ainda que vaga, entre o título e o filme.

Apesar da AD não interferir na interpretação do título, ficou evidente que vários dos participantes fizeram mais relação após a versão do filme com o recurso. Acreditamos que por terem entendido mais do filme e exercitado a associação, foram capazes de refletir acerca do título.

Quadro 68 – Pergunta 19 do questionário de compreensão do filme *Águas de Romanza*  
*VOCE GOSTOU DA AUDIODESCRIÇÃO? POR QUE?*

<i>VOCE GOSTOU DA AUDIODESCRIÇÃO? POR QUE?</i>	
SP1	<b>Gostei</b>
SP2	<b>Gostei, dá pra perceber.</b>
SP3	<b>Sim. Ah, ele explica pra mim.</b> ( <i>Te chama mais atenção?</i> ) [Balança a cabeça positivamente.]
SP4	[Balança a cabeça positivamente.]
SP5	<b>Gostei, é mais fácil de entender</b>
SP6	<b>Gostei. Eu gostei pela voz, que é parecido a sua.</b>
SSA1	<b>Gostei. Porque no filme quando a avó dela tava falando eu não tava conseguindo entender direito não. Ai com a audiodescrição eu consegui entender.</b>
SSA2	( <i>Você gostou da voz?</i> ) <b>A música. A voz que tá falando.</b>
SSA3	<b>Gostei. Ela falou sobre a chuva. Que a menina desde pequena que não vê a chuva.</b>
SSA4	<b>Gostei dos dois.</b> ( <i>Mas você acha que entendeu melhor com qual?</i> ) <b>Com o primeiro. O primeiro foi melhor.</b> ( <i>Porque?</i> ) <b>Dá pra entender.</b> ( <i>Então você entendeu melhor sem a audiodescrição?</i> ) [Balança a cabeça positivamente.]
SSA5	<b>Gostei. Porque eu gosto.</b> ( <i>Você acha que você entende melhor com a audiodescrição?</i> ) <b>Eu entendi o que ela falou.</b>
SSA6	<b>Gostei. Porque fiquei... Me ajudou mais.</b>

Fonte: o próprio autor

Essa última questão tem o objetivo de saber como os participantes se sentiram após terem assistido o filme com AD. Em sua grande maioria, os alunos alegaram ter

gostado do auxílio, comentando ainda o quanto os ajudou a compreender melhor o filme. Entretanto, há uma aluna que alega ter entendido melhor sem o recurso da audiodescrição. Após dias de convivência com os alunos na APAE e entre os diálogos que mantínhamos, ocasionalmente, percebi que SSA2 não gostava da ideia de ser ajudada a fazer suas atividades diárias, independente do que fossem. Ela me confessou que sua mãe sempre a encorajou a fazer as coisas por si só, apesar de, em tese, a mãe ser superprotetora e, por vezes, castradora em alguns sentidos. Dessa forma, a aluna se mostra um tanto relutante com o fato de que a audiodescrição possa ajudá-la a entender um filme, uma vez que ela pode fazer isso por conta própria. A aluna é síndrome de *down* mosaico e também tem uma deficiência intelectual leve, mas é bastante desenvolvida, consegue se comunicar e, através desse questionário, percebemos que a participante não apresentou de fato muitos problemas para fazer associações. Contudo, lembramos que esta pessoa em questão se caracteriza dessa forma, mas outras pessoas com deficiência intelectual ou síndrome de *down* é heterogêneo e muitos necessitam sim do recurso para aproveitarem e compreenderem melhor os produtos culturais disponíveis nos espaços sociais.

#### 4.4 CONCLUSÕES

Costa (2014), em sua tese, dialoga com outros teóricos da área acerca do que seria descrever a um mínimo de interpretação, pois é dessa forma que alguns teóricos da área entendem que deve ser a AD. A interpretação é inerente à prática tradutória, ou seja, a marca do tradutor não pode ser apagada. Entretanto, essas interpretações podem ser controladas no ato da descrição, por exemplo, imaginemos que um personagem de uma animação esteja parado em frente a um restaurante e olha atento para a porta. Ao invés de dizer que o personagem está “faminto”, é mais interessante dizer “o personagem leva a mão à barriga que treme”, dessa forma o espectador DV fará a inferência de que o personagem tem fome.

Braun (2007) entende que o não vidente utiliza de elementos disponíveis do produto audiovisual como o diálogo original, os sons e a narração da AD. Esses elementos auxiliam para que o DV construa uma imagem mental do que seria a cena. Baseada na abordagem de modelos mentais, a autora assume que “os modelos mentais de eventos audiovisuais são baseados em pistas verbais, visuais e auditivas, atreladas ao conhecimento e associações que estes evocam” (BRAUN, 2007, p. 3) A partir de reflexões a-



cerca desta premissa, a autora, baseada na teoria da relevância, conduz o leitor sobre o que seria essencial para a construção da narrativa fílmica, cabendo ao tradutor o papel de interpretar os as imagens e a partir daí escolher entre explicitar/interpretar ou descrever a modo que o espectador faça inferências. *Interpretar* implica em explicitar o que se vê, de expressar a opinião do audiodescritor acerca de uma cena. Já *descrever* tende a ser mais objetivo, não passível de subjetivação, o modelo que vários audiodescritores e estudiosos da área defendem como o correto, pois acreditam que o público DV deve sentir da mesma forma que o vidente, cujas inferências se constroem na narrativa mentalmente, capacitando-os a construir suas próprias conclusões.

Braun (op. cit.) traz a citação de Johnson-Laird (1983) e Brown e Yule (1983) os quais entendem que

nós experimentamos e interpretamos o mundo ao nosso redor através de nossa capacidade de construir modelos mentais da realidade (incluindo ficção). (JOHNSON-LAIRD *apud* BRAUN, 2007, p. 3)

Na compreensão do discurso verbal, os destinatários constroem um modelo mental da situação descrita, usando as pistas linguísticas previstas nas expressões verbais (do processamento de baixo para cima), bem como conhecimento de mundo, no contexto da situação percebida e declarações anteriores (processamento de cima para baixo). (BROWN, YULE *apud* BRAUN, 2007, p. 3)

As inferências promovidas pelas descrições mais objetivas são possíveis num contexto em que o espectador tem a capacidade cognitiva de fazer relações entre os signos verbais e não verbais que contextualizam a narrativa audiovisual. Entretanto, quando nos deparamos com um público que não possui a capacidade de fazer tais associações, é necessário a utilização de estratégias que melhorem a compreensão por parte dessa audiência.

Acreditamos que um roteiro mais interpretativo, através da ótica citada acima, seja mais adequado para o uso das pessoas com deficiência intelectual. O processo de fazer inferência não é tão simples no caso desse público, fazendo com que não percebam informações relevantes para a construção do todo fílmico, especialmente de cenas complexas ou de difícil interpretação. Assim, a explicitação daquilo que se vê é mais indicado para esse público que vê, mas não processa as imagens instantaneamente.

No que concerne à nomenclatura, adoto o termo “explicitação”, sugerido pelo teórico Cabeza-Cárceles. Segundo Costa (2014)

[...] Cabeza-Cárceles põe em foco um determinado uso do termo “interpretação” que ele considera indevido e, por isso, sugere que seja substituído por “explicitação”. Aos olhos do autor, o problema [...] não reside em “o quê” deve ser descrito, mas no “como” fazê-lo, que geraria divergência entre as normas e os pesquisadores [...] (Id., 2014, p. 113)

Cabe aqui esclarecer que a autora deste trabalho também apoia um roteiro de AD para as pessoas com deficiência visual mais explícito, no sentido de utilizar adjetivos e advérbios para descrever cenas que são logicamente interpretáveis como tal, por exemplo, ela está cansada, triste, faminta, etc. Além de permitir maior espaço para maiores descrições da cena, a AD passa a atender também ao público com DI, pois é fato que ainda que haja parâmetros para um roteiro exclusivo para DIs, o mercado televisivo brasileiro não abarcará dois tipos de textos para duas audiências, tendo em vista que o custo será maior e demandaria pensar uma forma de inserir dois áudios distintos, a partir do acionamento da tecla SAP do controle. Se a AD para DVs, que já é regulamentada por lei, ainda luta pelo seu espaço de direito, a AD para DI não deverá ser sustentada pela mídia brasileira.

Através da pesquisa de recepção foi possível ter um panorama de como a audiodescrição ajuda as pessoas com deficiência intelectual e síndrome de Down a perceber mais da narrativa filmica. Entretanto, também nos mostrou falhas no roteiro de AD para pessoas com deficiência visual e quais elementos os audiodescriptores devem levar em consideração no roteiro para esse novo público.

A primeira conclusão que chegamos foi de que a AD deve sim ser mais explicativa ou explícita. A audiência com DI necessita de interpretação para fazer relações entre as cenas, ou seja, para entender, por exemplo, que no curta-metragem *Vida Maria*, o personagem de Antônio é marido da personagem principal. Ou ainda no filme *Reisado Miudim*, na cena em que os meninos se dão língua e a maioria dos alunos não entende que estão brincando. Como também, no filme *Águas de Romanza*, no qual os participantes não associam os desenhos na parede como um sonho da menina. Apenas esses exemplos, que parecem ser óbvios, são capazes de demonstrar a necessidade de explicitação dessas informações para que o público alvo consiga entender o filme como um todo. Podemos relacionar essa necessidade de explicitação ao fato que a deficiência em si limite essa audiência. Entretanto, um roteiro mais interpretativo poderia ser mais efetivo para esse público.

A segunda conclusão é a de que no roteiro para deficientes intelectuais não deve ser levada em conta a premissa de que os nomes dos personagens só podem ser mencionados após sua menção no filme. Quanto antes as personagens forem introduzidas, mais chances de que os espectadores os reconheçam no decorrer da trama. Contudo, vale ressaltar que para tanto é necessário que os nomes das personagens sejam citados durante a narrativa, de outro modo, não seria possível nomear um personagem sem nome, como o caso do avô de Matheus, do segundo filme.

A terceira conclusão é reforçar a premissa de que a repetição dos nomes dos personagens na AD é de vital importância, uma vez que esse público tem dificuldade em reter informações novas. Ainda que a AD mencione os nomes dos personagens, não é interessante fazer referência pronominal, bem como substituir por outras categorias sintáticas mais complexas, dessa forma os espectadores conseguirão identificar os personagens mais facilmente se apreendem suas alcunhas ao longo do filme. No caso de filmes como *Vida Maria*, no qual os personagens possuem as mesmas características físicas, a recomendação ainda é maior, pois ficou claro que os participantes tiveram dificuldade em diferenciar as Marias. Como critério de análise, concluímos, então, que a deficiência também compromete a capacidade de memorização desse público, tendo em vista que a AD pode ajudar na memorização de certas informações, nesse caso nomes de personagens, é vital a adoção dessa estratégia.

A quarta conclusão versa sobre a ordem em que as informações devem ser dadas, principalmente, em cenas onde o clímax da história se passa. Nos três filmes, os participantes tiveram dificuldade em assimilar o desfecho da história, ainda que por diferentes razões. Em *Vida Maria*, a forma como a AD expõe quem havia falecido revela ineficiência para a compreensão dos participantes da pesquisa. O dado principal deveria vir em primeira ordem, e, só depois, priorizaria a descrição do ambiente. Em *Reisado Miudim* a falta de explicitação na cena em que o avô e Matheus surgem no final da tarde cantando e ensaiando leva os participantes a não interpretarem que naquele momento o avô aceitou que o garoto participasse da festa como integrante do grupo de dança. Por fim, em *Águas de Romanza*, a falta de explicitação também foi o motivo para que os alunos não percebessem o cano de onde a água era proveniente.

A quinta conclusão é de que os termos utilizados na AD devem ser de conceito menos complexos. Nessa pesquisa analisamos dois adjetivos, *amarga* e *severa*, usados no roteiro de *Vida Maria*, os quais se mostraram infrutíferos para a compreensão dos

personagens. A palavra “amarga”, que foi a mais problemática, apresenta uma natureza polissêmica, podendo ser utilizada e assimilada de diferentes formas. Seria interessante usar vocábulos que fossem mais explícitos, como “sofrimento” ou ainda “tristeza”.

A última conclusão é a de que a audiodescrição chama a atenção desse público. Percebemos durante as gravações que na primeira etapa, quando assistiam sem o recurso, os participantes dispersavam mais facilmente, principalmente, nos filmes que apresentam grande silêncio, como *Vida Maria*. Tanto em São Paulo, quanto em Salvador, os alunos tiveram reações similares referentes ao momento de exibição dos filmes.

Assim, a audiodescrição para as pessoas com deficiência intelectual e síndrome de *down* deve ter em conta os aspectos mencionados acima. Fazer associações e memorizar informações foram as principais dificuldades que os participantes apresentaram durante todo o processo da pesquisa. Concluímos que o roteiro de AD para DVs não satisfaz essas necessidades, pois a audiência deficiente visual não apresenta tais necessidades.

Qualquer pessoa, independente de limitações cognitivas ou não, traz sua bagagem de vida ao assistir filmes, a forma como as informações chegam a essas pessoas é que é o diferencial. Para as pessoas com deficiência visual, a audiodescrição é uma ferramenta de grande utilidade para fazer com que esse público forme imagens mentais através da descrição das imagens. Concluímos que para os deficientes intelectuais esse recurso também é útil, ainda que essa audiência não tenha o órgão da visão comprometido, sua capacidade de fazer inferências é afetada pela sua condição.

Com relação aos critérios de análise, entendemos que a deficiência intelectual limita certas reflexões dos alunos como percepção, atenção e associação, como no caso de refletir sobre perguntas do tipo, *Por que o filme se chama Vida Maria?* Há ainda a complexidade dos filmes, onde temos narrativas consideradas mais abstratas, como no caso de *Vida Maria*, no qual alguns alunos não percebem a relação entre as personagens, pois as características físicas são as mesmas, bem como perceber que a mudança de vestidos de Maria José marca também a mudança de tempo, em que Maria fica mais velha. A narrativa do filme *Águas de Romanza* também é de natureza complexa, uma vez que trabalha a questão da morte, mas utilizam personagens visualmente “vivos”, a não ser pela cena em que a mãe de Romanza se debruça sobre a rede onde a menina dorme. Os participantes conseguem, de modo geral, compreender melhor o filme *Reisado Miudim*, o que nos leva a crer que a narrativa é menos abstrata. A maioria entende a

relação entre o pequeno Matheus fazer o que o avô manda e por isso ganha o capacete que faz parte da dança sem que necessitem do recurso da AD. Entretanto, os participantes percebem mais detalhes após o filme com a ferramenta.

Os participantes, em sua grande maioria, participavam de atividades relativas às artes como dança ou teatro no momento da pesquisa, o que influenciou, por exemplo, em algumas respostas do filme *Reisado Muidim*, como o caso de SSA4, quando afirma que o garoto precisava da roupa para dançar ou, ainda, terem consciência de que o garoto precisava aprender os passos da dança, bem como SSA1, que também entendeu que o menino precisava aprender a coreografia. Além dessas interferências positivas nas respostas dos alunos, motivada pelas práticas de suas vidas diárias, a relação familiar também pesou em respostas dos alunos. Como SP2, que deixou claro em várias vezes no filme *Vida Maria* que a filha deve ajudar a mãe sempre, independente de qualquer coisa, o que seria um reflexo da sua relação com a mãe. Comportamento semelhante ao de SP3 que no filme *Águas de Romanza* relacionou várias vezes ao seu próprio avô, fazendo com que influenciasse na sua resposta sobre o que a menina nunca havia visto, que era a chuva.

O diagnóstico dos alunos, diversas vezes, foi um fator de causa para determinadas perguntas. Entretanto, os alunos conseguiram superar várias de suas limitações com auxílio da AD, com exceção para SP2 e SSA2, pois as duas alunas são diagnosticadas como Síndrome de *down* com Deficiência Intelectual Moderada. Logo, nos três filmes, é possível perceber a fuga dessas participantes do tema do questionário. SP2 não tem sua comunicação afetada como SSA2, mas não conseguiu fazer muitas das abstrações que as narrativas demandavam, em comparação com seus colegas, que, apesar de outras limitações, conseguiram interpretar várias das informações com a ajuda da AD.

As porcentagens demonstradas, ao final de cada pergunta, nos dão uma noção do quanto a AD foi ou não efetiva para esse público. Apesar de que, em alguns momentos, os alunos não terem necessitado do recurso para a melhor compreensão. De modo geral, a AD proporcionou melhor entendimento da narrativa por parte dos participantes.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A audiodescrição é a modalidade da Tradução Audiovisual que visa tornar acessíveis produtos culturais às pessoas com deficiência visual e intelectual. Este último público ainda não é legitimado na área por se tratar de uma audiência nova, na qual pesquisas a nível nacional e internacional não foram feitas.

Reconhecemos nesse estudo a importância dessa ferramenta inclusiva para as pessoas com DI e Síndrome de *down*. A pesquisa piloto na APAE de Santo Amaro da Purificação, em 2011, foi de vital importância para que esse público pudesse se tornar alvo, fazendo com que seus acessos à vida cultural da sociedade abrangessem ainda mais.

Durante a pesquisa percebemos o quanto os participantes gostaram da ferramenta de inclusão e seus interesses em assistir mais a filmes com este recurso. Porém, muito ainda há de ser feito para que essas pessoas consigam aproveitar plenamente um produto visual/audiovisual.

A pesquisa feita nas duas APAE, Salvador e São Paulo, ajudou a perceber que ainda há diferenças entre as regiões, a AD para esse público é facilmente padronizada, pois a interpretação dos símbolos deve seguir um padrão que priorize as necessidades mais urgentes.

Trabalhar com as pessoas com deficiência intelectual foi prazeroso e uma experiência extremamente enriquecedora, pois são pessoas atenciosas e gostam de se voluntariar para ajudar no que for preciso. Em ambas as instituições, o corpo técnico também foi bastante proativo, fornecendo todo apoio necessário durante a estadia nesses espaços.

Ainda que falhas técnicas sejam comuns nesse tipo de pesquisa, pois não seria diferente que uma ferramenta de inclusão, nascida na era tecnológica, não dependesse da própria tecnologia para ser estudada, algumas considerações acerca do processo da pesquisa devem ser pontuadas para futuras pesquisas de recepção nesse formato. A saber:

- a. Gravar as etapas da pesquisa em vídeo é essencial para analisar os dados, posteriormente, sobretudo para perceber as reações dos participantes durante o estudo. Como indicado nas considerações de Franco *et al.* (2013), duas câmeras para gravação, uma direcionada para a tela e outra para o voluntário,

são suficientes para captar as informações necessárias, entretanto, o ambiente em que a gravação é feita não deve ser muito claro ou receber iluminação solar, pois cria reflexo na tela e automaticamente escurece a gravação. O ambiente também deve ser silencioso, as gravadoras captam os sons externos e pode ser difícil de interpretar os dados com muito barulho nas gravações;

- b. Manejar as câmeras, prestar atenção nas reações do participante e aplicar os questionários não deve ser tarefa apenas para o pesquisador. Sugiro que uma segunda pessoa o acompanhe para operar as câmeras, pois também acontece perda de foco, ainda que a gravadora esteja apoiada num tripé;
- c. O contato prévio com os participantes é muito importante para que eles se sintam à vontade para colaborar com a pesquisa. Passar um tempo com os alunos se mostrou eficiente para a condução da pesquisa.

Durante a análise dos dados percebemos que as respostas dos alunos poderiam estar influenciadas também, na segunda etapa, pelo fato do aluno ter assistido ao filme uma segunda vez em um curto espaço de tempo. Sugiro que os filmes sejam exibidos sem o recurso da AD, em um dia, e com audiodescrição, outro dia, se possível, a partir de dois dias, após a primeira exibição, pois dessa forma os alunos terão tempo esquecer o enredo. É possível que a exibição do filme com AD no mesmo dia e logo após a exibição da primeira versão tenha interferido nas respostas dos alunos, já que eles podem ter compreendido melhor a narrativa com AD, mas também podem ter assimilado mais informações com a segunda exibição.

Apesar dos resultados dessa pesquisa serem animadores para o campo de estudo, pesquisas posteriores devem ser feitas para que possamos delinear parâmetros de AD mais efetivos para atingir a compreensão plena por parte desse novo grupo. É necessário confirmar as hipóteses aqui levantadas com um número maior de pessoas com DI, além de investigar outras questões como a sincronia entre as descrições e as imagens, as impressões de grupos etários diferentes, a função didática da AD para essas pessoas, o uso de adjetivos mais ou menos complexos, a AD de diferentes gêneros filmicos, estudos com longas metragens e atuação da audiodescrição.

Esse novo grupo desperta no campo dos estudos da área um novo direcionamento para investigações e amplia o público alvo da audiodescrição, além de reforçar a necessidade dessa ferramenta de inclusão como recurso de acessibilidade na televisão brasileira. Ainda que a AD já tenha se tornado lei, muito há de se fazer para alcançar seu

cumprimento efetivo e, como aponta o presente trabalho<sup>33</sup>, para que esta ferramenta inclusiva supra as necessidades de outro público, o público com deficiência intelectual, raramente levado em consideração nos roteiros de audiodescrição atuais.

---

<sup>33</sup> Entendemos que por mais que a AD seja lei e isso seja uma conquista alcançada, o fato da morosidade em aplicar a lei acarreta num retardamento na inserção dessa ferramenta de acessibilidade nos espaços culturais e, por consequência, a não inclusão das pessoas com deficiência visual nesses ambientes. Se para os DVs essa conquista ainda significa luta, é natural que uma AD exclusiva para o público com DI não será debate nas mesas políticas. Porém, faz-se necessária as pesquisas para que esse público tenha visibilidade e possa usufruir, ainda que através de uma AD direcionada para outro público, dos produtos culturais os quais todas as pessoas têm direito de ter acesso.



## REFERÊNCIAS

ÁGUAS DE ROMANZA. Direção: Glaucia Soares, Patrícia Baía. Produção: Valéria Cordeiro. Ceará: Ministério da Cultura, 2002. 1 CD.

APAE DE SÃO PAULO. Sobre a deficiência intelectual. Disponível em <<http://www.apaesp.org.br/SobreADeficienciaIntelectual/Paginas/O-que-e.aspx>>. Acesso em: 06 out 2014.

ASOCIACIÓN ESPAÑOLA DE NORMALIZACIÓN Y CERTIFICACIÓN. *UNE 153020: Audiodescripción para personas con discapacidad visual. Requisitos para la audiodescripción y elaboración de audioguías*. Madrid, 2005. 12p

AUDIO DESCRIPTION COALITION. *Standards for audio description and code of professional conduct for describers: based on the training and experience of audio describers and trainers from across the United States*. [S.L.]: Audetel, 2007. Disponível em: <<http://audiodescriptioncoalition.org>>.

BALLONE, Geraldo José. *Deficiência Mental*, 2007. Disponível em: <<http://www.psiqweb.med.br>> Acesso em 5 out 2013.

BATALHONE JUNIOR, Vitor Claret. Uma história de recepção: Robert Holub e a Teoria de Recepção. *Temporalidades*, v. 3, n. 2. Belo Horizonte, Ago/Dez 2011. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/temporalidades/pdfs/06p160.pdf>>. Acesso em: 24 jan 2015.

BRAUN, Sabine. Audio Description from a discourse perspective: a socially relevant framework for research and training. *Linguistica Antverpiensia NS*, 06, 2007. p. 357-369. Disponível em <<http://epubs.surrey.ac.uk/303024/1/fulltext.pdf>>. Acesso em: 06 jan 2015.

BATISTA, Cristina A. M., MANTOAN, Maria T. E. Atendimento educacional especializado em deficiência mental. In: GOMES, A. L. L., *et al.* (Orgs.). *Atendimento Educacional Especializado – Deficiência Mental*. Brasília: SEEP, SEED, MEC, 2007.

BRASIL. Artigo 27º de 10 de dezembro. Declaração universal dos direitos humanos. *Diário da República*, 1948. Disponível em: <<http://dre.pt/comum/html/legis/dudh.html>>. Acesso em 21 set 2013.

BRASIL. Decreto nº 5.296 de 2 de dezembro de 2004. Regulamentação sobre acessibilidade às pessoas com deficiência. *Planalto*, 2004. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2004/decreto/d5296.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5296.htm)>. Acesso em 29 dez 2014.

BRASIL. Portaria nº 188, de 24 de março. *Legislação Federal*. Fundação de Articulação e Desenvolvimento de Políticas Públicas para PcD e PcAH no RS, 2010. Disponível em: <<http://www.faders.rs.gov.br/portal/index.php?id=legislacao&cat=4&cod=388>>, acesso em: 26 mar. 2013

CABEZA-CÁRCERES, Cristóbal. Speed, explicitation and intonation in AD: best values, best practice. In: ARSAD – Advanced Research Seminar on Audio Description, 4, 2013, Barcelona. *Resumos*. Barcelona: Caiac, 2013. p. 25.

CHAUME, Frederic. *Cine y traducción*. Madrid, Cátedra, 2004.

COSTA, Larissa Magalhães. *Audiodescrição em filmes: história, discussão conceitual e pesquisa de recepção*. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da PUC-Rio. Rio de Janeiro, 2014.

DIAZ CINTAS, Jorge. Audiovisual translation today: a question of accessibility for all. *Translating today* 4, 2005.

FLYS, Elena SV. Evaluation of the performing tools for an inclusive and accesible theater. In: ARSAD – Advanced Research Seminar on Audio Description, 4, 2013, Barcelona. *Resumos*. Barcelona: Caiac, 2013. p. 28.

FRANCO, Eliana P. C. A importância da pesquisa acadêmica para o estabelecimento de normas da audiodescrição no Brasil. *Revista Brasileira de Tradução Visual*, v. 3. Póspesq/UFPE, 2010. p. 1. Disponível em: <<http://www.rbtv.associadosdainclusao.com.br/index.php/principal/article/view/38/39>>

\_\_\_\_\_. C.; SILVA, Manoela Cristina Correia Carvalho da. Audiodescrição: breve passeio histórico. In.: MOTTA, Lívia M. V. M.; ROMEU FILHO, Paulo. *Audiodescrição: transformando imagens em palavras*. São Paulo: Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência do Estado de São Paulo, 2010. p. 23-42.

\_\_\_\_\_.; SILVEIRA, Deise M. M.; CARNEIRO, Bárbara C. dos S.; URPIA, Adriana. Audiodescrição para Além da Visão: Um Estudo Piloto com Alunos da APAE. In.: ARAÚJO, Vera Lúcia Santiago, ADERALDO, Marisa Ferreira. *Os novos rumos da pesquisa em audiodescrição no Brasil*. Curitiba: CRV, 2013. p. 201-211.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo Demográfico*. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

INDEPENDENT TELEVISION COMISSION. *Guidance on standards for audio description*. London, 2000. 35p. Disponível em: <[http://www.ofcom.org.uk/static/archive/itc/uploads/ITC\\_Guidance\\_On\\_Standards\\_for\\_Audio\\_Description.doc](http://www.ofcom.org.uk/static/archive/itc/uploads/ITC_Guidance_On_Standards_for_Audio_Description.doc)>.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. Tradução Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. 24 ed. São Paulo: Cultrix, 2007. p. 63-72.

KINOSHITA, Yumi. *Reception theory*. University of California Santa Barbara, 2004. Disponível em: <<http://www.yumikinoshita.com/receptiontheory.pdf>>. Acesso em: 25 jan 2015.

MASCARENHAS, Renata de Oliveira. *A audiodescrição da minissérie policial Luna Caliente: uma proposta de tradução à luz da narratologia*. Tese de Doutorado apresen-

tada ao programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2012.

MAYER, Flávia Affonso. *Imagem como símbolo acústico: a semiótica aplicada à prática da audiodescrição*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Minas Gerais, 2012.

MIDIACE. ABNT convida para reunião plenária de aprovação do projeto de Norma de Audiodescrição a ser encaminhado para consulta pública. *Notícias*. Minas Gerais, 2015. Disponível em: <[www.midiace.com.br](http://www.midiace.com.br)>. Acesso em: 20 jan 2015.

MINISTÉRIO PÚBLICO. SISNEP – Sistema Nacional de Informação sobre ética em pesquisa envolvendo seres humanos. Disponível em: <<http://portal2.saude.gov.br/sisnep/pesquisador/>>. Acesso em: 02 fev 2015.

NÓBREGA, Andreza. Audiodescription in the play *Nem sempre Lila*. In: ARSAD – Advanced Research Seminar on Audio Description, 4, 2013, Barcelona. *Resumos*. Barcelona: Caiac, 2013. p. 27.

ORERO, Pilar. La accesibilidad en los medios: una aproximación multidisciplinar. *Trans*, Barcelona, 2007. n. 2, p. 13.

PARDO, Betlem Soler. *Translation studies: an introduction to the history and development of (audiovisual) translation*. Madrid: Universidad Alfonso X el Sabio, 2013.

PREFEITURA DE CAXIAS DO SUL. *Cartilha das pessoas com deficiência*. Caxias do Sul. Disponível em: <[https://www.caxias.rs.gov.br/\\_uploads/conselho\\_pessoas\\_portadoras\\_deficiencia/cartilha\\_a\\_pcds.pdf](https://www.caxias.rs.gov.br/_uploads/conselho_pessoas_portadoras_deficiencia/cartilha_a_pcds.pdf)>. Acesso em: 21 dez 2014.

RANGEL, Manoel. Instrução Normativa nº116, 18 de dezembro de 2014. *ANCINE – Agência Nacional de Cinema*. Norma sobre acessibilidade da produção audiovisual. 2014. Disponível em: <[www.ancine.org.br](http://www.ancine.org.br)>. Acesso em 07 jan 2015.

REDE SACI. Diagnóstico da deficiência mental. *USP Legal*, São Paulo. Disponível em <<http://saci.org.br/?modulo=akemi&parametro=1677>>. Acesso em: 21 dez 2014.

REISADO MIUDIM. Direção: Petrus Cariry. Roteiro: Bárbara Cariry. Ceará, Ministério da Cultura, 2008. 1 CD.

ROMEU, Paulo. ABNT cria grupo de trabalho para elaborar norma de audiodescrição. *BLOG da Audiodescrição*, 2010. Disponível em: <[www.blogdaaudiodescricao.com.br](http://www.blogdaaudiodescricao.com.br)>. Acesso em: 05 dez 2013.

SILVA, Manuela Cristina Correia Carvalho da. *Com os olhos do coração: estudo acerca da audiodescrição de desenhos animados para o público infantil*. Dissertação de mestrado apresentado ao programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2009.

SIMÕES, Cristiana A., PINTO, Isabela C. de M. Conceito e definições de deficiência e reabilitação. In. LIMA, PINTO, PEREIRA (Org.). *Políticas públicas e a pessoa com deficiência*. Salvador: EDUFBA, 2011. 284 p.

UN CONVENTION ON THE RIGHTS OF PERSONS WITH DISABILITIES. 2006. Disponível em: <<http://www.un.org/disabilities/default.asp?id=261>>. Acesso em 5 out. 2012

VIDA MARIA. Direção: Márcio Ramos. Produção: Joelma Ramos, Márcio Ramos. Ceará: VIACG produções, 2006. 1 CD, animação.

WHITE, Robert A. Media Reception Theory: Emerging Perspectives. *INTERCOM – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, v. XVI, n. 1. São Paulo, 1993. Disponível em: <<http://portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/download/800/684>>. Acesso em: 05 dez 2014

YERRO, Jorge H. *Traduzindo a história: a guerra das Malvinas na literatura e no cinema Argentinos*. Tese de doutorado apresentada ao programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2012.

## APÊNDICES

**APÊNDICE A – TCLE APAE DE SALVADOR****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO****RESPONSÁVEL DIRETO**

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa dentro da APAE DE SALVADOR. Se aceitar em participar do estudo descrito logo abaixo, assine ao final deste documento. Se não entender alguma coisa, peça esclarecimentos, e só assine após ter certeza de ter tirado todas as suas dúvidas. Este documento é formado por quatro páginas e está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é da pesquisadora responsável, a mesma pessoa que irá agora apresentar este documento.

**INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:**

**Título do Projeto:** “Um Estudo sobre a aplicabilidade da audiodescrição para o público com deficiência intelectual”

**Pesquisador Responsável:** Mestranda Bárbara Cristina dos Santos Carneiro

**Instituição a que pertence:** Aluna do programa de Pós-graduação em Língua e Cultura pela Universidade Federal da Bahia.

**Orientadoras responsáveis:** Profa. Dra. Eliana Paes Cardoso Franco e Profa Dra Jael Glauce da Fonseca.

**Instituição em que fará a pesquisa:** APAE DE SALVADOR

**Período previsto da pesquisa:** 10/2014

**DADOS DE IDENTIFICAÇÃO:****INFORMAÇÕES SOBRE O PARTICIPANTE:**

**Nome:**

**RG:**

**CPF:**

**Endereço:**

**Bairro:** \_\_\_\_\_ **Cidade:** \_\_\_\_\_ **UF:** \_\_\_\_\_  
**CEP:** \_\_\_\_\_ **Fone:** \_\_\_\_\_  
**Email:** \_\_\_\_\_

INFORMAÇÕES SOBRE O RESPONSÁVEL DO PARTICIPANTE ACIMA (caso este seja interditado judicialmente ou analfabeto):

**Nome:** \_\_\_\_\_

**Grau de parentesco:** \_\_\_\_\_

**RG:** \_\_\_\_\_ **CPF:** \_\_\_\_\_

**Endereço:** \_\_\_\_\_

**Bairro:** \_\_\_\_\_ **Cidade:** \_\_\_\_\_ **UF:** \_\_\_\_\_

**CEP:** \_\_\_\_\_ **Fone:** \_\_\_\_\_

**Email:** \_\_\_\_\_

**1. Natureza e objetivos da pesquisa:** *A pesquisa tem como objeto de estudo roteiros de audiodescrição. A audiodescrição, que é uma modalidade da Tradução Audiovisual, consiste na tradução de imagens em palavras, ajudando na melhor compreensão de filmes, peças de teatro, exposições em museus, entre outros produtos culturais, pelo público com deficiência visual e intelectual. Atualmente, os roteiros de audiodescrição estão sendo pesquisados e elaborados apenas para o usuário com deficiência visual. Nesta pesquisa, temos como objetivo estudar o roteiro da audiodescrição voltado para o público com deficiência intelectual. Para isso, necessitamos a participação desse público – através de um teste de recepção de dois curtas-metragens - para podermos detectar os elementos necessários que compõem um modelo satisfatório de roteiro de audiodescrição de filmes voltado para esse usuário.*

**2. Justificativa:** *No Brasil e no exterior, vários são os estudos sobre audiodescrição que contemplam apenas o público com deficiência visual. Acredita-se que o estudo proposto contribuirá para uma maior inclusão do público com deficiência intelectual, garantindo o direito de toda e qualquer pessoa de usufruir de forma plena as artes e de participar no progresso científico e nos benefícios que deste resultam, segundo a Declaração Universal dos Direitos Humanos (BRASIL, 1948).*

**3. Participantes da pesquisa:** *Quatro a seis alunos desta instituição, entre 20 e 40 anos, indicados por responsáveis da APAE. É desejável que parte desses alunos tenham Síndrome de Down.*

**4. Envolvimento na pesquisa/Procedimento:** *Os participantes deste estudo irão:*

*a. Assistir a dois curtas-metragens de mais ou menos 10min com audiodescrição direcionada ao público com deficiência visual;*

*b. Contar a história do filme livremente;*

*c. Responder um questionário de compreensão dos filmes;*

*d. Assistir aos mesmos curtas-metragens, desta vez com audiodescrição direcionada ao público com deficiência intelectual;*

*e. Recontar a história do filme e responder o mesmo questionário de compreensão para checar se a audiodescrição proposta contribuiu para uma melhor compreensão do produto audiovisual.*

*f. Responder um questionário sobre diferentes aspectos da audiodescrição, tais como: tipo de voz, narração, nível de interpretação de conteúdo, etc;*

*Essas etapas serão todas feitas individualmente e oralmente, e serão filmadas para evitar qualquer erro ou má-interpretação durante a coleta de dados.*

*As informações coletadas e os resultados obtidos nesta pesquisa serão divulgados em congressos e em forma de artigo.*

**5. Forma de acompanhamento:** *Todas as etapas da pesquisa poderão ser acompanhadas pelo responsável da APAE e pelo responsável direto pelo participante com deficiência intelectual.*

*O responsável da APAE pode se recusar a consentir ou desistir de continuar dando consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer penalidade. Sempre que quiser, o responsável da APAE poderá pedir mais informações sobre a pesquisa através do telefone da pesquisadora responsável (071 87523543 / 93012039) ou de seu email ([barbara\\_csc@hotmail.com](mailto:barbara_csc@hotmail.com)), assim como da orientadora principal (071 87055596) ou de seu email ([elianapcfranco@gmail.com](mailto:elianapcfranco@gmail.com)).*

**6. Desconforto e riscos possíveis:** *O participante sob responsabilidade da APAE não estará correndo nenhum risco previsível ao participar desta pesquisa. Os procedimentos adotados obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução no. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde.*

*Quanto ao desconforto, há a possibilidade de que o participante se canse durante as etapas da pesquisa. Neste caso, e diante manifestação explícita, as etapas serão interrompidas, até que o participante se sinta apto a continuar o estudo.*



**7. Confidencialidade:** *O pesquisador irá tratar a identidade dos participantes com padrões profissionais de sigilo durante todo o processo da pesquisa e após esta. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. O nome ou o material que indique a colaboração dos participantes não serão liberados sem as permissões destes. Os participantes não serão identificados em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo conforme indicado na resolução no. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde.*

*Já a APAE DE SALVADOR será devidamente creditada a cada apresentação e publicação por sua contribuição com a pesquisa, a menos que expresse vontade contrária.*

**8. Benefícios:** *Ao participar desta pesquisa, o responsável pelo aluno da APAE, bem como o aluno, não terão nenhum benefício direto ou imediato, mas estarão contribuindo de forma significativa para o melhor entendimento pela comunidade acadêmica sobre a audiodescrição para o público com deficiência intelectual. A longo prazo, os resultados desta pesquisa poderão trazer benefícios para o público com deficiência intelectual, no que se refere ao modelo de audiodescrição já implementado nos meios de comunicação brasileiros. Deve-se reiterar aqui o ineditismo da pesquisa, que a caracterizará como referência em estudos posteriores. Além disso, o modelo de audiodescrição que será proposto como resultado dessa pesquisa também poderá ser implementado nos museus e em escolas.*

**9. Despesa e Pagamento:** *Nenhum responsável pelo participante ou o próprio participante terá despesas de qualquer ordem para consentir/participar desta pesquisa, nem receberá remuneração de qualquer ordem por seu consentimento/sua participação.*

Esta pesquisa foi submetida ao CEP referente à Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia, a qual se encontra no endereço Rua Augusto Viana, S/N, 3º Andar, bairro Canela, Salvador – Ba, Cep: 41110-060, podendo ser contatado pelo telefone/fax (071 3283-7615) ou email: cepee.ufba@ufba.br. Os dados informados sobre este CEP são específicos para esta pesquisa.

Se você decidir consentir a participação do indivíduo pelo qual é responsável na pesquisa, por favor, preencha e assine a seção seguinte. Ao assinar este documento, você mantém o direito de dar sua opinião, de fazer perguntas, além dos demais direitos já mencionados. Você apenas se compromete, se desistir de consentir o estudo mais tarde, a informar a pesquisadora responsável sobre sua decisão. Agradecemos por sua colaboração e interesse em nosso projeto. Atenciosamente,

---

Pesquisadora Responsável

---

Sujeito da pesquisa

---

Responsável legal

---

Testemunha

Local e data: \_\_\_\_\_

## APÊNDICE B – TCLE APAE DE SÃO PAULO

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

#### RESPONSÁVEL DIRETO

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa dentro da APAE DE SÃO PAULO. Se aceitar em participar do estudo descrito logo abaixo, assine ao final deste documento. Se não entender alguma coisa, peça esclarecimentos, e só assine após ter certeza de ter tirado todas as suas dúvidas. Este documento é formado por quatro páginas e está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é da pesquisadora responsável, a mesma pessoa que irá agora apresentar este documento.

#### INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

**Título do Projeto:** “Estudo sobre a aplicabilidade da audiodescrição para o público com deficiência intelectual”

**Pesquisador Responsável:** Mestranda Bárbara Cristina dos Santos Carneiro

**Instituição a que pertence:** Aluna do programa de Pós-graduação em Língua e Cultura pela Universidade Federal da Bahia.

**Orientadoras responsáveis:** Profa. Dra. Eliana Paes Cardoso Franco e Profa Dra Jael Glauci da Fonseca.

**Instituição em que fará a pesquisa:** APAE DE SÃO PAULO

**Período previsto da pesquisa:** 09/2014

#### DADOS DE IDENTIFICAÇÃO:

##### INFORMAÇÕES SOBRE O PARTICIPANTE:

**Nome:**

**RG:**

**CPF:**

**Endereço:**

**Bairro:**

**Cidade:**

**UF:**

**CEP:**

**Fone:**

**Email:**

INFORMAÇÕES SOBRE O RESPONSÁVEL DO PARTICIPANTE ACIMA (caso este seja interditado judicialmente ou analfabeto:

**Nome:**

**Grau de parentesco:**

**RG:**

**CPF:**

**Endereço:**

**Bairro:**

**Cidade:**

**UF:**

**CEP:**

**Fone:**

**Email:**

**1. Natureza e objetivos da pesquisa:** *A pesquisa tem como objeto de estudo roteiros de audiodescrição. A audiodescrição, que é uma modalidade da Tradução Audiovisual, consiste na tradução de imagens em palavras, ajudando na melhor compreensão de filmes, peças de teatro, exposições em museus, entre outros produtos culturais, pelo público com deficiência visual e intelectual. Atualmente, os roteiros de audiodescrição estão sendo pesquisados e elaborados apenas para o usuário com deficiência visual. Nesta pesquisa, temos como objetivo estudar o roteiro da audiodescrição voltado para o público com deficiência intelectual. Para isso, necessitamos a participação desse público – através de um teste de recepção de três curtas-metragens - para podermos detectar os elementos necessários que compõem um modelo satisfatório de roteiro de audiodescrição de filmes voltado para esse usuário.*

**2. Justificativa:** *No Brasil e no exterior, vários são os estudos sobre audiodescrição que contemplam apenas o público com deficiência visual. Acredita-se que o estudo proposto contribuirá para uma maior inclusão do público com deficiência intelectual, garantindo o direito de toda e qualquer pessoa de usufruir de forma plena as artes e de participar no progresso científico e nos benefícios que deste resultam, segundo a Declaração Universal dos Direitos Humanos (BRASIL, 1948).*

**3. Participantes da pesquisa:** *Quatro a seis alunos desta instituição, entre 20 e 40 anos, indicados por responsáveis da APAE. É desejável que parte desses alunos tenham Síndrome de Down.*

**4. Envolvimento na pesquisa/Procedimento:** *Os participantes deste estudo irão:*

*a. Assistir a três curtas-metragens de mais ou menos 15min sem o recurso da audiodescrição;*

*b. Contar a história do filme livremente;*

*c. Responder um questionário de compreensão dos filmes;*

*d. Assistir a três curtas-metragens de mais ou menos 15min com audiodescrição direcionada ao público com deficiência visual;*

*e. Responder um questionário de compreensão dos filmes;*

*f. Responder um questionário sobre diferentes aspectos da audiodescrição, tais como: tipo de voz, narração, nível de interpretação de conteúdo, etc;*

*Essas etapas serão todas feitas individualmente e oralmente, e serão filmadas para evitar qualquer erro ou má-interpretação durante a coleta de dados.*

*As informações coletadas e os resultados obtidos nesta pesquisa serão divulgados em congressos e em forma de artigo.*

**5. Forma de acompanhamento:** *Todas as etapas da pesquisa poderão ser acompanhadas pelo responsável da APAE e pelo responsável direto pelo participante com deficiência intelectual.*

*O responsável da APAE pode se recusar a consentir ou desistir de continuar dando consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer penalidade. Sempre que quiser, o responsável da APAE poderá pedir mais informações sobre a pesquisa através do telefone da pesquisadora responsável (071 87523543 / 93012039) ou de seu email ([barbara\\_csc@hotmail.com](mailto:barbara_csc@hotmail.com)), assim como da orientadora principal (071 87055596) ou de seu email ([elianapcfranco@gmail.com](mailto:elianapcfranco@gmail.com)).*

**6. Desconforto e riscos possíveis:** *O participante sob responsabilidade da APAE não estará correndo nenhum risco previsível ao participar desta pesquisa. Os procedimentos adotados obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução no. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde.*

*Quanto ao desconforto, há a possibilidade de que o participante se canse durante as etapas da pesquisa. Neste caso, e diante manifestação explícita, as etapas serão interrompidas, até que o participante se sinta apto a continuar o estudo.*

**7. Confidencialidade:** *O pesquisador irá tratar a identidade dos participantes com padrões profissionais de sigilo durante todo o processo da pesquisa e após esta. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. O nome ou o material que indique a colaboração dos participantes não serão liberados sem as permissões destes. Os participantes não serão identificados em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo conforme indicado na resolução no. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde.*

*Já a APAE DE SÃO PAULO será devidamente creditada a cada apresentação e publicação por sua contribuição com a pesquisa, a menos que expresse vontade contrária.*

**8. Benefícios:** *Ao participar desta pesquisa, o responsável pelo aluno da APAE, bem como o aluno, não terão nenhum benefício direto ou imediato, mas estarão contribuindo de forma significativa para o melhor entendimento pela comunidade acadêmica sobre a audiodescrição para o público com deficiência intelectual. A longo prazo, os resultados desta pesquisa poderão trazer benefícios para o público com deficiência intelectual, no que se refere ao modelo de audiodescrição já implementado nos meios de comunicação brasileiros. Deve-se reiterar aqui o ineditismo da pesquisa, que a caracterizará como referência em estudos posteriores. Além disso, o modelo de audiodescrição que será proposto como resultado dessa pesquisa também poderá ser implementado nos museus e em escolas.*

**9. Despesa e Pagamento:** *Nenhum responsável pelo participante ou o próprio participante terá despesas de qualquer ordem para consentir/participar desta pesquisa, nem receberá remuneração de qualquer ordem por seu consentimento/sua participação.*

Esta pesquisa foi submetida ao CEP referente à Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia, a qual se encontra no endereço Rua Augusto Viana, S/N, 3º Andar, bairro Canela, Salvador – Ba, Cep: 41110-060, podendo ser contatado pelo telefone/fax (071 3283-7615) ou email: cepee.ufba@ufba.br. Os dados informados sobre este CEP são específicos para esta pesquisa.

Se você decidir consentir a participação do indivíduo pelo qual é responsável na pesquisa, por favor, preencha e assine a seção seguinte. Ao assinar este documento, você mantém o direito de dar sua opinião, de fazer perguntas, além dos demais direitos já mencionados. Você apenas se compromete, se desistir de consentir o estudo mais tarde, a informar a pesquisadora responsável sobre sua decisão. Agradecemos por sua colaboração e interesse em nosso projeto. Atenciosamente,

---

Pesquisadora Responsável

---

Sujeito da pesquisa

---

Responsável legal

---

Testemunha

Local e data: \_\_\_\_\_

APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO DE PERFIL DOS PARTICIPANTES

**QUESTIONÁRIO DE PERFIL**

1. Qual seu nome completo?
2. Quanto anos você tem?
3. Com quem você mora?
4. Você estuda? Onde? Em que ano/série está?
5. Você trabalha? Onde? O que você faz lá?
6. O que você gosta de fazer nas horas livres / pra se divertir?
7. Você gosta de assistir televisão?
8. Qual seu programa favorito?
9. E filmes, você gosta de assistir?
10. Você vai ao cinema, teatro com que frequência?
11. Você já viu um filme com audiodescrição?

## APÊNDICE D – QUESTIONÁRIO DE COMPREENSÃO DO FILME VIDA MARIA

**PERGUNTAS DE COMPREENSÃO DE *VIDA MARIA***

1. Como é o nome da primeira menininha?
2. Por que a mãe da menininha está brava com ela?
3. Essa menininha continua pequenininha durante a história toda?
4. O que acontece com ela? (Dependendo das respostas anteriores, poderá usar “Maria José” ao invés de “ela”)
5. Com o passar do tempo, Maria vai ficando mais triste ou feliz? Por que?
6. Quem é o marido de Maria José?
7. O que Maria José vive fazendo lá na casa dela? Ou A Maria José soca o milho pra fazer o quê?
8. Na cena em que Maria José aparece com um vestido azul de florzinha, a imagem roda em volta dela, e aí ela aparece com um vestido bege/marrom. O que aconteceu aí com Maria José?
9. Na cena do varal, como é que Maria José passa por trás dele e depois sai de lá grávida?
10. Maria José tem muitos ou poucos filhos? Como você sabe?
11. Você concorda que em uma cena Maria José está com a expressão “amarga” e “severa”? Sim? Não? Por que?
12. Como se chama a segunda menininha que aparece no final do filme?
13. O que Maria José é dessa menininha?
14. O que Maria de Lurdes está fazendo na janela? Maria José gosta do que ela está fazendo?
15. Por que Maria José usa preto no final do filme?
16. Pra você, quem são as outras Marias que aparecem no caderno?
17. Por que o nome do filme é Vida Maria?
18. Qual versão do filme você gostou mais? Porque?
19. A audiodescrição te ajudou a compreender mais coisas sobre o filme? Porque?
20. Você gostou da voz da ad? E do jeito de falar da voz? Você acha que teria que ser mais rápido/lento ou está bom assim?
21. Você gostaria de ver mais filmes com ad na televisão ou no cinema?



## APÊNDICE E – QUESTIONÁRIO DE COMPREENSÃO DO FILME REISADO MIUDIM

### PERGUNTAS DE COMPREENSÃO DE *REISADO MIUDIM*

1. Por que o senhor, no começo do filme, joga água no chão de terra?
2. Você sabe porque o menino no início do filme fica olhando da porta e não se junta às outras crianças que estão lá fora?
3. As crianças estão ensaiando uma dança no começo do filme. Você sabe que dança é essa? Se sim, como você sabe?
4. Você sabe o que é um Reisado?
5. Por que o menino que está dançando e aquele que está olhando da porta da casa ficam mostrando a língua um para o outro?
6. Como é o nome do menino?
7. O que o senhor é do menino?
8. O que Mateus está fazendo no quarto quando o avô o observa?
9. Por que você acha que Mateus está dançando igual às crianças que ensaiaram pela manhã? O que ele quer?
10. O avô gosta ou não de ver Mateus dançando no quarto? Por que?
11. Quando o narrador diz “O céu está branco”, o que você entende? Como está o céu?
12. Por que a senhora que costura está ajeitando a roupa da menina e as outras roupas penduradas? Pra que são essas roupas?
13. O que o senhor manda Mateus comprar na feira?
14. Por que o outro menino (Bruno) quis ir com Mateus na feira?
15. O que o outro menino queria que Mateus comprasse?
16. O que Mateus fez?
17. Então, o outro menino (Bruno) queria mesmo proteger Mateus indo na feira com ele ou queria outra coisa?
18. Como você acha que o Mateus se comportou? Bem ou mal?
19. O que Mateus ganhou quando voltou da feira?
20. Por que você acha que o avô deu a Mateus esse capacete?
21. Mateus ficou feliz com o presente? Por que?
22. Por que Mateus aparece todo fantasiado dançando na frente do avô no final de tarde? O que eles estão fazendo?
23. Mateus conseguiu dançar no Reisado? Como Você descobriu isso?
24. Por que o filme se chama *Reisado Miudim*?

25. Você gostou da audiodescrição? Porque?

## APÊNDICE F – QUESTIONÁRIO DE COMPREENSÃO DO FILME *ÁGUAS DE ROMANZA*

### PERGUNTAS DE COMPREENSÃO DE *ÁGUAS DE ROMANZA*

1. Quem é a menina? Qual o nome dela?
2. Por que ela fica deitada na terra olhando o céu?
3. Quem é a senhora rezando? O que ela é da menina?
4. A senhora tem uma saúde boa ou não? Por que você acha isso?
5. Quem é o santo pra quem a senhora reza?
6. Quem é o homem que passa pela sala enquanto a senhora reza? A senhora vê o homem?
7. Quem é o casal na foto da parede da sala da senhora?
8. O que a menina quer ver e nunca viu?
9. Quanto tempo não chove? Por que?
10. Quando é que a avó disse que vai chover?
11. Quem é o homem que chega na carroça? Qual o nome dele?
12. O que a senhora quer que o homem da carroça ajude ela a fazer para a menina?
13. Quem é a mulher que a senhora vê se debruçando na rede enquanto a menina dorme?
14. Os desenhos que surgem na parede do quarto da menina são reais? Romanza acorda mesmo pra ver os desenhos? Por que vc acha que ela está acordada?
15. Quem são a mulher e o homem que passam pela carroça?
16. O que acontece quando eles descem da carroça? O que a menina faz?
17. A menina fica feliz na chuva?
18. Ela realmente conhece a chuva? A chuva onde está Romanza é chuva mesmo?
19. Por que não há chuva onde a avó está e há chuva onde Romanza está?
20. Por que o filme se chama *Águas de Romanza*?
21. Você gostou da audiodescrição? Por que?

## APÊNDICE G – TABELAS DE EXPRESSÃO DOS PARTICIPANTES DO FILME VIDA MARIA

## EXPRESSÕES E REAÇÕES DURANTE A EXIBIÇÃO DO FILME VIDA MARIA

SP1					
SEM AD			COM AD		
TEMPO	REAÇÃO	CENA	TEMPO	REAÇÃO	CENA
00:00:16	Mexe os lábios como se estivesse lendo.	Logo da Triofilmes.	00:00:25	Sorri	A AD lê o título do filme: “Vida Maria”.
00:00:45	Diz: <b>Ai que bonitinho esse filme. Bonitinho ele.</b> Sorri.	Cena em que o foco está nas mãos de Maria José que escreve seu nome no caderno.	00:00:37	Balança a cabeça positivamente	Cena enfoca as mãos de Maria José escrevendo seu nome num caderno.
00:01:07	Diz: <b>Ah, já sei o nome dela, é Maria José.</b>	A mãe de Maria José a chama.	00:00:53	Diz: <b>Daqui a pouquinha a mãe dela vai entrar e vai chamar, vai Maria Jos... O nome dela é... Maria José. Quer ver, olha, ela vai chamar agora. Olha lá, olha.</b>	Foco no rosto de Maria José enquanto escreve.
00:01:11	Sorri.	Cena em que Maria José continua desenhando no caderno e não ouve a mãe.	00:01:11	Diz: <b>Olha lá, viu?!</b>	A mãe de Maria José entra e tira Maria bruscamente do banco.
00:01:29	Diz: <b>Ah, já sei o que ela falou, vá pegar á-</b>	Cena que a mãe de Maria José a manda	00:02:03	Diz: <b>Ela tem um [?] de fôlego.</b>	Maria José, já mocinha, carrega uma lata de á-

	<b>gua lá fora, me ajude Maria José!</b>	para fora ajudar nas tarefas da casa.			gua e a coloca no chão.
00:01:47	Diz: <b>Aquela ali é a mãe dela, não é? Da Maria José?</b>	A câmera dá a volta e mostra a mãe de Maria José a observando desde a janela da casa.	00:02:07	Diz: <b>O chinelo é azul, não é? É azul.</b>	Maria está recuperando o fôlego.
00:01:55	Diz: <b>Ó, eita.</b>	Cena onde a câmera volta para Maria José e ela já é uma mocinha, e carrega um balde.	00:02:26	Diz: <b>O pai.</b>	Cena que a AD descreve o pai de Maria chegar.
00:02:11	Diz: <b>Ó lá, ela ficou cansada também um pouco. Ficou cansada, você viu né? Sorri.</b>	Cena que Maria José coloca o balde no chão e respira acelerado, demonstrando cansaço.	00:02:34	Diz: <b>Ah, é Antonio.</b>	Cena que Maria cumprimenta Antonio.
00:02:27	Diz: <b>Ó lá chegando o pai, acho que é o...</b>	Cena que o pai de Maria José chega e abre o portão. Maria carrega uma lata de água na cabeça.	00:02:53	Diz: <b>Oh lá, de repente ela cresceu, cresceu, cresceu, oh lá.</b>	Cena em que a câmera se afasta do rosto de Maria, revelando sua gravidez, a medida que Antonio anda mais a frente, com um balde de água nas mãos.
00:02:37	Diz: <b>Ah, Antonio é o pai dela. Não? Tio!</b>	Cena que Antonio se oferece para carregar o balde que está na cabeça de Maria José.	00:03:20	Abre a boca e levanta uma sobrancelha num sinal de compreensão.	Cena que Maria bate no pilão, está com um vestido verde. Antonio enche uma lata de água para dar aos animais.

00:02:43	Diz: <b>Ah, já sei o que ele é, ele é o marido dela?</b>	Cena que Maria diz a Antonio que não precisa que carregue o balde, sorri e coloca o cabelo atrás da orelha.	00:03:46	Diz: <b>Oh lá, ela já [?]</b>	Cena em que a AD descreve Maria José batendo no pilão, mais velha e outra vez grávida. Agora veste um vestido bege.
00:02:54	Levanta as sobrancelhas e abre a boca com uma expressão de descoberta e balança a cabeça em sinal positivo, num sinal de entendimento.	Cena em que a câmera se afasta do rosto de Maria, revelando sua gravidez, a medida que Antonio anda mais a frente, com um balde de água nas mãos.	00:05:04	Dá risada e diz algo que não compreendo.	Cena que Maria varre o chão sob uma árvore e seus filhos passam pedindo sua benção.
00:02:58	Diz: <b>humm, ó, ela tá grávida, não é?</b>	Maria caminha em direção ao pilão.	00:05:19	Diz: <b>Oh lá, ela trocou a camisa e tá de marrom.</b>	Cena que Maria acaricia a barriga grávida, ainda debaixo de uma árvore. Seu vestido muda para preto.
00:03:40	Diz: <b>Ihh, ó lá, trabalha, trabalha, trabalha, ó lá.</b>	Cena que Maria bate no pilão. A câmera dá uma volta ao redor do seu corpo e ela muda de vestido, ficando grávida.	00:05:40	Diz: <b>Oh lá.</b>	Cena que a AD descreve Maria entrando na casa e sua aparência física.
00:04:23	Fecha os olhos. Abre e olha para o lado. Conti-	Cena em que Maria sai do pilão para estender	00:06:34	Diz: <b>Ahh, tadinha dela, a mãe dela morreu, né?!</b>	Cena na qual a descrição da AD revela que a

	nua a olhar e depois olha pra mim. Passa 30 segundos com os olhos virados na minha direção.	as roupas no varal, saindo por detrás dos lençóis mais velha.			mãe de Maria José morreu
00:05:06	Diz: <b>Ah... Eta mulher, ela tinha 3 filhos, ó lá. Ficam falando, bença mãe.</b>	Cena que Maria está varrendo o chão sob uma árvore e seus filhos passam pedindo sua benção.	00:07:58	Diz: <b>Oh lá, o sol, as casas, a nuvem, a árvore</b>	Cena em que o caderno de Maria de Lurdes entra em foco e o vento começa a folheá-lo
00:05:22	Balança a cabeça em sinal de concordância com a cena.	Cena que Maria está mais velha, com um vestido preto, ainda sob a árvore.	00:08:04	Repete a AD. Diz: <b>Maria das Dores, Conceição, Maria do Carmo.</b>	Cena em que a AD lê os nomes que aparecem no caderno da menina.
00:05:36	Diz: <b>Lurde é a mãe dela, não é? De Maria José?</b>	Cena que Maria José chama a filha Lurdes.	00:08:18	Diz: <b>Vida Maria</b>	Cena em que a AD lê o título do filme.
00:05:46	Diz: <b>Ó lá!</b>	Cena que Maria entre em casa e vai em direção a uma menina debruçada sobre a janela.	00:08:20	Diz: <b>O nome do autor é Márcio Ramos, não é?</b>	Logo após a AD ler os créditos
00:06:26	Franze a testa com expressão de confusão, desentendimento.	Cena que Maria José se aproxima de um caixão que está no cômodo onde estava Maria de Lurdes.			

00:07:07	Balança a cabeça em sinal positivo.	Foco no caderno onde estava escrito o nome de várias Marias.	
00:07:17	Olha pra mim e sorri.	O caderno folheia com o vento mostrando o nome de várias Marias.	

SP2					
SEM AD			COM AD		
TEMPO	REAÇÃO	CENA	TEMPO	REAÇÃO	CENA
00:00:39	Sorri	Cena que enfoca a mão de Maria José escrevendo seu nome num caderno.	00:01:27	Balança a cabeça negativamente e sorri.	Cena onde a mãe de Maria José reclama com ela que está na janela.
00:01:15	Franze a testa levemente, levantando as sobrancelhas e olhos.	Cena que a Mãe de Maria a retira bruscamente do banco.	00:01:39	Balança a cabeça positivamente.	Cena onde a AD descreve Maria José bombeando a água.
00:01:54	Sorri	Cena em que Maria José pega água da bica e carrega com dificuldade.	00:01:55	Sorri e balança a cabeça positivamente.	Cena em que a AD descreve Maria José carregando o balde de água com dificuldade.
00:04:18	Balança a cabeça levemente para frente, num sinal positivo.	Cena que Maria para de bater no pilão e olha para o sol quente.	00:02:23	Sorri e balança a cabeça positivamente. Diz: <b>Nossa!</b>	Cena que a AD descreve Maria José virando uma mulher, após levar o balde de água até a ca-



					beça.
00:04:43	Sussurra algo.	Cena que Maria sai detrás dos lençóis grávida.	00:03:35	Balança a cabeça positivamente.	Cena onde Maria José está batendo o pilão enquanto a câmara dá a volta e ela surge grávida.
			00:03:55	Diz: <b>Vai varrer o chão.</b>	Cena onde Maria José para de bater no pilão e olha para o céu.
			00:04:29	Balança a cabeça positivamente.	Cena onde Maria José estende as roupas.
			00:04:47	Diz: <b>Fica quieta.</b>	Cena onde Maria José caminha em direção a uma árvore.
			00:05:10	Sorri	Cena em que os filhos de Maria José passam pedindo a benção.
			00:05:21	Balança a cabeça negativamente.	Cena em que Maria José está bastante velha e a AD a descreve.
			00:05:38	Balança a cabeça positivamente.	Cena que Maria José caminha em direção a casa chamando por Lurdes.

SP3					
SEM AD			COM AD		
TEMPO	REAÇÃO	CENA	TEMPO	REAÇÃO	CENA
00:00:25	Diz: <b>Vida da Maria!</b> Sorri e aponta para ela mesma dizendo: <b>É menu nome!</b>	Momento que o titulo do filme surge na tela.	00:00:19	Faz gesto de coração com as mãos.	Momento que a AD descreve os créditos iniciais.
00:00:37	Diz: <b>Maria José.</b>	Cena que o nome de Maria José, escrito num caderno, está focado na câmera.	00:00:40	Diz: <b>Que nome lindo.</b>	Cena em que a AD descreve Maria José escrevendo seu nome no caderno.
00:01:14	Abre os olhos e a boca numa expressão de surpresa e sussurra: <b>Maria José.</b>	Cena que a mãe de Maria José a retira bruscamente do banco.	00:00:49	Levanta os braços como numa dança de balé, olha pra mim, pisca os olhos e sorri.	Cena em que a AD descreve Maria José
00:01:37	Balança a cabeça negativamente.	Cena que Maria José corre para tirar água da bica e encher a lata.	00:01:36	Diz: <b>É bica água.</b>	Cena em que a AD descreve Maria José correndo para a bica água.
00:01:42	Diz: <b>Maria José.</b>	Cena que Maria José, ainda enchendo a lata d'água, olha para a janela onde está a mãe.	00:02:28	Olha pra mim, sorri, segura as mãos na boca e diz: <b>hummm</b>	Cena em que a AD descreve o pai chegar com Antonio.
00:02:55	Diz: <b>Maria do Carmo.</b>	Cena que a câmera revela Maria José grávida, e Antonio caminhando com a lata à sua frente.	00:02:55	Diz: <b>Ai que amor, que lindo.</b>	Cena em que a AD descreve Maria José caminhando com certa dificuldade por estar grávi-

					da e Antonio a frente.
00:03:07	Fala com surpresa e entusiasmo: <b>Maria do Carmo tá grávida. Meu sonho.</b> Olha pra mim e sorri.	Cena que Mária caminha para o pilão passando a mão na barriga.	00:04:09	Diz: <b>Ai que sol lindo.</b>	Cena onde Maria José está batendo no pilão, enfoque no sol.
00:03:39	Diz: <b>Que lugar dali?</b> E olha pra mim. Passa 40 segundos procurando saber onde era o local que se passava o filme. Não prestou muita atenção durante esse tempo.	Cena que Maria bate no pilão. Seu vestido já está bege.	00:04:27	Olha pra mim e sorri.	Cena em que a AD descreve Maria José, que está no varal.
00:04:22	Diz: <b>O nome dela é Maria José.</b> E olha para mim.	Cena que Maria sai do pilão para estender a roupa no varal.	00:04:35	Diz: <b>Caramba!</b> Olha pra mim.	Cena que a AD descreve Maria saindo de trás do lençol e mais uma vez grávida.
00:04:46	Diz: <b>Que bonito.</b>	Cena que Maria sai por detrás dos lençóis e vai varrer o chão sob uma árvore.	00:05:02	Olha pra mim por um tempo e diz: <b>Não fala nada.</b>	Cena que os filhos de Maria passam pedindo a benção.
00:05:22	Sorri	Cena que Maria está grávida, acariciando sua barriga, quando seu vestido fica preto e sua expressão mais velha.	00:05:16	Olha pra mim e aponta para a tela.	Cena que a AD descreve Maria José mais velha e grávida.

00:06:07	Se aproxima da tela.	Cena que Maria José reclama com Maria de Lurdes e a manda para fora ajudar nas tarefas da casa.	00:05:29	Diz: <b>Margura</b> . Faz cara e som de brava e gargalha.	Cena que a AD descreve a expressão de Maria como amargurada.
00:06:35	Diz: <b>Ohhh</b>	Cena que Maria José está sobre o caixão, rodeada de seus familiares.	00:05:47	Olha pra mim.	Cena que a AD descreve Maria José que caminha em direção à casa.
00:07:31	Diz: <b>Nossa!</b> Olha pra mim e sorri.	Titulo do filme.	00:06:06	Balança a cabeça positivamente.	Cena que a AD descreve Maria José retirando Maria de Lurdes bruscamente da banquetta.
			00:06:23	Diz: <b>Ai viu, falei?!</b>	Cena que a AD descreve o interior da casa e os presentes no velório. A aluna se refere à sua resposta sobre quem havia morrido, assegurando com a cena que havia sido o marido de Maria.
			00:06:44	Diz: <b>Maria de Lurdes</b>	Cena que a AD descreve Maria de Lurdes bombeando a água.
			00:07:00	Olha pra mim e balança a cabeça positivamente.	Cena que a AD descreve o caderno com o nome

			de Maria de Lurdes.
	00:07:07	Olha pra mim.	Continua na cena que a AD descreve o caderno com o registro de inúmeras gerações de Marias.
	00:07:20	Se aproxima da tela para olhar mais cuidadosamente.	Cena que a AD lê os nomes de todas as Marias que se encontram no caderno.

SP4					
SEM AD			COM AD		
TEMPO	REAÇÃO	CENA	TEMPO	REAÇÃO	CENA
Não expressa qualquer mudança de expressão ou reação às cenas do filme.			Não expressa qualquer mudança de expressão ou reação às cenas do filme.		

SP5					
SEM AD			COM AD		
TEMPO	REAÇÃO	CENA	TEMPO	REAÇÃO	CENA
00:03:31	Diz: <b>Tá muito alto.</b> E aponta para o fone. Baixo o volume do áudio e segue.		00:01:56	Balança a cabeça positivamente e sorri.	Cena que a AD descreve Maria José carregando a lata d'água com dificuldade
00:06:58	Pede para parar o filme.		00:02:57	Balança a cabeça positivamente.	Cena que a AD descreve Maria José se-

					gurando a barriga e caminhando até o pilão
A aluna mantém o mesmo semblante durante toda a exibição, não demonstrando mudança de expressão ou reagindo à qualquer cena. Assistiu ao restante do filme sem o fone.			00:03:10	Sorri.	Cena que a AD descreve Maria jogar grãos de milho no pilão
			00:03:17	Balança a cabeça positivamente	Cena que Maria começa a socar o milho e a câmera muda dá a volta e para em Antonio à sua frente
			00:03:32	Diz que está cansada	Cena que a AD descreve Antonio colocar água para os animais e Maria socando o milho.
			Não assistiu ao filme com audiodescrição completo, pois alegou cansaço durante a exibição.		

SP6					
SEM AD			COM AD		
TEMPO	REAÇÃO	CENA	TEMPO	REAÇÃO	CENA
A aluna não demonstra mudança de expressão ou qualquer reação às imagens do filme.			00:07:12	Se aproxima da tela e sussurra algo.	Cena que a AD lê os nomes das Marias que

			estão no caderno.
			A aluna se mantém inexpressiva boa parte da exibição com AD, ouvindo atentamente e por vezes nem olhando para a tela, apenas escutando.

SSA1					
SEM AD			COM AD		
TEMPO	REAÇÃO	CENA	TEMPO	REAÇÃO	CENA
	A aluna não demonstra mudança de expressão ou qualquer reação às imagens do filme.		00:06:29	Levanta o olhar e as sobrancelhas num sinal de compreensão.	Cena em que a AD descreve o velório e informa que quem está no caixão é a mãe de Maria José
			A aluna não modifica sua expressão ou demonstra qualquer reação em praticamente toda a exibição do filme.		

SSA2					
SEM AD			COM AD		
TEMPO	REAÇÃO	CENA	TEMPO	REAÇÃO	CENA
00:05:40	Esboça um leve sorriso	Cena que Maria José, já velha com um vestido preto, entra na casa chamando por Lurde.	00:00:52	Sorri	Cena que Maria José ainda criança está na janela escrevendo no caderno.
A aluna não modifica sua expressão ou demonstra qualquer reação em			00:01:03	Sussurra algo.	Cena onde Maria José

praticamente toda a exibição do filme.			continua na janela quando sua mãe começa a chamar ao longe.
	00:01:23	Sussurra	Cena onde a mãe manda Maria José fazer as coisas na casa.
	00:02:27	Sussurra	Cena onde Maria José carrega um balde na cabeça e encontra com Antonio e o pai.
	00:02:36	Sorri	Cena que Antonio pega o balde da cabeça de Maria José.
	00:03:41	Sorri	Cena onde Maria José está batendo no pilão.
	00:05:02	Sorri	Cena onde Maria José varre o chão embaixo de uma árvore e seus filhos passam lhe saudando.
	00:05:33	Sussurra a palavra "Severa"	Cena em que Maria José caminha em direção a casa chamando Lurdes. A AD



			descreve sua expressão como severa.
	00:05:42	Sussurra	Cena onde Maria entra na casa e a AD informa que veste preto.
	00:06:25	Sussurra	Cena que Maria José está na peça onde sua mãe está sendo velada.
	00:06:30	Sussurra	Cena onde a AD informa que Maria José se aproxima do caixão de sua mãe.
	00:06:32	Sussurra	Continuação da cena anterior.
	00:07:20	Sorri e sussurra	Momento em que a AD lê os nomes das Marias no caderno.
	00:07:30	Diz: <b>Márcio Ramos.</b>	A AD lê os créditos

SSA3					
SEM AD			COM AD		
TEMPO	REAÇÃO	CENA	TEMPO	REAÇÃO	CENA
O aluno não mudou sua expressão durante o filme, dormindo em várias			O aluno não mudou sua expressão durante o filme, dormindo em várias		

partes.	partes.
---------	---------

SSA4					
SEM AD			COM AD		
TEMPO	REAÇÃO	CENA	TEMPO	REAÇÃO	CENA
00:00:58	Diz: <b>Oh, pensei que era uma pessoa mesmo.</b> E sorri.	Cena que a cabeça de Maria José surge aos poucos revelando seus grandes olhos, nariz e boca.	00:02:41	Sorri	Cena que Antonio tira a lata da cabeça de Maria José.
00:01:19	Diz: <b>Oxe.</b>	Cena que a mãe de Maria reclama com ela e a manda pra fora fazer as tarefas de casa.	00:02:51	Sorri e diz: <b>Já?</b> Com surpresa.	Cena que Antonio vai na frente com a lata e Maria José aparece grávida.
00:02:03	Diz: <b>Ah, eu já gosto desses filmes assim. Quando passa lá eu assisto.</b>	Cena que Maria, já mo-cinha, carrega uma lata de água com dificuldade.	00:03:46	Balança a cabeça num sinal de compreensão.	Cena que Maria José está batendo no pilão e seu vestido muda revelando que está mais uma vez grávida.
00:02:45	Se dispersa com as pessoas que passam ao redor.	Cena que Maria encontra Antonio e mexe nos cabelos.	00:03:56	Levanta as sobrancelhas.	Cena que Maria José para de bater e olha para o céu.
00:02:59	Franze a testa, abre os olhos com uma expressão de surpresa e diz:	Cena que Maria, já grávida, caminha em direção ao pilão.	00:04:37	Diz: <b>Vixe!</b>	Cena que Maria surge grávida detrás dos lençóis pendurados.

	<b>Hum?</b> Se aproximando da tela.				
00:03:18	Diz: <b>Oxe, a menina já tá grávida.</b>	Cena que Maria está batendo no pilão. A câmera tira Maria de foco e ao retornar ela já está com o vestido verde.	00:05:08	Diz: <b>Nove!</b>	Cena que Os filhos de Maria José passam pedindo benção.
00:03:27	Aponta para tela e diz: <b>Aqui na sala tem um negócio de...</b> E faz menção de que está batendo num pilão.	Cena que Maria bate no pilão, veste verde e está grávida. Ao fundo Antonio passa com uma lata d'água na mão.			
00:04:03	Levanta a sobrancelha esquerda e olha para a tela com o rosto inclinado para cima.	Cena que Maria, com o rosto mais velho e vestindo bege, olha para o sol.			
00:04:05	Diz: <b>Ah tá.</b>	Câmera passa pelo céu até chegar aos sol.			
00:05:07	Faz um bico e olha com expressão de surpresa e susto para a tela.	Cena que os filhos de Maria José passam pedindo sua benção.			
00:05:14	Balança a cabeça numa expressão de perplexidade. Sorri e diz: <b>Um time de futebol.</b>	Cena que o último filho passa e Maria os abençoa.			
00:05:16	Diz: <b>De novo?!</b>	Cena que Maria, após			

		abençoar seus filhos, acaricia sua barriga, está mais uma vez grávida.	
00:06:26	Diz: <b>O [?] que morreu.</b>	Cena que Maria, após mandar Lurdes para fora fazer as tarefas, se vira e caminha até um caixão na peça da casa onde está.	
00:07:26	Olha para fora da sala e se dispersa mais uma vez.	Cena que o caderno folheia e os nomes de várias Marias passam escritos nas folhas.	

SSA5					
SEM AD			COM AD		
TEMPO	REAÇÃO	CENA	TEMPO	REAÇÃO	CENA
00:00:03	Diz: <b>Ceará.</b> E sorri.	Crédito inicial do filme.	00:04:58	Conta os filhos de Maria José que passam pedindo benção e diz: <b>Oito!</b>	Cena em que os filhos de Maria José passam em fileiras pedindo a benção da mãe.
00:00:12	Diz: <b>Produção digitais.</b>	Crédito inicial do filme.	00:07:06	Sussurra.	Cena onde a AD lê os nomes das Marias no caderno.
00:00:16	Diz: <b>Uma produção.</b>	Crédito inicial do filme.	00:07:27	Lê “Vida Maria”, o título	Créditos do filme.

			lo do filme ao final.
00:00:20	Diz: <b>Triofilmes.</b>	Crédito inicial do filme.	
00:00:30	Diz: <b>A vida Maria.</b>	Título do filme.	
00:00:37	Diz: <b>Maria José.</b>	Cena que o caderno de Maria José está em foco e nele está escrito o nome dela.	
00:01:46	Diz: <b>Ajudando a mãe.</b>	Cena que Maria José está pegando a água da bica e a câmera mostra sua mãe que a olha da janela.	
00:01:53	Diz: <b>Enchendo o balde.</b>	Cena que Maria José continua na bica enchendo a lata, mas já está uma moça.	
00:01:59	Diz: <b>Ela levando o balde pra mãe.</b>	Cena que Maria carrega o balde com certa dificuldade.	
00:02:35	Diz: <b>O pai.</b>	Cena que o pai de Maria chega acompanhado de Antonio.	
00:03:11	Diz: <b>Essa grávida!</b>	Cena que Maria chega no pilão, joga o conteúdo de uma lata dentro do pilão e começa a bater.	

00:03:25	Diz: <b>Ela machucando.</b>	Cena que Maria está machucando no pilão. Já está com um vestido verde e grávida. Antonio carrega uma lata ao fundo.
00:04:34	Diz: <b>Ela colocando roupa no varal.</b>	Cena que Maria ajeita um lençol no varal.
00:05:00	Diz: <b>Ela vai varrendo.</b>	Cena que Maria está sob uma árvore varrendo o chão.
00:05:09	Diz: <b>Os filhos dela. Os filhos.</b>	Cena que os filhos de Maria passam em fileira e pede sua benção.
00:05:20	Diz: <b>Ela alisando a barriga dela. Nenenzinho.</b>	Após dar a benção aos filhos, Maria acaricia sua barriga. Usa vestido marrom florido.
00:06:13	Diz: <b>A mãe fala e a filha não obedece.</b>	Maria, após reclamar com sua filha Lurdes, olha pela janela e continua a reclamar do comportamento da menina.
00:07:20	Diz: <b>Maria de Fátima</b>	O vento folheia o caderno onde há vários nomes de Marias. Nesse mo-

		mento encontra-se o nome de Maria de Fátima.	
00:07:24	Diz: <b>Maria das Dores</b>	Mesma cena anterior.	
00:07:31	Diz: <b>Vida Maria</b>	Titulo do filme ao final.	

SSA6					
SEM AD			COM AD		
TEMPO	REAÇÃO	CENA	TEMPO	REAÇÃO	CENA
00:00:29	Balança a cabeça em sinal positivo.	Surge o titulo do filme.	00:00:26	Balança a cabeça em sinal positivo.	AD lê o titulo do filme.
00:01:01	Levanta a sobrancelha numa expressão de surpresa e balança a cabeça positivamente.	Câmera se afasta e revela Maria José apoiada na janela escrevendo.	00:00:40	Levanta as sobrancelhas.	Cena que a AD descreve Maria José escrevendo seu nome no caderno.
00:01:56	Levanta a sobrancelha numa expressão de surpresa e balança a cabeça positivamente.	Cena que Maria, já maiorzinha, carrega uma lata cheia de água com certa dificuldade.	00:00:49	Balança a cabeça em sinal positivo.	Continua na cena que a AD descreve Maria José ainda criança.
00:05:06	Levanta a sobrancelha e balança a cabeça um pouco mais enérgico.	Os filhos de Maria passam pedindo sua benção.	00:02:32	Levanta as sobrancelhas como se tivesse descoberto algo.	Cena em que Maria José é uma mocinha e quando torna a colocar a lata na cabeça

					aparece com corpo de mulher.
00:05:10	Diz: <b>Zorra!</b> Com surpresa.	Os filhos de Maria continuam a passar.	00:02:53	Emite o som “ <b>Ahhh</b> ” num sinal de esclarecimento.	Cena que Maria José aparece grávida depois de falar com Antonio.
00:05:16	Balança a cabeça em sinal positivo.	Foco na barriga de Maria, enquanto esta a acaricia.	00:03:05	Balança a cabeça positivamente.	Cena onde Maria José caminha para o pilão.
00:06:45	Balança a cabeça em sinal positivo.	Câmera sai da casa e mostra, através da janela, Maria de Lurdes tirando água da bica.	00:03:45	Balança a cabeça positivamente.	Cena onde a câmara contorna Maria José no pilão e no momento que seu vestido muda de cor ela aparece grávida e mais velha.
00:07:09	Balança a cabeça em sinal positivo.	Vento folheia as páginas do caderno revelando os nomes de várias Marias.	00:03:58	Balança a cabeça positivamente.	Momento que a AD descreve que Maria parou para descansar e olhar para o céu.
00:07:31	Balança a cabeça em sinal positivo.	Titulo do filme ao final.	00:04:14	Levanta as sobrancelhas e balança a cabeça.	Continua na cena do pilão.
			00:04:42	Balança a cabeça positivamente.	Cena em que a AD descreve Maria saindo detrás do varal



			mais uma vez grávida.
	00:05:08	Balança a cabeça de um lado para o outro.	Cena onde todos os filhos de Maria passam pedindo a benção.
	00:05:37	Balança a cabeça positivamente.	Momento em que Maria caminha até a casa chamando por Lurdes.
	00:05:45	Diz: <b>Lurdes.</b>	Cena em que Maria grita mais alto o nome de Lurdes.
	00:06:41	Passa um bom tempo balançando a cabeça positivamente.	Cena que Maria de Lurdes está do lado de fora bombeando a água e na sequencia a cena em que mostra o velório da mãe de Maria José.
	00:07:34	Balança a cabeça positivamente.	Crédito
	00:07:41	Sussurra palavras que não consigo compreender.	A AD lê os créditos

## APÊNDICE H – TABELAS DE EXPRESSÃO DOS PARTICIPANTES DO FILME REISADO MIUDIM

## EXPRESSÕES E REAÇÕES DURANTE A EXIBIÇÃO DO FILME REISADO MIUDIM

SP1					
SEM AD			COM AD		
TEMPO	REAÇÃO	CENA	TEMPO	REAÇÃO	CENA
00:04:16	Faz menção de que vai falar, respirando fundo.	A Avô de Matheus está lavando a louça.	00:01:33	Sorri	Matheus está na porta de uma casa observando as outras crianças.
00:04:25	Dá risada e olha pra mim.	Interior da casa. Sala com oratório, Matheus canta como som de fundo.	00:02:21	Sorri	Enfoque nos pés das crianças que dançam.
00:04:48	Dá risada e olha pra mim.	O avô de matheus para na porta do quarto para o observar dançando.	00:02:36	Sorri	Matheus e o colega se dão língua.
00:05:49	Olha pra mim e sorri.	Océu claro e roupas penduradas.	00:05:54	Sorri e acha a cena engraçada.	Cozinha da casa. Duas galinhas estão próximo ao fogo.
00:07:23	Dá risada.	Matheus e Bruno caminham pela feira.	00:07:05	Faz expressão de que falaria algo, mas acaba não falando.	Bruno se oferece para acompanhar Mtheus na feira.
00:07:59	Produz o som: <b>Hummm.</b>	O avô confecciona um capacete sentado à porta.	00:07:29	Sorri e diz algo que não consigo compreender.	Matheus e Bruno caminham pela feira. A AD descreve Matheus e

					Bruno.
00:09:22	Sorri	Cena da rua, verde e casas ao redor.	00:09:27	Faz expressão de entendimento.	A AD descreve a ambientação, logo em seguida surge Matheus com um saco na mão.
00:10:12	Dá risada.	Matheus entrega o saco com as fitas e lantejoulas ao avô.	00:12:41	Sorri alto e diz que a cena é engraçada.	Matheus dançando no reisado.

SP2					
SEM AD			COM AD		
TEMPO	REAÇÃO	CENA	TEMPO	REAÇÃO	CENA
00:06:55	Sorri	Matheus está estudando à mesa e seu avô o chama.	00:06:40	A aluna repete o avô quando chama Mateuzim e sorri.	Cena em que Matheus está estudando na mesa.
00:08:57	Diz: <b>Mateuzim.</b> E sorri.	Bruno e Matheus discutem após Bruno ter pedido para comprar brinquedo.	00:06:45	Diz: <b>Nossa!</b>	Mesma cena, quando Matheus levanta da cadeira.
00:08:59	Diz: <b>Um de costas para o outro.</b>	Momento que Matheus e Bruno se separam na feira.	00:06:49	Diz: <b>Vai comprar o que? Nossa!</b>	Cena onde o avô de Matheus o manda a feira.
00:11:53	Diz: <b>Nossa!</b>	Matheus e o avô ensaiam juntos ao entardecer.	00:06:53	Repete a palavra <i>lantejoula</i> com o avô.	Mesma cena.
			00:07:00	Diz: <b>Tomara que ele não mostra a língua de</b>	Cena em que Bruno fala para Matheus que irá

		<b>novo.</b> E sorri	com ele até a feira.
	00:07:30	Quando o audiodescritor compara as idades de Bruno e Matheus a aluna diz: Eu também sou mais nova.	A AD descreve Matheus e Bruno enquanto caminham na feira.
	00:09:53	Diz: <b>Olha, ele vai dançar.</b> E sorri.	Cena em que Matheus entrega a mercadoria ao avô, que lhe dá o capacete.
	00:10:25	Diz: <b>Aí sim! Nossa!</b>	Cena em que o avô dá a Matheus o capacete.
	00:11:04	Dá um grande sorriso e dança alegremente.	Cena em que Matheus e o avô ensaiam ao entardecer.
	00:11:34	Balança a cabeça e os ombros acompanhando o bater de palmas do avô de Matheus.	O avô de Matheus sentado numa cadeira bate palmas enquanto o neto, todo enfeitado, dança à sua frente no final da tarde.
	00:11:39	Diz: Eu to ouvindo!	Cena em que o avô de Matheus começa a cantar, ao término do filme
	00:11:52	Dança com a cabeça e os ombros até o término	Matheus, juntamente com as outras crianças,

		do filme.	dança no reisado.
--	--	-----------	-------------------

SP3					
SEM AD			COM AD		
TEMPO	REAÇÃO	CENA	TEMPO	REAÇÃO	CENA
			00:06:09	Toca na tela e emite som como se estivesse acariciando um bebê.	Cena em que Matheus aparece na mesa estudando.
			00:07:32	Diz: Ah, é, papel e fitas.	Cena em que o avô aparece sentado na porta enfeitando o capacete de Matheus.
			00:09:59	Diz: <b>Ohhh</b>	Cena onde o avô entrega o capacete a Matheus e se ajoelha para dar um abraço no menino.
			00:11:26	Diz: <b>Ahhhh, a avó e o avô.</b>	A aluna lê os créditos ao final do filme.
Infelizmente o vídeo que se encontrava a primeira parte da exibição, sem AD, assim como o questionário, corrompeu, fazendo com que eu pudesse trabalhar apenas com a gravação da segunda etapa, exibição com AD, por causa da câmera que estava gravando a tela do computador.					

SP4					
SEM AD			COM AD		
TEMPO	REAÇÃO	CENA	TEMPO	REAÇÃO	CENA

Não Demonstra mudança de comportamento durante todo o filme.	Não Demonstra mudança de comportamento durante todo o filme. Concentra-se para não dormir, por vezes fechando os olhos, mas abrindo logo em seguida. Demonstra muita sonolência.
--	--

SP5					
SEM AD			COM AD		
TEMPO	REAÇÃO	CENA	TEMPO	REAÇÃO	CENA
			00:01:11	Pergunta que filme está assistindo. Parece não perceber que é o mesmo sem AD.	Senhor derrama água no chão de terra.
			00:02:05	Comenta que essa dança é difícil, porque tem espadas.	A garota que está na primeira fileira bate espadas com dois meninos que estão em cada lado seu.
			00:02:50	Diz que essa música lembra seu pai, e quando ouve chora.	Cena do entardecer, a música que as crianças estavam ensaiando é a de fundo.
			00:03:21	Aponta para a tela e diz ser a avó do garoto.	Uma senhora coloca um líquido no copo do avô de Matheus. Estão Matheus e o avô sentados à mesa.

			00:04:54	Aponta para a tela e sorri.	Cena em que Matheus dança no quarto
			00:05:05	Emite som de consentimento quando vê o avô da porta olhando Matheus.	O avô de Matheus o observa da porta enquanto este dança no quarto.
			00:05:55	Balança a cabeça positivamente acompanhando a descrição da cena.	Duas galinhas descansam à beira do forno.
			00:06:08	Balança a cabeça positivamente e comenta que a menina dançará no reisado.	Cena em que a senhora costura a roupa da menina
			00:06:39	Sorri.	Cena de Matheus estudando.
			00:07:17	Acusa dor de cabeça. Fala sobre seu problema respiratório daquela manhã.	Matheus e Bruno surgem na feira. Caminham entre as pessoas.
			00:08:02	Aponta para a tela e comenta que esse será o presente que Matheus ganhará.	Cena onde o senhor está sentado ornando um capacete.
			00:09:10	Balança a cabeça positivamente.	Matheus compra as fitas na loja. A AD

					descreve a cena.
			00:11:11	Pede para parar de assistir o filme. Acusa dor de cabeça.	O avô e Matheus ensaiam no final da tarde.

SP6					
SEM AD			COM AD		
TEMPO	REAÇÃO	CENA	TEMPO	REAÇÃO	CENA
A aluna não expressa qualquer tipo de mudança facial. Mantém-se imparcial durante toda a exibição.			A aluna não expressa qualquer tipo de mudança facial. Mantém-se imparcial durante toda a exibição.		

SSA1					
SEM AD			COM AD		
TEMPO	REAÇÃO	CENA	TEMPO	REAÇÃO	CENA
A aluna se manteve atenta e sem mudanças de expressão o filme todo.			A aluna se manteve atenta e sem mudanças de expressão o filme todo.		

SSA2					
SEM AD			COM AD		
TEMPO	REAÇÃO	CENA	TEMPO	REAÇÃO	CENA
00:01:15	Sorri	Pés do senhor que molha o chão de terra.	00:00:26	Diz: <b>Reisado Miu-dim.</b>	Cena que a AD lê o título do filme.
00:02:36	Sorri	Pés das crianças que	00:00:36	Sussurra	Cena que as crianças



		ensaiam.			estão sendo vistas através da janela e a AD está descrevendo a cena.
00:09:30	Sorri	Vista da rua, Céu azul ao fundo, chão de barro e casebres à direita.	00:01:04	Sussurra	Cena que a AD descreve o senhor que molha a terra vermelha.
00:10:00	Sorri	Matheus anda ao longe ao encontro do seu avô.	00:01:37	Sussurra: <b>Ele fica olhando.</b>	Cena que as crianças cantam e dançam e o senhor as guia.
00:11:28	Sorri	Matheus e o avô ensaiam ao entardecer.	00:01:42	Diz: <b>Ahh...</b> [?]	Segue na cena onde as crianças estão ensaiando.
			00:01:52	Diz: [?] ... <b>a menina ali ó, a de cá.</b> Aponta para a tela.	Cena que a AD descreve as crianças dançarem.
			00:02:09	Diz: <b>Já faz tudo.</b>	Cena onde o menino observa da porta e à frente as crianças estão batendo as espadas.
			00:02:27	Diz: <b>Ó ele aí. A língua.</b>	Cena que o menino começa a dar língua a Matheus
			00:02:34	Diz: <b>É vem ele.</b>	Cena que Matheus e

			Bruno se dão língua.
	00:03:22	Diz: <b>Tomar café.</b>	A AD descreve o momento em que a avó trás da cozinha a garrafa térmica.
	00:03:49	Diz: <b>Matheus.</b>	Cena em que a avó manda Matheus dormir.
	00:04:29	Diz: <b>Ah, a música. Matheus. Eu vi ele.</b>	Cena que a AD descreve a casa e ao fundo Matheus canta.
	00:04:49	Diz: <b>A porta... Ah, na janela.</b>	Momento em que a AD descreve o senhor parar diante de uma porta entre aberta.
	00:04:52	Diz: <b>Dançando.</b>	Cena em que Matheus está dançando em seu quarto
	00:05:03	Diz: <b>Tá velha,viu?!</b>	Cena em que foca o avô de Matheus da porta sorrindo.
	00:06:09	Diz: <b>Ah, vestido branco.</b>	Cena que a AD descreve a garota da espada entrar com um vestido branco.
	00:06:13	Diz: <b>Nas costas.</b>	Cena que a AD des-

			creve a menina de costas para a senhora.
	00:07:04	Diz: <b>Garoto</b>	Cena que Bruno se oferece para ir na feira com Matheus enquanto joga gude com os outros garotos.
	00:07:40	Sussurra	Cena em que a AD descreve os meninos que caminham na feira.
	00:08:00	Diz: <b>Ah... papel de fitas.</b>	Cena que a AD descreve o avô de Matheus sentado à porta preparando um chapéu de papel e fitas.
	00:08:11	Diz: <b>Ah, parece chapéu.</b>	Continua na cena em que o avô de Matheus está fazendo o capacete.
	00:08:16	Diz: <b>Boneco.</b>	Descrição da AD quando diz que Bruno pegou um boneco.
	00:08:26	Sussurra	Dialogo entre Bruno e Matheus quando Bruno tenta convencer

			Matheus a comprar o brinquedo.
	00:08:44	Diz: <b>Ah, ele pediu uma fita.</b>	Momento em que Matheus e Bruno discutem e Matheus diz que o avô não mandou comprar homem aranha.
	00:08:56	Diz: <b>Separa</b>	Cena onde a AD descreve o momento em que Matheus e Bruno se separam na feira.
	00:09:21	Diz: <b>É, é longe.</b>	Cena onde mostra a paisagem e a AD descreve que ao fundo há uma serra.
	00:09:31	Diz: [?] ... <b>Azul</b>	Cena que a AD descreve Matheus carregando uma sacola de plástico azul.
	00:10:29	Diz: <b>O avô</b>	Cena que a AD descreve o avô colocando o capacete na cabeça de Matheus.
	00:10:33	Diz: <b>Ah não, neto.</b>	Cena que a AD descreve o avô se ajoe-

			lhar e abraçar seu neto.
	00:12:08	Sussurra	A AD lê os créditos enquanto as cenas se intercalam com Matheus dançando no reisado.

SSA3					
SEM AD			COM AD		
TEMPO	REAÇÃO	CENA	TEMPO	REAÇÃO	CENA
O aluno não esboçou qualquer tipo de expressão ou reação. Dormiu em vários momentos do filme.			O aluno não esboçou qualquer tipo de expressão despertada pela AD e dormiu em vários momentos do filme.		

SSA4					
SEM AD			COM AD		
TEMPO	REAÇÃO	CENA	TEMPO	REAÇÃO	CENA
00:00:14	Sorri e aponta para tela.	A logo da Curta Criança surge da parte inferior da tela.	00:00:51	Aponta para tela e levanta as sobrancelhas.	Cena que a AD descreve o início do filme, quando Matheus para na porta.
00:01:15	Franze a testa num expressão de dúvida, de quem procura uma res-	Pés do senhor que molha o chão de terra.	00:01:21	Levanta as sobrancelhas	Cena em que o avô molha a terra e Matheus está parado à porta.

	posta.				
00:01:42	Dança com o braço apoiada na barriga.	Matheus observa o avô e outras crianças ensaiando. O avô começa a cantar.	00:03:19	Aponta para a tela e susurra algo.	Cena em que a avó de Matheus o serve e ao avô à noite.
00:02:45	Diz: <b>Ó praí, véi.</b> E sorri.	Matheus e um colega se dão língua.	00:03:47	Levanta as sobrancelhas.	Cena que a avó de Matheus o manda dormir.
00:05:13	Sorri	O avô observa da porta Matheus dançar sozinho no seu quarto.	00:05:48	Aponta para tela e abre a boca como se fosse dizer algo, num sinal de que esclareceu algo.	Cena que a AD descreve o fogo do fogão a lenha
00:07:08	Diz: <b>Zorra.</b>	O avô de Matheus o manda comprar fita e lantejoulas na feira.	00:07:39	Balança a cabeça positivamente.	Cena em que os meninos estão caminhando na feira e a AD os descreve.
00:09:20	Balança a cabeça positivamente	Matheus compra as fitas que seu avô pediu.	00:08:51	Sorri	Cena onde Matheus e Bruno discutem.
			00:11:54	Sorri e diz: <b>Ele tá dançando.</b>	Cena final onde Matheus está dançando com as outras crianças e a AD indica.

SSA5					
SEM AD			COM AD		
TEMPO	REAÇÃO	CENA	TEMPO	REAÇÃO	CENA

00:00:20	Diz: <b>Criança.</b>	Logo da Curta Criança.	00:01:01	Me chama e aponta para tela.	Cena que a AD descreve que o senhor está molhando a terra.
00:01:53	Sorri	As crianças ensaiam com o senhor. As 3 primeiras seguram espadas.	00:03:57	Olha pra mim e sorri	Cena que Matheus volta para pegar o biscoito na mesa.
00:05:10	Dá risada	Matheus dança sozinho em seu quarto enquanto seu avô o observa.	00:05:56	Sorri e diz: <b>Ó a galinha.</b>	Cena que a AD descreve o fogão a lenha.
00:08:58	Olha pra mim e sorri.	Bruno e Matheus discutem na rua.	00:06:06	Aponta para a tela e olha pra mim.	Cena onde a menina de vestido branco aparece e a senhora está costurando.
00:12:35	Diz: <b>É dança, né?</b>	Matheus dança com as outras crianças no reissado.	00:06:26	Diz: <b>Ela tá costurando.</b>	Cena que a senhora está ajeitando o vestido da menina.
00:12:41	Diz: <b>Eu gosto de dançar.</b>	Entre os créditos surge Matheus fantasiado dançando.	00:06:33	Pergunta: <b>Quem é essa? Essa menina?</b>	Cena que a senhora está costurando a parte da frente do vestido da menina.

SSA6					
SEM AD			COM AD		
TEMPO	REAÇÃO	CENA	TEMPO	REAÇÃO	CENA
O aluno não demonstra mudança de expressão ou qualquer reação ao			00:00:22	Balança a cabeça em	Cena onde surge o

filme. Dormiu em algumas cenas e fez esforço para se manter acordado.		sinal de que concorda com algo.	título do filme.
	00:00:32	Faz cara de surpresa e diz: <b>Ahh</b>	Cena onde vê-se várias crianças por uma janela.
	00:01:03	Aponta para a tela.	Cena que a AD descreve o senhor molhando a terra.
	00:02:24	Balança a cabeça positivamente.	Cena que a AD descreve os movimentos das crianças que dançam.
	00:03:42	Levanta as sobrancelhas e aponta para a tela.	Cena que estão a avó, o avô e Matheus na cozinha.
	00:05:31	Levanta as sobrancelhas.	Cena que o avô caminha pela casa e a AD descreve o altar na sala.



## APÊNDICE I – TABELAS DE EXPRESSÃO DOS PARTICIPANTES DO FILME ÁGUAS DE ROMANZA

**EXPRESSÕES E REAÇÕES DURANTE A EXIBIÇÃO DO FILME ÁGUAS DE ROMANZA**

SP1					
SEM AD			COM AD		
TEMPO	REAÇÃO	CENA	TEMPO	REAÇÃO	CENA
00:01:30	Levanta as sobrance-lhas.	Interior da casa, câme-ra dá volta enquanto uma voz reza ao fundo.	00:00:45	Diz: Olha ela lá!	
00:05:39	Franze a testa.	Foco na avó à janela, falando com Romanza que esse mês chove.	00:02:05	Produz o som <b>hummm</b>	AD descreve a senhora se aproximar do quadro dela e do Marido
00:06:02	Levanta as sobrance-lhas sorrindo e balançando a cabeça em sinal positivo.	Percival chega com a carroça.	00:04:25	Suspira	Avó conta a história da chuva
00:07:15	Franze a testa.	A avó e Percival conversam à mesa. Ela torce bastante.	00:05:26	Sorri	Romanza pergunta a avó se S. José tá preguiçoso.
00:07:46	Sorri.	A avó diz a Percival que precisa dar uma volta com Romanza.	00:06:12	Abre a boca numa expressão de compreensão.	Avó chama pelo nome de Percival.
00:08:58	Franze a testa.	A avó caminha na casa escura segurando uma vela.	00:06:20	Diz: <b>Ah, o nome dele é Percival.</b>	

00:11:47	Sorri.	Foco em Percival, que tira o chapéu e espera a chuva cair.	00:06:49	Diz: <b>O nome dela é Romanza, não é?</b>	AD descreve Romanza brincando na carroça de Percival
			00:07:54	Sorri	Avó conversa com Percival.
			00:09:43	Sorri	Romanza acorda para brincar com os desenhos
			00:10:51	Abre a boca numa expressão de compreensão.	AD informa que são Antonio e a Mãe de Romanza que passam ao lado da carroça.

SP2					
SEM AD			COM AD		
TEMPO	REAÇÃO	CENA	TEMPO	REAÇÃO	CENA
00:00:47	Sorri	Romanza sopra pequenas flores de sua mão e sorri.	00:08:40	Emite som incompreensível.	avó de Romanza caminha pela casa até chegar à porta do quarto da menina.
00:03:59	Sorri	Romanza, na rede, pergunta sua avó de que é feita a chuva.	A aluna mantém uma expressão constante durante a exibição do filme.		
00:07:17	Diz: <b>Caducando</b>	A avó e Percival conversam. Ela tosse bas-			

		tante.	
00:07:24	Dá risada.	Percival mexe no chapéu e sorri.	
00:11:10	Sussurra	Percival, a avó, Romanza e os vulto de Antonio e da mãe de Romanza passam com a carroça.	
00:12:14	Sorri	Romanza brinca debaixo d'água.	

SP3					
SEM AD			COM AD		
TEMPO	REAÇÃO	CENA	TEMPO	REAÇÃO	CENA
00:01:08	Diz: <b>Que linda essa menina.</b>	Romanza está deitada na terra olhando para o céu.	00:00:39	Diz: <b>Ah, é o pé da menina.</b>	AD descreve os passos de Romanza.
00:02:15	Diz: <b>Ah que lindo casal aquele ali. O quadro.</b>	A senhora acaricia a foto na parede.	00:01:26	Diz: <b>Ahhh, casal bonito.</b>	AD descreve a casa e passa pela foto do casal na parede.
00:02:22	Com uma expressão de surpresa diz: <b>Ah, ela fuma.</b>	Avó acende um cigarro na boca.	00:01:51	Diz: <b>É um fantasma. Não falei? É do marido dela.</b>	AD descreve a aparição de Antonio
00:05:24	Sorri.	Romanza pergunta se São José está preguiçoso.	00:02:18	Olha para mim e sorri.	Avó acaricia a foto na parede
00:07:12	Sorri e diz: <b>É tosse!</b>	Avó e Percival conver-	00:04:06	Diz: <b>Manza. É Manza.</b>	A menina está deitada

		sam no interior da casa.			na rede conversando com a avó
00:07:59	A aluna demonstra cansaço, fechando os olhos e levando a cabeça para traz, respirando fundo.	Cena que a avó e Percival conversam.	00:05:10	Diz: <b>Romanza.</b>	AD descreve a expressão de Romanza quando a avó termina de contar a história
00:08:25	A aluna está sonolenta.	Noite. Exterior de uma casa humilde.	00:05:57	Diz: <b>Ó os dois burri-nhos aí!</b> Sorri.	Percival chega com a carroça.
00:08:48	Diz: <b>A avó dela vai morrer.</b>	Cena que a avó caminha com uma vela na mão.	00:06:34	Diz: <b>Jumento.</b> Sorri e imita o animal.	
00:10:23	Diz: Ela é linda, ela.	Romanza acorda no colo de sua avó e sorri.	00:08:04	Chama minha atenção, aponta para tela faz sinal de 5 para mim e sorri, vibrando com as mãos.	Avó conversa com Percival e este menciona que não chove há cinco anos.
00:12:29	Balança a cabeça dançando ao som da música.	Romanza brinca em meio a plantação.	00:09:09	Diz: <b>Arrasada.</b>	Avó anda pela casa e para na porta do quarto enquanto Romanza dorme
			00:09:15	Aponta para a tela e diz: <b>Viu?!</b>	
			00:09:26	Balança a cabeça em sinal positivo demonstrando acompanhar a cena e a AD.	A menina dorme na rede.
			00:09:42	Olha para mim, sorri e balança a cabeça positi-	A menina acorda para brincar com os desenhos

		vamente, num sinal de compreensão.	e a AD descreve.
	00:09:59	Passa a mão pela barriga e diz: <b>É assim!</b>	Desenho é projetado na camisola de Romanza
	00:12:11	Olha para mim, balança a cabeça positivamente e sorri.	
	00:12:26	Aponta para a tela e balança a cabeça em sinal positivo.	Romanza brinca na chuva e a cena do cano surge na tela.

SP4					
SEM AD			COM AD		
TEMPO	REAÇÃO	CENA	TEMPO	REAÇÃO	CENA
A Aluna não demonstra expressões durante a exibição. Está bastante sonolenta, fechando os olhos em certos momentos do filme. Faz bastante esforço para se manter acordada.			A Aluna não demonstra expressões durante a exibição. Está bastante sonolenta, fechando os olhos em certos momentos do filme. Faz bastante esforço para se manter acordada.		

SP5					
SEM AD			COM AD		
TEMPO	REAÇÃO	CENA	TEMPO	REAÇÃO	CENA
00:03:24	Pergunta o nome do filme.	Romanza chega até a rede enquanto a avó olha pela janela.	00:00:56	Balança a cabeça num sinal positivo.	AD lê o título do filme.
00:05:23	Sorri.	Romanza pergunta a	00:01:06	Balança a cabeça num	Romanza está deitada no

		se São José está preguiçoso.		sinal de concordância.	chão.
00:05:43	Diz: <b>São José é da família.</b>	Avó fala, enquanto Romanza está na rede, que a chuva cairá dia de São José.	00:01:29	Diz: <b>Ah, é um casal.</b>	AD descreve o interior da casa e menciona a foto de um casal na parede
00:06:48	Balança a cabeça dançando com a música.	Romanza brinca na carroça.	00:01:55	Emite som de compreensão.	AD descreve Antonio como um vulto.
00:07:10	Diz: <b>Ela é meio doente. Eu acho que ela tem aquela doença da tosse.</b>	Avó conversa com Percival no interior da casa enquanto Romanza brinca na carroça.	00:02:00	Diz: <b>Não pode acender vela em casa.</b>	AD descreve a avó levantando se apoiando no oratório onde há uma vela acesa.
00:07:18	Diz: <b>Ela fuma, mas ela tem uma doença.</b>	Continua a conversar com Percival.	00:02:04	Diz: <b>Ah, é o marido.</b>	AD descreve a avó caminhando em direção à foto dela com o marido
00:08:39	Diz: <b>É o fogão a lenha.</b>	Imagem mostra fogão onde a avó está.	00:02:11	Diz: <b>É o marido.</b>	A avó acaricia a imagem na foto.
00:08:48	Diz: <b>Esse filme é antigo, porque tem fogão a lenha. Não tem luz.</b>	Avó pega uma vela e sai da cozinha.	00:02:44	Balança a cabeça em sinal de concordância.	
00:09:54	Sorrindo, diz: <b>Ela tá sonhando.</b>	Romanza brinca com os desenhos na parede.	00:03:26	Emite som de concordância: <b>hum</b>	AD descreve a chegada de Romanza na casa até o momento que fala com a

					avó.
00:11:01	Diz: <b>Mostra muito da vida da escravidão, ou dos idosos na [?] no sertão.</b>	Romanza, a avó e Percival estão na carroça enquanto o dia nasce.	00:03:40	Balança a cabeça positivamente.	A avó menciona que a chuva desce no dia de São José
00:11:52	Dança com a cabeça ao som da música.	Romanza brinca em meio a plantação.	00:05:24	Sorri e diz: <b>Preguiçoso, que bonitinha.</b>	Romanza está na rede conversando com sua avó.
			00:06:12	Diz: <b>Ah, é o Percival, o nome do homem da carroça.</b>	Percival chega com carroça
			00:07:10	Balança a cabeça positivamente.	Percival conversa com a avó e lhe pergunta o que ela deseja do Chapadão que ele não possa levar até ela.
			00:07:36	Diz: <b>Ah, ela treme.</b>	Percival pergunta sobre as dores e tremedeiras da avó.
			00:08:09	Sorri	A avó revela há quantos anos não chove.
			00:08:24	Diz: <b>Ah, agora sim.</b>	A avó pede a Percival para lhe ajudar a fazer a mágica da chuva para Romanza.
			00:08:35	Diz: <b>É o amigo dela.</b>	Percival conversa com a avó.

	00:09:09	Diz: <b>Ela viu vulto.</b>	A avó caminha pela casa escura e ouve o sorriso de uma criança.
	00:09:25	Diz: <b>Ah, Romanza é a neta.</b>	AD descreve Romanza dormindo na rede.
	00:09:36	Diz: <b>Ah, ela tá sonhando.</b>	Câmera enfoca o rosto de Romanza dormindo
	00:10:06	Emite som de compreensão: <b>hum</b>	AD descreve a menina brincando com os desenhos projetados.
	00:10:47	Diz: <b>Ah, a mãe.</b>	AD descreve a mãe de Romanza passar pela carroça.
	00:11:04	Diz: <b>A mãe e o... E é vivo? Bárbara, é vivo? A mãe de Romanza é viva?</b>	
	00:11:31	Diz: <b>Ela fica feliz com a chuva.</b>	AD descreve Romanza sorrir e passar por debaixo da cerca.
	00:11:52	Diz: <b>Depois de 6 anos sem chover.</b>	AD descreve Percival olhar para o céu com seu chapéu nas mãos e em seguida o barulho de trovão.
	00:12:17	Emite som de com-	AD descreve que onde a



		preensão: <b>hum</b>	avó está não chove.
--	--	----------------------	---------------------

<b>SP6</b>					
<b>SEM AD</b>			<b>COM AD</b>		
<b>TEMPO</b>	<b>REAÇÃO</b>	<b>CENA</b>	<b>TEMPO</b>	<b>REAÇÃO</b>	<b>CENA</b>
A aluna não demonstrou mudança de expressão ou alguma reação durante a exibição do filme.			A aluna não demonstrou mudança de expressão ou alguma reação durante a exibição do filme.		

<b>SSA1</b>					
<b>SEM AD</b>			<b>COM AD</b>		
<b>TEMPO</b>	<b>REAÇÃO</b>	<b>CENA</b>	<b>TEMPO</b>	<b>REAÇÃO</b>	<b>CENA</b>
A aluna não demonstra reações durante a exibição do filme com AD.			A aluna não demonstra reações durante a exibição do filme com AD.		

<b>SSA2</b>					
<b>SEM AD</b>			<b>COM AD</b>		
<b>TEMPO</b>	<b>REAÇÃO</b>	<b>CENA</b>	<b>TEMPO</b>	<b>REAÇÃO</b>	<b>CENA</b>
00:02:48	Sorri	Avó leva o copo à mesa após tomar seu conteúdo.	00:00:57	Sussurra	AD lê o título do filme.
00:03:55	Sussurra algo	Momento que Romanza pergunta a avó como a chuva é feita.	00:04:13	Sorri	Romanza está na rede e pede para a avó contar a história da chuva.
00:08:34	Sorri	A avó mexe nas pane-	00:09:47	Sorri e sussurra	Romanza brinca com os

		las sobre o fogão.			desenhos na parede.
00:10:08	Sorri	Desenho do arco-íris na parede vai desaparecendo na escuridão.			

SSA3					
SEM AD			COM AD		
TEMPO	REAÇÃO	CENA	TEMPO	REAÇÃO	CENA
O aluno não demonstra mudanças de expressão durante ou qualquer reação durante a exibição do filme.			O aluno não demonstra mudanças de expressão durante ou qualquer reação durante a exibição do filme.		

SSA4					
SEM AD			COM AD		
TEMPO	REAÇÃO	CENA	TEMPO	REAÇÃO	CENA
00:01:53	Sorri.	Avó vê Antonio passar pela sala.	00:00:48	Diz: A chuva é de algo-dão. Agora que me lembrei.	
00:02:00	Balança a cabeça em sinal positivo.	Avó levanta do oratório com dificuldade.	00:01:31	Levanta as sobrancelhas.	AD descreve o interior da casa.
00:02:14	Sussurra algo e balança a cabeça em sinal positivo.	Avó acaricia a foto na parede.	00:03:57	Levanta as sobrancelhas.	Romanza pergunta a avó de que é feita a chuva.
00:02:27	Sussurra algo.	Avó acende o cigarro na boca e tosse.	00:05:24	Sorri	Romanza pergunta a avó se São José está

					preguiçoso.
00:02:45	Diz: <b>A velha vai morrer.</b>	Avó bebe o conteúdo de um copo após ter tomado remédio.	00:05:42	Balança a cabeça positivamente.	A avó diz a chuva vem no dia de São José
00:03:30	Sorri.	Romanza pergunta a avó porque lá não chove.	00:07:12	Aponta o dedo polegar pra baixo.	A avó conversa com Percival e tosse forte
00:04:32	Aponta para a tela e diz: <b>Parece um abacaxi.</b>	Enquanto a avó conta a história, surge um homem arando a terra, ao lado uma planta	00:08:23	Aponta para a tela e diz: <b>é ele!</b>	A avó pede a Percival para fazer a mágica da chuva para Romanza.
00:05:04	Diz: <b>Olha ela aí mais nova, agora tá mais velha.</b>	A avó joga água no ar, ao seu lado estão sua filha, Antonio e Romanza bebê.	00:10:47	Olha pra mim e diz: <b>viu?</b>	AD descreve a mãe de Romanza passar pela carroça.
00:05:45	Sorri e faz movimento de fumar.	Avó diz que vai chover no dia de São José. A avó tem expressão abatida e triste.	00:10:52	Diz: <b>Foi a mãe da menina.</b>	Cena em que estão andando de carroça
00:06:00	Aponta para a tela e diz: <b>Já andei nisso. Lá em Alagoinhas.</b>	Percival chega na carroça.	00:12:27	Diz: <b>Tá vendo que não é chuva?!</b>	AD revela que a água cai de um grande cano.
00:07:00	Sussurra: <b>Ajuda.</b>	A avó pede ajuda a Percival para que Romanza possa ver a chuva.			
00:07:12	Diz: <b>A velha tá ruim.</b>	Enquanto conversa com Percival, a avó tosse			

		bastante.	
00:12:02	Diz: <b>A chuva caindo.</b>	Romanza brinca em meio a plantação.	

SSA5					
SEM AD			COM AD		
TEMPO	REAÇÃO	CENA	TEMPO	REAÇÃO	CENA
00:00:55	Lê: <b>Águas de Romanza.</b>	Título do filme nos créditos iniciais.	A aluna não alterou sua expressão facial durante a exibição do filme.		
00:03:42	Sorri.	Enquanto chora a avó diz que a chuva cai no dia de São José.			
00:05:32	Sorri.	Avó diz que o céu é grande, e por isso não dá pra lavar de uma vez só.			
00:11:55	Sorri.	Gotas caem em plantas.			
00:12:13	Diz: <b>É bom tomar banho de chuva. Eu fico assim, debaixo de chuva, lá fora. Molhar os pés na terra e sentir.</b>	Romanza brinca enquanto toma banho de “chuva”.			

SSA6	
SEM AD	COM AD

<b>TEMPO</b>	<b>REAÇÃO</b>	<b>CENA</b>	<b>TEMPO</b>	<b>REAÇÃO</b>	<b>CENA</b>
		O aluno não demonstra reações ou expressões durante a exibição do filme, dormindo em certos momentos.	00:00:09	Balança a cabeça.	AD lê os créditos iniciais do filme.
			00:02:34	Balança a cabeça.	AD descreve a avó tossindo, tomando remédio e fumando.
			00:10:56	Franze a testa em sinal de dúvida.	AD descreve Antonio passar de bicicleta.
			00:11:43	Aponta pra tela.	AD descreve Percival e a avó se olhando, esperando a chuva cair

**ANEXOS**

## ANEXO A – ROTEIRO DE AUDIODECRIÇÃO DO FILME VIDA MARIA

## VIDA MARIA

Audiodescrição desenvolvida para o Dia Internacional da Animação 2009

Roteiro: Letícia Schwartz e Cezar Dias

Narração: Letícia Schwartz

00:00:00

CEARÁ – GOVERNO DO ESTADO – SECRETARIA DA CULTURA

ESTE PROJETO É APOIADO PELA LEI ESTADUAL DE INCENTIVO À CULTURA Nº 12464,  
DE 29 DE JUNHO DE 1995

3º PRÊMIO CEARÁ DE CINEMA E VÍDEO

VIACG PRODUÇÃO DIGITAL

UMA CO-PRODUÇÃO TRIOFILMES

APRESENTAM

VIDA MARIA

00:28:26

EM UMA CASA DE BARRO NO SERTÃO CEARENSE, UMA CRIANÇA, LÁPIS NA MÃO, ESCREVE SEU NOME REPETIDAS VEZES EM UM CADERNO APOIADO NO PARAPEITO DA JANELA: MARIA JOSÉ. A MENINA ESTÁ CONCENTRADA E ESCREVE COM CAPRICHOS. USA UM VESTIDO SIMPLES, UMA FAIXA AZUL NOS CABELOS E CHINELOS DE DEDO. ESTÁ AJOELHADA EM UMA BANQUETA DE MADEIRA, PARA ALCANÇAR A JANELA. LÁ FORA, A PAISAGEM É ÁRIDA.

01:26:29

A MÃE, VESTIDA DE PRETO, RETIRA BRUSCAMENTE MARIA JOSÉ DA BANQUETA. ELA CORRE PARA O PÁTIO, ONDE HÁ UMA BICA D'ÁGUA. A MENINA BOMBEIA A ÁGUA PARA ENCHER UMA LATA. ELA OLHA PARA A MÃE, QUE A OBSERVA PELA JANELA.

01:47:26

MARIA JOSÉ – AGORA MAIORZINHA - TERMINA DE BOMBEAR A ÁGUA. CARREGA A LATA COM DIFICULDADE. NO MEIO DO CAMINHO, COLOCA A LATA NO CHÃO PARA RECUPERAR O FÔLEGO À SOMBRA DE UMA ÁRVORE.

VOLTA A PEGAR A LATA, COLOCANDO-A SOBRE A CABEÇA. AGORA, ELA JÁ É UMA MOÇA, TEM CORPO DE MULHER. NO CAMINHO, ENCONTRA O PAI, QUE ESTÁ ACOMPANHADO DE UM RAPAIZ.

02:39:14

ANTÔNIO TIRA A LATA DA CABEÇA DE MARIA JOSÉ. ELA AJEITA OS CABELOS. ANTÔNIO VAI À FRENTE, CARREGANDO A LATA D'ÁGUA. MARIA JOSÉ CAMINHA COM CERTA DIFICULDADE. ESTÁ GRÁVIDA.

03:17:22

SEGURANDO A BARRIGA, VAI ATÉ O PILÃO. DESPEJA GRÃOS DE MILHO DE DENTRO DE UMA LATA E COMEÇA A SOCAR.

03:18:19

ANTÔNIO ABASTECE DE ÁGUA O BEBEDOURO DOS ANIMAIS. MARIA JOSÉ CONTINUA A SOCAR O MILHO. ELA ESTÁ OUTRA VEZ GRÁVIDA. A CÂMERA PASSEIA EM TORNO DE MARIA JOSÉ, QUE CONTINUA TRABALHANDO. AGORA ELA USA UM VESTIDO BEGE, FECHADO. ESTÁ MAIS VELHA E NOVAMENTE GRÁVIDA. A EXPRESSÃO DO SEU ROSTO É SOFRIDA.

03:52:09

MARIA JOSÉ PARA PARA DESCANSAR E OLHA O CÉU. O SOL BRILHA FORTE.

04:19:00

MARIA JOSÉ SAI DO PILÃO, ENVELHECIDA. SEUS SEIOS ESTÃO MURCHOS. ELA VAI ATÉ O VARAL ONDE HÁ MUITAS ROUPAS DE CRIANÇA E AJEITA A PONTA DE UM LENÇOL. PASSA POR TRÁS DE UMA PEÇA DE ROUPA ESTENDIDA E QUANDO REAPARECE, ESTÁ MAIS UMA VEZ GRÁVIDA.

04:47:00

ELA VAI ATÉ UMA ÁRVORE E APANHA A VASSOURA. COMEÇA A VARRER O PÁTIO. CRIANÇAS DE DIFERENTES IDADES PASSAM POR ELA.

05:08:00

DEPOIS QUE O ÚLTIMO MENINO PASSA POR ELA, MARIA JOSÉ ESTÁ MAIS VELHA E MIRRADA. ELA ACARICIA A BARRIGA. ESTÁ OUTRA VEZ GRÁVIDA.

05:19:19

MARIA JOSÉ AGORA ESTÁ BASTANTE VELHA. SEU ROSTO ESTÁ AINDA MAIS ENRUGADO. SUA EXPRESSÃO REVELA AMARGURA. VESTE PRETO.

05:27:00

VÊ ALGUMA COISA. CAMINHA DECIDIDA E SUA EXPRESSÃO É SEVERA. ENTRA NA CASA. SEUS CABELOS ESTÃO BRANCOS.

05:44:29

UMA MENINA ESTÁ AJOELHADA EM UMA BANQUETA PARA ALCANÇAR A JANELA.

06:04:20

PUXA BRUSCAMENTE A MENINA, QUE CORRE PARA O PÁTIO. MARIA JOSÉ OLHA PELA JANELA.

06:17:09

NA PEÇA ONDE ESTÁ MARIA, HÁ UM CORPO SENDO VELADO. ESTÃO PRESENTES TODOS OS FILHOS, O MARIDO E O PAI DE MARIA JOSÉ. ELA SE APROXIMA DO CAIXÃO DE SUA MÃE.

06:42:05

PELA JANELA, SE VÊ MARIA DE LURDES, QUE BOMBEIA ÁGUA PARA ENCHER UMA LATA.



06:53:19

NO PARAPEITO ESTÁ O CADERNO. NA PÁGINA ABERTA APARECE REPETIDAS VEZES O NOME DE MARIA DE LURDES. O VENTO VIRA AS FOLHAS DO CADERNO E EM CADA PÁGINA LÊ-SE, COM CALIGRAFIA INFANTIL, O REGISTRO DE INÚMERAS GERAÇÕES DE MARIAS: MARIA JOSÉ, MARIA APARECIDA, MARIA DE FÁTIMA, MARIA DAS DORES, MARIA DA CONCEIÇÃO, MARIA DO CARMO... (FADE)

VIDA MARIA

UM FILME DE MÁRCIO RAMOS

TRILHA SONORA ORIGINAL: HÉRLON ROBSON

VOZES: MÁRCIO RAMOS

DEDICADO ÀS COMUNIDADES DO SÍTIO VALE VERDE, SÍTIO PRENSA E ARREDORES, E À FAMÍLIA ROLIM ANDRADE, EM CAJAZEIRAS – PARAÍBA – BRASIL, QUE FORAM INSPIRAÇÃO E SUPORTE PARA A CRIAÇÃO DESSA OBRA.

## ANEXO B – ROTEIRO DE AUDIODESCRIÇÃO DO FILME REISADO MIUDIM

1	00:00:15,217 --> 00:00:18,653 Fundo branco. Três películas de cinema esvoaçam.	00:01:02,355 --> 00:01:04,686 Do interior da casa, surge um menino.
2	00:00:18,654 --> 00:00:20,654 Elas formam o cabelo de uma criança.	14 00:01:04,723 --> 00:01:06,995 Ele para no parapeito da porta.
3	00:00:20,755 --> 00:00:23,555 Curta Criança 3	15 00:01:07,095 --> 00:01:11,091 Através desta, vê-se um senhor magro de chapéu.
4	00:00:23,572 --> 00:00:26,160 Esta obra foi realizada com recursos federais	16 00:01:11,392 --> 00:01:15,292 Com um pote de barro na mão, ele molha o chão do terraço.
5	00:00:26,392 --> 00:00:30,093 TVE, Ministério da Cultura, Governo Federal.	17 00:01:15,670 --> 00:01:18,166 Gotas d'água caem sobre terra vermelha.
6	00:00:31,574 --> 00:00:32,727 Tela escurece.	18 00:01:18,652 --> 00:01:21,952 Em seguida, os pés do senhor pisam o chão molhado.
7	00:00:35,272 --> 00:00:41,328 Em letras brancas e maiúsculas sobre fundo negro: REISADO MIUDIM	19 00:01:22,352 --> 00:01:27,352 Ele caminha para frente e para trás derramando a água do pote.
8	00:00:42,431 --> 00:00:44,229 Tela escurece.	20 00:01:35,359 --> 00:01:39,345 O menino, encostado à porta, olha atento para fora da casa.
9	00:00:44,613 --> 00:00:46,243 Do interior de uma casa...	21 00:01:53,716 --> 00:01:59,333 No terraço, organizadas em três filas paralelas, as crianças dançam.
10	00:00:46,344 --> 00:00:49,344 vê-se, através da janela, crianças conversando.	22 00:01:59,933 --> 00:02:04,417 No mesmo ritmo, todas balançam o corpo para um lado e para o outro.
11	00:00:49,476 --> 00:00:53,985 Dentro da casa, uma senhora e uma moça passam carregando vasilhas.	23 00:02:04,517 --> 00:02:07,217 O senhor magro de chapéu coordena o grupo.
12	00:00:54,107 --> 00:00:58,203 Elas atravessam a porta e caminham em direção às crianças.	24 00:02:07,317 --> 00:02:11,538 A primeira criança de cada fila segura uma espada na mão direita.
13		

25  
00:02:15,664 --> 00:02:20,267  
A garota da fila do meio e o garoto à sua esquerda  
batem suas espadas.

26  
00:02:20,367 --> 00:02:23,118  
Ela repete o movimento  
com o garoto à sua direita.

27  
00:02:23,441 --> 00:02:26,789  
O menino, encostado à porta,  
observa tudo.

28  
00:02:26,983 --> 00:02:33,383  
Atrás das crianças, três músicos: um zabumbeiro,  
uma tocadora de triângulo e um sanfoneiro.

29  
00:02:33,384 --> 00:02:37,903  
Pernas e pés das crianças  
executando os mesmos movimentos.

30  
00:02:41,149 --> 00:02:43,651  
Um dos garotos mostra a língua para  
o menino na porta...

31  
00:02:43,651 --> 00:02:45,883  
que também mostra a sua.

32  
00:02:46,208 --> 00:02:51,208  
Em tom de brincadeira,  
os dois continuam dando língua um para o outro.

33  
00:02:58,016 --> 00:03:03,332  
No horizonte, várias nuvens  
refletem os últimos raios de sol.

34  
00:03:04,933 --> 00:03:09,233  
Entardecer, no campo.  
O vento balança suavemente a vegetação.

35  
00:03:13,894 --> 00:03:18,292  
De uma cerca de arame farpado,  
vê-se o horizonte avermelhado.

36  
00:03:18,392 --> 00:03:21,937  
O vento sopra as nuvens lentamente.

37  
00:03:23,421 --> 00:03:27,036  
Noite. Faixada de uma casa azul  
de muro baixo.

38  
00:03:27,136 --> 00:03:30,334  
No terraço, atrás da mureta,  
uma árvore de pequeno porte.

39  
00:03:30,669 --> 00:03:33,822  
Sentados à mesa,  
estão o senhor magro e o menino.

40  
00:03:33,923 --> 00:03:38,776  
Uma mulher grisalha sai da cozinha,  
segurando uma garrafa térmica.

41  
00:03:40,722 --> 00:03:47,500  
Em pé, próxima à mesa,  
ela serve o senhor.

42  
00:03:48,705 --> 00:03:53,905  
Em seguida, ele bebe o conteúdo da caneca.

43  
00:03:54,029 --> 00:03:57,388  
A mulher pega uma vasilha sobre mesa  
e volta à cozinha.

44  
00:04:01,376 --> 00:04:04,301  
O menino, Mateus,  
levanta-se e sai.

45  
00:04:04,302 --> 00:04:08,031  
O senhor magro  
permanece sentado com olhar vago.

46  
00:04:08,925 --> 00:04:13,022  
Mateus volta correndo,  
pega uma bolacha em seu prato e sai.

47  
00:04:15,092 --> 00:04:17,480  
O senhor continua  
comendo devagar.

48  
00:04:20,972 --> 00:04:25,627  
Na cozinha,  
a mulher lava a louça numa tigela de barro.

49  
00:04:25,628 --> 00:04:28,888  
Ao seu lado,  
um fogão à lenha, com chama forte.

50  
00:04:29,023 --> 00:04:34,575  
O ambiente é pouco iluminado  
e as paredes são encardidas.

51  
00:04:36,854 --> 00:04:41,331  
Da sala, vê-se a sequência de portas  
que levam aos outros cômodos da casa.

52  
00:04:41,431 --> 00:04:44,811  
Na parede azul,  
há vários quadros de diferentes tamanhos.

53  
00:04:44,911 --> 00:04:49,104  
Abaixo destes, sobre uma mesa,  
há santos, velas e a bíblia.

54  
00:04:49,239 --> 00:04:53,402  
O senhor surge diante da porta  
que une duas salas.

55  
00:04:53,780 --> 00:04:57,141  
Ele passa lentamente  
pelo pequeno altar...

56  
00:04:57,141 --> 00:05:03,446  
e para diante  
de uma porta entreaberta.

57  
00:05:05,888 --> 00:05:10,505  
No quarto, Mateus dança,  
imitando os movimentos do grupo de crianças.

58  
00:05:10,605 --> 00:05:14,456  
De costas para a porta,  
ele não percebe que o senhor o observa.

59  
00:05:14,494 --> 00:05:17,678  
O senhor magro balança a cabeça e sorri.

60  
00:05:23,317 --> 00:05:26,781  
Ele sai silenciosamente  
e passa novamente pela sala.

61  
00:05:39,651 --> 00:05:48,302  
Da sala de estar, vê-se o senhor sentado,  
recostado na porta que une a cozinha à sala de jantar.

62  
00:05:50,984 --> 00:05:54,436  
Ele recebe da mulher um copo  
e bebe seu conteúdo.

63  
00:06:01,643 --> 00:06:03,948  
Fogão à lenha, com forte chama.

64  
00:06:04,048 --> 00:06:07,642  
Ao lado, um copo e uma caneca emborcados.

65  
00:06:07,742 --> 00:06:11,132  
Próximo à chama, duas galinhas brancas descansam.

66  
00:06:11,537 --> 00:06:15,561  
Amanhece. O céu está branco.  
Roupas coloridas penduradas numa cerca.

67  
00:06:15,661 --> 00:06:18,463  
Ao fundo, poucas casas  
e uma serra.

68  
00:06:18,511 --> 00:06:20,572  
A mulher grisalha costura  
numa máquina.

69  
00:06:20,672 --> 00:06:23,439  
Surge a garota  
com um vestido de cetim branco.

70  
00:06:23,475 --> 00:06:29,217  
De costas para a mulher,  
ela prende os cabelos para que seu vestido seja  
ajustado.

71  
00:06:32,445 --> 00:06:36,961  
Na parede, estão pendurados:  
um vestido vermelho, uma saia amarela...

72  
00:06:36,961 --> 00:06:41,162  
e um tecido estampado  
com várias fitas coloridas.

73

00:06:42,112 --> 00:06:45,412

A costureira vira a garota  
e faz os retoques finais.

74

00:06:49,369 --> 00:06:53,542

Na sala de jantar, Mateus estuda.  
Sobre a mesa há um gatinho deitado.

75

00:06:56,650 --> 00:06:58,493

O menino se levanta da cadeira.

76

00:07:10,098 --> 00:07:12,603

Na cozinha, Mateus  
recebe o dinheiro e sai.

77

00:07:13,037 --> 00:07:14,890

No quintal,  
três garotos jogam bola de gude.

78

00:07:18,042 --> 00:07:19,360

Mateus se aproxima.

79

00:07:25,098 --> 00:07:30,187

Mateus sai. O garoto mais alto  
se despede dos colegas e o segue.

80

00:07:30,188 --> 00:07:34,263

Os dois caminham pelo mercado,  
desviando-se das pessoas.

81

00:07:34,264 --> 00:07:41,223

Beco estreito com quiosques dos dois lados.  
As mercadorias são variadas: flores, bolsas, bebidas

82

00:07:41,501 --> 00:07:44,136

Mateus é bem mais novo  
do que seu amigo.

83

00:07:44,808 --> 00:07:47,105

Os dois continuam andando.

84

00:07:47,871 --> 00:07:51,426

Imagem das costas dos garotos.  
A câmera os acompanha.

85

00:07:51,427 --> 00:07:54,065

Mateus caminha sempre

à frente.

86

00:07:56,338 --> 00:07:59,809

Câmera parada.  
Os meninos caminham em sua direção.

87

00:08:01,621 --> 00:08:04,687

Eles vestem bermuda  
e camiseta de malha.

88

00:08:06,902 --> 00:08:11,002

Passam diante da câmera  
e dobram noutro beco.

89

00:08:12,913 --> 00:08:23,401

Na cozinha, senhor sentado próximo à porta do  
quintal,  
prepara um capacete de papel e fitas.

90

00:08:25,027 --> 00:08:27,909

Enquanto isso,  
no mercado...

91

00:08:29,931 --> 00:08:30,978

Ele pega um boneco.  
[FALAR RÁPIDO]

92

00:08:46,468 --> 00:08:48,287

Mateus sai.

93

00:08:49,156 --> 00:08:51,312

Fora da loja,  
dois homens jogam sinuca.  
[FALAR RÁPIDO]

94

00:09:08,995 --> 00:09:10,827

Os dois se separam.

95

00:09:10,945 --> 00:09:13,133

Ao fundo,  
os homens continuam o jogo.

96

00:09:14,764 --> 00:09:17,347

Mateus chega sozinho  
a um armário.

97

00:09:20,217 --> 00:09:22,457

O garoto coloca o dinheiro  
sobre o balcão.

98

00:09:22,492 --&gt; 00:09:27,149

O vendedor retira de uma caixinha  
uma fita amarela e outra azul.

99

00:09:29,532 --&gt; 00:09:33,768

Vilarejo. Poucas casas de tijolos,  
algumas árvores em volta.

100

00:09:33,768 --&gt; 00:09:35,495

Ao fundo, uma serra.

101

00:09:36,251 --&gt; 00:09:41,523

Câmera estática. Rua larga de calçamento  
ladeada por algumas casas e árvores.

102

00:09:42,365 --&gt; 00:09:47,143

Mateus caminha pela rua  
carregando na mão uma sacola de plástico azul.

103

00:09:47,808 --&gt; 00:09:52,082

De costas para a câmera,  
o garoto se distancia lentamente.

104

00:09:57,015 --&gt; 00:09:59,376

Estrada de terra cercada de muito verde.

105

00:10:01,036 --&gt; 00:10:03,328

Aos poucos, aparece Mateus no horizonte.

106

00:10:03,328 --&gt; 00:10:07,782

Em pé, o senhor inclina o tronco algumas vezes  
tentando identificar quem se aproxima.

107

00:10:07,783 --&gt; 00:10:14,875

É Mateus. Seu avô o aguarda  
segurando o capacete feito por ele.

108

00:10:14,876 --&gt; 00:10:17,213

O garoto para diante do avô.

109

00:10:26,929 --&gt; 00:10:28,247

Ele entrega a sacola.

110

00:10:29,831 --&gt; 00:10:33,609

O avô a enrola na mão.

111

00:10:39,397 --&gt; 00:10:40,679

Os dois se aproximam.

112

00:10:42,769 --&gt; 00:10:45,024

O avô coloca o capacete  
na cabeça do menino...

113

00:10:45,025 --&gt; 00:10:47,135

abaixa-se e abraça o neto.

114

00:10:48,808 --&gt; 00:10:52,609

Um menino empina uma pipa.  
Uma garotinha o observa.

115

00:10:56,289 --&gt; 00:11:01,131

A pipa vermelha e branca voa  
sob o céu repleto de nuvens.

116

00:11:04,878 --&gt; 00:11:10,999

Entardecer. De uma cerca de arame, vê-se,  
no horizonte, nuvens avermelhadas.

117

00:11:11,000 --&gt; 00:11:12,440

A pipa continua no ar.

118

00:11:46,347 --&gt; 00:11:52,620

No campo, Mateus, com seu capacete e fantasia do  
reisado,  
dança diante do avô, que está sentado numa cadeira.

119

00:12:03,239 --&gt; 00:12:07,938

Na cidade, várias crianças fantasiadas dançam.  
Mateus está no meio delas.

120

00:12:08,038 --&gt; 00:12:10,923

Tela preta.  
Um filme de Petrus Cariry.

121

00:12:10,936 --&gt; 00:12:15,964

Roteiro: Bárbara Cariry.  
Montagem: Petrus Cariry e Firmino Holanda.

122

00:12:18,212 --&gt; 00:12:24,181

Audiodescrição e legendagem:

turmas das oficinas do projeto DVD Acessível.

123

00:12:24,281 --> 00:12:26,294

Coordenação: Vera Santiago

124

00:12:26,394 --> 00:12:28,633

Apoio: Programa BNB Cultura

125

00:12:28,733 --> 00:12:34,783

Audiodescrição. Roteiro: Conceição Aragão, Luana Lima, Renato Santos, Rosana Lima, Rosane Lima, Rubenita Alves

126

00:12:34,883 --> 00:12:40,057

Revisão: Renata Mascarenhas

Narração: Pedro Henrique Praxedes

127

00:12:40,358 --> 00:12:43,823

Som: Jonathan Carneiro e Alexandra Seoane

128

00:12:44,112 --> 00:12:52,185

Intercaladas aos créditos, imagens das crianças fantasiadas dançando.

129

00:13:13,027 --> 00:13:14,357

Illuminura Filmes. 2008.

## ANEXO C – ROTEIRO DE AUDIODESCRIÇÃO DO FILME ÁGUAS DE ROMANZA

- 1  
00:00:02,258 --> 00:00:06,425  
Ministério da Cultura - Secretaria do Audiovisual
- 2  
00:00:07,467 --> 00:00:12,133  
Governo do Estado do Ceará - Secretaria da Cultura e do Desporto
- 3  
00:00:12,300 --> 00:00:14,258  
Céu nublado.
- 4  
00:00:14,342 --> 00:00:18,842  
Tela preta. Desenho de uma câmera.  
Letras vermelhas: Corte Seco Filmes.
- 5  
00:00:18,967 --> 00:00:21,633  
Buraco na terra.  
Muitas formigas.
- 6  
00:00:22,092 --> 00:00:25,967  
Co-produção: Decine Ctav
- 7  
00:00:26,717 --> 00:00:29,758  
Produtora Associada: Cia de Imagem
- 8  
00:00:31,133 --> 00:00:35,050  
Do topo de um mandacaru, aos poucos, nasce uma flor.
- 9  
00:00:35,175 --> 00:00:36,342  
Apresentam
- 10  
00:00:36,467 --> 00:00:41,800  
Pés de uma criança saltam por entre os galhos secos.
- 11  
00:00:41,967 --> 00:00:46,008  
Aos poucos, surge o restante do seu corpo até chegar ao rosto.
- 12  
00:00:46,133 --> 00:00:49,883  
A menina sopra as sementes de algodão, que voam por entre suas mãos.
- 13  
00:00:50,133 --> 00:00:53,425  
Baseado no conto de Eugênio Leandro.
- 14  
00:00:55,633 --> 00:00:57,800  
Águas de Romanza
- 15  
00:00:59,842 --> 00:01:03,342  
Chinelos na areia.  
Lentamente surgem os pés,
- 16  
00:01:03,383 --> 00:01:09,408  
as pernas, o tronco e o rosto da menina.  
Ela descansa com os braços sob a cabeça.
- 17  
00:01:09,550 --> 00:01:16,592  
Galhos de uma árvore. Céu azul, nuvens brancas.  
A tela clareia até ficar totalmente branca.
- 18  
00:01:23,675 --> 00:01:26,625  
Interior de uma casa. Na parede, um lampião, artefatos de couro,
- 19  
00:01:27,967 --> 00:01:33,458  
a foto de um casal e um calendário.  
Sobre a mesa, uma garrafa térmica, um copo e um pote de vidro.
- 20  
00:01:37,050 --> 00:01:44,008  
Uma senhora de costas reza ajoelhada em frente a um oratório de madeira.
- 21  
00:01:45,675 --> 00:01:48,842  
No oratório, há uma imagem de São José.
- 22  
00:01:51,675 --> 00:01:55,842  
Um vulto, envolto em um fecho de luz, entra segurando uma enxada.
- 23  
00:01:55,883 --> 00:02:01,758  
A senhora se levanta apoiando-se no oratório, onde há uma vela acesa.
- 24  
00:02:02,300 --> 00:02:08,092  
Caminha em direção à foto dela com o marido.



25  
00:02:08,467 --> 00:02:13,925  
Contempla a foto e  
acaricia a imagem de Antônio.

26  
00:02:18,633 --> 00:02:23,925  
Ela pega um cigarro.  
Coloca-o na boca e o acende.

27  
00:02:25,842 --> 00:02:29,425  
Tem cabelos grisalhos presos num coque,  
pele morena e olhos grandes.

28  
00:02:31,800 --> 00:02:36,467  
Tira o cigarro para tossir e  
coloca um comprimido na boca.

29  
00:02:42,342 --> 00:02:45,300  
Bebe água num copo de alumínio.

30  
00:02:48,717 --> 00:02:53,133  
Coloca-o sobre a mesa ao lado  
de um pequeno cesto plástico.

31  
00:02:55,758 --> 00:02:59,758  
Reflexos de uma árvore e da menina na água.

32  
00:03:00,050 --> 00:03:04,202  
Agachada, ela molha a mão.  
Pega uma panela e a enche.

33  
00:03:09,203 --> 00:03:12,834  
Numa janela, a senhora fita  
o horizonte com olhar perdido.

34  
00:03:14,758 --> 00:03:18,783  
A menina entra na casa.  
Há uma rede armada no meio da sala.

35  
00:03:19,717 --> 00:03:23,883  
Ela corre em direção à  
senhora e se debruça na rede.

36  
00:03:24,758 --> 00:03:28,050  
A senhora continua olhando o horizonte.

37

00:03:31,967 --> 00:03:34,592  
Lágrimas caem do rosto da avó.

38  
00:03:58,425 --> 00:04:01,967  
A avó enxuga as lágrimas no vestido.

39  
00:04:11,092 --> 00:04:12,967  
Romanza balança a cabeça negativamente.

40  
00:05:11,967 --> 00:05:13,675  
Os olhos verdes de Romanza sorriem.  
[Rápido. Falar assim que aparece o rosto de  
Romanza]

41  
00:05:48,050 --> 00:05:50,008  
A avó olha para São José.  
Lá fora...

42  
00:06:21,217 --> 00:06:24,842  
Percival ergue Romanza.

43  
00:06:31,883 --> 00:06:37,842  
Ele chegou numa carroça cheia de objetos  
coloridos e puxada por dois jumentos. Entra na casa.

44  
00:06:48,383 --> 00:06:55,008  
Lá fora, Romanza brinca com um guarda-chuva azul  
e branco,  
depois com um catavento cor de rosa.

45  
00:08:24,342 --> 00:08:26,508  
Percival concorda. De noite...

46  
00:08:30,842 --> 00:08:34,300  
Na cozinha, a avó derrama farinha numa tigela.

47  
00:08:35,342 --> 00:08:40,217  
Tampa a tigela e sai com uma lamparina.

48  
00:08:57,008 --> 00:08:58,883  
Anda pela casa.

49  
00:09:04,508 --> 00:09:10,217  
A avó para e se vira.  
A casa está escura, iluminada apenas por lamparinas.

50

00:09:10,217 --> 00:09:14,675  
Uma mulher transparente  
se inclina sobre a rede de Romanza.

51  
00:09:15,258 --> 00:09:17,550  
A avó observa e sorri.

52  
00:09:19,383 --> 00:09:21,633  
A avó entra em outro cômodo.

53  
00:09:24,217 --> 00:09:26,925  
Romanza continua dormindo.

54  
00:09:27,883 --> 00:09:33,550  
A câmara se aproxima do rosto da menina.

55  
00:09:39,258 --> 00:09:40,008  
Ela abre os olhos.

56  
00:09:40,342 --> 00:09:44,050  
Na parede, desenhos se movem.  
Romanza brinca com eles.

57  
00:09:44,342 --> 00:09:46,925  
Num deles, um senhor de barbas  
sobre uma nuvem.

58  
00:09:47,258 --> 00:09:52,175  
Noutro, anjos jogam baldes de água  
sobre as pessoas na terra.

59  
00:09:52,633 --> 00:09:55,008  
Romanza passa a mão  
sobre os desenhos na parede.

60  
00:09:55,508 --> 00:10:01,300  
Percebe que um deles  
se projeta na sua camisola.

61  
00:10:01,300 --> 00:10:05,033  
Em outro desenho, uma menina anda  
na chuva em direção a um cachorro.

62  
00:10:05,092 --> 00:10:09,342  
No seguinte, um arco-íris  
e o sol saem de trás de uma nuvem.

63  
00:10:09,717 --> 00:10:12,758  
Na estrada, o dia amanhece.

64  
00:10:13,092 --> 00:10:16,008  
Uma carroça passa.  
Atrás dela o céu clareia.

65  
00:10:16,467 --> 00:10:22,300  
Com a cabeça no colo da avó, Romanza acorda.  
Elas estão na carroça de Percival.

66  
00:10:22,383 --> 00:10:24,842  
A menina sorri para Percival e para a avó.

67  
00:10:28,758 --> 00:10:31,675  
Eles seguem em direção ao horizonte.

68  
00:10:32,258 --> 00:10:35,508  
Folhas secas junto a espinhos de cactos.

69  
00:10:45,632 --> 00:10:48,896  
A avó vê a mãe de Romanza  
que passa em meio a um clarão.

70  
00:10:50,217 --> 00:10:53,925  
O céu já está claro.

71  
00:10:54,467 --> 00:11:01,842  
Após outro clarão, a avó vê  
Antônio passando de bicicleta.

72  
00:11:02,342 --> 00:11:06,717  
Antônio e a mãe de Romanza  
aparecem em cima da carroça.

73  
00:11:11,050 --> 00:11:14,842  
A carroça para.  
A avó, com o pé na roda, desce.

74  
00:11:15,092 --> 00:11:17,758  
Romanza pula para descer.

75  
00:11:19,342 --> 00:11:21,383  
Percival desce em seguida.

76

00:11:21,425 --> 00:11:24,467  
Seguem rumo  
a uma cerca de arame farpado.

77

00:11:28,758 --> 00:11:34,383  
Romanza sorri.  
Passa por baixo do arame.

78

00:11:35,050 --> 00:11:42,467  
Corre por uma plantação de milho.  
A avó e Percival a observam.

79

00:11:42,675 --> 00:11:48,592  
Percival olha para a avó.  
Sorri e olha para os lados.

80

00:11:50,217 --> 00:11:52,342  
Tira o chapéu e olha para o céu.

81

00:11:52,342 --> 00:11:55,258  
Gotas de água molham a vegetação.

82

00:11:55,717 --> 00:11:59,342  
Romanza corre.  
Sorri e dança. A água cai.

83

00:11:59,343 --> 00:12:05,973  
A menina dança com  
uma boneca de pano na mão.

84

00:12:05,974 --> 00:12:10,585  
Ela rodopia e corre.

85

00:12:13,075 --> 00:12:17,550  
Perto da cerca, a avó sorri.  
Observa a menina. Lá não chove.

86

00:12:17,633 --> 00:12:20,758  
Romanza corre pelo campo.  
Em alguns lugares faz sol.

87

00:12:20,842 --> 00:12:22,925  
Uma máquina irriga o local.

88

00:12:23,258 --> 00:12:30,425  
A água cai de um grande cano  
suspenso na horizontal.

89

00:12:30,558 --> 00:12:34,336  
Os créditos finais aparecem:  
À Larissa, Pedro e Yuri.

90

00:12:35,992 --> 00:12:45,292  
Elenco:  
Avó - Leuda Bandeira, Romanza - Michaela Farias  
Alves,  
Percival - Rodger Rogério, Nega - Mulher do quarto.

91

00:12:45,300 --> 00:12:49,133  
Direção:  
Gláucia Soares e Patrícia Baía

92

00:12:49,383 --> 00:12:52,258  
Roteiro:  
Patrícia Baía

93

00:12:52,467 --> 00:12:55,050  
Direção de Fotografia:  
Juarez Pavelak

94

00:12:55,758 --> 00:12:58,258  
Direção de Arte e Figurino:  
André Scarlazzari

95

00:12:58,392 --> 00:13:01,500  
Produção Executiva e Direção de Produção:  
Valéria Cordeiro

96

00:13:01,800 --> 00:13:04,383  
Som Direto:  
Anderson Ferreira

97

00:13:04,633 --> 00:13:07,883  
Montagem:  
Gláucia Soares

98

00:13:09,425 --> 00:13:12,592  
Audiodescrição: Grupo Lead - UECE / MIDIACE

99

00:13:16,342 --> 00:13:20,133  
Roteiro: Alexandra Seoane  
Narração: Bruna Leão

100

00:13:22,792 --> 00:13:28,098

Revisão: Renata Mascarenhas e  
turma da oficina de Audiodescrição 2009.

101

00:13:28,099 --> 00:13:30,189

Coordenação: Vera Santiago

102

00:13:32,150 --> 00:13:35,925

Músicas: Sonho de Romanza: Idson Ricart.

103

00:13:35,925 --> 00:13:39,967

Águas de Romanza: Eugênio Leandro.

Chão Sagrado: Rodger Rogério.

104

00:13:39,967 --> 00:13:42,967

Incelência: Domínio Público.

105

00:13:44,032 --> 00:13:46,879

Lista de agradecimentos.

106

00:14:08,508 --> 00:14:10,800

À nossa super equipe. Apoio:

107

00:14:10,842 --> 00:14:15,700

Videofilmes. Cariri. Fujifilm.

Dragão do Mar. ACCV. Fly.

108

00:14:15,883 --> 00:14:20,725

Euphemia. Jandaia. Barra 4.

Seara Grande. Tabira Iguatemi.

109

00:14:22,675 --> 00:14:24,675

Dolby Digital.

110

00:14:29,342 --> 00:14:32,217

Corte Seco.

Ceará - Brasil - 2002.

ANEXO D – PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA UFBA

ESCOLA DE ENFERMAGEM DA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DA  
BAHIA



**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** ESTUDO SOBRE A APLICABILIDADE DA AUDIODESCRIÇÃO COM O PÚBLICO DEFICIENTE INTELLECTUAL E/OU COM TRANSTORNO GLOBAL DE DESENVOLVIMENTO

**Pesquisador:** Bárbara Cristina dos Santos Carneiro

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 30828513.6.0000.5531

**Instituição Proponente:** Universidade Federal da Bahia - UFBA

**Patrocinador Principal:** Financiamento CAPES - CNPq

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 741.189

**Data da Relatoria:** 13/08/2014

**Apresentação do Projeto:**

Trata-se de projeto de mestrado com a reaplicação de estudo piloto do realizado em Santo Amaro da Purificação-BA. Este é de autoria Doutoranda Profª Barbara Cristina dos Santos Carneiro. O Estudo seguirá os seguintes passos: - Seleção dos sujeitos na APAE. É orientada pela Dra. Eliana Paes Cardoso Franco e da Profª Dra Jael Glauci da Fonseca. Esta pesquisa envolve 8 pessoas jovens entre 20 e 40 anos com deficiência intelectual e transtorno de desenvolvimento, sob a responsabilidade da APAE em todas as capitais do Brasil. Será desenvolvido na cidade de São Paulo.

**Objetivo da Pesquisa:**

Objetivo Primário:

Propor um modelo de roteiro de AD para o público com deficiência intelectual baseado em teste de recepção com alunos da APAE de duas capitais brasileiras.

Objetivo Secundário:

Identificar as prováveis lacunas de compreensão do público com Deficiência Intelectual geradas nos roteiros de AD de produtos audiovisuais elaborados para o público com Deficiência Visual; Desenvolver um teste de recepção onde o mesmo produto audiovisual será apresentado às pessoas com deficiência intelectual, tendo dois textos de AD, um voltado para indivíduos com DV e outro para indivíduos com DI; Identificar os

**Endereço:** Rua Augusto Viana S/N 3º Andar

**Bairro:** Canela

**CEP:** 41.110-060

**UF:** BA

**Município:** SALVADOR

**Telefone:** (71)3283-7615

**Fax:** (71)3283-7615

**E-mail:** cepee.ufba@ufba.br



**ESCOLA DE ENFERMAGEM DA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DA  
BAHIA**

Continuação do Parecer: 741.189

elementos a serem levados em consideração para a elaboração de roteiros de AD de produtos audiovisuais para o usuário com DI.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Riscos:

O participante sob responsabilidade da APAE não estará correndo nenhum risco previsível ao participar desta pesquisa. Os procedimentos adotados obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução no. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde.

Benefícios:

Ao participar desta pesquisa, o responsável pelo aluno da APAE, bem como o aluno, não terão nenhum benefício direto ou imediato, mas estarão contribuindo de forma significativa para o melhor entendimento pela comunidade acadêmica sobre a audiodescrição para o público com deficiência intelectual. A longo prazo, os resultados desta pesquisa poderão trazer benefícios para o público com deficiência intelectual, no que se refere ao modelo de audiodescrição que será implementado nos meios de comunicação brasileiros. Deve-se reiterar aqui o ineditismo da pesquisa, que a caracterizará como referência em estudos posteriores. Além disso será a partir dos resultados obtidos na pesquisa que será possível construir o texto da dissertação de mestrado proposto aqui.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

O Estudo seguirá os seguintes passos: - Seleção dos sujeitos na APAE. - Confecção de dois questionários, um de perfil e um de compreensão do conteúdo dos filmes; - Exposição do filme aos sujeitos da pesquisa em duas etapas: - Apresentação do curta-metragem com a audiodescrição pensada para pessoas com Deficiência Visual e posterior aplicação do questionário de compreensão do conteúdo; o Apresentação do curta-metragem com a audiodescrição pensada para pessoas com Deficiência Intelectual e posterior aplicação do questionário de compreensão do conteúdo; ı Análise das respostas obtidas no estudo para conferir a eficiência do roteiro de AD elaborado com vistas a suprir as necessidades do público com Deficiência Intelectual.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Atendeu a pendência de REVER o TCLE, inserir os contatos do CEP, informar que os dados são específicos para esta pesquisa. citada no PARECER 720.295 emitido em 04/06/2014

**Endereço:** Rua Augusto Viana S/N 3º Andar

**Bairro:** Canela

**CEP:** 41.110-060

**UF:** BA

**Município:** SALVADOR

**Telefone:** (71)3283-7615

**Fax:** (71)3283-7615

**E-mail:** cepee.ufba@ufba.br

ESCOLA DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DA BAHIA



Continuação do Parecer: 741.189

**Recomendações:**

Não há

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Não há

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

**Considerações Finais a critério do CEP:**

A plenária homologa o parecer de APROVAÇÃO emitido pelo relator.

SALVADOR, 06 de Agosto de 2014

---

**Assinado por: KARINA ARAUJO PINTO  
(Coordenador)**

**Endereço:** Rua Augusto Viana S/N 3º Andar

**Bairro:** Canela

**CEP:** 41.110-060

**UF:** BA

**Município:** SALVADOR

**Telefone:** (71)3283-7615

**Fax:** (71)3283-7615

**E-mail:** cepee.ufba@ufba.br

ANEXO E – PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA UNIFESP

UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
SÃO PAULO - UNIFESP/  
HOSPITAL SÃO PAULO



**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

Elaborado pela Instituição Coparticipante

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** ESTUDO SOBRE A APLICABILIDADE DA AUDIODESCRIÇÃO COM O PÚBLICO DEFICIENTE INTELECTUAL E/OU COM TRANSTORNO GLOBAL DE DESENVOLVIMENTO

**Pesquisador:** Bárbara Cristina dos Santos Carneiro

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 30828513.6.3001.5505

**Instituição Proponente:** Universidade Federal da Bahia - UFBA

**Patrocinador Principal:** Financiamento CAPES - CNPq

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 767.813

**Data da Relatoria:** 28/08/2014

**Apresentação do Projeto:**

A Audiodescrição (AD) é uma modalidade da Tradução Audiovisual que visa tornar acessível os produtos visuais e audiovisuais através da tradução de imagens em palavras. A pesquisa tem como intuito buscar um modelo de AD que busque suprir as possíveis lacunas de informação que a pessoa com deficiência intelectual venha a ter para um melhor entendimento do produto audiovisual.

No âmbito da Tradução Audiovisual, pesquisas mais recentes tem focado na questão da acessibilidade. Essa questão é estudada através de temas como a audiodescrição (AD), a legenda para surdos e ensurdecidos (LSE), a acessibilidade web e a língua de sinais (cf. ORERO, 2007). Dentre estes temas, a AD, que é a modalidade foco deste estudo, consiste numa narração extra que descreve os personagens, os ambientes, as ações e qualquer informação visual que seja considerada importante para a compreensão da narrativa por parte do público com deficiência visual (DV), principal público-alvo da AD. Dentre os produtos em que a AD se aplica, podemos citar filmes (TV, cinema ou DVD), peças de teatro, espetáculos de dança, exposições em museus, slides e vídeos em palestras de congressos e qualquer outro produto onde a imagem é indispensável na composição do significado do texto. A audiodescrição pode ser pré-gravada, no caso de filmes para TV, cinema e DVD; ao vivo, para espetáculos de dança e teatro; e simultânea,

**Endereço:** Rua Botucatu, 572 1º Andar Conj. 14

**Bairro:** VILA CLEMENTINO

**CEP:** 04.023-061

**UF:** SP

**Município:** SAO PAULO

**Telefone:** (11)5539-7162

**Fax:** (11)5571-1062

**E-mail:** cepunifesp@unifesp.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
SÃO PAULO - UNIFESP/  
HOSPITAL SÃO PAULO



Continuação do Parecer: 767.813

como é o caso das exposições em museus, palestras e congressos (FRANCO, 2010a).

Para além da academia, a audiodescrição é uma ferramenta de acessibilidade reconhecida por lei e obrigatória na programação das emissoras de TV. Desde 2000 a AD é obrigatória e é um direito garantido às pessoas com deficiência visual.

### Objetivo da Pesquisa:

#### OBJETIVO GERAL

Propor um modelo de roteiro de AD para o público com deficiência intelectual baseado em teste de recepção com alunos da APAE de duas capitais brasileiras.

#### OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Para a concretização do objetivo geral explicitado anteriormente, tem-se os seguintes objetivos específicos: Identificar as prováveis lacunas de compreensão do público com Deficiência Intelectual geradas nos roteiros de AD de produtos audiovisuais elaborados para o público com Deficiência Visual; Desenvolver um teste de recepção onde o mesmo produto audiovisual será apresentado às pessoas com deficiência intelectual, tendo dois textos de AD, um voltado para indivíduos com DV e outro para indivíduos com DI.

Identificar os elementos a serem levados em consideração para a elaboração de roteiros de AD de produtos audiovisuais para o usuário com DI.

### Avaliação dos Riscos e Benefícios:

o PESQUISADOR DECLARA QUE O participante sob responsabilidade da APAE não estará correndo nenhum risco previsível ao participar desta pesquisa. Os procedimentos adotados obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução no. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde.

#### Benefícios:

Ao participar desta pesquisa, o responsável pelo aluno da APAE, bem como o aluno, não terão nenhum benefício direto ou imediato, mas estarão contribuindo de forma significativa para o melhor entendimento pela comunidade acadêmica sobre a audiodescrição para o público com deficiência intelectual. A longo prazo, os resultados desta pesquisa poderão trazer benefícios para

**Endereço:** Rua Botucatu, 572 1º Andar Conj. 14

**Bairro:** VILA CLEMENTINO

**CEP:** 04.023-061

**UF:** SP

**Município:** SAO PAULO

**Telefone:** (11)5539-7162

**Fax:** (11)5571-1062

**E-mail:** cepunifesp@unifesp.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
SÃO PAULO - UNIFESP/  
HOSPITAL SÃO PAULO



Continuação do Parecer: 767.813

o público com deficiência intelectual, no que se refere ao modelo de audiodescrição que será implementado nos meios de comunicação brasileiros. Deve-se reiterar aqui o ineditismo da pesquisa, que a caracterizará como referência em estudos posteriores.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Projeto de Dissertação submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem – CEPEE-UFBA.

Orientador: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Eliana P. C. Franco

APAE DE SÃO PAULO COMO CENTRO CO-PARTICIPANTE, INSTITUIÇÃO VINCULADA À UNIFESP/  
CEP-UNIFESP.

Apresentados adequadamente todos os documentos pertinentes ao centro co-participante, de acordo com a resol CNS 466/12.

Para realizar esta pesquisa, será feito um estudo de recepção no qual filmes audiodescritos serão apresentados para sujeitos portadores de deficiência intelectual.

A seleção dos sujeitos seguirá orientação dos profissionais responsáveis pelas APAE das cidades de Salvador e de São Paulo. A pesquisa requer entre quatro a seis alunos entre as idades de 25 a 40 anos. Metade dos participantes deve apresentar Síndrome de Down e os outros participantes um transtorno cognitivo leve.

Uma vez escolhidos os sujeitos da pesquisa, serão selecionados de dois a três curta-metragens já audiodescritos para o público com DV, onde um roteiro de AD voltado para as pessoas com deficiência intelectual será elaborado, visando considerar aspectos que sejam importantes e que devem conter no texto da audiodescrição. A escolha desses produtos se dará de acordo com a complexidade de sua narrativa, que exigirá do espectador um alto grau de concentração para identificar mensagens abstratas ou implícitas. O referencial teórico-metodológico adotado seguirá os critérios apresentados por Franco, Silveira, Carneiro e Urpia (2013). O estudo seguirá os seguintes passos:

Seleção dos sujeitos na APAE.

Confecção de dois questionários, um de perfil e um de compreensão do conteúdo dos filmes; Exposição do filme aos sujeitos da pesquisa em duas etapas:

o Apresentação do curta-metragem com a audiodescrição pensada para pessoas com Deficiência Visual e posterior aplicação do questionário de compreensão do conteúdo;

o Apresentação do curta-metragem com a audiodescrição pensada para pessoas com Deficiência Intelectual e posterior aplicação do questionário de compreensão do conteúdo;

**Endereço:** Rua Botucatu, 572 1º Andar Conj. 14

**Bairro:** VILA CLEMENTINO

**CEP:** 04.023-061

**UF:** SP

**Município:** SAO PAULO

**Telefone:** (11)5539-7162

**Fax:** (11)5571-1062

**E-mail:** cepunifesp@unifesp.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
SÃO PAULO - UNIFESP/  
HOSPITAL SÃO PAULO



Continuação do Parecer: 767.813

Análise das respostas obtidas no estudo para conferir a eficiência do roteiro de AD

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

INSTITUIÇÃO PROPONENTE: Universidade Federal da Bahia - UFBA - APAE /Salvador

APAE DE SÃO PAULO COMO CENTRO CO-PARTICIPANTE, INSTITUIÇÃO VINCULADA À UNIFESP/  
CEP-UNIFESP.

Apresentados adequadamente todos os documentos pertinentes ao centro co-participante, de acordo com a resol CNS 466/12.

**Recomendações:**

nada consta

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

sem inadequações

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

**Considerações Finais a critério do CEP:**

O CEP informa que a partir desta data de aprovação, é necessário o envio de relatórios semestrais (no caso de estudos pertencentes à área temática especial) e anuais (em todas as outras situações). É também obrigatório, a apresentação do relatório final, quando do término do estudo.

SAO PAULO, 27 de Agosto de 2014

---

**Assinado por:**  
**José Osmar Medina Pestana**  
**(Coordenador)**

**Endereço:** Rua Botucatu, 572 1º Andar Conj. 14

**Bairro:** VILA CLEMENTINO

**CEP:** 04.023-061

**UF:** SP

**Município:** SAO PAULO

**Telefone:** (11)5539-7162

**Fax:** (11)5571-1062

**E-mail:** cepunifesp@unifesp.br

## ANEXO F – PARECER DA ACESSORIA CIENTIFICA DA APAE DE SALVADOR



Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Salvador - APAE

**Parecer da Assessoria Científica****Parecer n<sup>o</sup> 001/2014****Instituição: APAE - Salvador****Setor: NUPEC****Projeto:** Estudo sobre a Aplicabilidade da Audiodescrição com o Público Deficiente Intelectual.**Proponente(s):** Bárbara Cristina dos Santos Carneiro, orientada pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Eliana P. C. Franco.**Instituição:** Instituto de Letras, Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura, UF-BA**Tema abordado:** Linguagem e Deficiência Intelectual

**Objetivo do estudo:** GERAL: Desenvolver um estudo de recepção no sentido de testar um modelo de roteiro de AD que atente para as necessidades do público com Deficiência Intelectual. OBJETIVOS ESPECÍFICOS: 1) Identificar as prováveis lacunas de compreensão do público com Deficiência Intelectual geradas nos roteiros de AD de produtos audiovisuais elaborados para o público com Deficiência Visual; 2) Desenvolver um teste de recepção onde o mesmo produto audiovisual é, num primeiro momento, assistido com o roteiro de AD voltado para o público com Deficiência Visual; e num segundo momento, assistido com o roteiro de AD elaborado para preencher lacunas de compreensão do público com Deficiência Intelectual; 3) Elaborar questionário de compreensão sobre os produtos audiovisuais que será aplicado nos dois momentos da pesquisa.

**Local do estudo:** APAEs de Salvador e São Paulo;**Amostra:** Sujeitos com deficiência intelectual, mas sem outras especificações no projeto;

**Método:** “Seleção dos sujeitos na APAE. Confecção de dois questionários, um de perfil e um de compreensão do conteúdo dos filmes; Exposição dos filmes aos sujeitos da pesquisa em duas etapas: 1<sup>a</sup>) Apresentação do curta-metragem com a audiodescrição pensada para pessoas com Deficiência Visual e posterior aplicação do questionário de compreensão do conteúdo; 2<sup>a</sup>) Apresentação do curta-metragem com a audiodescrição pensada para pessoas com Deficiência Intelectual e posterior aplicação do questionário de compreensão do conteúdo; Análise das respostas obtidas no estudo para conferir a eficiência do roteiro de AD elaborado com vistas a suprir as necessidades do público com Deficiência Intelectual.

**Comentários:** O trabalho proposto está bem fundamentado, com a descrição da justificativa e bases teóricas devidamente realizadas pelos proponentes. Para melhor possibilidade de encaminhamentos, seguem algumas questões a serem respondidas pelos pesquisadores. Após estas respostas, daremos continuidade ao trâmite do mesmo na instituição.

- 1) Qual o perfil de participantes a serem incluídos na pesquisa? Detalhar faixa etária, sexo, gradação da deficiência intelectual (se haverá alguma restrição, pois a DI tem diversos níveis que podem afetar a compreensão de maneira leve a grave). Esses critérios são essenciais para a instituição decidir quem são os potenciais elegíveis para o estudo;
- 2) Qual o número de participantes do estudo? Caso não tenha uma previsão precisa do número final, enviar uma estimativa.
- 3) O método prevê o uso de “dois questionários, um de perfil e um de compreensão do conteúdo dos filmes”. Para a aplicação destes instrumentos de coleta de dados, o projeto deve se enquadrar à Resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS) nº 466/2012, que rege as pesquisas com seres humanos no Brasil. Isso significa que terá que ser elaborado um TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido), conforme as normas da Resolução. Este item é imprescindível para a realização da pesquisa;
- 4) Que tipo de estrutura física os proponentes necessitarão, caso seja previsto, para realizar a pesquisa nas dependências da APAE Salvador. Especificar também o período de utilização, para verificação de disponibilidade.
- 5) Como os pesquisadores pretendem divulgar e socializar os resultados obtidos para a instituição APAE Salvador, visto ser de grande interesse da APAE ter acesso aos mesmos.



**Ney Boa Sorte**

Assessor Científico – Pesquisa Científica  
APAE/Salvador